

Volume

4

RELATOS:

Atos, Fatos e Mitos

Muitas outras vivências inclusivas

ORGANIZADORAS:

Raquel Maria Cardoso Pedroso/ Ana Paula Santos Siqueira

ORGANIZADORAS:
Raquel Maria Cardoso Pedroso/ Ana Paula Santos Siqueira

RELATOS:

Atos, Fatos e Mitos

Muitas outras vivências inclusivas

VOLUME 4



EDITORA
UNIFEBE

Brusque, 2026

Editora da UNIFEBE

Centro Universitário da Fundação Educacional de Brusque - UNIFEBE

Rua Vendelino Mafezzolli, 333

Bairro Santa Terezinha

Brusque - SC, Brasil

CEP: 88352-360

Caixa Postal: 1501

Telefone: (47) 3211-7000

Site: www.unifebe.edu.br

E-mail: editora@unifebe.edu.br

Relatos : atos, fatos e mitos : muitas outras vivências
inclusivas: volume 4 / Raquel Maria Cardoso
Pedroso, Ana Paula Santos Siqueira (org.). – Brusque:
Ed. UNIFEBE, 2026.
232 p. ; 14 MB.

ISBN 978-65-83344-39-7

1. Educação inclusiva. 2. Educação especial. 3.
Aprendizagem. I. Pedroso, Raquel Maria Cardoso. II.
Siqueira, Ana Paula Santos.

CDD 371.9

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Copyright © 2026 Editora da UNIFEBE

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Os capítulos/livros são de responsabilidade do(s) autor(es) e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

Esta obra não tem fins lucrativos ou econômicos. Sua publicação é destinada exclusivamente a fins educacionais, culturais e de pesquisa.

**Rosemari Glatz**

Presidente da FEDE

Reitora da UNIFEDE

Sergio Rubens Fantini

Vice-Presidente da FEDE

Vice-Reitor e Pró-Reitor de

Administração da UNIFEDE

Sidnei Gripa

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Edinéia Pereira da Silva

Pró-Reitora de Pós-graduação,

Pesquisa, Extensão e Cultura

Produção Editorial**Equipe da Editora UNIFEDE**

Arina Blum

Fabiana Boos Vasquez

João Guilherme Cabral Marchi

Maria Alice Mattoso Camargo

Peterson Paulo Vanzueta

Robson Souza dos Santos

Projeto Gráfico

Peterson Paulo Vanzueta

Diagramação

Peterson Paulo Vanzueta

Capa

Peterson Paulo Vanzueta

Coordenação Editorial

Arina Blum

Rosemari Glatz

Revisão de Texto

Rosana Paza

Fabiana Boos Vasquez

Supervisão de Design

Arina Blum

Conferência

Fabiana Boos Vasquez

Titulares Conselho Editorial

Arina Blum

Edinéia Pereira da Silva

Carla Zenita do Nascimento

Angela Sikorski Santos

Sidnei Gripa

Rosana Paza

Wallace Nóbrega Lopo

Aline Sturmer

Anna Lúcia Martins Mattoso

Eliane Kormann

Ricardo José Engel

Suplentes Conselho Editorial

Rosemari Glatz

Aline de Souza

Elisiane Mafezolli

Luzia de Miranda Meurer

Fernando Luís Merízio

Rafaela B. Venturelli Knop

Rodrigo Blödmann

Julia Wakiuchi

Josely Cristiane Rosa

Joel Haroldo Baade

Jorge Paulo Krieger Filho

Participantes da obra:

Adriana Cabral e Silva;
Adriana Paula Pereira da Silva;
Adriele dos Santos Moura;
Alex Junior Possidonio;
Alexsandro Rodrigues;
Allan Marcelo Batista Tiago;
Amanda Carla Alves da Rocha Medeiros;
Ana Cláudia Pereira;
Ana Luiza Michel;
Ana Luiza Santos de Almeida Magalhães;
Ana Maria Hasckel;
Ana Paula Muzel Lemos;
Ana Paula Santos Siqueira;
Anna Luiza Frainer;

Beatriz Leal;
Brenda de Assunção;
Bruna de Ávila Pietro;

Caissia Souza Boaventura;
Camila Pianezzer;
Claudinei Rodrigues;
Cláudio Guilherme Alfarth;
Claudionor dos Santos Garcia;
Clovis Dalmolin;

David Correia Junior;
Diolanda Vargas da Silva;

Elquiiane Lucas de Almeida;
Everton do Nascimento Souza;
Evilasio Luiz Montibeller;
Edenilson Vargas;
Edna Gil Flores;
Élen Ribeiro Gustavo;
Elisane Martins Nunes;
Elizandra Rocha Dias;
Elza Mara Pereira Goularte;

Fabiana Martins;
Flávia Regina Gomes;
Flavio Gonçalves Lopes;
Franciele Moura de Souza;

Geneci dos Santos;
Geovani Crispim Junior;
Gianina Edelweiss Gianini;
Gilmar dos Santos;
Grasielli Aparecida de Almeida;
Helem Bárbara Vieira de Matos Siqueira;

Jacinta Maria Kohler Teixeira;
Jamile Valverde Marcos;
Jaqueline Dionísio Dalmolin;
João Victor Souza Martins;
Joici Natalia Rosa Molinari;
José Henrique do Nascimento Neto;
Josele das Dores Cavalcante da Silva;
Josinalda Irene da Silva;
Juliana Cavalheiro Leite;

Keren Taynara Antunes;
Kethilyn de Freitas Gonçalves Silva;
Karla Reis;

Larissa Weber;
Letícia Dressel;
Lilimarlem Bispo Ferreira;
Lori Tânia de Oliveira Matter Soares;
Luciana Camila Tavares Barros;
Luciana de Fatima Chaves Neves Machado;

Marta Cristina Borchardt da Silva;
Maiara Vinotti;
Marcela Daiane de Ávila Portela;
Maria Eduarda Batista Tiago;
Marise Matos de Almeida;
Marlene Ferreira dos Santos;
Marlon Dietrich;
Martina Kuehl;
Melissa Francielle de Limas;
Mikaela Luana de Campos;

Nilcicléia Chagas Furquim;

Oriveldo Souza;

Patrícia Aparecida de Lima;
Paula Eduarda Gulini;
Priscila de Souza;

Raquel Maria Cardoso Pedroso;
Regiane de Syllos Hutiel;
Roberta Hoepers Mascarenhas;

Samara de Abranjo;
Sandra Moura Chueng;
Scheila Cristina Ribeiro;
Scheila Trindade;
Silvana Maciel Monteiro;
Sônia Yara de Freitas;
Suzilaine Ramos Moraes;

Thaiane Gabriele Pinheiro Pinto;
Thais Cristina Dada;

Vânia Fernanda do Nascimento Silva;
Vera Lucia Silva Miguel;
Victória Moter Dias.

PREFÁCIO

Quantos pensamentos impulsionam atos?

Quantas emoções aportam fatos?

Quantas percepções reproduzem mitos?

Foram as questões de minha mente curiosa que me convidaram a uma leitura empática e reflexiva sobre esta obra. Perguntas que me fizeram admirar as nobres motivações que, imagino, inspiraram as organizadoras a construir mais um volume com valiosos relatos. Ao indagar “quantos pensamentos”, “quantas emoções” e “quantas percepções”, não é sobre quantidade que estou me referindo. Afinal, me parecem inumeráveis e imensuráveis os relatos capazes de evidenciar os reais atos, fatos e mitos das vivências inclusivas, sejam elas de alegrias ou de dores, de necessidades, de mentes e propósitos conscientes (ou não) e de tantas outras ações que impactam na vida de todos.

Justamente por parecer um tema infinito e nunca esgotado, é louvável que as organizadoras consolidem o quarto volume de “Relatos: atos, fatos e mitos” com muitas outras (e tantas) vivências inclusivas. Sei que não há como mensurar, reafirmo, o quantitativo de pensamentos, emoções e percepções intrínsecas no assunto, mas noto, com esta obra, que muitas pessoas estão dispostas a relatar seus pontos de vista sobre inclusão. É com este tipo de atitude, apoiada na reflexão, na ação e no registro dos atos, fatos e mitos da inclusão que potencializamos, em quantidade e em qualidade, as práticas inclusivas e os debates tão necessários em todas as esferas da sociedade.

A Educação, sendo setor intimamente ligado à comunidade, pilar de valores e agente de transformação, é o aporte indispensável para a consolidação da responsabilidade e da ética nas nossas posturas no mundo. Os acadêmicos, mais do que receptores da educação universitária, ao se disporem ao aprendizado são, simultaneamente, tocados e transformados, pois o aprender é ativo. Arrisco-me a assegurar, portanto, que os relatos deste livro trazem, intimamente, o toque e a transformação de mentes abertas à inclusão, atentas ao seu entorno. A inclusão é alicerçada pela empatia, engajada no acolhimento e, acima de tudo, cerceada pelo respeito. A empatia é melhor como ato, o acolhimento ocorre quando é fato e o respeito não deve ser mito. Respeito precisa ser palpável e esta obra é uma concretização disto.

Profa. Dra. Arina Blum
Coordenadora da Editora Unifebe

APRESENTAÇÃO

Este é o quarto livro da série “Relatos: atos, fatos e mitos”, cujo projeto teve início na disciplina de Educação Especial e Inclusiva, em 2020, ministrada durante a pandemia. Este projeto, oportunamente, se transformou em livro em 2022, com o subtítulo “Vivências Inclusivas”. Na sequência, o segundo volume foi publicado em 2023, juntando turmas dos cursos de Pedagogia e Letras-Inglês com o subtítulo “Outras Vivências Inclusivas”. O terceiro volume reuniu textos de duas turmas do curso de Pedagogia e traz “Mais Algumas Vivências Inclusivas” como subtítulo. E este, o quarto volume, já é o maior de todos em números, pois conta com a participação de mais de 90 (noventa) autores, de turmas de quatro cursos diferentes: Educação Especial, Pedagogia Anos Iniciais, Letras-Inglês e Tecnologia Educacional. E o subtítulo não poderia ser outro senão “Muitas Outras Vivências Inclusivas”

Como um dos gêneros textuais mais antigos, a prática de relatar pode ser observada em vários momentos desde as pinturas rupestres nas cavernas, que já representavam formas de relatar experiências. As narrativas orais tomaram formas (em verso e em prosa) e gêneros diferentes (contos, cantigas, fábulas, novelas), de acordo com a época, a sociedade e/ou seus contadores. No entanto, as histórias ou narrativas são sempre relatos de acontecimentos vividos, sabidos ou criados de forma direta, ou por meio das mídias. Assim, a proposta de produção de um relato, na disciplina de Educação Especial e Inclusiva, é uma Atividade Prática Supervisionada (APS), na qual os acadêmicos são instigados a resgatarem histórias de inclusão ou de exclusão que vivenciaram, presenciaram ou tomaram conhecimento de alguma forma. O resultado, sempre surpreendente, é a apresentação de relatos comoventes, histórias e situações registradas na memória da época da infância, que foram observadas ou vivenciadas, e envolvem situações de inclusão, de preconceito e acolhimento, de aceitação e lutas, de conquistas e derrotas, de dores e alegrias. Alguns relatos foram elaborados a partir de casos observados pelos autores em sua prática docente, no entanto não se referem a um único estudante. Assim, as personagens são um amálgama de muitas situações semelhantes vivenciadas e observadas. Outros relatos são totalmente fictícios, até fantasiosos. E muitos, a maioria deles, trata-se de relatos pessoais, alguns registrados em primeira pessoa, outros em terceira, e outros ainda em forma de poema.

Nesta obra, os textos estão organizados em três capítulos: 1. Atos, 2. Fatos e 3. Mitos, e em cada capítulo, foram organizados de forma a não repetir sequencialmente o formato (em prosa ou em verso) e a situação relatada (transtorno, deficiência, doença ou qualquer outra condição in- ou excludente). Nessa organização, levou-se em conta a satisfação do leitor, que, a cada texto, poderá apreciar uma temática diferente.

Nesta edição, há relatos de muitas dores. Dores que não eram nominadas, que eram tratadas como doença, que eram escondidas, que não eram entendidas. São textos que proporcionam a reflexão, estimulam a pesquisa, a observação e despertam para a luta, para a ação em prol da formação de uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Afinal, a construção de uma sociedade inclusiva passa por todos nós.

Leia os relatos, divirta-se, comova-se, reflita e engaje. Aproveite e aprenda com cada uma das histórias!

E tenha uma boa leitura!

As organizadoras.

SUMÁRIO

<i>Prefácio.....</i>	<i>6</i>
<i>Apresentação.....</i>	<i>7</i>

ATOS

<i>A vida.....</i>	<i>14</i>
<i>Luiza e Lucas.....</i>	<i>15</i>
<i>Anjo.....</i>	<i>16</i>
<i>Rafaela.....</i>	<i>17</i>
<i>Um pouco de suporte faz toda a diferença.....</i>	<i>19</i>
<i>Um dia diferente.....</i>	<i>20</i>
<i>Pedro Ensina.....</i>	<i>20</i>
<i>O mundo curioso de Guizinho.....</i>	<i>23</i>
<i>Joel.....</i>	<i>23</i>
<i>Ana Clara, estudante e sucesso na internet.....</i>	<i>24</i>
<i>O transtorno.....</i>	<i>25</i>
<i>Um aluno autista no primeiro ano.....</i>	<i>26</i>
<i>Meu Irmão Extraordinário.....</i>	<i>28</i>
<i>Medeiros.....</i>	<i>31</i>
<i>Um verdadeiro presente.....</i>	<i>32</i>
<i>O sentimento de culpa.....</i>	<i>33</i>
<i>Professor de Literatura.....</i>	<i>34</i>
<i>João.....</i>	<i>34</i>
<i>Lucas.....</i>	<i>36</i>
<i>Situação de exclusão que vivenciei.....</i>	<i>37</i>
<i>Uma Escola Inclusiva.....</i>	<i>39</i>
<i>Laura.....</i>	<i>40</i>
<i>O meu astronauta.....</i>	<i>43</i>
<i>Meu primo.....</i>	<i>46</i>
<i>Mônica e a feira de matemática.....</i>	<i>47</i>
<i>Alice Bancária.....</i>	<i>49</i>
<i>Viver com Epilepsia.....</i>	<i>50</i>
<i>O mundo do Luís visto por seu pai.....</i>	<i>52</i>

<i>A chegada de Nico.....</i>	<i>54</i>
<i>Lucas e a escola inclusiva.....</i>	<i>55</i>
<i>A dor de uma amiga.....</i>	<i>56</i>
<i>Meu olhar como professora.....</i>	<i>58</i>
<i>Referências.....</i>	<i>59</i>

FATOS

<i>Natal na APAE.....</i>	<i>64</i>
<i>Professor Cleidison.....</i>	<i>65</i>
<i>Relato de uma conhecida.....</i>	<i>67</i>
<i>João, um aluno com autismo.....</i>	<i>68</i>
<i>A Passagem de Dario.....</i>	<i>69</i>
<i>A história de Joana.....</i>	<i>72</i>
<i>Pietro e as pedras em seu caminho.....</i>	<i>74</i>
<i>Meu vizinho José.....</i>	<i>76</i>
<i>A superação de Jorge.....</i>	<i>77</i>
<i>Sem ver.....</i>	<i>81</i>
<i>Wanderson.....</i>	<i>82</i>
<i>Berenice.....</i>	<i>84</i>
<i>Falta de acesso.....</i>	<i>86</i>
<i>Kátia.....</i>	<i>87</i>
<i>Minha tia.....</i>	<i>88</i>
<i>Amábile.....</i>	<i>90</i>
<i>Muito além da deficiência.....</i>	<i>90</i>
<i>Sofia, a menina que venceu o bullying.....</i>	<i>92</i>
<i>O Pequeno Gael.....</i>	<i>93</i>
<i>João e a Síndrome de Ehlers-Danlos.....</i>	<i>94</i>
<i>Otávio.....</i>	<i>96</i>
<i>Adolescência: erro e aprendizado.....</i>	<i>97</i>
<i>A princesa Aline.....</i>	<i>98</i>
<i>A Jornada de Fabinho.....</i>	<i>99</i>
<i>Julico.....</i>	<i>101</i>
<i>A senhora da casa 328.....</i>	<i>102</i>
<i>Pedro: o pequeno autista.....</i>	<i>104</i>

<i>O relato de Rafael.....</i>	<i>105</i>
<i>O menino que sabia demais.....</i>	<i>107</i>
<i>Um garoto de interior.....</i>	<i>109</i>
<i>Dois jovens surdos.....</i>	<i>111</i>
<i>Referências.....</i>	<i>113</i>

MITOS

<i>Quem sou... ..</i>	<i>118</i>
<i>A vida de Joaquim na escola.....</i>	<i>119</i>
<i>Henrique.....</i>	<i>120</i>
<i>Rafael.....</i>	<i>122</i>
<i>Aquela Menina.....</i>	<i>123</i>
<i>Poema sobre Surdez.....</i>	<i>125</i>
<i>Luiz, o atípico.....</i>	<i>127</i>
<i>Os desafios de Walter na escola.....</i>	<i>128</i>
<i>Doença Celíaca.....</i>	<i>130</i>
<i>Sempre é dia de aprender.....</i>	<i>132</i>
<i>Afinal, existe esperança?.....</i>	<i>133</i>
<i>Olhe para Rodrigo: uma reflexão sobre o “não dito” na família... ..</i>	<i>135</i>
<i>A dor do Próximo.....</i>	<i>136</i>
<i>A inspiradora história de Gabriel.....</i>	<i>138</i>
<i>Alcançando a dignidade.....</i>	<i>141</i>
<i>A história de João contada por Maria.....</i>	<i>142</i>
<i>DJ Marcos.....</i>	<i>145</i>
<i>Etarismo: o preconceito da idade.....</i>	<i>146</i>
<i>O conto do garoto comum (mas nem tanto).....</i>	<i>147</i>
<i>A luta de Isabelly.....</i>	<i>150</i>
<i>Sheldon.....</i>	<i>152</i>
<i>O toque que fala.....</i>	<i>154</i>
<i>A menina Francielle.....</i>	<i>155</i>
<i>O caso de Pedro e a falta de preparação profissional.....</i>	<i>156</i>
<i>Amor que Supera Barreiras.....</i>	<i>160</i>
<i>Meu priminho Gael.....</i>	<i>161</i>
<i>Laura, uma menina fora do padrão.....</i>	<i>163</i>

<i>Minha prima e o Passe Livre.....</i>	<i>165</i>
<i>A pedra.....</i>	<i>166</i>
<i>O menino muito especial e seu melhor amigo.....</i>	<i>167</i>
<i>O silêncio que grita.....</i>	<i>173</i>
<i>Recomeço.....</i>	<i>175</i>
<i>Meus 15 anos e sei lá quantos mais.....</i>	<i>178</i>
<i>Nina.....</i>	<i>178</i>
<i>Referências.....</i>	<i>182</i>
<i>Sobre os autores.....</i>	<i>186</i>



Atos

A vida

Marta Cristina Borchardt da SILVA

Ela sempre tem um rumo para seguir.
Somos gerados num ventre materno.
Passando de gerações e gerações.
Para dar sequência na vida.
Nesse elo do desconhecido,

Busca-se sempre estar em evidência,
Para ter a resposta que vai te levar
numa etapa divergente.

E nesta vida, vida dura ou sofrida,
Diariamente nos deparamos com desafios.
Quando criança queremos chegar à adolescência.
Logo buscamos euforicamente a essência da maturidade.

Todas essas etapas vêm com um significado.
Às vezes, seguem padrões de um passado.
Algo que vem para ser cumprido. Talvez?
Mas não sabemos.

Desse momento ocorre algo a mais,
Você também começa a gerar um ser.
E da luz nasce uma nova vida.
E o tempo passa e o aprendizado predomina.

E a vida segue num ritmo também de momentos sutis.
Os padrões mudam, e há necessidades de adaptação.
Nessa hora, o desconhecido passa a ser rotina.
Quando na sua célula familiar, faz parte uma deficiência.

Passa dias, meses e anos, até que algo se renova.
Aquele ser que foi filha, primogênita.
Passa a ser mãe neste momento.
E na busca incessante,
O desconhecido que faz parte da sua linhagem.

Retoma para assim ser desvendado.
E na sequência da vida...
Outra criança, que é uma menina se lança,
Para cumprir o que está programado.

Três gerações que seguem nesse espaço,
A mãe, a primogênita e a neta.
E na sequência... a segunda e a terceira geração,
Traz consigo algo que ainda não foi desvendado.

Pois apenas está definido,
Que elas devem seguir sempre num aprendizado,
Para assim, estimular a maturidade,
De acordo com a necessidade, para sua idade.

Luiza e Lucas

Ana Luiza MICHEL

Luiza era monitora de inclusão, ou professora de apoio, e trabalhava com Lucas, um aluno de 14 anos diagnosticado com Distúrbio do Processamento Auditivo Central (DPAC). O DPAC é um distúrbio que não evidencia alterações auditivas no exame de audiometria, pois as vias auditivas estão intactas; porém o indivíduo, nessa condição, tem dificuldade com a interpretação do som, com a percepção da fala e com a compreensão das inflexões da fala (Figueiredo et al, 2016).

Lucas era um jovem alegre, com grande talento para desenhar e escrever cartas, mas precisava de orientação constante para se organizar e manter seu material em ordem. Apesar de seu entusiasmo, enfrentava desafios no ambiente escolar, especialmente porque a maioria dos professores não adaptava os conteúdos para atender às suas necessidades específicas. Quando questionados, muitos professores alegavam falta de tempo. Outras vezes, traziam atividades simplificadas que não correspondiam ao nível adequado para que Lucas pudesse realmente aprender.

Preocupada com a situação, Luiza procurou apoio da gestão escolar, mas seus esforços não geraram resultados significativos.

Isso a levou a refletir profundamente sobre o propósito da inclusão na escola. Ela percebia que, para alguns, bastava que o aluno "socializasse" no ambiente escolar, mas Luiza acreditava que Lucas precisava e merecia muito mais: ele tinha o direito de aprender de forma plena e significativa.

Lucas utilizava aparelho auditivo, que o ajudava a captar melhor os sons, mas ainda enfrentava dificuldades para acompanhar as aulas no ritmo da turma. A interação com os colegas era positiva; ele era querido por muitos, mas a dinâmica da sala nem sempre era favorável para sua inclusão efetiva. Algumas crianças ajudavam quando podiam, enquanto outras, mesmo sem intenção, excluíam-no em atividades que exigiam maior rapidez ou organização.

Considerando tudo, Luiza compreendeu que seu papel ia além de apenas auxiliar Lucas diretamente; era necessário também atuar como ponte entre ele e os professores. Ela percebeu que era fundamental ajudá-los a adaptar os materiais ou, ao menos, buscar com eles alternativas que pudessem atender às necessidades do aluno. Essa conscientização levou-a a tomar uma atitude mais proativa: começou a preparar atividades que desafiavam Lucas de maneira apropriada e promoviam seu desenvolvimento.

Ao longo desse processo, Luiza viu como pequenas adaptações faziam uma grande diferença. Lucas começou a progredir, demonstrando todo o potencial que ela sempre acreditou que ele tinha. Para Luiza, o sucesso de Lucas reforçava a importância de que todos os alunos, independentemente de suas dificuldades, merecessem uma educação de qualidade. Ela espera que os professores reflitam sobre seus planejamentos e passem a acolher melhor alunos com necessidades especiais, garantindo que a inclusão escolar seja realmente significativa e transformadora.

Anjo

Adriana Paula Pereira da SILVA

Em 2010, chegou à escola em que eu trabalhava, um menino que se chamava Anjo. Ele tinha síndrome de Down. Naquele momento,

a escola acolheu o aluno, mesmo sabendo que não estávamos preparados para recebê-lo. E, naquele ano, eu era a professora da turma em que ele iria estudar. No início, confesso, eu me assustei ao saber que seria sua professora. Naquele momento, eu me perguntei: “será que eu vou conseguir?”

Quando eu conheci o Anjo, logo no primeiro momento, ele me abraçou. Aquele abraço, de alguma forma, me transformou e me motivou a ir em busca de conhecimento para poder oferecer o melhor ensino possível para ele. Assim, eu me aprofundei nas leituras. E estava planejando muitas atividades, quando cheguei à conclusão de que eu tinha que trabalhar com o Anjo de uma forma que o fizesse se sentir próximo dos outros alunos. Não podia tratá-lo de forma diferente.

Anjo muitas vezes era resistente a algumas atividades, sabem por quê? Ele foi muito ignorado e excluído por outras professoras e amigos de classe. Comigo, ele percebeu que fazia parte da escola, da sua classe e que seus colegas também o aceitavam, porque, apesar de suas dificuldades, Anjo também nos ensinava muitas coisas.

Durante o período de festa junina, ele participou de todos os ensaios, estava se esforçando bastante para a apresentação. No entanto, ele não participou no dia da festa. Neste momento, percebemos que a família de Anjo tinha receio em inseri-lo socialmente, por isso ele não compareceu. Então, a escola chamou a família e tivemos uma longa conversa, com orientações e esclarecimentos sobre as necessidades dele, e que sua socialização poderia ocorrer como a de qualquer outra criança. A partir dessa reunião, a família não teve mais receios, e o aluno passou a participar de todas as atividades propostas pela escola.

Eu hoje tenho orgulho de ter sido a luz dessa criança, agradecida por ter sido Anjo que me fez correr atrás do conhecimento para que ele tivesse todas as oportunidades em sua vida. Amo você Anjo, meu anjo!

Rafaela

Sandra Moura CHUENG

Na minha escola sempre teve alunos que eram chamados de especiais. Mas, hoje, sabemos que essa não é a forma adequada de

nos referirmos a eles. Por isso, quando eu era criança, por volta dos 11 anos, foi natural que eu conhecesse uma menina com características diferentes: a Rafaela.

Rafaela era muito hiperativa e estava sempre correndo, brincando e, além disso, era muito inteligente. Meus amigos de turma sempre faziam perguntas para ela, como questões de matemática, e ela sempre acertava. Ela fazia as contas de cabeça, enquanto meus colegas faziam no papel ou usavam uma calculadora. Às vezes ela se irritava com eles, pois ficavam muitas crianças em volta dela e isso a deixava desconfortável.

Ela nunca ficava sozinha, pois tinha uma professora que a acompanhava dentro e fora da sala. Assim, nesses momentos em que a Rafa se irritava, a professora sempre a acalmava.

Depois de um tempo, eu descobri que ela tinha TEA (Transtorno de Espectro Autista), que é definido como um distúrbio do neurodesenvolvimento, com características de desenvolvimento e manifestações comportamentais atípicas, podendo apresentar déficits na comunicação e na interação social, alguns padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados e repertório restrito de interesses e atividades. (Brasil, 2024, *online*).

O TEA não a impedia de sempre participar das atividades escolares e dos eventos. Tudo era adaptado para ela e para outros alunos com necessidades educacionais especiais que estavam na escola. Eu não tive muito contato com ela, pois logo no ano seguinte ao que eu a “conheci”, ela tinha ido embora com a família para outra cidade.

Gosto de lembrar disso, pois apesar das limitações, Rafaela sempre realizava as atividades como qualquer outra criança. Ela era muito querida por todos. Ao longo dos anos de escola, eu tive a oportunidade de conhecer e conviver com outras pessoas que tinham o mesmo transtorno de Rafa, mas cada um era diferente. As características que eu tinha observado em Rafaela, não se repetiam em nenhum dos outros da mesma forma. Mas, muitas vezes, eram pessoas inspiradoras com histórias de superação e transformação de vida que nos influenciavam e nos tornavam seres humanos melhores.

Um pouco de suporte faz toda a diferença

Letícia DRESSEL

Havia um jovem, num trabalho voluntário com crianças do qual eu fiz parte, que sempre fazia questão de ajudar no grupo. Embora eu não soubesse exatamente qual era sua deficiência, dava para perceber que, no dia a dia, ele tinha bastante autonomia – pegava ônibus sozinho, fazia pequenas compras e se virava bem em diversas situações. Mas quando se tratava do trabalho com as crianças, tudo mudava. Ele parecia perdido, precisava de orientações o tempo todo e tinha dificuldade em executar algumas tarefas sem ajuda.

Uma das atividades que organizamos foi a "Jornada dos Animais". A atividade funcionava assim: cada criança recebia a máscara de um bichinho e passava por um circuito de desafios para "chegar ao barco seguro". Elas precisavam, por exemplo, pular em círculos coloridos como se fossem pedras no rio, equilibrar um livro na cabeça para atravessar uma "ponte" e desenhar pegadas no chão com giz. Esse jovem ficou responsável por distribuir as máscaras e explicar a ordem das etapas para as crianças.

No começo, ele parecia animado, sorrindo e interagindo com todos. Mas, conforme a atividade avançava, percebia-se que ele ficava confuso. Às vezes esquecia de entregar as máscaras certas, se atrapalhava com a sequência dos desafios e olhava para os outros voluntários, buscando ajuda. Teve um momento, que uma das crianças ficou sem máscara, e ele simplesmente congelou, sem saber o que fazer. Foi preciso que outro voluntário entrasse em cena para ajudá-lo a organizar as coisas.

Apesar das dificuldades, o que mais me marcou foi a sua persistência. Ele não desistia, mesmo quando ficava claro que precisava de apoio. E quando via as crianças se divertindo, seu olhar se enchia de alegria, como se todo esforço valesse a pena. Esse episódio me fez perceber que a autonomia pode variar muito dependendo do contexto e que, às vezes, um pouco de suporte faz toda a diferença para que alguém consiga dar o seu melhor.

Um dia diferente

Élen Ribeiro GUSTAVO

Em um dia diferente na escola
Na semana de inclusão social
Na educação física, fomos jogar bola
E a emoção foi sensacional

A bola rolava na quadra
Criando uma outra situação
O som do giz se espalhava
Guiando todos em alguma direção

A criança corria e o som aumentava
O contato era cada vez mais iminente
E a emoção fica completa
Quando a bola no pé ela sente

Dessa brincadeira ficou uma lição
Com emoção e alegria no coração
Que na escola todos somos diferentes
E merecemos atenção!

Pedro ensina

Roberta Hoepers MASCARENHAS

Aos 19 anos, em 2020, comecei a trabalhar como auxiliar de sala numa creche. Em meu primeiro ano, teve a pandemia da Covid 19, então não tive a experiência completa de sala de aula. Nós fazíamos vídeos de histórias e brincadeiras para enviar para a recriação das crianças em casa.

Em 2021, na mesma escola, voltamos para as aulas presenciais. Fui conhecendo as crianças aos poucos e entendendo a dinâmica de uma creche. No primeiro dia, comecei a reparar na variedade de características que cada um dos pequenos apresentava. Eram diferentes formas de correr, brincar, interagir e se alimentar, cada

detalhe passava muito batido por mim que ainda não tinha base de conhecimento e experiência para entender o que significavam ou se aquilo sequer significava algo. Conforme o tempo foi passando, a professora que estava em sala comigo me apresentou pontos importantes para prestar atenção e falou das crianças que já tinham laudo. Todas com 2 anos, muito tranquilas, com seus choros e alegrias comuns a idade, eu fui me acostumando com essa rotina.

No meio do ano foi solicitado que eu fosse para outra sala, pois uma das monitoras que acompanhava um garoto de 6 anos com autismo havia saído. O garoto se chamava Pedro. Ao chegar me informaram que o grau de suporte de Pedro era muito alto, e, como ele não conseguia se comunicar, muitas vezes poderia usar a agressão (arranhar, apertar ou morder) para expressar o que precisava (como ir ao banheiro, comer algo, sair da sala) ou sentia (como raiva, alegria ou desconforto). Eu deveria ficar atenta para que ele não me machucasse.

Pedro estava muito acostumado com a monitora anterior e sua rotina, quando eu cheguei, era apenas uma desconhecida que o seguia de um lado para o outro sem conseguir entender o que ele me falava, apenas imagino a aflição que ele sentiu ao ver alguém que confiava “sumir” e uma completa desconhecida ocupar o lugar. Nos primeiros dias, eu voltava para casa com diversos arranhões, minhas mãos e rosto estavam muito marcados, pois eu não entendia o que ele precisava me dizer, e ele não conhecia outra forma de se expressar além de apertar e arranhar.

A professora que nos acompanhou era uma profissional maravilhosa, e me guiava, ensinando-me a ter toda a paciência do mundo com o meu tempo e o dele. Mostrou-me que a rotina dele não precisa ser igual a das outras crianças, já que ele tem necessidades diferentes de silêncio, espaço e descanso. Auxiliava-me a fazer caminhadas com ele e permitia que os cafés e almoços fossem no horário em que ele apresentasse necessidade (sempre bem próximos dos colegas já que estava bem adaptado a rotina). Ela me auxiliava também com as dinâmicas em sala, para ele se envolver e brincar junto com os amigos, desenvolvendo tudo que

ele precisava, no tempo dele. Após cerca de 3 semanas, já ríamos e nos entendíamos bem, mesmo sem conseguirmos trocar sequer uma palavra. Não tinha mais nenhuma marca em minhas mãos, pois quando os desconfortos dele começavam, eu já sabia como agir e ele entendeu que podia confiar em mim.

Na época, não recebi a informação, mas hoje eu observo que talvez ele poderia se tivesse TEA nível 3 de suporte; pois, de acordo com o DSM5 (APA, 2014, p. 44), essa condição é caracterizada por “[...] comunicação muito limitada, pouca iniciativa social e um grau alto de rigidez nos comportamentos e interesses. Pessoas nesse nível podem não ser verbais e precisam de suporte intensivo nas atividades diárias.” E essas são necessidades que Pedro apresentava.

Para a evolução de meu relacionamento com Pedro, a orientação e a sensibilidade da professora regente da turma foram essenciais. Ela teve uma didática incrível, além de muita paciência para me ensinar que a comunicação e o afeto andam juntos e não são, necessariamente, como costumamos entender. A comunicação dele continuou sendo não verbal e baseada em pequenos apertos da mão, mas agora já não usava mais as unhas. Depois de dois meses, fui realocada para outro espaço, onde também se precisava de uma monitora, e uma nova profissional fora escalada para a sala de Pedro. Assim, a adaptação com ele precisou começar do zero. Novamente, em cerca de 3 semanas, ele já estava adaptado com o apoio da professora e um ótimo suporte da nova monitora.

A família de Pedro não se envolvia muito nas questões da escola, não sei confirmar se havia acompanhamento externo, mas lembro que não parecia ser um momento fácil para os responsáveis. No ano seguinte, mudei de escola e soube que o Pedro também havia mudado. Nunca mais o vi ou soube dele. Mas todos os aprendizados que ele me trouxe mostraram-me como a criança é um ser complexo e merece toda a paciência que a vida permite entregar. Espero que ele esteja bem e conseguindo se expressar cada dia melhor. Sei que aprendi a observar e a me expressar muito melhor depois que o conheci. Com ele, eu entendi que nem sempre a fala é necessária para a comunicação.

O mundo curioso de Guizinho

Jamile Valverde MARCOS

Num lugar não muito distante daqui, existia um menininho muito curioso e diferente das outras crianças. Esse menininho se chamava Guizinho. O seu diferencial era que ele nasceu com surdez, sendo assim, nunca ouviu nada desse mundo que despertasse em Guizinho sua curiosidade.

O menino era muito alegre e tinha vários amiguinhos, porém ele queria muito saber o nome deles e, por causa de sua deficiência, Guizinho nunca soube. Por mais que ele insistisse em querer saber os nomes dos seus amigos, ele não ouvia o que eles respondiam e não entendia o que falavam, seus amigos também não o entendiam, nem sabiam se comunicar com ele.

Mas em um belo dia, após Guizinho já ter desistido de saber o nome dos seus colegas, uma professora chegou em sua vida, ela se chamava Lúsa, ou simplesmente Lulu, como ele a apelidou. Ela ensinou a ele uma língua que mudaria a sua vida, a LIBRAS.

Foi espetacular. Todos aprenderam a língua de sinais. E assim, o menino não precisou se adaptar ao mundo, pois todo mundo entendeu que a sociedade é quem deve incluir esse menino.

O final feliz do Guizinho foi saber o nome de todos os seus coleguinhas. Ele estava muito feliz, pois todo mundo agora sabia conversar com ele de uma maneira que ele entendia.

Joel

Franciele Moura de SOUZA

Quando eu estudava no 6º ano do Ensino Fundamental, conheci um menino chamado Joel. Ele era alto, magro, tímido e diferente de todas as crianças que eu já havia conhecido antes. Ele estava no 8º ano no período matutino também. Sempre me perguntava por que ele parecia ser tão diferente dos outros colegas, ou por que ele não se misturava com os colegas de turma, como é comum de acontecer.

Joel era rápido na fala, era atencioso e tinha uma supercapacidade em Matemática que chegava a ser duvidosa. Sempre que o

encontrava, parecia que ele estava esperando alguém. Os professores tinham um certo cuidado e carinho por ele, e falavam dele com admiração. Isso me instigava. Queria saber quem era esse garoto, o que ele tinha de especial. Lembro-me de que, na época, fiz uma verdadeira investigação em busca de informação para entender tudo aquilo; afinal parecia ser um mistério e eu era apenas uma criança muito curiosa.

Foi então que eu soube que o Joel tinha autismo, eu nunca havia ouvido falar. Mas hoje, sabemos que o transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades (Brasil, 2022). E foi a partir desse momento que todas aquelas situações fizeram sentido.

Joel foi muito bem recebido e acolhido, desfrutou de todas as atividades da escola igual a qualquer outro aluno. E, durante todo o tempo dele na escola, o tema autismo foi estudado por todos: alunos, professores e demais funcionários. Era importante saber sobre o assunto para que os professores e auxiliares pudessem realizar todas as atividades da maneira mais coerente, de forma adaptada, de acordo com as necessidades de Joel.

Ao ver adultos, crianças e uma escola toda abraçar aquela causa e fazer de toda dificuldade uma oportunidade de aprendizagem mútua, me fez entender que muitas vezes julgamos antes de entender, e excluimos antes mesmo de conhecer.

Joel concluiu o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e começou a cursar Administração na universidade. Eu não tenho mais contato ou notícias dele, mas tenho certeza de que ele voou alto e se saiu muito bem!

Ana Clara, estudante e sucesso na internet

Flavio Gonçalves LOPES

A estudante Ana Clara ficou cega do olho esquerdo por causa de um glaucoma que teve na infância, antes dos 4 anos. Sua família

lutou para tentar reverter essa situação, ela fez cinco cirurgias no olho esquerdo, sem sucesso. Ela acabou perdendo a visão.

Ana conta que sempre sofreu preconceitos, seus amigos gostavam de chamá-la de ceguinha, pirata e de caolho. O último adjetivo era o que mais odiava. Sofreu muito Bullying na Escola e, muitas vezes, se isolava por se sentir rejeitada. Ela se sentia mal por não ser convidada para as brincadeiras, mas se esforçava para não dar valor às vozes que a colocavam para baixo. Superando bullying e preconceito, buscando se aceitar, com 17 anos, ela começou a compartilhar a própria história numa rede social e dava dicas de maquiagem e beleza.

Hoje, a adolescente ajuda pessoas com deficiência a superar desafios e preconceitos. Faz tutoriais de moda, maquiagem, tem mais de 60 mil seguidores em suas redes sociais e costuma ser convidada por lojas para divulgar produtos e lançamento de coleções.

Ana Clara conseguiu vencer o bullying e o preconceito e ter sucesso, mas há muitos que não têm essa força. Bullying não é brincadeira, é crime!

O transtorno

Lilimarlem Bispo FERREIRA

Só quem viveu, sabe o quanto dói.
Mas, quem observa atentamente,
Vê o quanto destrói.
Todas as mentes em formação ali.

Umas vivendo a delícia plena de ser criança.
Outras, sofrendo caladas, desejando pular a infância.
Eu, não sou a protagonista desse caos.
Mas, senti bruscamente o impacto do tal.

Ele, o garoto estranho que cortava os pulsos
para "curar" a dor que ninguém entendia.
Era uma boa pessoa e sofria.
Julgaram ser mais um "à toa".
Eu não compreendia, mas o via.

Ainda que com olhos julgadores.

Não o condenava.

Diferente dos colegas, familiares e professores.

Um dia, ele passou dos limites.

Era calor de verão no Nordeste, e ele coberto até o pescoço.

Quieto no canto da sala, concentrado em seus esboços,

Não ligava para os palpites.

Até que um dos colegas, viu uma mancha de sangue no casaco.

E ele, pálido e fraco,

Ergueu as mangas e vimos o teu braço.

Assustadoramente talhado.

Logo, todos os olhos se voltaram para ele.

A professora julgou ser loucura de sua cabeça.

O pai, sem um pinga de empatia o espancou.

Achando ser conveniente num momento de dor.

Mas, só quem viveu sabe.

Só ele soube. E só agora eu sei.

Nunca poderei mudar o passado.

Mas, carrego lembranças que sempre mudarão

o futuro dos que andam ao meu lado.

Um aluno autista no primeiro ano

Martina KUEHL

Eu trabalho como professora do primeiro ano do Ensino Fundamental, e a inclusão sempre teve um valor essencial em minha prática pedagógica. Neste ano, recebi um novo desafio: um aluno com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 2 de suporte, que exige atenção constante. Esse aluno tem dificuldades na comunicação verbal, quase não conseguia expressar suas necessidades e frequentemente enfrentava frustrações que acabavam se manifestando em comportamentos intensos, como arranhões e puxões de cabelo em si mesmo. Desde o início, a turma teve uma

atitude acolhedora e aberta, mostrando-se disposta a acompanhá-lo nesse processo de inclusão.

Cada pequena conquista desse aluno se tornou um momento de celebração coletiva. Os colegas, ao perceberem que ele havia conseguido pronunciar uma palavra ou responder a uma pergunta, alegravam-se genuinamente. Para eles, cada passo era uma vitória. Esse apoio foi essencial para criar um ambiente onde ele não apenas recebia ajuda, mas também era valorizado. Essa atitude de acolhimento ajudou a transformar o ambiente em um espaço mais seguro e inclusivo, onde ele pôde sentir-se parte do grupo.

Os primeiros meses foram desafiadores para mim como professora. Houve uma necessidade constante de adaptar atividades e rotinas para promover a inclusão efetiva, e, mesmo assim, era difícil perceber avanços. A cada nova tentativa, percebia o quanto precisava de paciência e de flexibilidade, ao mesmo tempo em que buscava respeitar seu ritmo e suas necessidades. Após cerca de seis meses, os esforços começaram a dar resultados: ele conseguiu usar algumas palavras aprendidas para responder a perguntas simples. Ainda que muitas vezes as respostas fossem repetitivas, era visível que algo estava começando a mudar.

Esse progresso, por mais sutil que fosse, me mostrou o impacto de um ambiente inclusivo que envolve não apenas o professor, mas toda a comunidade escolar. A inclusão não se faz sozinha; ela depende de uma rede de apoio onde cada conquista é valorizada e onde o aluno se sente parte de algo maior. Além disso, percebi que o suporte externo, como terapias especializadas e intervenções médicas, complementavam e potencializavam o trabalho feito em sala, ajudando-o a superar as barreiras que muitas vezes tornam o processo escolar desafiador.

Hoje, compreendo que a importância da inclusão é mais do que adaptar atividades ou ter paciência. Inclusão é sobre criar um espaço onde todos, especialmente aqueles com necessidades educacionais especiais, possam se sentir valorizados e acolhidos. Trabalhar com esse aluno, mostrou-me que a verdadeira inclusão é uma jornada compartilhada, e, ao fim de cada dia, cada pequeno avanço dele era celebrado não só por mim, mas por toda a turma, que aprendeu o

valor da empatia e da cooperação, que é o sentido mais profundo da verdadeira inclusão.

Meu irmão extraordinário

Elizandra Rocha DIAS

Meu irmão mais velho nasceu num momento de esperança, mas também de muita apreensão para meus pais. Antes dele, minha mãe havia passado por uma gravidez complicada que resultou em um aborto espontâneo. Além da dor emocional, ela também sofreu de pré-eclâmpsia, uma condição grave que quase lhe tirou a vida. Esse episódio deixou cicatrizes profundas e um medo constante que ela carregaria durante toda a vida.

Assim, quando meu irmão nasceu, tudo parecia estar se acertando. Ele era o primeiro filho, e meus pais estavam radiantes, cheios de expectativas e amor. Nos primeiros meses, tudo parecia bem, mas logo pequenos sinais começaram a surgir, e minha mãe percebeu que algo parecia não estar certo. Após consultas e exames, veio o diagnóstico que mudaria para sempre nossas vidas: paralisia cerebral.

A paralisia cerebral é uma deficiência muito comum na infância, que afeta o desenvolvimento motor e cognitivo. Caracterizada por alterações neurológicas, a paralisia é uma condição permanente, que envolve o movimento e a postura corporal. Ela pode ser causada por uma série de fatores, como complicações no parto, falta de oxigênio, infecções durante a gravidez ou problemas no desenvolvimento do cérebro (Varella, 2019). No caso do meu irmão, os médicos nunca souberam dizer ao certo o que causou sua condição, o que trouxe ainda mais incertezas.

Tudo o que meus pais sabiam, era que ele enfrentaria dificuldades para controlar os músculos, para se movimentar e para realizar atividades cotidianas. Dessa forma, com o diagnóstico, a rotina da casa teve de mudar drasticamente.

Ainda bebê, meu irmão começou a ter convulsões frequentes, por isso a ida ao hospital era sempre repetidamente. Meus pais eram incansáveis e o levavam para consultas com fisioterapeutas,

neurologistas e outros especialistas para descobrir de que forma poderiam ajudá-lo enquanto ele crescia.

Durante esse período desafiador, minha mãe descobriu que estava grávida novamente. O que deveria ser uma notícia feliz trouxe consigo muita insegurança. Ela temia que o novo bebê pudesse ter os mesmos problemas que meu irmão e se perguntava se conseguiria dar conta de cuidar de duas crianças com comprometimentos. Ela ficou desesperada, mas, em uma de suas consultas, o médico explicou que o fato de meu irmão ter nascido com essa deficiência, não foi culpa dela. E na tentativa de acalmá-la, ele lhe disse que ela teria uma criança saudável, que seria uma grande companhia para o seu filho, que aquela criança iria estar sempre com ele. Aquela frase marcou a vida da minha mãe e, de certa forma, passou a moldar meu papel na família desde que nasci.

Eu cresci sabendo que meu irmão precisava de atenção e cuidados especiais. Minha mãe era totalmente dedicada a ele e organizava a vida em função de suas necessidades. As idas ao hospital, as terapias e os momentos de crise eram constantes, e isso demandava toda sua energia. Ela teve um tempo para respirar quando meu irmão começou a frequentar a APAE. Lá, ele recebia acompanhamento de especialistas e tinha atividades adaptadas para seu desenvolvimento. A APAE tornou-se uma parte importante de nossas vidas.

Enquanto minha mãe se dedicava à casa e ao meu irmão e meu pai trabalhava para o sustento de nossa família; eu muitas vezes ficava aos cuidados das minhas tias, que sempre fizeram o melhor que podiam para que eu não me sentisse abandonado. Assim, embora eu sentisse falta da presença constante dos meus pais, eu também entendia que meu irmão precisava de mais cuidados do que eu e sabia que não estava só.

Com o passar do tempo, a situação financeira da nossa família começou a se complicar. Meu pai trabalhava num banco privado e, quando ele foi demitido, isso abalou profundamente a estabilidade que tínhamos. As despesas médicas com meu irmão, os tratamentos, as idas a especialistas e a manutenção da casa pesavam cada vez mais. A falta de dinheiro trouxe estresse e discussões para dentro

de casa. Com o tempo, a relação dos meus pais se deteriorou, e eles acabaram se divorciando. Esse foi um período muito difícil para mim que, adolescente, vi minha mãe assumir a responsabilidade de sustentar a mim e a meu irmão, pois, com o divórcio, meu pai havia saído de casa. A pressão e as dificuldades tinham desgastado nossa família.

Dessa forma, na minha adolescência, enquanto meus amigos saíam para se divertir, eu tinha outra realidade. Muitas vezes, eu planejava sair com eles, mas meu irmão precisava de cuidados, ou passava mal e tínhamos que correr para o hospital. Eu sabia que minha mãe não podia lidar com tudo sozinha, então ficava em casa para ajudar. Em muitos momentos, eu me senti frustrado e isolado. Queria poder viver minha adolescência como os outros. Mas, ao mesmo tempo, entendia a gravidade da situação e sabia que meu irmão precisava de mim. Isso tudo, às vezes, era muito pesado, e eu chorava sozinho.

Apesar de ser um sacrifício, eu nunca fiquei ressentido por ter de renunciar a muitas coisas. Eu chorava, achava injusto e até me revoltava, mas depois eu entendia e me resignava. Ele era meu irmão, e eu o amava acima de qualquer coisa.

No meio de todos esses desafios, nunca faltou amor em nossa casa. Meu irmão, com todas as suas limitações, era uma fonte de força e união. Cada pequeno sorriso que ele dava, cada avanço, por menor que fosse, era motivo de celebração. Mesmo nas situações mais difíceis, ele nos ensinava sobre paciência, resiliência e, acima de tudo, o poder do amor incondicional. A presença dele moldou nossa família, ensinando-nos que, mesmo diante das maiores adversidades, o amor é o que mais importa. Nos momentos mais sombrios, ele sempre encontrava uma maneira de nos mostrar que havia luz, esperança, e uma razão para continuar lutando. Com ele, aprendi a valorizar a felicidade e as coisas simples da vida. Os pequenos gestos realmente fazem a diferença.

Ele esteve conosco até os 21 anos, mas depois de semanas de idas e vindas ao hospital, muitas orações, e mantendo viva a esperança de uma nova melhora, ele partiu nos meus braços. Foi uma batalha

dura contra a falência múltipla dos órgãos. E sua ausência deixou um vazio imenso em nossas vidas; mas o legado de força e amor que ele nos deixou me tornou um homem melhor e continua vivo em meu coração, porque ele era extraordinário!

Medeiros

Jacinta Maria Kohler TEIXEIRA

Era uma vez um menino chamado Medeiros, que nasceu prematuro, com 6 meses e 15 dias, e foi abandonado no hospital. Mas ele logo foi adotado e seus pais adotivos ficaram muitos felizes com a adoção.

Com pouco mais de um ano de idade, seus pais perceberam que havia algo diferente e, depois de muitos exames, eles descobriram que Medeiros tinha Transtorno do Espectro Autista (TEA) com nível 3 de suporte e deficiência intelectual.

Aos 4 anos, Medeiros começou a frequentar a APAE de diferentes cidades. E atualmente, com 29 anos, infelizmente ele ainda apresenta muitas dificuldades. Sua condição o impossibilita de conseguir falar e entender. Medeiros pode ter outras deficiências ainda não foram diagnosticadas.

O TEA, que no caso de Medeiros apresenta o nível 3 de suporte, precisa de apoio muito substancial, e tem grandes limitações. Os sintomas são “atraso no desenvolvimento da linguagem; hábito de balançar ou bater as mãos; diminuição de contato visual; dificuldades de fazer pedidos usando a linguagem.” (FCEE, 2022).

É essencial conhecer cada nível de TEA e da deficiência intelectual, para que os profissionais possam diferenciar os tratamentos adequados. A partir dessas informações, pais, professores e outras pessoas que lidam com crianças e adultos com TEA e deficiência intelectual, podem criar estratégias para melhorar a qualidade de vida e a interação social da pessoa com deficiência.

Medeiros continua frequentando a APAE. Nesse lugar, ele aprendeu muitas coisas funcionais, como ir ao banheiro, comer e beber água sozinho. Apesar de ter essas deficiências, ele é um rapaz muito carinhoso e amoroso.

Um verdadeiro presente

Diolanda Vargas da SILVA

Em meados dos anos 90, no interior do Rio Grande do Sul, vivia uma família de sete irmãos, sendo todos adolescentes, ou seja, com idades de 12 a 19 anos. Quando a avó materna, que morava em outra casa, morreu, ela deixou órfão um filho que ainda morava com ela. Ele era tio dos adolescentes e se chamava Tito. Assim, a irmã de Tito, que era casada e mãe dos sete adolescentes, apesar de saber das dificuldades que enfrentaria, decidiu “adotar” o irmão. Tito era um garoto diferente, ele tinha o diagnóstico de deficiência intelectual.

A família enfrentou o grande desafio de adaptação de todos, pois eles não entendiam e não sabiam como se comunicar. A rotina que antes era, para Tito, viver numa casinha no sítio, distante de todos e convivendo apenas com sua velha mãe, agora havia mudado e estava completamente diferente do que ele estava acostumado. Tinha mais movimentos e ele não sabia o lugar das coisas, era uma confusão. Mas não demorou muito para que todos se conhecessem bem e superassem as dificuldades de comunicação, Tito era esforçado e muito amado por todos.

Quando entrei para essa família, logo percebi que era uma família muito unida e disposta a ajudar Tito em tudo. Tito ficou responsável pelos menores, que sabiam mais do que o tio, mas o respeitavam e conseguiam se comunicar com ele. Todos precisaram aprender a forma de comunicação com escassez de palavras, e com apenas alguns balbucios. Mas o compreendiam perfeitamente e se faziam entender.

Infelizmente, sem recursos e vivendo isolado com a mãe, Tito não teve oportunidades de ter acompanhamento com diferentes profissionais para ajudar no seu desenvolvimento, tampouco teve muito contato com pessoas para poder desenvolver a linguagem oral. Tito nunca frequentou uma escola. Mas seu pai, que trabalhou como segurança na escola que ficava em frente à sua casa, um dia ficou sabendo que Tito poderia estudar na Educação de Jovens e Adultos, a EJA. Assim, ele foi matriculado e estudou quatro anos. Tito foi acolhido e teve muito auxílio de professores e da comunidade em geral para se

desenvolver, ele aprendeu a escrever seu nome, a ler (ou reconhecer) algumas palavras e fez alguns amigos.

Hoje Tito tem 57 anos e tem uma vida muito mais agitada. Ele participa de eventos na igreja local, ampliou o vocabulário e consegue se comunicar melhor e é respeitado e muito amado por toda a família. Tito é um verdadeiro presente.

O sentimento de culpa

Gianina Edelweiss GIANINI

Havia uma menina, filha de uma família amorosa e com uma educação cristã, que se chamava Ana e estudava numa escola particular, com bolsa de estudos. Ana Sempre foi uma boa aluna, tanto no desempenho acadêmico quanto em seu comportamento e interação social com professores e colegas de classe. E ela se orgulhava disso.

No quarto ano, uma nova aluna passou a integrar sua turma. O nome dela era Carol. Ela era diferente das outras meninas. Era a maior da classe, era forte e tinha um odor que chamava atenção. Além disso, seu comportamento era único, não gostava de conversas. Nem Ana, nem o restante da turma, estavam acostumados e familiarizados com as características e peculiaridades de Carol. Ninguém sabia exatamente como lidar com ela, inclusive os professores. Tentavam sempre integrar Carol com a turma, mas nem sempre isso acontecia.

Certa vez, alguns alunos estavam sozinhos na sala de aula, e a aluna Carol ainda não tinha chegado. Como eles sabiam que ela tinha medo de insetos, resolveram fazer-lhe uma brincadeira de mau-gosto. Eles pegaram uma borboletinha que estava morta no chão da sala, e convenceram Ana a colaborar. Talvez para parecer “descolada” diante da turma, Ana, que nunca havia feito mal a ninguém, foi a responsável por colocar a borboletinha morta sobre a cadeira de Carol.

Quando Carol chegou à sala, e se deparou com o inseto, teve uma crise de pavor e saiu gritando e chorando. Naquele momento, Ana percebeu o que tinha feito e se sentiu péssima. Não sabia como lidar com isso, mas quando a professora e a direção questionaram a turma, Ana assumiu a culpa. E, de fato, o sentimento de culpa era muito grande. A partir daquele dia, Ana tentou se redimir todos os dias.

Ela pediu perdão à Carol, mas o sentimento de culpa por ter magoado alguém a acompanhou por muito tempo.

Com o ocorrido, Carol se isolou ainda mais e, no ano seguinte, não voltou para a escola. Ana não soube mais de Carol, e aquele sentimento de criança moldou sua vida. Daquele dia em diante, ela passou a defender todas as crianças que eram rejeitadas de alguma forma, com a esperança de que Carol pudesse ter encontrado melhores amigos e que tenha tido momentos bem mais felizes.

Professor de literatura

Josele das Dores Cavalcante da SILVA

A minha luz é a tua voz
E a minha voz é meu tocar
Eu penso, imagino o teu olhar!

Agora, tira a venda dos teus olhos
Fecha a boca e abra o coração
Abra a mente e me dê um abraço
Só não dê espaço para exclusão!

Incluir para sentir, para ouvir, para falar,
E, nas diferenças, harmonizar
Assim realizo meu lecionar
Com o coração, o amor e o bem

Lembre-se sempre, se eu posso,
você pode também!

João

Flávia Regina GOMES

Quando tive contato com o João, ele estava cursando o nono ano, em 2018. João era um rapaz calmo e discreto. Ele tinha o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e contava com o apoio de uma professora de apoio, conhecida na escola como “professora dois”, que o acompanhava durante as aulas.

Apesar de estar na mesma sala que os demais colegas, João realizava atividades adaptadas, adequadas ao seu nível de desenvolvimento, que segundo orientações médicas e pedagógicas, era semelhante ao de alunos da quinta série.

Ele permanecia no mesmo ambiente, mas seu processo de aprendizagem seguia uma dinâmica diferenciada, respeitando suas necessidades. Lembro-me de que os professores faziam questão de conversar com ele, sempre com muito cuidado, procurando envolvê-lo de maneira respeitosa, ainda que com uma linguagem mais acessível. Muitos colegas, principalmente aqueles que tinham irmãos mais novos, também buscavam interagir com ele e incluí-lo nas atividades.

João demonstrava maior participação e integração nas aulas de Artes e Educação Física. Nessas disciplinas, onde o conteúdo era mais prático e menos dependente de habilidades cognitivas complexas, ele se mostrava ativo, colaborando tanto em atividades em grupo como nas individuais. Era perceptível o carinho e o respeito com que era tratado pelos colegas. Durante os intervalos, João costumava estar acompanhado da professora de apoio e, às vezes, interagia com outros estudantes da educação especial. Não me recordo de vê-lo em interação com alunos mais velhos, mas ele parecia estar inserido dentro de um grupo com o qual se sentia confortável.

Na época, como colega de João, eu observava tudo com certo estranhamento, talvez por falta de compreensão ou maturidade sobre o que de fato era a educação inclusiva. Achava bonito o esforço dos professores e colegas para incluí-lo, mas confesso que não refletia profundamente sobre o que aquilo significava. Parecia “natural” que ele fizesse atividades diferentes, mas hoje percebo que nem sempre essa prática garante a verdadeira inclusão.

Saber que ele concluiu seus estudos mostra que, apesar dos desafios, ele conseguiu avançar em seu processo de aprendizagem e vencer barreiras. Isso me fez refletir ainda mais sobre o poder da inclusão, quando feita com respeito, paciência e amor.

Hoje, após estudar sobre educação inclusiva na graduação em Pedagogia, meu olhar mudou completamente. Compreendo que inclusão não é apenas permitir que o aluno esteja fisicamente na

sala de aula, mas sim garantir que ele tenha oportunidades reais de aprender, se expressar, participar e se desenvolver junto aos demais. A história de João me marcou e reforça o quanto o acolhimento, o apoio especializado e o respeito às individualidades fazem diferença na vida de uma pessoa.

Lucas

Bruna de Avila PIETRO

Lucas nasceu em uma época em que a síndrome de Down gerava ainda mais preconceito do que se percebe atualmente. A Síndrome de Down (ou trissomia do cromossomo 21) é uma condição genética que resulta de um erro na divisão celular na divisão embrionária. Os síndrômicos possuem três, em vez de dois cromossomos no par 21. Apesar de ter uma origem desconhecida, essa alteração cromossômica é a mais comum em humanos e é a principal causa de deficiência intelectual na população (BRASIL, 2024).

Seus pais, já com mais de 40 anos, mantinham-no isolado em casa na tentativa de protegê-lo de olhares e comentários desagradáveis. Lucas saía apenas para consultas médicas. Isso fez com que Lucas passasse os primeiros anos de vida sem receber os estímulos adequados; e, assim, como não houve a introdução de alimentos sólidos, Lucas não aprendeu a mastigar e, com medo de que o menino sufocasse e por total desconhecimento, seus pais continuavam alimentando-o quase que exclusivamente com gelatinas e alimentos pastosos.

Maria, funcionária da lanchonete da família, desconfiou que algo estava errado, pois um dia ela encontrou Lucas sentado à mesa da cozinha. Ele mal conseguia se sustentar. Já havia alguns meses que ela estava trabalhando lá, de modo que se sentiu confortável para conversar com a mãe, que lhe contou que o menino não saía de casa. Assim, Lucas não recebia os cuidados adequados.

Maria, então, tomou a iniciativa de sugerir uma alimentação mais nutritiva. Com o consentimento da mãe, ela começou a introduzir novos alimentos e, algum tempo depois, Lucas já estava mais forte e até conseguia sentar-se melhor. O grande momento aconteceu quando Lucas, sentindo-se mais confiante, começou a gritar “MAÍÁ”

quando estava com fome. Isso chamou a atenção do pai, que até então não sabia da mudança. Maria então contou ao pai sobre os cuidados e a mudança na alimentação que estava fazendo a Lucas.

Dessa forma, com os progressos do menino, os pais perceberam que poderiam ter mais qualidade de vida com o filho se investissem em acompanhamentos e terapias. Eles, então, retomaram o trabalho de fisioterapia (que antes pensavam não estar dando resultados) e investiram também na equoterapia, levando Lucas para a hípica, o que ajudou muito no seu desenvolvimento e equilíbrio.

A equoterapia é uma abordagem indicada para desenvolver várias habilidades nas crianças de maneira divertida e educativa, principalmente em crianças com transtornos ou deficiência intelectual. Essa terapia estimula a motricidade, além de ser importante para a promoção do desenvolvimento global, pois a consciência de si mesmo e do mundo pode ser proporcionada pela exploração dos movimentos e a relação com o cavalo (que é um animal dócil), resultando em confiança e independência na realização de atividades da vida diária (Ramos; Muller, 2020).

Com essa mudança de tratamento, Lucas começou a interagir mais com todos a sua volta, ganhou força e passou a se expressar melhor. E, com o apoio de Maria, que havia se tornado uma presença constante em sua vida, Lucas conseguiu superar barreiras que antes todos avaliavam como sendo intransponíveis. Sua história é um exemplo de como a dedicação e atenção podem transformar uma vida e mudar a forma como as pessoas enxergam crianças com síndrome de Down, por mais que a amem e queiram seu bem. Sempre é possível mudar e, como diz um provérbio, o que se faz por amor se faz melhor.

Situação de exclusão que vivenciei

Mikaela Luana de CAMPOS

Eu sou monitora escolar e trabalho com uma menina de 17 anos que está no Ensino Médio. Ela tem autismo (TEA) nível 3 de suporte e é não-verbal. Ela não se desenvolveu cognitivamente e sequer

desenvolveu a escrita. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que estabelece uma condição no sujeito que o acompanha por toda vida, trazendo desafios na comunicação e na interação social. De acordo com Varela (2023, online), o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) apresenta a classificação do autismo em três níveis de suporte, dependendo das dificuldades observadas nos indivíduos do espectro. A pessoa que está no nível 3, como é o caso da personagem deste relato, é muito dependente e precisa de um suporte constante para conseguir fazer as tarefas simples de sua rotina. “São indivíduos de poucas palavras [...]. Quando reagem a algum tipo de abordagem, adotam comportamentos incomuns e precisam de uma informação muito direta para conseguir interagir.” (Varela, 2023, online).

As leis, desde a Constituição Federal (1988), garantem o direito de todas as pessoas serem incluídas na sociedade, assim como há outros documentos legais com propostas, ações e planos que garantem ao educando com deficiência o direito a receber uma educação com adaptações e currículo flexibilizado para atenderem às necessidades educacionais de cada um. Mas, na prática, eu percebo que nada disso acontece.

Não é bem uma inclusão que vejo acontecer na escola em que trabalho, pois a menina que acompanho fica excluída do grupo num canto da sala. Nenhum dos alunos fala com ela, sequer há uma aproximação. Ela quase não é incluída nas atividades desenvolvidas em sala. Há alguns poucos professores que realmente querem que ela participe, que tentam se comunicar com ela, perguntam como está e propõem atividades para que eu possa desenvolver com ela.

É muito difícil lidar com isso todo os dias. As estagiárias e as outras monitoras são as pessoas que mais conversam e dão atenção a ela. Eu sempre trabalho com ela atividades de letras, números, desenhos. Ajudo-a nos intervalos com o lanche, levo-a ao banheiro. Acompanho-a na informática, que é um lugar que ela gosta muito, pois assistimos a desenhos educativos, além de jogos de reconhecimento de letras e números por desenhos. Nessas atividades, ela reconhece bem as letras, números e animais.

Eu percebo que ela entende bem o que eu falo, porém não tem muita comunicação comigo. Se eu pudesse imaginar o fim da história dela, eu imaginaria que ela tinha uma amiga, e que elas faziam noite das meninas para assistirem a filmes juntas. Assim todas as pessoas ao redor dela poderiam perceber o quanto ela é inteligente e sensível.

Uma escola inclusiva

Maiara VINOTTI

Quando eu era criança, estudava numa escola pública. Um dia, enquanto conversava com algumas colegas minhas, no recreio, houve uma grande movimentação dos alunos. Todos se aglomeraram na entrada da escola. Eu e minhas colegas nos aproximamos também; fomos tentar saber o que estava acontecendo. Parecia que havia sido algo muito grave, pois os alunos olhavam perplexos para algo.

Quando conseguimos chegar mais perto, avistamos uma menina, um pouco mais velha, numa cadeira de rodas. Era a primeira vez que víamos uma criança em cadeira de rodas, era a primeira vez que eu via alguém numa cadeira de rodas. Aquilo me deixou intrigada e eu fiquei pensando como seria a rotina dela, como ela se sentia, se ela era feliz do jeito que vivia.

Ela era uma aluna nova e durante algum tempo, fiquei a observando no recreio e percebi que, aos poucos, ela foi sendo bem aceita pelas pessoas da escola. O impacto do primeiro dia foi sendo diluído e a presença dela foi se normalizando. Comecei a admirar como ela tratava as situações, e, mesmo sem saber, ela foi um grande exemplo para mim; porque, apesar das dificuldades, eu nunca a vi triste. Ela estava sempre sorrindo. Acho que era uma menina feliz!

Em minha memória, guardo lembranças dela sempre cercada de amigas, rindo e conversando. Eu pessoalmente, nunca tive contato com ela, estudávamos em turmas e séries diferentes, mas em conversa com algumas amigas, descobri que aquela garota havia sido excluída em outras escolas, onde colegas e professores faziam bullying em relação a sua deficiência, eram intolerantes. A menina sofria com o capacitismo.

Capacitismo é a discriminação e o preconceito social contra pessoas com alguma deficiência. E bullying é uma palavra de origem inglesa que designa atos de agressão e intimidação repetitivamente contra um indivíduo que não é aceito por um grupo geralmente ocorre na escola.

Eu fiquei triste ao tomar conhecimento do sofrimento dela, mas, ao mesmo tempo, fiquei muito orgulhosa de ver que ela estava sendo bem tratada na minha escola; que ela estava rodeada de amigas que a ajudavam a fazer as coisas, que empurravam sua cadeira de rodas e tentavam fazer com que ela se enturmasse de forma natural. Isso era gratificante para mim. Eu não tinha contato com ela, mas me sentia parte desse grupo que a aceitava do jeito que ela era.

Os professores da minha escola não a tratavam de forma especial, eles cobravam o respeito e o compromisso com as atividades dela da mesma forma que cobravam dos demais. Ela não tinha privilégios, e nem precisava; pois mostrou que aprendia igual a qualquer um dos alunos. Isso me fez ver que todos somos capazes, não importa as nossas limitações. E o que todos precisamos é RESPEITO.

Laura

Ana Paula Muzel LEMOS

Quando Laura tinha 8 anos de idade, ela morava no interior de São Paulo com sua mãe, seu pai e seus dois irmãos caçulas. Sua vida nunca foi fácil, pois, desde a infância, teve de assumir responsabilidades de adulto, mesmo com tão pouca idade. Ela estava na segunda série do Ensino Fundamental de uma escola pública, e, apesar dos conflitos que ela enfrentava na vida, sempre foi uma aluna exemplar, de referência para os professores e com notas acima da média. Porém, nunca teve muitos amigos, pois uma das características marcantes de Laura era ela ser muito tímida e introvertida. Ela tinha dificuldade em construir vínculos e relações de amizade.

Naquele mesmo ano, Laura já tinha passado por algumas situações nas quais sofreu bullying, porque, além de ser tímida e uma criança que não conversava muito, sua aparência era motivo de piada

entre os outros colegas de sala. Ela sempre precisou usar óculos desde que se entendia por gente, usava o cabelo preso baixinho e dividido ao meio, e suas roupas não eram das mais populares da época, porque sua mãe não tinha condições de comprar coisas novas o tempo todo. Então, com certa frequência ela percebia que as outras crianças estavam falando e rindo dela, além de a chamarem com palavras pejorativas (coisas que ela não entendia bem na época), mas sentia que não eram agradáveis, ela ficava triste e chorava com tudo o que acontecia.

No Brasil, a Lei nº 13.185/2015 define o bullying como intimidação sistemática, e caracteriza-o pela ocorrência de atos de violência física ou psicológica, humilhação ou discriminação, incluindo ataques físicos, insultos, comentários e apelidos pejorativos, entre outros. (Brasil, 2015).

Na escola em que estudava, havia uma cantina que vendia minipizzas por um real, e mesmo não tendo condições financeiras para comprar, teve um dia específico em que sua mãe conseguiu dar esse dinheiro para ela. Laura ficou muito feliz e, no intervalo, foi comprar sua minipizza. Nesse dia, Heitor também estava lá na cantina. Mesmo não entendendo bem o porquê de ele ser diferente, Laura nunca se incomodou e nem o via com um olhar de desdém, ainda que as pessoas falassem pelos cantos que não era para chegar perto do Heitor e nem sequer olhar diretamente nos olhos dele, visto que ele era imprevisível e poderia ter atitudes não tão legais. Heitor era uma criança com síndrome de Down.

A Síndrome de Down (ou trissomia 21) é uma alteração genética causada por um erro na divisão da célula na fase embrionária da gestação. Essa alteração acontece no cromossomo 21, que ao invés de se dividir em par, faz a divisão em três. Assim, possuem 47 cromossomos, enquanto as células das pessoas típicas têm 46. Esse acidente genético causa alterações físicas e comportamentais e comprometimento intelectual. (Brasil, 2024, online).

Depois de comprar sua minipizza, Laura foi até um escorregador que tinha ao lado de uma escada, e ali se sentou para comê-la. Porém, no caminho, Laura havia feito o que sempre diziam para

não fazer: olhar diretamente nos olhos de Heitor. Alguns segundos depois, Laura foi surpreendida com um chute em suas costas, e sua minipizza voou para longe. Ela não entendeu o que tinha acontecido, começou a chorar por causa da dor e da frustração. Só depois de um tempo, ela percebeu que havia sido o Heitor quem tinha lhe batido nas costas. Laura sentiu-se frustrada e angustiada, pois não sabia o que fazer, apenas pegou sua minipizza de volta do chão e foi para a sala de aula triste.

Laura nunca mais se esqueceu desse episódio que aconteceu na infância. Ela lembra dele até hoje, quando já está na fase adulta. Naqueles dias, ela não tinha ficado com raiva do Heitor, porque no fundo ela sabia que ele devia ter algum motivo para agir daquele jeito. Ela passou a tomar mais cuidado para que isso não se repetisse e, assim, viveu seus dias escolares normalmente. Houve muitas outras situações, nas quais Laura sofreu bullying dos colegas. Quando Laura reclamava ou chorava, os adultos costumavam dizer frases como “é só brincadeira, não liga pra isso!” ou “quando crescer passa!”. Podiam até achar que era brincadeira, mas para Laura, era sofrimento.

Laura teve de aprender a lidar com esses sofrimentos sozinha, pois em casa a mãe já enfrentava muitos problemas com o pai, com os seus irmãos mais velhos, com a falta de dinheiro, com o aluguel da casa, com dificuldades no trabalho. Era comum para Laura ver a mãe triste, cansada e, às vezes, chorando. Então, Laura não queria levar mais problemas para a mãe. Assim, ela teve de aprender a ser forte e a nunca deixar de ser quem ela era.

Laura usou todo o sofrimento que viveu como combustível para crescer e se dedicar aos estudos. Ela sabia que aquela era apenas uma fase e acreditava que tudo ia melhorar e que ela ainda iria se tornar uma mulher de sucesso. E ela sabia que, para mudar a situação em que estava não podia ficar esperando por mágica ou milagre. Só com o estudo, ela poderia transformar sua vida, e estudar era uma coisa da qual ela se orgulhava em ser boa. E ela venceu!

O meu astronauta

Keren Taynara ANTUNES

Ao que me recordo, meu irmão sempre foi uma criança muito tranquila, daquelas que nem parecia ter criança em casa de tão quietinho, oposto de mim. Quando iniciou no jardim de infância, logo a professora notou algo diferente, e passou a observá-lo mais de perto. Alguns meses se passam, algumas reuniões de classe acontecem, até que a professora resolveu chamar meus pais para uma conversa juntamente com a orientadora:

– Boa tarde, tudo bem, pais? Eu gostaria de conversar com vocês dois um pouco mais sobre como o Cadu é em casa, como foi o período de gestação?

Minha mãe, já receosa, logo questiona:

– Por que, professora?

– Desde o início do ano letivo venho observando o Cadu, mãe, e gostaria de saber mais como é a rotina dele, o dia a dia dele com vocês.

Então meus pais começam a contar como ele é em casa, minha mãe descreveu como foi a gravidez e como era nossa relação.

– A gravidez do Cadu foi mais tranquila do que a da nossa primeira filha. Tirando que eu passei muito medo, pois ficava sozinha com a Taynara pequena e eu grávida, porque o Fábio trabalhava viajando e ficávamos longos períodos sozinhas.

– E o parto mãe, foi normal ou cesariana?

– Foi cesárea. Nasceu com nove meses, com 3 quilos e 400 gramas, saudável.

– E o senhor, estava presente, pai?

– Não, não, eu estava em outro estado trabalhando. Cheguei alguns dias depois dele ter nascido.

– O Cadu demorou para andar e falar?

– Sim! Acho que demorou para andar pelo fato de ser gordinho e preguiçoso.

– Hum, tá bom! E a relação dele com a irmã, como é?

– Normal, em algumas horas se amam e em outras estão brigando, como todo irmão e irmã.

Meu pai, já cansado e preocupado com tantas perguntas a respeito do meu irmão, resolveu perguntar de uma vez:

– Tudo bem, professora, respondemos a todas as perguntas, porém a senhora ainda não nos falou o motivo real de nos chamar aqui. O que está acontecendo?

– Vamos lá, D. Jandira e seu Fábio. Desde o início tenho notado que vocês são uma família bem unida e que vocês são muito presentes na vida escolar das crianças. O Cadu, ao contrário das demais crianças da sala de aula, não me dá trabalho algum. Sempre quietinho, porém isso me despertou uma atenção maior para com ele.

Meus pais ficam confusos se olhando já que, era para ser bom ele ser mais tranquilo.

A professora continuou:

– Notei que, enquanto as outras crianças estão tendo algum tipo de evolução, o Cadu ainda está com dificuldades. Como por exemplo, pais, algumas já conseguem contar até dez e sabem diferenciar os números.

Novamente meus pais questionam:

– Isso não é normal?

Então a professora começa a explicar a partir das perguntas respondidas, o motivo pelo qual estavam ali.

– Sim! É normal, cada criança tem seu tempo. Mas eu gostaria de encaminhar o Cadu para uma consulta com uma psicopedagoga. O que vocês acham? Tudo bem?

Meus pais ficaram apreensivos, mas sempre tiveram uma mente muito aberta, e concordam. Começa então uma verdadeira maratona.

Meu irmão passou por vários médicos, psicólogos, fonoaudiólogos e até neuropediatra. Depois de tantos exames e entrevistas, finalmente se chegou a uma conclusão: um laudo de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade). De início, meus pais tomaram um susto, mas é claro! Afinal eles nunca tinham ouvido sequer falar disso.

Começaram as perguntas mais clichês:

– E agora? Como vai ser? Meu filho vai ter uma vida normal? Como vai ser na escola?

Com as perguntas também vem o medo, a insegurança e a sensação de incapacidade, principalmente por parte da minha mãe.

Entre vindas e idas ao médico, fomos entendendo mais sobre o que era o TDAH. Que sim, ele teria uma vida normal, com algumas dificuldades, entretanto, nada que o impedisse de realizar as coisas.

Tarefas tidas como fáceis, às vezes para o Cadu eram difíceis, principalmente se eram de memorizar. Foi muitíssimo importante o acompanhamento médico, tanto para meus pais, quanto para meu irmão. Mais ainda aquele olhar atento da professora na Educação Infantil, que foi o estopim para investigar mais a fundo.

Nos dias atuais, meu pequeno grande irmão tem 22 anos de idade, terminou os estudos com um boletim de dar inveja (bem diferente da irmã), trabalha, e está se preparando para fazer o Enem e tirar sua carteira de motorista.

Gosto de me referir a ele como o meu "astronauta". Por quê?

Porque ele, muitas vezes, está no mundinho só dele, e também por conta de uma música, que para nós tem um sentido diferente. A música do Nenhum de Nós - O astronauta de mármore.

A Lua inteira agora é um manto negro-ô / O fim das vozes no meu rá-di-o ô-ô / São quatro ciclos no escuro deserto do céu / Quero um machado pra quebrar o gelo-ô / Quero acordar do sonho agora mesmo-ô / Quero uma chance de tentar viver sem dor / Sempre estar lá / E ver ele voltar / Não era mais o mesmo / Mas estava em seu lugar. (Stein et al, 1998)

Meu primo

Everton do Nascimento SOUZA

Nascemos no mesmo ano, ele e eu, porém em cidades diferentes. No decorrer de sua vida, algo aconteceu: depois de ter tido meningite, ele acabou perdendo o sentido da audição, que comprometeu o desenvolvimento da sua fala, mas ele foi crescendo e recebendo acompanhamentos médicos.

A meningite é uma inflamação que ocorre nas meninges, “que são as três membranas que [...] protegem o encéfalo, a medula espinhal e outras partes do sistema nervoso central.” (Brasil, 2022, on line). É uma doença, causada por vírus ou bactéria, que pode acontecer em qualquer idade, mas as crianças menores de cinco anos são mais acometidas. E problemas de audição, entre muitos outros, é uma das possíveis sequelas.

Por um período em que moramos próximos, ele foi se desenvolvendo. Lembro-me de quantas vezes brincávamos com todos, sem nos preocupar, mas com meu primo, com sua deficiência, às vezes, era difícil de se comunicar. Minha tia auxiliava na comunicação entre os primos.

Estudávamos em escolas diferentes, mas eu acredito que ele tenha passado por algumas adversidades na escola, porque os surdos eram vistos com preconceito. Naquela época, na década de 1980, era completamente diferente do que é hoje; não havia inclusão, não se falava sobre direitos de educação, não havia essa compreensão da pessoa com deficiência. Mas ele, com toda dificuldade, foi crescendo. Meus tios se comunicavam com ele por meio de sinais, e com o passar dos anos, ele aprendeu a fazer um pouco a leitura labial, que até hoje ele utiliza.

Lembro de muitas ocasiões, nas quais passávamos o Natal juntos, tínhamos um melhor entendimento por sermos todos da família. Com o passar dos anos, ele foi crescendo e teve oportunidade no mercado de trabalho. Ele foi trabalhar numa grande rede de supermercados, e lá ele começou a aprender como fazer doces, bolos e salgados. Ele foi desenvolvendo essas habilidades, e iniciou uma nova fase

da vida. Esse aprendizado foi um pontapé para que ele tivesse sua própria doceria. Ele desenvolveu confiança, fez cursos e descobriu sua profissão. Assim, até hoje, ele continua aprimorando e vendendo seus doces, que fazem muito sucesso.

Quando era mais jovem, meu primo frequentava uma associação de surdos. E lá, além de ter contato com outros surdos, ele conheceu a sua esposa, que também é surda. Eles namoraram e se casaram. Tiveram dois filhos e construíram uma família feliz e unida, como todas deveriam ser.

Mônica e a feira de matemática

Ana Maria HASCKEL

No dia a dia, não é incomum encontrarmos pessoas com limitações ou deficiência, sofrendo algum tipo de preconceito ou exclusão, seja de forma direta, ou indireta. Uma vaga de estacionamento para deficientes que não foi respeitada, uma faixa de pedestres sem rampa de acesso ou mesmo na indiferença a alguém que esteja com algum tipo de dificuldade.

Deixar de oferecer ajuda, fingir que não viu ou que não é com você, olhar de forma pejorativa e discriminatória, com medo, nojo ou pavor. Atitudes que não precisam de palavras, mas que, num simples gesto, podem ferir o outro. É preciso entender que a inclusão se faz necessária em uma sociedade que se diz evoluída, que prega o princípio de igualdade e fraternidade.

Lembro-me de uma história que aconteceu em minha escola, quando eu tinha uns 13 ou 14 anos e estava cursando as séries finais do Ensino Fundamental. Em nossa turma, havia uma menina bem mais velha, sempre desconfiada, muito tímida e introspectiva. Mônica era seu nome, mas pouco se ouvia sua voz, a não ser na hora de responder a chamada. Ela parecia estar num mundo só seu, sempre isolada e pouco participativa, tinha muitas dificuldades de aprendizagem e constantemente ficava atrasada nas atividades. Nunca soube se ela tinha algum laudo, naquele tempo isso não era questionado, tampouco havia qualquer movimento de atendimento especializado na escola.

Foi por ocasião da “feira de matemática”, que era um evento que envolvia todas as turmas da escola, quando estávamos nos preparando, que a professora de Ciências veio à nossa sala para conversar com a professora de matemática, que estava em nossa turma, para definir alguns detalhes. Lembro-me de que estávamos bastante empolgados, imaginando o que faríamos para apresentar na feira.

Ao formar nossos grupos, tivemos liberdade para escolher, desde que tivesse o número mínimo estipulado pela professora. Isso foi muito bom, pois iríamos fazer o grupo com pessoas com as quais tínhamos afinidades. Para a formação, a professora definiu os líderes de cada grupo e eles iam escolhendo seus colegas para formar a equipe. Mas Mônica, a menina com dificuldades, não foi escolhida por nenhum grupo. Ninguém queria fazer trabalho com ela.

A professora de matemática, ao perceber que ela não havia sido inserida em nenhum grupo, interveio questionando a turma sobre o motivo de ela não estar participando com ninguém. A professora de Ciências, que também dava aula para nossa turma e que conhecia as dificuldades e o baixo rendimento daquela menina, esboçou uma reação muito preconceituosa e excludente. Ela falou que entendia os motivos de a turma excluir a colega, pois, com aquele baixo rendimento e tanta preguiça, ela também não colocaria a menina em seu grupo. Afinal não entrava numa competição para perder.

Era nítido que a professora de matemática não compartilhava do mesmo pensamento e, assim que a professora de Ciências se despediu, voltou-se para toda a turma e nos perguntou quais eram nossos medos e fraquezas, quais eram nossos sonhos e objetivos. Disse ainda que uma pessoa nunca deveria ser comparada a outra, tampouco medida em fragmentos. Que éramos um todo, feito de diversas pequenas partes, com habilidades e conhecimentos, alguns maiores, outros menores, mas que aquilo tudo fazia parte de um todo, e esse todo era único, singular e exclusivo. Assim, se quiséssemos obter êxito na vida, o primeiro passo seria trabalhar na identificação das qualidades e potencialidades de cada um, extraindo o que há de melhor e, posteriormente, analisar em quais pontos poderíamos

evoluir. Mas nunca, em hipótese alguma, deveríamos ser aquele que apenas olha para o outro e aponta suas falhas, lançando-lhe críticas e julgamentos.

Quando ela terminou de falar, um grande silêncio tomou conta de toda a sala. Nenhum de nós tinha coragem de encarar aquela menina, pois ali, todos a tínhamos julgado e condenado da forma mais vil e leviana, sem nem ao menos tentar conhecê-la melhor, extrair suas potencialidades ou oferecer ajuda nas suas dificuldades e limitações.

Sáímos para o recreio, ainda atordoados com todo o ocorrido e cheios de culpa. No pátio, vários colegas foram ao encontro daquela menina, perguntando se ela gostaria de entrar em seus grupos. No retorno para a sala, a professora perguntou-lhe se ela já tinha grupo. Foi então que, toda animada, relatou ter recebido vários convites e que não tinha feito sua escolha. Pediu ainda aos demais grupos desculpas ter de fazer uma escolha, pois sua vontade era de poder participar um pouco com cada um, mas ela precisava escolher apenas um.

Vendo a felicidade de Mônica e sua sensibilidade e gentileza, a professora sugeriu que ela poderia ser uma espécie de ponte entre todos os grupos, sem a necessidade de ficar apenas em um deles, participando ativamente e promovendo a integração entre toda a turma, afinal, éramos uma equipe e deveríamos mostrar que juntos éramos mais.

Naquele tempo eu não tinha noção, mas hoje percebo a grandeza do ato da professora de Matemática e o quanto ela foi sábia ao solucionar esse impasse. Ela é uma inspiração. Eu espero ter um pouco de sua sabedoria ao atuar como pedagoga no futuro.

Alice bancária

Geneci dos SANTOS

Aos seis anos de idade, Alice brincava com seus primos no quintal da casa de sua avó. E estavam lá os três primos brincando, quando um deles, que se chamava Pedro, quebrou uma garrafa de vidro, e um dos cacos atingiu o olho esquerdo de Alice. Pedro ficou assustado e chamou rapidamente a avó.

A avó correu para o quintal para saber o que se passava. E Pedro em prantos assumiu que havia machucado a prima. A avó então foi em direção da Alice, que também está chorando, desesperada, com suas mãos no rosto.

A avó levou a menina em seus braços, e a colocou deitada no sofá da sala. Em seguida, ela ligou para o serviço de atendimento móvel de urgência (SAMU), pedindo socorro.

Após alguns minutos, a ambulância chega e os socorristas colocam Alice no veículo e a levam para o hospital, que ficava um pouco longe. Chegando no hospital, Alice foi para a cirurgia, para tentar recuperar o olho. Depois de algumas horas, o médico chamou a avó para conversar.

Então ele disse que tentaram salvar o olho de Alice, mas, infelizmente, a perfuração havia sido muito profunda. Assim, ela ficaria cega do olho esquerdo.

A vovó ficou inconformada, não acreditava no que havia acontecido com a neta e se lamenta: “E agora como será que ela vai aceitar isso?”

Alice ficou alguns dias em tratamento no hospital. E, quando teve alta, precisou ainda ficar de repouso e receber muitos cuidados até a cicatrização do ferimento.

Como Alice era uma criança, a aceitação foi fácil. Ela teve uma boa adaptação em viver em sociedade enxergando somente com um olho. Ela foi crescendo, na escola foi motivo de algumas piadas, mas ela não se deixava diminuir por isso.

Quando ficou adulta, Alice cursou faculdade, formou-se em Administração e, hoje, ela trabalha num Banco. Alice tem uma vida normal, dentro de suas limitações. Apesar das dificuldades por perder a visão em um dos olhos, Alice nunca desistiu de alcançar seus objetivos de vida.

Viver com epilepsia

Vera Lucia Silva MIGUEL

Foi no ano de 2008 que minha vida mudou completamente. Eu tinha uma rotina sem grandes preocupações com minha saúde. E, até

então, nunca havia me passado pela cabeça que algo pudesse estar acontecendo dentro do meu corpo, algo que eu não controlava. Mas, num dia comum, no trabalho, eu senti pela primeira vez o que mais tarde seria identificado como uma crise convulsiva.

Lembro-me de acordar no chão, cercada por colegas preocupados e sem entender o que tinha acontecido. A sensação de não ter controle sobre meu próprio corpo me aterrorizou. Poucos dias depois, após uma série de exames e consultas médicas, veio o diagnóstico: eu tinha epilepsia. A palavra parecia pesada, difícil de assimilar, mas ela trouxe a explicação para os episódios que eu havia tido.

A epilepsia ocorre quando “durante alguns segundos ou minutos, uma parte do cérebro emite sinais incorretos, que podem ficar restritos a [determinado] local ou espalhar-se.” Por isso, essa condição é conhecida como “uma alteração temporária e reversível do funcionamento do cérebro,” e sua causa não tem relação direta com uma febre, uso de drogas ou quaisquer distúrbios metabólicos. (Frasão; Marcial, 2022).

Depois daquele episódio, passei a conviver com a ideia de que poderia ter uma convulsão a qualquer momento. As convulsões, que antes eram uma surpresa assustadora, tornaram-se uma presença constante na minha vida. Às vezes, eram sutis, outras vezes intensas, mas sempre imprevisíveis. Eu precisei aprender a conviver com elas, pois nunca sabia quando viriam ou como iriam se manifestar.

Aprender a viver com a epilepsia foi um processo longo e doloroso. Não foi apenas uma questão de lidar com o meu corpo físico, mas também com o emocional. A cada crise, eu me sentia mais vulnerável, mais exposta. A sensação de dependência e fragilidade me atingia profundamente. Tive que aprender a ser paciente comigo mesma, a respeitar meus limites, e, acima de tudo, a buscar apoio nas pessoas ao meu redor.

A epilepsia, por mais que tenha trazido momentos de medo e incerteza, também me ensinou muito sobre resiliência e autocuidado. Precisei ter coragem, que, segundo Redmoon (2000, s.p), “não é a ausência do medo, mas a capacidade de agir apesar dele.” Assim, enfrentar essa condição me fez perceber que, como sabiamente

afirmou Nelson Mandela (1994, s.p), “enfrentar adversidades não é sobre evitar as quedas, mas sim sobre levantar-se a cada vez que caímos.”

Hoje, continuo lutando para viver plenamente, apesar das limitações que surgiram. Cada dia é um desafio, mas também uma oportunidade de me superar e de conviver com essa condição com coragem.

O mundo do Luís visto por seu pai

João Victor Souza MARTINS

Ronaldo é pai do Luís e contou que o menino sempre foi uma criança doce, com um sorriso fácil e um olhar curioso, mas havia comportamentos que, aos poucos, chamavam a atenção de seus pais. Enquanto outras crianças da sua idade corriam, pulavam e buscavam contato umas com as outras, Luís preferia girar os brinquedos, assistir repetidamente ao mesmo vídeo ou simplesmente observar o movimento das sombras nas paredes.

Demorou um pouco para que Ronaldo percebesse que algo precisava ser investigado. No começo, ele questionava professores e outras pessoas e todos diziam "cada criança tem seu tempo", e tanto ele quanto a mãe de Luís tentaram acreditar nisso. Mas havia dias em que Luís não respondia quando eles o chamavam, ou chorava sem motivo aparente. Ronaldo contou que uma tarde, quando foram ao supermercado — lugar que ele normalmente evitava de levar o Luís — e, ao passarem pela seção, na qual estava sendo feito a limpeza, o menino tapou os ouvidos e começou a gritar. Os pais não entendiam o porquê, mas depois descobriram que o barulho de vassouras esfregando o chão, somado ao cheiro forte dos produtos, havia sido insuportável para ele.

A partir de então, Ronaldo procurou ajuda profissional e, após meses de observação e avaliações, veio o diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista, nível 2 de suporte. Foi como se o chão tivesse se aberto debaixo dos pés. Ronaldo conta que ele e a esposa, Karol, entraram no carro depois da consulta e ficaram em silêncio no carro, tentando digerir tudo. Ele queria chorar, mas se conteve. Ela chorou

pelos dois. O que fariam agora? Como poderiam ajudar o filho? Eles se sentiram perdidos.

Aos poucos, começaram a se reerguer. Leitura foi o primeiro passo. Leram tudo o que podiam sobre o autismo. Ronaldo entrou em grupos de apoio, conversou com outros pais, e viu que não estavam sozinhos. Levaram Luís para atendimento em uma clínica especializada, onde ele passou a ter acompanhamento com terapeuta ocupacional, fonoaudióloga e psicóloga. A escola também precisou se adaptar. E, para que Luís fosse mais bem atendido, procuraram uma instituição com abordagem inclusiva, onde encontraram profissionais comprometidos que se dispuseram a conhecer o Luís de verdade — não apenas o diagnóstico, mas o menino que existia por trás dele.

A maior lição que Ronaldo aprendeu, como pai, foi a de respeitar o tempo de seu filho. Antes, ele vivia na ânsia de vê-lo se comportar como as outras crianças. Hoje, ele celebra cada pequeno avanço como uma conquista gigante, como quando Luís finalmente o olhou nos olhos e disse “papai”, aos quatro anos. Nesse momento, Ronaldo chorou como nunca. Era apenas uma palavra, mas para a família foi o equivalente a uma maratona vencida.

Karol também se reinventou como mãe. Aprendeu a observar os sinais, a entender os limites e, mais importante, a celebrar a singularidade do seu filho. Ela sempre dizia: “O Luís não precisa se encaixar no mundo. O mundo é que precisa aprender a recebê-lo.”

No convívio familiar, todos precisaram se adaptar. Os avós foram essenciais. A mãe de Rodrigo, que antes não compreendia bem o que era o autismo, passou a assistir vídeos, leu cartilhas, e começou a brincar com Luís de um jeito novo — do jeito que ele gostava. O pai de Ronaldo, que era mais introspectivo, criou uma rotina de caminhadas curtas com Luís no final da tarde. Ali, em silêncio ou com poucas palavras, construíram uma relação forte, feita de respeito e presença.

Luís está com sete anos. Continua tendo suas crises e tendo dias difíceis, mas também tem dias incríveis. Dias em que desenha, dança do jeito dele, ou apenas se deita ao lado dos pais e segura sua mão. Ele ensina, todos os dias, que existe beleza na diferença. A teoria do desenvolvimento de Vygotsky diz que é na interação social que nos

desenvolvemos (Rosa;Goi, 2024) — isso se comprovou no caso de Luís, pois foi por meio da escuta, do acolhimento e da adaptação, ou seja, das relações de respeito que estabeleceram, que o menino conseguiu florescer.

O futuro ainda é cheio de incertezas, mas já não é assustador. Hoje, quando Ronaldo olha para Luís, ele não vê um diagnóstico, ele vê seu filho. Ronaldo diz que aprendeu a amar e a ver o mundo simples e diverso pelos olhos de Ronaldo.

A chegada de Nico

Priscila de SOUZA

Bella estudava numa escola de bairro e era uma aluna esperta que se dava bem com todo mundo. Ela estava no quinto ano do Ensino Fundamental. Um dia seu primo Nico foi apresentado à sala de aula. Bella ficou preocupada e um pouco desconfortável com a chegada de Nico. Ela amava o primo, mas sabia que não iria ser fácil ele estar aí, pois Nico era surdo.

Nico veio transferido de outra cidade, seus pais haviam vindo para a cidade de Bella para trabalhar, mas a escola não era preparada para atender alunos com necessidades educacionais especiais. Não havia professores especializados, nem sala de AEE para atender esses alunos, e isso tornava a vinda de Nico uma novidade para todos.

Certo dia, Nico sinalizou para Bella, que precisava sair da sala para ir ao banheiro e beber água. Como não tinha conhecimento da língua brasileira de sinais, ele sinalizou usando sinais que usava em casa com a família e eram mais fáceis de entender. Bella então foi até a professora e falou que Nico precisava ir ao banheiro e beber água. A professora, espantada, perguntou a Bella como ela sabia que ele precisa daquilo. E Bella respondeu que Nico havia sinalizado e deu a entender isso.

Curiosa com a comunicação, a professora, não contente com a resposta, pediu para que Bella repetisse os gestos que o Nico fez. Constrangida, Bella repetiu a sinalização à professora diante da classe. E, neste momento, todos os alunos já estavam olhando para

Bella e começaram a rir, achando graça da situação. Na hora foi engraçado, mas logo passou a ser algo desagradável para os dois, pois havia alunos que ficaram repetindo a sinalização e rindo quando os viam juntos.

Depois de um tempo, Nico foi transferido para uma escola onde havia atendimento para alunos surdos, mas aquela cena ainda continuava sendo motivo de piada entre os alunos. E Bella continuou sofrendo bullying.

Aos poucos, contudo, as coisas mudaram. O tempo foi passando, a escola passou por reformas, os professores fizeram capacitações e outros alunos com necessidades educacionais especiais foram estudar lá. Assim, todos os alunos acabaram recebendo aulas sobre respeito e diversidade, para estarem incluindo e ajudando seu coleguinha com dificuldades. Novos professores na área começaram a atuar na escola, e aquela discriminação e falta de respeito foi sendo deixada para trás. Se Nico tivesse chegado à escola, naquele novo momento, com certeza a história seria outra.

Lucas e a Escola Inclusiva

Anna Luiza FRAINER

Durante minha trajetória como auxiliar de sala na Educação Infantil, eu tive a oportunidade de acompanhar uma criança com transtorno do espectro autista de três anos, que se chamava Lucas. Ele era um menino doce, de olhar atento, mas que mantinha certa distância dos outros e tinha dificuldades com a comunicação verbal.

Já no primeiro dia em que trabalhamos juntos, eu percebi que ele precisava de mais atividades do que apenas aquelas que estavam planejadas: ele precisava de acolhimento, de respeito ao seu tempo e de uma escuta sensível. No início, Lucas passava a maior parte do tempo isolado, balançando-se em um canto da sala e evitando o contato visual. Não participava das rodas de conversa, nem das brincadeiras coletivas. Muitos colegas não compreendiam seu comportamento e, sem intenção de exclusão, acabavam o deixando de lado.

Foi em uma manhã chuvosa que algo começou a mudar. Preparei uma atividade sensorial com potes de gel colorido e objetos diversos para exploração. Lucas, curioso, aproximou-se sem que eu o chamasse. Sentei-me ao seu lado, sem forçar interação, apenas respeitando sua presença. Aos poucos, ele começou a tocar o gel, apertá-lo, e emitir pequenos sons de contentamento. Olhou para mim por alguns segundos, um gesto simples, mas que carregava muito significado. A partir daquele dia, percebi que o caminho seria adaptar outras atividades com base no que ele demonstrava interesse: como músicas com gestos/coreografia, brinquedos com texturas diferentes, circuitos motores.

Eu também desenvolvi um trabalho com a turma sobre empatia e respeito às diferenças. Foi surpreendente porque as crianças fizeram muitas perguntas e ficaram muito atentas querendo entender esse mundo diverso. Em pouco tempo, foi possível notar mudanças na turma: um coleguinha começou a dividir seus brinquedos com Lucas; outro chamava por Lucas quando a música preferida dele começava a tocar no intervalo. Não foi uma transformação repentina, mas foi verdadeira. Lucas passou a participar das rodas de forma breve, ele sorria mais, e buscava o meu olhar com frequência. Não era mais aquele garoto que ficava no canto da sala.

Isso, para mim, foi a maior prova de que a inclusão estava acontecendo não apenas no planejamento pedagógico, mas no cotidiano, no afeto, nas relações do dia a dia. Essa vivência marcou-me profundamente. Aprendi que inclusão não é apenas sobre colocar o aluno na escola regular e/ou adaptar o aluno à escola, mas sobre fazer pequenas adaptações na escola para atender às necessidades do aluno. É sobre criar vínculos, enxergar além do comportamento e oferecer um espaço onde toda criança se sinta segura, respeitada e capaz de aprender no seu próprio ritmo.

A dor de uma amiga.

Patrícia Aparecida de LIMA

Na época da escola, quando eu estava no quarto ano do Ensino Fundamental, eu tive uma amiga que era diferente e todos achavam

que ela tinha alguma deficiência. Ela enfrentava muitas dificuldades para acompanhar as aulas, principalmente em Matemática. E a professora, infelizmente, não tinha paciência e nem preparo para lidar com a situação. Em vez de apoiá-la, tratava-a com frieza, como se ela fosse um peso na sala de aula. Dava para perceber que a professora não a queria como aluna.

Eu me sentia muito incomodada com aquilo e, sempre que podia, ajudava minha amiga, explicava os conteúdos, fazia os deveres com ela e, principalmente, oferecia o apoio e a amizade que ela tanto precisava. Mas eu era uma criança também e, às vezes, tinha medo de que a professora ficasse descontente comigo, então tentava ajudar sem que percebessem.

Os colegas da escola sempre zombavam dela, outros simplesmente a ignoravam. Parecia que ela era invisível. Eu não agia dessa forma. Algumas vezes eu brigava com os colegas para defendê-la, mas noutras vezes eu me calava, não sabia como agir, o que fazer. Ver o que ela passava me fazia perceber como as pessoas podiam ser maldosas umas com as outras, especialmente quando não compreendiam ou não respeitavam as diferenças. Hoje, eu sei que o que acontecia com minha amiga era bullying. Aquilo me marcou profundamente.

Foi relembrando essa vivência que comecei a entender o verdadeiro sentido da educação inclusiva. Incluir não é apenas permitir que todos estejam na mesma sala, mas garantir que todos aprendam, participem e sejam respeitados em suas individualidades. A educação inclusiva é um direito, não um favor. Ela exige compromisso, formação dos profissionais, empatia e a construção de um ambiente onde ninguém seja deixado para trás.

Algun tempo depois, minha amiga teve a suspeita de ter autismo e só mais tarde ela passou por exames e foi diagnosticada com esquizofrenia e passou a tomar remédio controlado.

Hoje, sou uma defensora dessa causa. Acredito que toda criança tem potencial e merece uma escola que acolha, respeite e ofereça oportunidades reais para o seu desenvolvimento. A inclusão

transforma vidas tanto de quem é acolhido, quanto de quem aprende a acolher. E a luta por uma escola inclusiva deve ser uma luta de todos nós!

Meu olhar como professora

Brenda de ASSUNÇÃO

Meu olhar como professora tem muito a me dizer,
Com o aluno diferente, o que pode, o que não pode
É preciso estudar, pois temos muito a aprender.
Precisamos tratar como um todo, toda particularidade

Então vamos falar sobre o sujeito da inclusão
No espaço escolar, o que esse ser único traz?
Quais são suas singularidades?
Quais são suas potencialidades?

Todo aluno tem muito potencial
Suas vivências, histórias...
É preciso respeito e acolhimento,
Pois cada qual tem sua trajetória

Cabe ao professor mediar,
Incluir, observar e adaptar
De forma progressiva,
Sua atividade avaliativa

Meu olhar como professora me diz muito...
Incluir para sentir,
A paixão e o coração
Motivos da alma,
Grandeza da aproximação.

REFERÊNCIAS

AFINANDO o Cérebro. **Por que o termo DPAC foi substituído?** Publicação em 21 de maio de 2020. Blog ProBrain. Disponível em: <https://www.afinandocerebro.com.br/post/por-que-o-termo-dpac-foi-substitu%C3%ADdo-por-tpac> Acesso em 3 jul. 2025.

APA, American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL, Ministério da Saúde. **21/3 - Dia Mundial e Dia Nacional da Síndrome de Down**: “O que significa inclusão?”. Biblioteca Virtual em Saúde. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/21-3-dia-mundial-e-dia-nacional-da-sindrome-de-down-o-que-significa-inclusao/> Acesso em: 30 nov. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. **21/3 – Dia Mundial e Dia Nacional da Síndrome de Down**: “O que significa inclusão?”. Biblioteca Virtual em Saúde Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/21-3-dia-mundial-e-dia-nacional-da-sindrome-de-down-o-que-significa-inclusao/> Acesso em: 12 out. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Meningite**. Biblioteca Virtual em Saúde. Atualizado em agosto de 2022. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/meningite/> Acesso em: 18 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança**. Linhas de Cuidado Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/> Acesso em 12 out. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Temático Da Biblioteca Do Ministério Da Saúde**: Dia Mundial da Conscientização sobre o Autismo. Abril de 2022. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/boletim_tematico/dia_mundial_conscientizacao_autismo_abril_2022.pdf Acesso em 28 mai. 2025.

BRASIL. Secretaria Geral. **Lei nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm Acesso em: 12 out. 2024.

FCEE, Fundação Catarinense de Educação Especial. **O que é autismo**. Portal do Autismo. Publicado em 2022. Disponível em: <https://www.fcee.sc.gov.br/portal-do-autismo/o-que-e-autismo> Acesso em: 18 mai 2025.

FIGUEIREDO, Rafael; PAIVA, Christovão; MORATO, Marcela. DPAC [Desordem do processamento auditivo central]. Rio de Janeiro: Canal Saúde Fiocruz, 2016, vídeo (26min03s). Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/26632> Acesso em: 30 nov. 2024.

FRASÃO, Gustavo; MARCIAL, Paulo. **Epilepsia**: conheça a doença e os tratamentos disponíveis no SUS. Ministério da Saúde. Publicado em 26 de março de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/marco/epilepsia-conheca-a-doenca-e-os-tratamentos-disponiveis-no-sus#:~> Acesso em 16 mar 2025.

MANDELA, Nelson. **Long walk to freedom**. Londres: Little, Brown and Company, 1994.

MICROSOFT. Copilot. **Nuvem de palavras gerada a partir de dados fornecidos pelo usuário**. 2025. Disponível em: <https://copilot.microsoft.com>. Acesso em: 29 ago. 2025.

RAMOS, Bruna Bueno; MÜLLER, Alessandra Bombarda. Marcos motores e sociais de crianças com Síndrome de Down na estimulação precoce. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, v. 4, n. 1, p. 37-43, 2020. Disponível em: <https://revista.fcmmg.br/index.php/RICM/article/view/95> Acesso em: 30 out. 2024.

REDMOON, A. **Living beyond fear**: on the nature of courage. 2000. Disponível em: <https://books.google.com>. Acesso em: 10 set. 2024.

ROSA, Ana Paula M. da; GOI, Mara Elisângela J. Teoria socioconstrutivista de Lev Vygotsky: aprendizagem por meio das relações e interações sociais. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, nº 10, 26 de março de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/10/teoria-socioconstrutivista-de-lev-vygotsky-aprendizagem-por-meio-das-relacoes-e-interacoes-sociais> Acesso em: 22 mai 2025.

STEIN, Carlos; BOWIE, David; HOMRICH, Sady; CORRÊA, Thedy. **O Astronauta de Mármore**. In: Nenhum de Nós. Cardume. São Paulo: BMG Ariola, 1989.

VARELA, Leandro. **Os três graus de suporte do Transtorno do Espectro Autista**. Publicado em 11 de outubro de 2023. Disponível em: <https://blog.casatema.com.br/graus-de-autismo/> Acesso em 14 out. 2024.

VARELLA, Dráuzio. **Paralisia Cerebral**. Biblioteca Virtual em Saúde – Ministério da Saúde. Publicado em outubro de 2019. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/paralisia-cerebral-2/> Acesso em: 16 mar. 2025.





Fatos

Natal na APAE

Karla REIS

Era um belo dia de verão,
Ansiedade bate e acelera o coração.
Um novo dia começava
E com ele lindas histórias eu encontrava.

Tinha gente grande e pequena,
Todos felizes e contentes.
Aquilo tudo contagiava o ambiente
E eu fui me deixando levar.

E, na brincadeira, fui entrar.
Pura e envolvente,
Era tudo tão diferente,
Que nem dá para explicar.

Eu, com a cara maquiada,
Fiz muita gente dar gargalhada.
E era chegada a grande hora
A entrega acontecerá agora.

Todos estavam muito ansiosos,
Com o brilho nos olhos,
Não pude me segurar
E os presentes fui entregar.

Foi muita alegria e diversão
Cada um com seu presente na mão,
Eu estava arrebatada, mas triste
pelo momento que se aproximava,

Encantada pela festa de Natal.
Este dia foi fenomenal!
APAE, eu estou agradecida.
Este Natal foi um dos melhores dias da minha vida.

Professor Cleidison

Marise Matos de ALMEIDA

No primeiro ano do Ensino Médio, conheci um colega de classe chamado Cleidison que havia faltado à primeira aula de filosofia. Nessa aula, o professor nos havia disponibilizado um texto que deveríamos fazer a leitura, dando uma explicação sobre o que se tratava. Na segunda aula, o Cleidison estava na aula e teve acesso ao texto, mas não havia tido a explicação do professor. Eu e os demais alunos que tínhamos estado presentes à aula não entendemos muito bem o texto, mesmo com a explicação do professor.

Nessa segunda aula, sem avisar nada, o professor decidiu realizar uma tarefa valendo nota. O Cleidison foi o único aluno que tirou nota “zero”. Eu não fui nada bem, pois tirei 3. E assim, alguns alunos foram bem, outros nem tanto. Depois dessa atividade, o professor decidiu passar outra, porém em grupo. Ao formar as equipes, inexplicavelmente, ninguém queria o Cleidison. Mesmo tendo alguns grupos que não haviam se formado por completo. Essa situação não mudou muito ao longo do Ensino Médio.

Naquela época, não tínhamos muito conhecimento sobre tipos de deficiências e limitações na aprendizagem, e, na escola, tinha uma pessoa que trabalhava na diretoria que ajudava com os alunos que se encontravam nessas situações.

Depois daquele dia, Cleidison começou a sair da sala nas aulas de Filosofia. Eu estranhava, mas não tinha coragem de perguntar. Então, um dia, uma amiga minha conversou com ele e perguntou por que ele não fazer as aulas de Filosofia. E ele lhe explicou que não conseguia se concentrar nas aulas, principalmente, na de Filosofia. Ele disse que sempre foi assim, desde a infância, e por causa da exclusão dos grupos, ele ficou com vergonha.

Quando ela me contou o que tinha conversado com o Cleidison, eu percebi o quanto aquela atitude dos grupos o tinha constrangido. Então nós decidimos conversar com o professor sobre a situação. O professor não tinha percebido a gravidade e chamou a atenção da sala para o acontecido.

Ele conversou com Cleidison e pediu que fosse atendido por aquela pessoa da diretoria, que na época eu não sabia, mas devia ser uma educadora especial, ou uma psicopedagoga. Alguns dias depois, Cleidison voltou a frequentar as aulas de filosofia, e não faltava a nenhuma aula dessa disciplina. Ele era muito esforçado. Nós não sabíamos das notas dele, só sabíamos que ele ficava em recuperação em algumas matérias, mas depois conseguia passar de ano. Ele era muito reservado e não comentava sobre esse assunto.

E enfim... concluímos o Ensino Médio. E cada um seguiu sua vida, sem muito contato.

Aproximadamente três anos depois de nossa formatura, eu o encontrei e conversamos muito. Ele, então, contou-me tudo que havia acontecido. Aquela pessoa da diretoria, na verdade, era uma psicóloga. Ela o atendeu, fez testes e orientou que procurasse um psiquiatra e fizesse acompanhamento psicológico. Assim ele descobriu que tinha o déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), mas não em grau elevado, de forma que não precisou de medicação, apenas terapia comportamental. Ele tinha um pouco de dificuldade em se concentrar, mas desenhava muito bem, e foi o desenho que o ajudou.

O TDAH, de acordo com Sulkes (2022), é um distúrbio do neurodesenvolvimento, é uma síndrome de desatenção, que envolve hiperatividade e impulsividade. O TDAH se apresenta em três níveis de predominância. Há os que são predominantemente desatentos, que era o caso do Cleidison; outros que são predominantemente hiperativo/impulsivos (que não param quietos, são muito agitados) e há também aqueles que têm as duas características combinadas. (Sulkes, 2022, online).

O mais surpreendente é que, naquele momento que nos encontramos, ele contou que estava cursando Filosofia para se tornar professor. E foi o que aconteceu. Hoje ele é um excelente professor de Filosofia e está seguindo a carreira acadêmica, acredito que logo vai estar cursando o doutorado.

Relato de uma Conhecida

Juliana Cavaleiro LEITE

Conversando com minha amiga Cristiane, ela me relatou que, na escola em que trabalha, tinha uma professora, que se chamava Maria, que teve Covid-19 no ano anterior e, por complicações da doença, perdeu os movimentos das pernas. Hoje ela se locomove em cadeira de rodas. Maria também estava grávida, quando teve Covid, acabou tendo um parto prematuro e sua bebê nasceu com deficiência intelectual. Ela não está mais trabalhando na escola, mas mantém o contato e está sempre disposta a contribuir.

Dessa forma, quando foi feito um evento da Semana Inclusiva, na escola, a Maria foi convidada para contar sua história, e levou também a filha que já estava com um ano e pouco. Na ocasião, ela contou para os alunos sua história de como foi seu processo de passar pela Covid, da gravidez e dos problemas que ela já tinha e que se complicaram com a doença, deixando-a com problemas de locomoção. Ela falou para os alunos como era estar na cadeira de rodas e ter uma filha.

As crianças ficaram muito atentas ouvindo-a contar sua história. Depois, foram até ela, olharam a cadeira de rodas, fizeram várias perguntas sobre como ela faz muitas coisas, até como ela ia ao banheiro. Eles também gostaram de ver a criança que estava num carrinho e, apesar de toda a algazarra das crianças, dormia tranquila.

Uma semana depois da visita à escola, a filha de Maria passou mal e precisou ser levada ao hospital, mas acabou falecendo. A menina tinha uma falha no coração, e não foi possível fazer cirurgia. Foi uma situação muito triste, os alunos ficaram condoídos com o sofrimento de Maria e propuseram escrever mensagens e fazer desenhos para confortá-la.

Assim, passados alguns dias do falecimento da bebê, Maria recebeu uma caixa lindamente decorada, repleta de cartinhas com mensagens de conforto, agradecimentos e lindos desenhos que a confortaram em sua dor.

João, um aluno com autismo

Camila PIANEZZER

Eu sou professora da Educação Infantil e tenho o privilégio de acompanhar o desenvolvimento de uma criança autista nível 1 de suporte em minha turma. Ele se chama João e, desde o início do ano letivo, percebi que ele parecia apresentar características comuns ao espectro autista, como dificuldades de interação social e uma sensibilidade sensorial aguçada. Além disso, ele evitava contato visual e preferia brincar sozinho, principalmente com brinquedos que exigiam organização e repetição, como blocos de montar. Mas os desafios com João se mostravam mais evidentes nas atividades em grupo, quando ele demonstrava desconforto em participar de dinâmicas que envolviam muitas crianças. Sua dificuldade de comunicação e resistência a mudanças na rotina foram barreiras significativas para o engajamento pleno nas atividades propostas.

Uma das dificuldades centrais que enfrentamos foi a adaptação de João a novas atividades. Ele tendia a se desorganizar quando algo fugia do planejado, o que demandava uma intervenção cuidadosa. Tive que fazer adaptações nas atividades, criando uma rotina visual com o auxílio de figuras para que ele pudesse entender melhor as transições e se sentir mais seguro. Essa medida, juntamente com a redução de estímulos visuais e auditivos no ambiente, trouxe avanços significativos.

O apoio entre a escola e a família de João foi fundamental em seu processo de inclusão. Desde o início, sua mãe participava ativamente das reuniões e se comunicava de forma constante com a escola. Ela compartilhava conosco os progressos de João nas terapias, às quais ele era acompanhado por uma equipe multidisciplinar que incluía fonoaudiólogo, psicólogo e terapeuta ocupacional. Esse apoio terapêutico complementar foi essencial para seu desenvolvimento. A colaboração entre a família e a escola garantiu que João recebesse um atendimento integral, baseado nas suas necessidades.

A equipe pedagógica da escola e os responsáveis por João discutiam com frequência a necessidade de se trabalhar juntos para promover o desenvolvimento das habilidades sociais do garoto, que evoluiu bastante, especialmente na interação com seus colegas de turma. Aos poucos, ele começou a participar de brincadeiras coletivas, embora ainda com certa resistência a contatos físicos. Afinal, esse pode ser um grande desafio para as crianças que estão dentro do espectro autista, porém, se elas puderem contar com o suporte adequado, elas “podem desenvolver estratégias para se comunicar e interagir de maneira mais eficaz.” (Goldstein, 2002, p. 45).

É evidente que cada pequena conquista deve ser comemorada. E isso aconteceu quando João conseguiu expressar verbalmente que estava incomodado com o barulho excessivo na sala. Foi um avanço enorme para alguém que costumava demonstrar seu desconforto apenas por meio de comportamentos não verbais. Assim, o que se observa é que todo processo é lento, mas os resultados nos mostraram que com paciência, apoio e um ambiente adaptado, João apresentou progressos. Como bem afirma Schmidt (2018, p. 109), “a inclusão não é um favor, mas um direito da criança. Garantir a participação de todos é essencial para que possamos falar de uma educação realmente inclusiva.”

O desenvolvimento de uma criança autista em ambiente escolar exige um trabalho colaborativo constante entre escola, família e especialistas. João é um exemplo de como as adaptações pedagógicas e o suporte emocional podem proporcionar avanços significativos, não apenas em termos acadêmicos, mas também no desenvolvimento de habilidades sociais. A cada etapa superada, reforçamos a importância de uma educação inclusiva, respeitando o tempo e as particularidades de cada criança, criando um ambiente propício para o seu desenvolvimento integral.

A passagem de Dario

Fabiana MARTINS

Eu conheci um garoto alegre, educado, amoroso, muito inteligente, com um futuro brilhante pela frente, que se chamava Dario. Dario

era muito estudioso, cresceu num bairro pequeno, onde havia uma escola humilde, na qual ele estudou até o 5º ano, finalizando os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ele era um bom garoto, fez muitas amizades na escola e estava sempre disposto a ajudar seus amigos; assim como ele também sempre se dispunha a ajudar sua mãe nas tarefas de casa. A escola era seu lugar favorito fora de casa.

Para cursar os Anos Finais do Ensino Fundamental, Dario teve de ir para outra escola. Ele estava com um pouco de medo, mas muito empolgado. Era uma escola maior, com novos colegas e professores. Iniciar o 6º ano foi uma grande mudança. Ainda assim, ele estava feliz por estar nesse novo ambiente escolar. Porém, mal sabia ele que tudo mudaria em sua vida.

Logo nas primeiras semanas, ele percebeu que seus novos colegas começaram a fazer piadinhas com seu modo de falar, andar e agir. Ele tinha alguns amigos que foram com ele para essa nova escola, isso o confortava um pouco, mas com o passar do tempo as ofensas e o desrespeito foram piorando e Dario começou a se fechar. A tristeza passou a acompanhá-lo dali em diante. Ele ficou os quatro anos, até finalizar o Ensino Fundamental, aguentando tudo calado.

Quando chegou no Ensino Médio, novamente Dario precisou mudar de escola. Essa mudança o deixou confiante de que tudo seria melhor, mas tudo ficou muito pior, pois, além de seus colegas de classe, alguns professores também começaram a fazer piadinhas com ele. E Dario, mais uma vez, voltou-se para dentro de si e se fechou em seu mundo triste.

O preconceito, de acordo com o dicionário Aulete Digital (2024, online), pode ser entendido como discriminação ou rejeição, de forma genérica, de pessoas, grupos ou ideias, em relação a qualquer comportamento, manifestação ou forma que seja diferente do que se entende como padrão. Isso é intolerância.

Dario já não era mais aquele menino que iniciara os estudos lá na escolinha humilde de seu bairro. Ele havia crescido e, apesar de todo o sofrimento, ele tentou não baixar a cabeça e foi à luta. Ao fazer 16 anos, Dario arrumou trabalho e economizou. Aos 18, fez a carteira de motorista e comprou um carro. O Ensino Médio se tornou

muito difícil, ele foi reprovando um ano após outro, não conseguia mais passar, faltava-lhe estímulo. O ambiente escolar não era mais seu lugar favorito.

Com todos esses entraves, sua mente começou a adoecer e a tristeza tomou conta. Dario sentiu que havia chegado ao seu limite, então procurou ajuda médica e tentou superar os preconceitos que estava sofrendo. Mas seus colegas e professores não mudavam o modo de agir com ele. Eles não o chamavam pelo nome, chamavam de “boiola”, de “bichinha” e outras expressões desse tipo. Parecia que tinham prazer em humilhá-lo e em vê-lo sofrer.

A homofobia é o preconceito que prega a aversão ao homossexual. A prática de tratar uma pessoa por apelidos que provoquem sofrimento, que a diminua e a faça se sentir humilhada, é bullying. E bullying é intimidação sistemática, que pode ser caracterizada por “violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação.” (Brasil, 2016, p.1).

A Lei 13.185/2016 apresenta uma classificação para o bullying que inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros. No entanto, a Lei 7716/1989, que “define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor” (Brasil, 1989), também se aplica e criminaliza a homofobia, prevendo, no artigo 20º, uma pena de um a três anos de reclusão e multa.

Sem saber que existiam leis que o protegiam de tudo o que estava acontecendo, que ele poderia processar os seus agressores, e não conseguindo mais suportar aquela situação, Dario parou de estudar. Ele também saiu do trabalho e começou a ficar só dentro de casa. O preconceito e o sofrimento venceram. Ele estava tão apático que nem seus pais conseguiam ajudá-lo.

Todos os dias sua rotina era a mesma, as pessoas da família saíam para o trabalho e Dario fica em casa ajudando sua mãe nos afazeres da casa. Ele estava bem, aparentemente. À noite, todos voltam para casa, jantam e iam dormir, enquanto Dario fica na sala vendo televisão. Ele não conseguia mais dormir, sua mente estava agitada e tinha vozes que o perturbavam.

Eram aproximadamente quatro horas da madrugada, quando um dia Dario desceu para o porão da casa. Ninguém viu, ninguém ouviu, nem desconfiou de que algo estava prestes a acontecer. Dario não aguentou mais a dor psicológica e tirou a própria vida. E lá se foi aquele menino alegre, feliz, bondoso que tinha sido um dia.

Essa ainda é a realidade de muitos jovens que têm uma orientação sexual que difere do padrão definido por uma sociedade machista e homofóbica. O preconceito continua presente destruindo e matando muitas pessoas por aí. Falta tolerância, respeito, caráter, amor ao próximo.

É importante que aprendamos que não precisamos apoiar ou aceitar aqueles que são diferentes. Só precisamos respeitar. E respeitar as escolhas dos outros é tolerância.

A história de Joana

Clovis DALMOLIN

Num lugar apaixonante, vivia um casal de namorados. Eles se chamavam Joana e Manuel e tinham como objetivo de vida escrever o seu felizes para sempre. Certo dia, eles receberam um convite para um grande baile de máscaras. Ficaram muito animados e, no dia do baile, Manuel foi buscar sua amada Joana em casa com uma carruagem.

Manuel estava muito ansioso por esse dia, pois ele pediria a mão de Joana em casamento. Porém, no meio do caminho, quando estavam indo juntos para o baile, tiveram uma grande surpresa: um galho de árvore despençou, fazendo muito barulho na floresta e assustou o cavalo, que saiu em disparada em alta velocidade. O cocheiro perdeu o controle da carruagem, que apenas parou quando foi arremessada contra algumas árvores da floresta. Assustado e muito desorientado, Manuel conseguiu sair da carruagem, viu o cocheiro sem vida caído embaixo de uma árvore e, quando não viu Joana, ficou desesperado e saiu à procura de sua amada.

Ele gritou por seu nome e ouviu gemidos de dor, bem no meio dos estilhaços da carruagem. Lá estava ela, presa naquele acidente terrível. Manuel correu para a estrada e pediu socorro para uns amigos que vinham logo atrás que também iam ao baile. Demorou um pouco até conseguirem remover Joana com cuidado. Assim que conseguiram removê-la do local, levaram-na às pressas para o curandeiro local.

Joana ficou na cama em coma por um longo período até se recuperar. E Manuel ficou muito preocupado de como seria sua vida e não se sentia preparado para cuidar de sua futura esposa como ela merecia. Assim, depois de meses, Joana ainda estava presa em uma cama, e Manuel se sentia muito culpado pelo acontecido e, às vezes, ele se perguntava por que nada havia acontecido com ele. E se sentia muito mal e toda aquela paixão não resistiu por muito tempo. Manuel decidiu, sozinho, que o melhor para Joana era não o ter mais por perto. E então, ele a abandonou, deixando Joana de coração partido. Joana agora, além de não conseguir se locomover, teria também que lidar com a situação de ser abandonada pelo seu namorado, quase noivo.

Nesse tempo, Lucas, o curandeiro, teve a ideia de fazer uma cadeira com rodas para que ele pudesse levá-la a alguns locais para passear, e se animar, porque naquele momento Joana estava muito triste e abatida.

Assim, aos poucos, Lucas e Joana foram se aproximando, e ela começou a perceber todo o carinho que ele dedicava para fazê-la feliz, e começou recuperar sua autoestima.

Todos os dias, Lucas fazia alguns exercícios com ela, para estimular os movimentos e fortalecer os músculos. Com o tempo, Joana voltou a ter autonomia em segurar objetos com as mãos, também já estava conseguindo balbuciar algumas palavras. Lucas seguiu firme ajudando-a em sua recuperação, e ele conversava com ela o tempo todo e, de alguma forma eles se entendiam, e riam. Assim, o curandeiro foi enxergando a mulher atrás de sua paciente, e foi se apaixonando por ela.

Certo dia Lucas preparou um piquenique na floresta para Joana e estava resolvido a pedir sua mão em namoro. Ele a levou em sua cadeira com rodas, e declarou o seu sentimento por ela. Joana estava radiante de tanta felicidade, e com o passar do tempo, eles se casaram e assim escreveram o seu felizes para sempre.

Pietro e as pedras em seu caminho

Maria Eduarda Batista TIAGO

Um menino com cachos dourados e olhos cor de azul-mar, chega saltitante, querendo em tudo encostar e investigar. Traz consigo sonhos, experiências e um jeito único de se expressar, porém, não é compreendido por todos que vão a ele encontrar.

Sua chegada é de extrema emoção, inquietação e comoção, pela sua história de vida, que apesar de tão pequena, é completa de superação.

Pietro se mostra forte, após ter enfrentado tanta exclusão, por meio de palavras e gestos acompanhados de agressão.

Suas atitudes deveriam ser compreendidas, mas foram pouco concebidas.

Ele corria, fugia e não conseguia ter conversas resolvidas. Afinal, depois de tanto tempo, não seria simples confiar em alguém. Além do mais, Pietro também não entendia que a sua trajetória era aquém.

Com adaptações grupais e reconstruções individuais, houve a necessária união, para que o altruísmo e a empatia fossem propulsores desta grande transformação.

Depois de muito persistir e refletir, Pietro começou a ter outro pensar. Vendo que nesta casa, finalmente, ele poderia se entrelaçar.

Neste lugar mágico, o pequeno Pietro foi amado e ouvido. Pietro foi acolhido, e aos poucos, este sentimento foi sentido.

Além de qualquer conhecimento, outra questão que foi primordial: exercer a ideia de que o outro também é igual.

Pietro foi visto, fora das emoções e comportamentos que expressava. Apesar de assustar o coletivo com seus rompantes, o impulso era muito válido, por tudo que ele passava.

Já imaginou não conseguir focar nos olhares?
Já pensou ser tão difícil ter interação com os familiares?
Já refletiu como é não se sentir bem em alguns lugares?

Já cogitou não conseguir falar o que sente?
Já raciocinou como é não querer brincar com outra gente?
Já analisou como é estar presente mesmo que ausente?

São estas e tantas outras constatações que fizeram Pietro ser julgado, segregado e até considerado de mimado. Apesar de exigirem que ele seja mais socializado, normatizado e padronizado.

Pietro foi contra, Pietro não foi a favor da maré,
Pietro continuou sendo quem ele é.

Empolgado com blocos de madeira,
achando engraçado os animais fazendo estribeira
e vivendo curioso de acordo com a própria maneira.

Sentindo os pés na grama molhada,
rindo do amigo que faz palhaçada
e inventando piada pra dar gargalhada.

Sorrindo com corpo ao brincar com a bola,
subindo em árvore para colher carambola
e ajudando o colega que não sabia tocar viola.

Foi assim que Pietro conquistou seu espaço,
encantou a todos com seu forte abraço
e amoleceu os corações de aço.

Essa é só mais uma história, de quem superou a repudição.
Encontrou outros seres que puderam amar o próximo com mais verdade e aceitação.

Hoje o Pietro é um menino tão feliz.
Vive fazendo arte que nem chafariz.
Adora desenhar o chão com giz.

Apesar de tão pequeno, é um grande aprendiz.
Mostrou a todos que a negação de qualquer indivíduo não condiz.

Me fez acreditar que a real de todas as relações,
é respeitar o outro, sem retaliações.
Pietro trouxe ao planeta um bem maior.
Como cada um de nós devemos encontrar dentro de si o melhor.

Sabendo e vivenciando o caminho da inclusão, pois, este tem grande valor.
Até porque, a vida é mais consciente, quando almejamos um mundo acolhedor.

Meu vizinho José

Juliana Cavalheiro LEITE

Quando eu tinha uns 7 ou 8 anos, havia um vizinho que era surdo. Ele se chamava José e era um pouco mais velho que eu. Logo nós nos tornamos amigos, mas a comunicação era muito difícil. Muitas vezes, eu não compreendi o que José queria dizer, pois ele fazia gestos e eu não sabia o que significavam. Naquela época, não se conhecia a língua brasileira de sinais (LIBRAS), pois não tínhamos essa informação. Nós morávamos bem no interior, em uma fazenda de um vilarejo José se comunicava com a família e com as pessoas usando gestos caseiros, não era exatamente uma língua.

Com o tempo fui aprendendo o significado de alguns gestos. Além disso, José levava sempre um caderninho, pois assim, quando não o entendíamos, ele escrevia ou desenhava.

Ele morou perto da minha casa por uns seis meses. Tinha outros vizinhos próximos, uns meninos que eram mais velhos e riam dele, faziam brincadeiras de mal gosto por ele ser surdo e o chamavam de mudinho, de Zé-sem-boca, entre outras coisas. Ele não ouvia, mas conseguia sentir que estavam zombando dele pela expressão de deboche que os meninos faziam. Ele sofreu muito bullying e ficava muito mal com aquilo.

Algum tempo depois, eu e minha família nos mudamos e eu não tive mais notícias do José. Acredito que eles também tenham se mudado.

Meu encontro com José quase caiu no esquecimento, mas acabou por ser resgatado numa proposta de atividade da disciplina de Educação Especial e Inclusiva e depois, quando tivemos a disciplina de Libras, no curso de Pedagogia, eu fiquei pensando que se a língua de sinais fosse uma língua de conhecimento geral, ensinada nas escolas, a vida de José e a nossa comunicação teria sido muito diferente.

A superação de Jorge

Claudionor dos Santos GARCIA

Na década de 80, eu estudava no Ensino Fundamental, no colégio de uma cidade do interior da Bahia. Era um colégio enorme com muitos alunos, acho até que era o maior da cidade. Eu estudei lá até os quinze anos.

No início das aulas, sempre formávamos filas na entrada do corredor que dava acesso às salas antes que tocassem o sinal. Um dia, eu percebi que alguns alunos cochichavam na fila e olhavam para um menino que estava conversando com um coleguinha. Não dava para entender o que falavam, mas olhei para o garoto e reparei em seu rosto uma deformidade. Em seus lábios havia um tipo de fenda que tornava sua voz fanha. Era um aluno novo no colégio e veio estudar na mesma classe que eu.

No primeiro dia, quando entramos na sala, percebi que ele se dirigiu rapidamente para as últimas carteiras e sentou-se. Logo depois, o professor entrou e se apresentou, dando as boas-vindas

a todos e pediu para que fizessemos silêncio, pois ainda havia muito burburinho, e ele iria fazer a chamada. Nós teríamos de responder dizendo: “Presente, professor!”.

Quando o professor chamou o nome de Jorge, descobri que era o menino de que todos estavam cochichando. Ele respondeu timidamente e muitos colegas riram, alguns até gargalharam ao ouvi-lo responder. O professor repreendeu-nos a todos pronta e rispidamente.

No meio da aula, apareceu uma senhora, que educadamente pediu licença ao professor e chamou o Jorge para entregar-lhe um caderno. Era sua mãe. Ela era uma das serventes do Colégio. Ele se levantou, foi em sua direção, pegou o caderno e voltou ao seu lugar.

Com o passar do tempo, as gozações, em relação à fala do Jorge, aumentaram, fazendo com que ele se sentisse envergonhado toda vez que precisava falar algo. Jorge estava passando por um processo de intimidação sistemática, ou seja, bullying; mas ninguém ainda conhecia esse termo, tampouco se discutia o mal que isso poderia causar na autoestima da pessoa. Jorge sofria com a discriminação; ele era um aluno mediano e não chamava a atenção dos demais alunos, a não ser por sua fala fanha. Ele era hostilizado também na hora do recreio, que na época durava 30 minutos, pois ninguém queria deixá-lo participar das brincadeiras.

Certo dia, um dos professores pediu aos alunos que formassem equipes de trabalho. As equipes tinham que fazer um trabalho fora do horário escolar. E esse trabalho teria de ser feito na biblioteca do colégio ou na biblioteca municipal. A tecnologia dos computadores ainda estava distante de ser uma realidade. Ninguém quis formar equipe com o Jorge, de modo que ele acabou se encaixando na última equipe que foi formada por conveniência, ou seja, formada por aqueles que eram naturalmente excluídos dos grupos que se formavam na sala ou que haviam faltado à aula. Eu estava no grupo de Jorge, e nesses encontros para o trabalho, conheci um pouco de sua história. Jorge nasceu com essa fenda nos lábios e má formação do palato (ou céu da boca). Essa deformidade é denominada de lábio leporino.

Lábio Leporino é uma abertura labial, geralmente resultado de malformações congênitas ou infecções maternas durante a gravidez. Durante os primeiros meses, o lábio e o céu da boca desenvolvem-se separadamente; assim, pode ocorrer apenas o lábio leporino (que faz uma fenda do nariz, lábio e gengiva), apenas a fenda palatal (que é a fissura no céu da boca da base do dente à final do palato, ou as duas combinadas na fenda lábio-palatal. Essa deformidade pode ser reparada nos primeiros meses de vida, mas a fissura palatal é a que leva mais tempo e necessita de maiores cuidados para sua recuperação. (BRASIL, 2008, online)

Certo dia, durante o recreio, Jorge estava sentado, cabisbaixo e lágrimas escorriam de seus olhos. A mãe aproximou-se do filho e disse que iria conversar com a diretora e os professores para que os outros alunos parassem de hostilizá-lo dessa forma. Eu era uma criança, observava o que acontecia, mas ficava com medo de me envolver. Se fosse um adulto, poder-se-ia dizer que fui covarde, mas eu era uma criança, não tinha consciência do que estava acontecendo.

Quando a diretora e os professores ficaram sabendo do que estava acontecendo com Jorge, decidiram que antes de começar as aulas, seria feito um comunicado a todos os alunos. E foi isso que aconteceu, mas não adiantou nada. Os alunos continuavam a rir dele durante o recreio, após o término das aulas e antes de começar as aulas. Eu percebia que pela expressão de Jorge, ele queria sumir!

Essa situação fazia com que Jorge não quisesse estudar. A escola era um sofrimento diário para ele. E, assim, suas notas não eram boas. Percebendo isso, um dia, o professor de português propôs à mãe do Jorge que ela o levasse a sua casa durante a tarde, para o menino estudar com ele. Assim, Jorge, que estudava no turno matutino, teria aulas de reforço para melhorar seu desempenho e suas notas. Mais tarde eu entendi que essa era uma tentativa para fazer com que os colegas vissem Jorge com outros olhos e se aproximassem dele. Pois com as aulas de reforço, Jorge se tornaria um bom aluno e um exemplo a ser seguido e respeitado.

E isso aconteceu mesmo. Com o tempo, Jorge melhorou suas notas, passando a ser visto como um excelente aluno. Era elogiado constantemente pelos professores por sua dedicação aos estudos. Com os resultados, Jorge se sentia motivado e se esforçava cada dia mais. O foco dos outros alunos foi desviado de sua deformidade para o seu desempenho, e os alunos começaram a se aproximar dele e a chamá-lo para fazer trabalhos em equipe.

Muito tempo depois, eu fiquei sabendo que as aulas de reforço com o professor de português duraram apenas uma dois ou três meses, pois a partir do memento que Jorge recebeu atenção, tirou as primeiras notas boas, ele se mostrou muito inteligente. As aulas na casa do professor, se tornaram uma terapia para Jorge, que foi fortalecendo sua autoestima e foi desenvolvendo o gosto por estudar e aprender, independente do que os outros pensavam ou faziam.

O melhor médico da cidade, que era um especialista em cirurgias de reparação, havia sido amigo de infância da diretora do colégio. E um dia, ao encontrá-lo, ela falou do caso de Jorge e pediu que ele o atendesse. Explicou tudo o que o Jorge havia passado na escola, sua dedicação e superação como aluno. O médico se dispôs a atender Jorge e foi feito um movimento entre os professores para viabilizar a cirurgia. Ao saber do empenho de todos os colegas de trabalho para ajudar seu filho, a mãe de Jorge ficou muito feliz e fez um grande e delicioso bolo de aipim em gratidão ao apoio a seu filho.

A vida rodou. No ano seguinte, Jorge se mudou com a família para outra cidade; e, tempos depois, eu também me mudei. Assim, eu não vi mais o Jorge. Mas, em 2012, reencontrei alguns amigos do colégio e fiquei sabendo que Jorge havia feito a cirurgia de correção de palato e dos lábios, durante as férias de janeiro daquele ano. E que, na outra cidade, para onde havia se mudado com a família, ele fez tratamento com fonoaudiólogo para desenvolver a fala. Assim, Jorge conseguiu se expressar oralmente tão bem quanto qualquer outra pessoa. Apenas a cicatriz no lábio, ficou discretamente marcando aqueles dias no colégio.

Soube também que ele se formou em magistério no ensino médio, fez faculdade de Pedagogia e lecionou em escolas de referência. E que agora, mesmo já estando aposentado, continua a lecionar. E, que perdi a oportunidade de ser mais próximo dele mesmo lhe tendo tanta admiração, fico imaginando que grande professor Jorge deve ter se tornado. Sorte daqueles que o tiveram como amigo, verdadeiramente, e como professor!

Sem ver

Scheila Trindade

Sem ver, toquei o mais alto do céu;
Sem ver, toquei as asas da borboleta;
Sem ver, senti o toque do vento em meu rosto
e as gotas da chuva gelada.

Sem ver, ouvi o mais lindo canto dos pássaros;
E me senti mais perto das gaivotas voando no céu.
Sem ver, senti o perfume das flores do jardim
e a maciez que tem as pétalas das flores.

Sem ver, ouvi o zumbir das abelhas,
e comecei a sorrir ao entender
que avisaram as outras abelhas sobre o fazer mel.

Sem ver, senti a força que tem o calor do sol
e a tranquilidade refrescante do mar;
Sem ver, pisei na areia e senti em meus pés
a massagem que sempre quis ganhar,
foi tão relaxante que ali mesmo eu me sentei.

Senti o mar,
toquei na areia,
cantei com os pássaros,
e percebi a chuva.

Chuva? Oh chuva!
Com suas gotas geladas, o meu rosto lavou;

E, que confusão!

Sol, chuva, mar, areia, pássaros, flores,
tantas maravilhas que em momentos sem ver pude sentir.

Então, pude entender,
que nada adiantaria meus olhos enxergarem,
se o meu coração não pudesse sentir.

Ah! Se um dia o mundo pudesse entender,
que é com os olhos fechados que começamos a viver;
Ah! Se o mundo pudesse entender
que no coração tocamos sem ver;
Ah! Quanta ilusão achar que tocamos o coração com as mãos!

Ao abrir meus olhos, vi que além de tocar coisas maravilhosas,
posso vivê-las;

E, ao entender que sem ver, eu também posso ser;
Eu escolho ser os olhos de quem ainda não pode ver;
E que, todavia, mesmo sem ver, consegue sentir
tudo o que muitos não veem,
(não podem ou não querem ver...)

Veja além dos seus olhos!

Wanderson

Ana Luiza Santos de Almeida MAGALHÃES

Quando eu frequentei a pré-escola, que na época era chamado de "Pré de 6", eu tinha um colega que se chamava Wanderson. Eu tenho poucas lembranças dessa época, mas me lembro desse menino porque ele sempre tinha os braços machucados e não interagia com ninguém. Às vezes, quando ele era repreendido pela professora por não parar de mexer em alguma coisa (ele era muito agitado) ou por não fazer as atividades que ela havia pedido; ele gritava muito e tirava os tênis para jogar longe. Isso me marcou muito e me lembro até hoje das crises que ele tinha em sala de aula.

Eu fiz o Pré de 6 no início deste século e, naquela época, não se tinha o entendimento que se tem hoje sobre os transtornos,

tampouco existia uma sala de atendimento educacional especializado ou monitores nas escolas para auxiliar os professores em situações como essa. Os professores também não tinham preparo adequado para lidar com essas situações e, geralmente, entendiam esses alunos como mal-educados, preguiçosos ou desajustados.

Hoje, com o curso de Pedagogia, eu estou compreendendo melhor as questões que dizem respeito à inclusão e consigo perceber claramente que o menino talvez tivesse o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) ou quem sabe o Transtorno Opositor Desafiador (TOD), ou até mesmo ambos os transtornos.

Atualmente, eu trabalho como monitora escolar, acompanho crianças com necessidades educacionais especiais e já tive algumas experiências tanto com crianças com TEA, quanto com TOD. E, ao atender ambos os casos, eu reconheci muitas características que lembrava ter observado no Wanderson.

De acordo com o DSM-5 (APA, 2013), o Transtorno do Espectro Autista (TEA ou autismo) é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento que apresenta como características dificuldades de interação social, de comunicação e de comportamentos repetitivos e restritos. E o TOD (transtorno opositor desafiador), segundo Ribeiro (2023, online), pode ser definido como um distúrbio que ocorre na infância e adolescência, cujos principais sintomas são comportamento desafiador e impulsivo, dificuldade de lidar com frustrações e teimosia.

Ele não teve nenhum suporte na escola na época. Quando tinha alguma crise, a mãe era chamada para levá-lo para casa, ou ele ficava no corredor sozinho. Era frequente o hábito de os professores colocarem os alunos para fora da sala de aula quando estavam “atrapalhando”; ainda mais no Pré de 6, quando estávamos sendo preparados para entrar no Ensino Fundamental. Isso tudo deve ter dificultado a interação do Wanderson com a escola. Eu não sei como ele está hoje, tampouco se continuou os estudos, mas espero que de alguma forma ele tenha superado as dificuldades e esteja bem e feliz.

Berenice

Marcela Daiane de Ávila PORTELA

Desde criança, Berenice sempre foi muito tímida, mesmo tendo uma mãe professora que a estimulava sempre a fazer amizade com outras crianças. Era comum que, quando faziam algum passeio em família, Berenice convidava uma amiga para ir junto. E noutras vezes, era Berenice quem acompanhava alguma amiguinha. Foi, num desses dias, quando estava viajando com a família de sua amiga Eliza para outra cidade, que aconteceu o acidente.

O acidente de carro foi muito grave, mas todos sobreviveram. Eliza e os pais também estavam hospitalizados, mas não haviam tido ferimentos tão graves quanto os de Berenice, que ficou em coma por alguns dias.

No momento do acidente, Berenice e Eliza estavam conversando e se divertindo no banco de trás. Berenice ficou incomodada e soltou o cinto de segurança para se ajeitar melhor justo quando um carro, que vinha na direção contrária, invadiu a pista e forçou o pai de Eliza a ir para o acostamento da rodovia para evitar o choque frontal. Porém o carro, que havia invadido a pista, acabou batendo na parte de trás da porta do passageiro, fazendo com que o carro em que Berenice estava capotasse.

Berenice não lembra de nada. Quando acordou estava no hospital, sem entender o que havia acontecido. Ela ficou muito triste ao saber do acidente, mas o desespero tomou conta da menina quando ela percebeu que havia perdido a mão direita no acidente. Ela custou a aceitar isso. Afinal era uma adolescente, já tinha a barreira da timidez e agora teria de lidar também com uma deficiência. Por conta desse choque, Berenice acabou desenvolvendo um quadro de depressão. Ela não queria sair de casa, tinha vergonha por não ter uma das mãos.

De acordo com Silva et al (2021, p.8), “os acidentes de trânsito estão entre as causas mais comuns de deficiência adquirida.” No aspecto físico, os acidentes podem gerar alguma restrição de autonomia, alguma limitação física para realização de atividades básicas da

vida diária. E, no aspecto psicológico, os acidentes geralmente causam sofrimento psíquico, com sentimentos de desesperança, tristeza, estresse, raiva, culpa e medo. Assim, a deficiência adquirida em acidente de trânsito tem repercussões importantes na vida das vítimas, tanto física quanto psicossocialmente. E a formação de redes de apoio de familiares, amigos e equipe de saúde é fundamental para acolher e dar o suporte à pessoa que se vê numa nova condição de vida.

Os pais de Berenice, apesar do sofrimento e do sentimento de revolta, entenderam que em caso de acidentes não se pode culpar ninguém. O que podiam fazer agora era acolher a filha, por isso adaptaram todos os cômodos da casa. E não mediram esforços para que a filha tivesse acesso às tecnologias assistivas que pudessem facilitar sua mobilidade e autonomia.

Berenice não queria receber visitas. Quando alguém aparecia, ela era rude e mandava a pessoa embora. Ela também não queria mais ir para a escola, sentia vergonha e tinha medo de as pessoas a rejeitarem por causa de sua deficiência. Mas a mãe sempre a incentivava e orientava, não só com um olhar de mãe, mas também de pedagoga, a estudar, a fazer faculdade e não desistir de seu sonho, que era ser nutricionista. A mãe sempre falava para a filha que a deficiência não a definia, que ela podia fazer o que quisesse; só precisava usar outros caminhos.

Vendo o desânimo de Berenice, a mãe resolveu agir e chamou seus amigos, inclusive a Eliza, e pediu que a visitassem, ainda que ela não quisesse visitas e os tratasse mal. E eles foram várias vezes. No começo, Berenice ficava emburrada, mandava-os embora, mas eles não iam. Assim, com o tempo, ela se acostumou a tê-los por perto novamente e finalmente resolveu voltar à escola. Ela voltou. E, diferente do que ela havia imaginado, não houve tanta discriminação. Dessa forma, ela seguiu e conseguiu superar as dificuldades e, com muito esforço e fé em suas capacidades, formou-se em nutrição, como era seu sonho.

Depois de trabalhar como nutricionista em muitos lugares, hoje Berenice tem sua própria clínica. É uma nutricionista competente e uma influencer. Ela tem feito vídeos para seu canal de YouTube, com sucesso, incentivando pessoas com deficiência a não desistirem de suas metas e objetivos, mostrando que é possível adaptá-los. Ela conta que passou por algumas situações de preconceito na escola, na faculdade e nos lugares onde trabalhou; mas com a ajuda de seus pais e amigos, enfrentou, passou por essas situações e seguiu em frente. Afinal a vida é feita de experiências, que muitas vezes não damos o devido valor, até realmente nos darmos conta de que não temos mais possibilidades. Ficamos frustrados, imaginando que não tem solução. Mas é aí que entra a dedicação, o esforço e a superação. É muito gratificante, quando você percebe que conseguiu se reinventar. Isso é ser feliz dentro de suas limitações, é aceitar-se. Afinal, somos todos seres humanos com pensamentos e características diferentes e isso está tudo bem!

Falta de acesso

Adriana Cabral e SILVA

Na década de noventa,
João estudava no Ensino Fundamental.
Andava sempre sozinho pela escola,
Em casa, foi criado pelos avós,
Numa educação rígida, de poucas palavras.

Na época, era chamado de estranho,
Mas talvez hoje seria diagnosticado com TEA.
Se fosse o caso, poderia, com atendimento diferenciado,
Ter no convívio social e nos estudos, melhor resultado.

Antes, sem nenhum conhecimento,
Parecia seguir a vida normalmente,
Talvez tentando se encaixar,
Sem o sofrimento demonstrar.

Com as responsabilidades na vida adulta,
O mal da depressão o alcançou,
E, sem nada falar, a solução que encontrou,
Foi com sua vida acabar.
Assim, um dia, nas águas do rio decidiu se afundar.

Kátia

Suzilaine Ramos MORAIS

Ao buscar na memória uma situação de preconceito que eu já tivesse vivenciado, lembrei-me de uma colega que estudava na mesma escola que eu. Na verdade, ela estudava em outro turno e quando eu voltava da escola no período matutino, ela estava indo no período vespertino.

Eu sempre a encontrava no caminho e a via passar com sua mochila e com o cabelo solto. O nome dela era Katia. Ela tinha o cabelo crespo e pele preta, que eu achava linda. Eu conhecia a família dela, mas não tinha uma relação íntima. Então, não conseguia me aproximar dela como eu gostaria.

Algum tempo depois, no final de 2013, eu percebi que ela começou a ir para a escola com uma blusa na cabeça, cobrindo os cabelos. Achei muito estranho, porque isso era recorrente, não foi apenas uma ou duas vezes. Depois percebi que, muito provavelmente, ela devia estar sofrendo preconceito dos colegas.

Às vezes, eu tinha algumas atividades na escola no período vespertino, a via no recreio. Muitas vezes eu a vi correndo atrás dos colegas com a blusa na cabeça. Ela não tinha nenhuma deficiência intelectual, ou transtorno, a única diferença era a cor da pele e o tipo de cabelo. Mais tarde, eu entendi que aquilo que acontecia com ela era racismo.

Durante muito tempo, eu não a encontrei, acho que dever ter se passado um ano ou mais. Não a via mais na escola. A última vez que a vi, lembro-me que foi por foto e ela já estava, infelizmente, com o cabelo alisado. A pressão social do racismo que qualifica o cabelo afro como ruim ganha força na sociedade brasileira, porque

culturalmente sempre houve uma valorização do cabelo liso. Essa prática equivocada, de quem não percebe que a beleza está na diversidade, “prejudica a autoafirmação da estética negra” (Brasil, 2024, online). Além disso, afeta a autoestima de muitas crianças pretas que não reconhecem sua beleza.

Hoje vemos uma valorização da cultura afro-brasileira, mas apesar de leis que condenam a prática, e do feriado de 20 de novembro, o racismo ainda encontra muitos adeptos. Infelizmente.

Minha tia

Edna Gil FLORES

Minha tia morava numa cidade do interior da Bahia. Uma cidade muito pequena sem muitos recursos. Ela enfrentou muitos obstáculos em sua vida porque tinha deficiência visual. Minha mãe conta que ela não nasceu com problemas de visão, na verdade ela era visual até os quatorze anos, quando numa tempestade um raio caiu muito próximo, em frente a ela. E assim, por causa do clarão, ela começou a ter problemas de visão até que perdeu totalmente a capacidade de enxergar. Apesar de não encontrar registro de cegueira causada por relâmpagos, há muitos sites e estudos oftalmológicos que apontam que o excesso de luz pode realmente causar problemas de visão, pois a retina é um tecido nobre e delicado, responsável por captar a imagem e transmitir a informação ao cérebro, quando exposta a luz intensa (como a do sol) pode causar maculopatia ou degeneração macular que pode levar a cegueira. (Excesso, 2022, online).

Como ela morava no interior, o maior desafio para ela era caminhar por cerca de 15 km do sítio, onde ela morava, até o centro da cidade para ir à feira, à igreja ou ao médico. Minha tia nunca foi à escola, pois, na “roça”, ir à escola ou estudar não era uma coisa importante. As pessoas acreditavam que o mais importante era trabalhar, casar e ter uma família. Dessa forma que ela nunca foi alfabetizada. Naquela época, todos da família passavam por dificuldades e ninguém tinha condições de ter um carro, então para o centro da cidade, ou ia a cavalo ou a pé.

Depois do acidente, ela também não teve acesso a aulas, pois, na cidade onde morava, não existia atendimento escolar para pessoas com deficiências, e não existe até hoje. É provável que isso aconteça porque se vê muita escassez de professores capacitados. O cenário educacional para pessoas com deficiência está mudando, mas, principalmente em cidades pequenas, é algo um pouco mais demorado de acontecer.

Minha tia teve uma filha. Ela foi mãe solo, pois o pai não assumiu a responsabilidade e a abandonou quando soube da gravidez. O parto foi em casa com uma parteira. E, com a ajuda da família, ela conseguiu criar a criança.

Ela também sofreu muita discriminação por ser cega. Na cidade, ganhava muitos apelidos como ceguinha, cegueta, galinha cega. Ela ficava muito triste e até chorava. Hoje essa prática é considerada um crime, mas naquela época, ela tinha que se manter firme e aprender. não se importar. Era difícil, mas ela nunca se entregou, e sempre se manteve determinada a superar tudo da melhor forma.

Apesar das dificuldades que minha tia enfrentou, ela aprendeu cuidar das coisinhas dela, lavar roupa, dobrar, arrumar a cama. Ela só não mexia no fogão, porque tinha medo de se queimar e sempre tinha alguém para cuidar disso, mas de resto é totalmente independente.

Eu sempre achei minha tia uma mulher muito forte, é superinteligente, pois ela reconhece a gente pelo toque. Ela toca no rosto e, mesmo sem a gente falar, uma palavra ela sabe quem é. Eu sempre achei essa capacidade dela muito incrível.

Ela sempre falava que sua maior dificuldade que ela ainda tinha era na hora de escolher a cor da roupa. Para isso, ela sempre tinha de ter alguém para lhe falar. Ela era vaidosa e sempre andou arrumadinha e gostava de se vestir com as cores combinando.

Apesar de todo o sofrimento, ela sempre dizia que teve uma vida feliz. Ela viveu com a filha, o genro e os 4 netos e, há pouco tempo, ela faleceu. Mas nos deixou uma história de luta, de persistência e de gratidão; pois apesar de tudo que passou, nós nunca a ouvimos reclamar de nada.

Amábile

Elza Mara Pereira GOULARTE

Amábile tinha quase três anos quando teve o diagnóstico clínico fechado, por uma neuropediatra, para transtorno do espectro autista (TEA). Os pais e os familiares mais próximos haviam percebido que a menina tinha alguns comportamentos diferenciados para sua idade. Amábile apresentava sensibilidade auditiva, atraso na fala, não atendia comandos simples, não fazia contato visual e quando estava em meio a muitas pessoas ficava irritada. E essas são algumas características apresentadas pelas crianças com TEA, que “é um distúrbio do neurodesenvolvimento”. (Paraná, 2024, online).

Duas semanas depois de receber o diagnóstico, Amábile começou a fazer terapias fonoaudiológicas e com a psicóloga. E, com o passar do tempo, os pais começaram a perceber os resultados das terapias, mas a evolução era muito lentamente e no tempo dela. Assim, a menina foi se desenvolvendo cada dia mais.

Depois de um ano do diagnóstico, ela estava fazendo cinco terapias que totalizam dez horas semanais. Eram terapias específicas para o seu desenvolvimento dentro do espectro. Além dessas, Amábile também fazia fisioterapia, terapia ocupacional e desenvolvimento da psicomotricidade. Em casa, os pais também aplicavam algumas atividades, para que ela não saísse da sua rotina, afinal todo autista precisa ter uma rotina.

No início, não foi fácil mudar totalmente a vida da família. Adaptar-se às rotinas da Amábile trouxe muitas dificuldades na organização dos horários e no ritmo da família. No entanto, hoje, a família vive muito bem ajustada ao ritmo de Amábile e percebe o quão extraordinário é estar dentro do mundo AUTISTA.

Muito além da deficiência

Luciana Camila Tavares BARROS

A história que vou relatar vai além da discriminação e da deficiência. É uma história de superação. Essa é a história de vida

da minha mãe. Tudo começou quando ela tinha 18 anos e morava na cidade de Varginha, em Minas Gerais. Como Minas é um estado que não tem praias, minha mãe costumava passar suas férias de verão em Furnas, que é uma cidade muito conhecida por suas represas.

Num desses verões, ocorreu um grave acidente. Ela estava esquiando com esquis aquáticos, que é muito praticado lá, e acabou caindo. Ao cair, a hélice da lancha puxou sua perna, deixando-a triturada.

Ela ficou internada no hospital por três anos. Até os 21 anos, ela passou por muitas cirurgias. Os médicos fizeram de tudo para reconstruir sua perna tirando partes do seu próprio corpo, ficando assim com outras partes deformadas, parte da barriga, das costas e das nádegas foram retiradas numa tentativa frustrada de fazer um enxerto. Mas não adiantou. Ao final, a perna teve de ser amputada. A decisão de amputação da perna partiu dela mesma. Foi uma dor e um alívio, pois em dois meses, ela recebeu alta do hospital e passou a usar uma prótese mecânica para conseguir caminhar.

Depois disso, ela sofreu muita discriminação, inclusive por parte de familiares. Não foi fácil, mas ela seguiu em frente, sempre trabalhando e acreditando em si própria. Aos 24 anos, ela conheceu Marcos (meu pai), com quem se casou e teve dois filhos. Com o apoio do marido, ela voltou a estudar, se formou, e criou a gente mesmo com todas as adversidades.

Minha mãe nunca dependeu de nenhum tipo de auxílio governamental, tampouco se aposentou por conta da deficiência. Ela sempre trabalhou e conquistou uma vida estável e segura junto com meu pai.

Quando meu pai faleceu, e eu e meu irmão já adultos, foi uma tristeza. Foi como se tivesse sido amputada outra vez. Mas, novamente, ela se reinventou. Ela começou a fazer Pilates e descobriu a natação, partindo para competições em alto mar, onde ganhou vários prêmios como paratleta.

Minha mãe foi uma guerreira. Ela é uma mulher muito bem-sucedida em todos os sentidos, pois conquistou autonomia financeira. Minha mãe é deficiente física sim, mas isso nunca a definiu. Ela é mãe,

é profissional, é paratleta, é avó, é cidadã e pagadora de impostos como qualquer um e é muito feliz!

Sofia, a menina que venceu o *bullying*

Jaqueline Dionísio DALMOLIN

Desde muito cedo, Sofia sentia-se diferente das outras meninas da sua classe. Ela era mais magra e, por isso, frequentemente se tornava alvo de piadas. Os colegas, sem pensar nas consequências, chamavam-na de “cabo de vassoura” e de “Olívia Palito”, fazendo comentários maldosos sobre sua aparência. Essas provocações não eram apenas palavras; elas se transformavam em feridas profundas que faziam com que Sofia se isolasse cada vez mais.

Esse bullying, que Sofia sofria, não se limitava a sua aparência, ele se estendia à sua dificuldade em se expressar. Quando tentava falar, Sofia ouvia risadas ou zombarias, em vez de receber apoio. Isso fazia com que ela se sentisse muito mal e desejasse ser invisível. O desejo de sumir ou de ficar invisível demonstra que o bullying “afeta a autoestima e a saúde mental, levando a sentimentos de exclusão e solidão” (Cruz, 2019, p. 150). A dor do isolamento era intensa, e, com o tempo, Sofia começou a se afastar de tudo o que amava, como jogar vôlei. Ela também deixou de participar de atividades em grupo.

O que aconteceu com Sofia mostra como o bullying pode impactar a vida de uma pessoa. A exclusão de indivíduos que não se enquadram em padrões estabelecidos por grupos é resultado de “interações sociais [...] frequentemente mediadas por percepções estéticas” (Goffman, 1974, p. 45).

Num momento de muita dor, Sofia foi percebida por uma professora, que a ajudou, encorajando-a a se expressar e a orientado a encontrar sua voz. Assim a menina conseguiu quebrar o ciclo de sofrimento e, hoje, se dedica a compartilhar sua história para conscientizar crianças e adolescentes sobre a importância de aceitar o outro com sua diferença. Sofia acredita que as escolas devem ser acolhedoras e devem ser um espaço onde todos os alunos são respeitados e valorizados por suas diferenças. Isso é possível, pois, como diz

Mantoan (2003, p.78), “a inclusão educacional deve ser um esforço coletivo que visa respeitar e valorizar as diferenças individuais, criando um ambiente seguro e acolhedor para todos os alunos”. Assim, o relato de Sofia é um exemplo de superação e resiliência, um passo em direção a um futuro mais inclusivo para todos.

O pequeno Gael

Elisane Martins NUNES

Gael veio com a família de Natal, no Rio Grande do Norte, e o conheci quando tinha apenas dois anos de idade. Ele e a família, alugaram a parte de cima da minha casa, onde há um apartamento com acesso independente. Assim, como eram meus vizinhos, comecei a conviver diariamente com ele. Ele era um menino lindo de olhos bem azuis e cabelos encaracolados, parecia um anjinho daquelas imagens clássicas da cultura eurocentrista. Por estar próxima a ele todos os dias, com o passar do tempo, comecei a perceber um comportamento bastante diferente, especialmente em comparação aos meus dois filhos.

Frequentemente, Gael acordava gritando sem que tivesse qualquer motivo para isso. Era muito assustador! Ele tinha muita dificuldade para dormir. Quando conversei com a mãe, que era uma jovem sem muita experiência, pois era mãe de primeira viagem, ela me contou que a pediatra da cidade onde moravam havia receitado um calmante para Gael. Isso me surpreendeu e achei um absurdo. Mas não fiz qualquer comentário.

Observei também que Gael reagia de forma intensa quando suas vontades eram negadas. Ele se jogava no chão e batia a cabeça com muita força. Outro comportamento, que me chamava a atenção, era o fato de ele caminhar na ponta dos pés, que o fazia cair frequentemente porque ele era muito pequeno. Além disso, ele era muito seletivo com os alimentos e, por vezes, passava horas virado para a parede, sem fazer nada, e sem estabelecer contato visual com ninguém.

Eu não fazia ideia do que tudo isso poderia ser, mas essas observações me deixaram preocupada. Poderiam não ser nada;

mas decidi conversar com a mãe do Gael. Assim, depois de o garoto ter mais uma crise, puxei assunto e expliquei que aqui em Brusque existia a Uni Duni Tê , que era uma instituição que faz acompanhamento especializado com crianças. Felizmente, ela ficou interessada e seguiu minha sugestão, levando-o para uma avaliação. Assim, Gael começou a ser acompanhado pela equipe de lá, e logo depois conseguiu uma vaga na creche; o que, inicialmente, foi muito desafiador até ele se adaptar.

Antes de falar com a mãe de Gael, eu fiz uma pesquisa na internet e entendi que Gael apresentava comportamentos típicos de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Eu ficava me perguntando como poderia dizer isso para a mãe dele. Afinal, eu só tinha uma suspeita a partir das minhas observações, e poderia não estar certa. Mas, felizmente, na hora da conversa me ocorreu sugerir que ela buscasse ajuda na Uni Duni Tê, e deu certo. Em poucos meses, as informações da Uni Duni Tê e da creche foram cruzadas, e a mãe foi orientada a levar o Gael a um especialista. Assim, o diagnóstico foi fechado: Gael tinha TEA com nível 1 de suporte.

A partir do diagnóstico, tudo começou a melhorar. Os pais de Gael tiveram orientação e aprenderam a lidar com ele e, assim, puderam ajudá-lo a progredir. Hoje, Gael é um menino lindo de 10 anos, que estuda, brinca e constrói uma história é uma verdadeira inspiração para todos.

João e a Síndrome de Ehlers-Danilos

Caissia Souza BOAVENTURA

João era um adolescente de 14 anos, cheio de energia e apaixonado por esportes. Ele sempre se destacava na escola, tanto nas aulas quanto nas atividades físicas. Desde muito pequeno, os pais de João percebiam que as articulações do filho eram extremamente flexíveis, mais do que o normal. Ele conseguia fazer movimentos que seus amigos achavam impressionantes, mas também tinha dores constantes nos músculos e nas juntas. Além disso, sua pele era mais

elástica do que o comum e, com facilidade, surgiam hematomas sem motivo aparente, isso o incomodava.

Preocupados com os sintomas persistentes e a frequência das queixas de dor, os pais levaram-no a vários médicos ao longo dos anos, mas nunca havia um diagnóstico conclusivo. Um dia um especialista em genética encaminhou João para exames mais detalhados. O médico suspeitava de algo muito raro. Assim, finalmente, após uma série de testes clínicos e moleculares, João foi diagnosticado com a Síndrome de Ehlers-Danlos (SED).

De acordo com Lages et al. (2007), essa síndrome, que também é chamada de síndrome do homem elástico, tem ainda sua origem desconhecida, e é associada a um defeito genético do colágeno e na estrutura do tecido conjuntivo, com hiper mobilidade articular, hiperelasticidade da pele e fragilidade.

O diagnóstico de João foi um misto de alívio e preocupação. Alívio, porque finalmente havia uma explicação para o que João vinha sentindo há tanto tempo; e preocupação, pois seus pais sabiam que a síndrome não tinha cura e que João precisaria de cuidados especiais para o resto da vida. A forma específica de SED que ele tinha tornava suas articulações instáveis, predispondo-o a luxações e lesões frequentes. Além disso, com a fragilidade de sua pele, os vasos sanguíneos exigiam precauções extras para evitar machucados e hematomas.

João recebeu a notícia com dificuldade de aceitação, pois ele amava jogar futebol e participar de atividades físicas com os amigos, e agora precisaria limitar esses esforços e a prática de esporte, principalmente de contato. A perspectiva de viver com essa condição e todas as restrições que viriam junto parecia esmagadora para um adolescente que só queria ser típico, como qualquer outro. Com o tempo, ele e sua família obtiveram mais informações sobre a síndrome e aprenderam como lidar com ela.

João começou a fazer fisioterapia para fortalecer os músculos ao redor das articulações e, dessa forma, evitar lesões graves. Na escola também houve um movimento de adaptações para oferecer mais suporte a João, garantindo que ele pudesse participar de atividades sem se expor a riscos desnecessários.

Embora sua vida tenha mudado drasticamente; após o diagnóstico, João aprendeu a valorizar a importância do autocuidado e da resiliência. Ele sabia que a Síndrome de Ehlers-Danlos faria parte de sua história para sempre, mas não iria definir quem ele era. Com o apoio de sua família, amigos e equipe médica, ele seguiu em frente, determinado a viver da melhor forma possível, enfrentando cada desafio com coragem e determinação.

Otávio

Melissa Francielle de LIMAS

Otávio era apenas uma criança
Que gostava de brincar
Mas seus pais sempre notaram
Que tinha dificuldade para se comunicar

No ambiente da escola
O desafio era maior
Ele falava pouca coisa
Conversar com o professor, era ainda pior

Otávio tinha alguns amigos
Que tentavam ajudar
Mas nada o que era feito
Fez com que ele quisesse falar

Mas quando estava em casa
Olha só que engraçado
Falava até pelos cotovelos
Não era mais um menino calado

Depois de algum tempo
Otávio foi percebendo
Que se ele não se comunicasse
Alguns amigos, acabaria perdendo

Foi então que um belo dia
Ele acordou contente
Foi para a escola todo falante
E percebeu que a alegria era contagiante

Quando Otávio chegou em casa
Seu rosto demonstrava que estava feliz
E apesar de todas as diferenças
Ele era igual aos seus amigos
Desde o dedinho do pé até a pontinha do nariz.

Adolescência: erro e aprendizado.

Oriveldo SOUZA

Brincadeiras e momentos de zoeira fazem parte da vida, principalmente na fase em que se é um adolescente. A adolescência é reconhecidamente um período de transição entre a infância e a vida adulta. Essa fase é caracterizada por estímulos físicos, mentais, emocionais, sexuais e sociais; além do desejo de corresponder às expectativas culturais da família e da sociedade (Eisenstein, 2005).

Quando eu era adolescente, eu estava entre amigos, na confraternização de uma escola, e um deles que não tinha nenhuma deficiência foi ao banheiro e entrou num que era reservado para pessoas com deficiência. Eu e outro amigo estávamos no mictório e rimos muito disso. Mas, nesse meio tempo, entrou um rapaz de muletas e ficou esperando para usar o banheiro. Então nós gritamos para que o nosso companheiro se apressasse, pois tinha gente aguardando para usar aquele banheiro. Saímos do banheiro e ficamos esperando do lado de fora. Depois de algum tempo, quando ele saiu do reservado e viu a pessoa com deficiência ali esperando, ele ficou sem jeito e fingiu ser uma pessoa com deficiência também, simulando uma mão curvada para trás, as costas corcundas e as pernas tortas.

Lá fora, quando ele relatou e imitou o jeito que fez quando saiu do banheiro, nós rimos muito da situação. E durante muito tempo depois, lembrávamos desse episódio entre gargalhadas. Na época, nós

não tínhamos ideia do desrespeito que havíamos cometido naquele banheiro, tampouco de que continuávamos desrespeitando cada vez que lembrávamos do caso sem seriedade.

Eu não tenho orgulho do que fizemos, mas entendo que fazia parte da condição da adolescência e da falta de orientação e reflexão que deveríamos ter tido. Hoje, fico atento e oriento as pessoas de que é importante respeitar, que banheiros e outros espaços reservados para pessoas com deficiência, como vagas de estacionamento e assentos preferenciais, existem por um motivo: para facilitar o acesso e a vida dessas pessoas. Por isso devemos evitar ocupá-los. Isso é respeito!

A princesa Aline

Kethilyn de Freitas Gonçalves SILVA

Era um belo dia de sol e perfeito para o nascimento de uma linda princesa que recebeu o nome Aline. Ela tinha a pele aveludada, seus cabelos eram encaracolados e os olhos eram brilhantes como a luz do sol. Aline veio ao mundo com a mais pura inocência que se pode encontrar, e chegou para viver as mais incríveis experiências da vida. Mas para ela não foi tão fácil assim, pois Aline nasceu com um desvio na coluna de modo que não tinha os movimentos da cintura pra baixo, isso significa que não poderia movimentar suas pernas.

Para seus pais foi um grande impacto, pois não conseguiam medir as diversas limitações e dificuldades que sua filha iria enfrentar ao longo da vida. Ainda no hospital, após o seu nascimento e a triste notícia que tinham recebido, que ela nunca iria andar, o médico propôs uma solução futura, que era um tanto quanto arriscada, e tinha pouquíssima chance de sucesso, poderia até levar a morte. Os pais ficaram receosos, mas com isso perceberam que ainda haveria uma chance em que ela poderia andar algum dia, e isso deu certo conforto e trouxe esperança para os pais de Aline.

Com o passar dos anos, Aline foi crescendo e tendo maturidade para entender muitas coisas. Mas, para ela, ver as outras crianças correrem e brincarem não fazia sentido por ela estar sempre numa cadeira de rodas. Camile também sempre precisou depender de

alguém para fazer coisas simples do dia a dia, como tomar banho, trocar de roupa. Ela se sentia diferente das outras crianças.

Os pais decidiram que Aline deveria começar a frequentar a escola, mesmo não sendo nada fácil para eles, pois não estariam lá para quando ela precisasse de ajuda. Então, com seus 6 anos de idade, Aline começou a estudar, mostrando-se muito dedicada. Também fez muitas amizades e se adaptou rápido à escola, mais do que seus pais imaginavam. Ela foi muito bem recebida e incluída em sua turma e na escola, onde estudou até seus 10 anos. Ela mostrou que a cadeira de rodas não era nenhum incômodo e muito menos empecilho para que ela pudesse frequentar a escola e outros ambientes que quisesse.

Então seus pais, vendo que Aline vivia plenamente bem e feliz, desistiram da cirurgia que o médico tinha proposto, pois poderia colocá-la em risco. Mesmo assim, ela precisou passar por uma cirurgia de emergência, pois onde se localizava o desvio da coluna, surgiu um tumor, que precisava ser retirado. Infelizmente, a princesa Aline não resistiu à cirurgia e morreu.

Descanse em paz, pequena princesa, você foi um exemplo para muitas outras pessoas que passam todos os dias por inseguranças e medos por suas deficiências, transtornos e dificuldades, mas que cada uma possa alcançar as coisas boas que a vida oferece, sem traumas e indiferenças.

A jornada de Fabinho

Scheila Cristina RIBEIRO

Fabinho, um menino que nasceu com um pouco mais de dois quilos, tem sido cuidado por sua avó paterna, Dona Mônica, desde o nascimento. Dona Mônica dedica-se integralmente aos cuidados de seus netos, Karoline e Fabinho. Contudo, Fabinho exige mais atenção, pois apresenta comportamento hiperativo, irrita-se facilmente, é nervoso e tem dificuldade em seguir ordens. Segundo Marques (ano), a hiperatividade pode se manifestar por meio de sintomas como inquietação, nervosismo e movimentos excessivos. Quando bebê, Fabinho chorava com muita frequência e por motivos triviais.

À medida que o tempo foi passando, notou-se que Fabinho não desenvolvia a fala adequadamente, limitando-se a emitir sons, o que o frustrava profundamente, pois desejava se comunicar, mas não conseguia. Essa frustração desencadeava crises de irritação; nas quais, às vezes, chegava a morder as pessoas que estivessem por perto. Preocupado com a situação, seu pai decidiu buscar ajuda especializada e consultou um fonoaudiólogo. Após algumas consultas, Fabinho foi encaminhado a um psicólogo e a um neurologista. Assim, depois de uma série de exames e avaliações, chegou-se à hipótese de que Fabinho poderia ter o transtorno do espectro autista (TEA).

De acordo com Zilbovicius (2006), o transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno de neurodesenvolvimento que pode ter múltiplos sintomas clínicos, variando em níveis de suporte. O autismo é caracterizado por déficits de interação social, comunicação verbal e não-verbal e a presença de comportamentos estereotipados e repetitivos. Além desse diagnóstico, levantou-se também a hipótese de Fabinho apresentar um possível transtorno opositor desafiador (TOD), que, conforme Serra-Pinheiro (ANO), é caracterizado por um padrão de desobediência, desafio e comportamento hostil. Crianças com TOD frequentemente discutem com adultos, recusam-se a aceitar responsabilidades por suas ações, provocam os outros deliberadamente e têm dificuldades em respeitar regras, perdendo o controle facilmente quando as coisas não saem como desejam.

Embora ainda não exista um diagnóstico fechado para Fabinho, devido à sua idade, foi observado que ele começou a falar por volta dos três anos, apesar de suas palavras serem, inicialmente, pouco claras. Somente pessoas próximas a ele conseguiam compreender seu discurso. Com o tempo, demonstrou ser uma criança muito inteligente, apresentando um rápido progresso. Após o desenvolvimento da fala, tornou-se extremamente conversador, falando de forma constante. Sua avó, Dona Mônica, às vezes, sente-se sobrecarregada com a verbosidade de Fabinho. Aos quatro anos, ele já sabia o alfabeto, conseguia contar até 100 e identificava algumas palavras, destacando-se em matemática.

Na escola, entretanto, Fabinho continuava apresentando comportamentos agressivos, como morder e bater nos colegas, e irritava-se com facilidade. Teve uma vez que ele tentou fugir da escola, e, em outra ocasião, tentou escapar da casa de sua avó. Ele tem dificuldade de aceitar regras e desestabiliza-se emocionalmente ao presenciar conflitos familiares, como as brigas entre seus pais, nas quais sua mãe, além de agredir o pai, também o agredia. Esses conflitos aumentavam sua irritabilidade e estresse, ficando aparente sua condição de ter também o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

Segundo Barkley (2002), o TDAH envolve dificuldades no autocontrole, como problemas com a atenção, controle de impulsos e nível de atividade. Esses problemas não se limitam à desatenção ou hiperatividade, nem se trata de uma fase temporária da infância. É um transtorno do desenvolvimento que exige atenção especializada.

Apesar de sua hiperatividade e episódios de crise, Fabinho é uma criança carinhosa, especialmente com sua prima Karoline. Ele tem um interesse muito grande em dinossauros, que é seu hiperfoco. E assim, conforme Fabinho cresce, os desafios continuam a surgir, mas ele também mostra sinais claros de progresso. A combinação de terapias, o apoio constante de sua avó Dona Mônica e a paciência de seus professores trazem resultados positivos. Embora ele tenha dias difíceis, suas crises de irritação têm se tornado menos frequentes. Ele continua sendo uma criança cheia de energia, curiosidade e carinho. Seu futuro ainda é incerto, como o de todas as crianças, mas o que fica claro é que, com o apoio certo e muito amor, Fabinho poderá enfrentar qualquer desafio que surgir em seu caminho e ser o que ele quiser no futuro!

Julico

Lori Tânia de Oliveira Matter SOARES

Um homem grande, de pele morena, sorriso contagiante, e com um coração de criança, com deficiência visual, cresceu em meio ao cafezal e a escola, em sua época, não pode frequentar.

Julico não podia ver, mas suas mãos viam tudo, e a tudo dava nome. Sua memória era incrível, e tudo que em suas mãos colocasse, ele logo o nome lhe falava. Os anos se passaram e Julico, sendo o caçula da família numerosa, com sua irmã mais velha foi morar.

Sempre andava com um cajado para se localizar e não bater nas coisas. Como a idade chega para todos, também chegou para Julico, que ficava sentado em sua cadeira na varanda, sempre movimentando a sua mão repetidamente, apertando um pedaço de madeira que ele chamava de gamela.

A sua alegria era quando, nas férias de fim de ano, a sua casa enchia, crianças por todo lado e a todo minuto uma pergunta lhe fazia, até fila existia para que Julico lhe tocasse a face e lhe falasse com o que se parecia, e ali saía: cara de melancia, cara de bolacha, cara de abacate, cara de palhaço.

A felicidade contagiava todo aquele lugar, e Julico, apesar de ter crescido e vivido em uma época de poucos recursos, soube se adaptar e usar o pouco que lhe foi ensinado para levar uma vida regrada, privada de muitos recursos, mas que na época era assim.

Julico nunca enxergou, isto é fato, mas com toda certeza teve uma vida feliz, proporcionada da melhor forma que sua família pode oferecer. E eu pude presenciar essa trajetória e fazer parte dessa história.

A senhora da Casa 328

Evilasio Luiz MONTIBELLER

Como sempre, eu olhava aquela casa azul clara de madeira muito bonita, e nela morava uma senhora de cabelos brancos. Era a senhora da casa 328, ela tinha uma pele já um pouco envelhecida, de olhos claros e cabelos brancos, por conta da sua idade de 75 anos.

Ela sempre estava quieta, era de poucas palavras, vivia sua vida normal. Nós a víamos todos os dias, e até íamos em sua casa de vez em quando. E ela frequentava a nossa casa também. Achávamos estranho a sua perna esquerda, pois sempre estava com faixa e curativo. Um dia perguntamos sobre isso, e ela contou que tinha um ferimento há muito tempo e que nunca havia sarado.

Um dia ela precisou ir ao médico e descobriu que tinha uma doença grave que teve de amputar a perna. No começo ela relutou em fazer tal procedimento, mas depois entendeu que seria o melhor que tinha para fazer e assim o fez.

Então, olhávamos a senhora da casa 328, mudando de endereço e indo morar com sua filha, em frente a nossa casa. E agora morávamos na mesma rua.

Ela tinha necessidades específicas e seria muito mais confortável morar com sua filha, pois na sua casa não haveria como ter o cuidado apropriado. Além disso, minha mãe também passou a ajudá-la. Certo dia, nós que também tínhamos uma casa de madeira e menor, com muitos degraus, resolvemos então construir outra casa e convidar a senhorinha para ir morar conosco, e ela aceitou.

Ela e suas duas amigas íntimas, como dizíamos, as duas cadeiras de rodas. Fizemos uma casa com corredores mais largos, banheiro adaptado, portas mais largas, tudo para que ela não tivesse nenhum problema na sua locomoção. Pois na casa de sua filha, ela tinha muitas limitações. Então, a senhora da casa 328, vinha morar conosco em uma casa nova. E aqui, incluída na nossa família, ela passou um tempo.

Nesse período, ela foi ficando ainda mais idosa, e assim perdendo a visão, os movimentos das mãos, tudo ficando ainda mais difícil. Precisava de nossa ajuda para ir ao banheiro, ir para a cama, para fazer suas refeições, ou seja, tudo que na sua casa ela fazia de forma independente.

Certo dia, num Dia das Mães, ela estava muito debilitada e, no hospital, deitada naquela cama, recebeu o chamado de Deus e foi ao seu encontro, deixando aquela vida difícil e cheia de obstáculos e necessidades para trás. Foi ali, naquela cama, que a senhorinha da casa 328 deitou pela última vez. Pensei comigo que ela havia precisado de tantos cuidados, e nós nos aproximamos tanto que foi difícil vê-la partir. Eu olhava em seus olhos, quando ainda estava em casa, e via o sofrimento e a dependência, e percebia também que ela já não estava mais feliz.

Mas pela última vez, ela precisou de ajuda para carregá-la para o seu sepulcro, lugar escuro e fundo. E ali, junto de seu filho e marido, sepultados, estava o corpo dela. Sobre seu caixão havia muitas flores, e numa coroa de flores a última frase dita à senhorinha da casa 328: “Descanse em paz, amada Vó!”

Pedro: o pequeno autista

Marlon DIETRICH

Na escola havia um menino, um tanto desengonçado, esperto e sorridente, cursando o segundo ano do Ensino Fundamental. Ele tinha 8 anos e um jeito diferente. Esse era Pedro, adorava repetir as falas de quem tinha contato, sentia dificuldades para interagir e se comunicar. Não gostava de ficar por muito tempo sentado, nem de fazer atividades que não condiziam com seus interesses. Pedro amava ficar no fundo da sala, assim não ouvia tão alto o barulho dos colegas e as falas da professora, afinal, quem aguenta 20 colegas falando simultaneamente? Pois é, para ele isso não era legal. Pedro era autista, ele tinha o transtorno de espectro autista (TEA), que de acordo com Schmidt (2013), é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, que deve estar presente desde a infância e apresenta dificuldades nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais, sendo estas inseparáveis.

Pedro apresentava constantes estereotípias, que o faziam correr pela sala, ficar se mexendo, juntamente com o gritar, balbuciar e chorar nas vezes que não era atendido a fazer o que ele quisesse. Mas que no fundo, eram maneiras de ele se regular e demonstrar seus sentimentos de maneira diferente.

O menino era perito quando o assunto se tratava dos Minions, Turma da Mônica e Mickey Mouse. Ele repetia e relembrava as falas dos personagens nos períodos das aulas, além de ter um fascínio por trens, ônibus e sinaleiras. Ele sentia dificuldades de reconhecer expressões como a alegria, tristeza, raiva e tinha dificuldades de manter contato ou olhar nos olhos das pessoas com quem falava.

Suas atividades favoritas eram os blocos de montar, a massinha de modelar e outros materiais táteis, das quais apresentava algumas habilidades práticas criativas. Pedro não gostava de escrever e pintar, se desinteressava facilmente de qualquer atividade que lhe era oferecida. Por vezes, pronunciava os números de 1 até 10, cantarolava o alfabeto rapidamente e sabia os nomes das cores.

Menezes (2012) destaca que algumas características gerais e marcantes do TEA podem ser percebidas, como a tendência ao isolamento, ausência de movimento antecipatório, dificuldades na comunicação, alterações na linguagem, como ecolalia e inversão pronominal, problemas comportamentais com atividades e movimentos repetitivos, resistência à mudanças e limitação de atividade espontânea. Tendo um bom potencial cognitivo, por vezes não demonstrado e uma capacidade de memorizar grande quantidade de material sem sentido ou efeito prático.

Uma dificuldade que se sobressaía em alguns momentos na escola, era o entendimento do não, dos limites e regras que existem no ambiente escolar, e com isso ele apresentava o humor irritável, o comportamento desafiador, a agressividade e índoles vingativas. Às vezes, Pedro destruía todos os castelos no parque e trabalhos feitos pelos colegas em sala e brigava com todos.

Apesar de todas as dificuldades, Pedro evoluiu em diversos sentidos, como a melhora de sua ecolalia, a sua comunicação e interação com professores e amigos da escola, tudo isto com os estímulos da escola e dos pais em sua vida. Isso demonstra que com estímulos certos a criança com TEA pode evoluir e desenvolver certa autonomia, mesmo em níveis que precisam de mais suporte. O TEA não define a criança, ela pode chegar aonde quiser!

O relato de Rafael

Alex Junior POSSIDONIO

Meu nome é Rafael, tenho 35 anos e sou médico há 10 anos. Tinha uma vida tranquila com meu trabalho e as redes sociais.

Porém, um dia, quando eu estava atravessando a rua, falando ao telefone, de repente, olhei para o lado e vi um caminhão bem grande a minha frente. Não tive qualquer reação, só senti tudo escurecer. Quando acordei estava no hospital, fiquei alguns minutos observando e vi que era o mesmo hospital onde eu trabalhava. Então, veio ao meu encontro, a minha colega de trabalho Joice, perguntei para ela o que havia acontecido e quando iria receber alta. Ela me olhou com lágrimas nos olhos, e me falou que eu havia sofrido um atropelamento e minha coluna havia sido afetada. Nesse momento, percebi que não sentia minhas pernas e comecei a chorar. Joice me disse algumas palavras motivadoras, mas eu só pensava em como minha vida iria mudar, meu trabalho, meus compromissos, minha família... eu seria cadeira de rodas?

Quando tive alta, fui para a casa da minha mãe e recebi visitas dos meus colegas de trabalho e familiares. Todos me falavam palavras motivadoras, que não faziam sentido para mim. E eu sentia uma tristeza enorme, tinha perdido minha autoestima, pois me sentia inútil. Tive uma depressão grave, mas meus familiares e amigos não desistiram de mim, sempre me encorajando e me motivando. Comecei a fazer fisioterapia com mais empenho, e precisei aprender a me deslocar com a cadeira de rodas. Até que resolvi voltar a trabalhar, ou, ao menos tentar.

Nessa nova fase, percebi muita coisa que antes não me diziam respeito e eu nem via, como: a importância de as ruas estarem adaptadas ao cadeirante, banheiros adaptados e muitas outras situações de desrespeito e discriminação que eu sofri. No começo os preconceitos me deixavam triste, mas depois pensei: cada um tem sua essência, ninguém é igual, e a graça é ser você.

Não consegui continuar a mesma rotina, precisei procurar emprego e me frustrei, pois havia muito preconceito. Até receber uma proposta de um hospital excelente, fiquei muito feliz, e hoje ainda trabalho nesse hospital. Aos poucos, voltei a fazer o que fazia, claro que com algumas limitações, aprendi que, independente de sua deficiência, você é uma pessoa como qualquer outra.

Não foi um caminho tão fácil, nem tão rápido como pode parecer. São muitas etapas, e etapas difíceis. Mas há uma frase que sempre me motivou: “Seja feliz na sua proporção, você é incrível!”

O menino que sabia demais

Regiane de Syllos HUTIEL

Daniel era um menino que, aos nove anos, não se sentia acolhido por seus colegas na escola, pois ele se destacava em algumas atividades, principalmente em Matemática. Ele tinha o sentimento constante de que seus colegas não o aceitavam, talvez por não compreenderem por que ele era diferente.

O menino já tinha diagnóstico confirmado de TDAH do tipo hiperativo, com estereotípias e dificuldades de organização, desde o primeiro ano escolar; agora Daniel estava passando por um processo de avaliação por suspeita de Altas Habilidades/Superdotação, com hiperfoco em Matemática. Outro interesse de Daniel era o futebol. Ele gostava de assistir aos jogos, de jogar com os amigos, tanto no campo quanto no videogame. Sua posição preferida era a de goleiro.

Daniel um menino alegre, muito intenso, crítico, curioso e com raciocínio lógico acima da média. Ele costumava resolver cálculos complexos de cabeça e, por isso, era considerado um dos melhores alunos da turma em Matemática. Mas ele também enfrentava dificuldades, principalmente em se organizar. Essa característica estava diretamente relacionada ao TDAH (Brasil, 2014).

Por questões financeiras e por falta de apoio mais especializado, Daniel nunca havia realizado um teste de QI antes. As observações sobre sua possível superdotação vinham de relatos dos professores e de familiares. Certa vez, numa atividade de Matemática, a professora havia organizado uma gincana chamada “Plantão da Matemática”. Para a atividade, a turma foi dividida em dois grupos: meninos contra meninas. Cada grupo deveria fazer fila e, ao sinal da professora, um menino e uma menina se posicionavam com as mãos atrás da orelha para responder rapidamente à pergunta proposta. Venceria quem acertasse mais respostas.

Por Daniel ser muito bom em Matemática, algumas meninas não queriam que ele participasse da competição, pois sentiam-se em desvantagem. Chegaram, inclusive, a sugerir à professora que ele fosse colocado no grupo delas. No entanto, a professora manteve a proposta original da atividade e os meninos, com o talento do garoto, acabaram vencendo a disputa.

Mais do que uma vitória, aquele momento foi um aprendizado para todos. Apesar da presença do menino, a vitória do grupo não foi tão vantajosa. E assim todos perceberam que cada um tem algo valioso a oferecer e que o trabalho em grupo é fundamental. Daniel também aprendeu que compartilhar o conhecimento e participar de forma colaborativa era essencial. A professora teve um papel decisivo, conduzindo a situação com empatia e mostrando aos alunos a importância do respeito às diferenças.

Aos 11 anos, ao ingressar nos Anos Finais do Ensino Fundamental, Daniel ganhou uma bolsa de estudos na melhor escola da cidade, que era particular. Em seu primeiro ano na escola, ele participou da Olimpíada Interna de Matemática e, na primeira etapa, acertou 19 das 20 questões, mostrando sua habilidade impressionante com o raciocínio lógico. Infelizmente, perdeu a segunda etapa da competição por esquecer algumas datas, que é uma consequência do seu TDAH (Brasil, 2014).

Atualmente, aos 12 anos, Daniel está cursando o 7º ano e segue se destacando. Os professores relatam que, apesar de ainda ser muito agitado, ele acompanha bem todos os conteúdos, com as notas acima da média. O professor de Matemática acredita que seu raciocínio lógico é um dos mais desenvolvidos da escola.

Na escola, o menino conta com apoio psicológico e atendimento educacional especializado (AEE), além de adaptações nas provas (como na disciplina de inglês) e um cronograma de estudos. Ele está evoluindo também no comportamento e na organização pessoal. Fora da escola, o menino faz aulas de inglês e de música gratuitas na igreja. Ele está aprendendo a tocar flauta transversal. Além disso, tem facilidade para aprender o que se propõe: já foi excelente em

desenhos — copiando tutoriais do YouTube com perfeição — mas seu perfeccionismo o fazia se frustrar facilmente com pequenos erros.

Ele é torcedor fanático do Palmeiras, e ajuda a família vendendo geladinhos nos fins de semana. Daniel tem sonhos grandes: ele quer comprar uma casa para sua mãe, um carro de no mínimo 100 mil reais, e ter uma profissão que o faça feliz e, no futuro, garanta uma vida estável para seu filho (sim, Daniel quer ser pai). Por hora, como todos os meninos, Daniel é um garoto cheio de sonhos, capacidades e potencial que, com o apoio certo, pode ir muito longe.

Um garoto de interior

José Henrique do NASCIMENTO Neto

Tudo começou, na década de 1970, numa cidadezinha do norte de Minas Gerais. Naquele tempo, eu era apenas uma criança que não via maldade em nada. Meus pais eram separados e eu morava com a minha avó paterna, junto com alguns tios e primos. Eu não tinha noção do que era a existência, apenas vivia. Creio que toda criança é assim, apenas vive e sonha, sem pensar nos problemas ou nas dificuldades da vida.

Sempre me preocupei em ser um bom menino, ser aplicado nos estudos e tirar boas notas. Queria ser um bom filho, bom amigo e bom neto. Eu era quieto, talvez um pouco tímido, obedecia a tudo o que me mandavam fazer, sem questionar. Naquela época normal que as crianças obedecessem sem questionar. Eu era feliz. Mas isso começou a mudar quando eu completei onze anos de idade.

A casa de minha avó, onde morávamos, era pequena, tinha poucos quartos. Então nós dormíamos em beliches. Um de meus tios, que era um pouco mais velho que eu, dividia o quarto comigo. No beliche, ele dormia na cama de baixo e eu na de cima.

Numa noite, meu tio fingiu que estava sonâmbulo e me puxou para sua cama e começou a me bulinar. Ele ficava me chamando por outro nome enquanto me acariciava e eu não sabia o que fazer. Eu não entendia o que estava acontecendo, pois até naquele momento eu não tinha tido nenhuma experiência sexual. Depois ele fingia acordar,

e ficar surpreso comigo em sua cama, então me mandava subir para minha cama. No outro dia, eu estava acanhado, mas ele fingia que nada havia acontecido.

Isso aconteceu muitas vezes. No íntimo eu sentia que aquela situação não era correta, mas ao mesmo tempo, eu tinha medo de falar para alguém. Falar sobre sexo, naquele tempo, era um tabu. E eu tinha medo que acabar sendo castigado. Também me sentia culpado, pois não gostava daquela situação, mas estava descobrindo o prazer sexual, descobrindo sensações que eu não conhecia. Foram alguns anos, vivendo essa situação abusiva, até que um dia meu tio simplesmente parou de me procurar. Assim, do nada, da mesma forma que começou, acabou.

Não sei se ele percebeu que aquela situação estava ficando perigosa; se ele observou que eu estava crescendo e começando a entender o que acontecia, e isso poderia ser uma ameaça; ou se ele cresceu e não queria mais viver aquilo.

Nós nunca havíamos conversado sobre aquilo, nem dentro nem fora de casa. Eu sempre fui muito reservado e nunca tinha contado essa história para ninguém, até hoje.

Segundo Azevedo e Guerra (2000; apud BRASIL, 2021, p.7), entre 85% e 90% dos abusadores sexuais de crianças e adolescentes são conhecidos da vítima, são membros do núcleo familiar (pais, tios, primos, avôs). E, ao contrário do que se pensa, os abusos sexuais intrafamiliares (quando ocorrem dentro do núcleo familiar) não são raros; na verdade são muito mais comuns do que se imagina. Segundo pesquisas, a ocorrência desses abusos é mais frequente em meninas (uma de cada três a quatro), mas o índice também é alto com meninos (um de cada seis a dez). Meninos e meninas “serão vítimas de alguma modalidade de abuso sexual até completarem 18 (dezoito) anos.” (BRASIL, 2021, p. 7).

As pessoas, de modo geral, pensam que a criança esquece com o tempo, que é só não falar sobre o assunto que ficará tudo bem. Mas comigo não foi assim. Hoje entendo que por não ter apoio psicológico, esse fato marcou a minha vida de uma forma muito dolorosa. Fingir que não aconteceu, como eu tentei fazer, não melhorou nada. A ferida

continuou aberta, me machucando e me impedindo de estabelecer relações verdadeiras com minha família. Pois de alguma forma, inconscientemente, eu culpava a todos pela minha dor.

Além disso, nossas relações ficaram ainda mais abaladas, quando me senti rejeitado por causa da minha homossexualidade. Eu me sentia errado, e cheguei a culpar a relação abusiva de meu tio. Na minha ingenuidade de garoto do interior, acreditava que se meu tio não tivesse feito aquilo comigo, eu não seria gay; eu seria um homem “normal”. Isso me revoltava e eu descontava minha dor em todos de minha família, pois tinha de esconder minha dor e meus desejos de todos, caso contrário apanhava, era xingado e excluído da família.

Precisei sair de casa, ganhar o mundo, para me sentir livre e ser quem eu queria ser, sem medo; ou, ao menos, com menos medo. Afinal, quem tem uma orientação sexual diferente do que a sociedade entende como padrão, acostuma-se a viver com medo. A dor tem sido minha companheira, há muito tempo, mas hoje estou mais forte, e estou aprendendo a ressignificar minhas dores e perdoar. Não é um processo fácil, mas quem disse que viver é fácil?

Dois jovens surdos

Helem Bárbara Vieira de Matos SIQUEIRA

Era uma vez dois jovens surdos,
Que sonhavam com um novo mundo.
Estudavam comigo na turma do Ensino Fundamental,
E sonhavam com uma vida digna e muito mais legal.

Dois meninos sorridentes,
que onde estavam traziam alegrias,
E com seu jeito divertido,
alegravam nossos dias.

O João adorava jogar bola,
Ficar parado para ele, não rola!
Já o Paulo preferia escrever,
Pois queria ser médico, e precisava aprender!

Nas brincadeiras e na aprendizagem, muitas dificuldades encontravam,
Pois não tinha ninguém que os ajudasse.

A turma não conseguia se comunicar com eles,
Nem mesmo os professores, pois não tinham saberes!

Dois sujeitos ali na sala, que às vezes nem eram vistos,
Buscavam chamar atenção, com brincadeiras e gritos.
Ali se foram anos, nesse mesmo lugar,
Para as suas dificuldades, nada foi pensado para sanar!

Certo dia, havia uma prova de matemática,
A professora chega brava, e sem nenhuma tática!
Todos na sala apreensivos, totalmente destruídos,
Paulo e João, mais uma vez, não foram incluídos!
O João que atrás de mim sentava,

O meu cabelo, logo puxava.
E eu com medo de olhar para trás, continuava o que fazia,
Pois sabia que a professora, se eu o ajudasse, não gostaria!

Ele então se levantou, e até mim veio,
Fez gestos pedindo ajuda, mesmo cheio de receio.
A professora vendo aquela cena, alterada se levantou,
Tomou a prova de João, e da sala imediatamente o retirou!

A minha prova ela zerou, mas quanto a isso eu nem liguei.
De ver o João chorando e cabeça baixa, é que chateada eu fiquei,
Inconformados pela atitude da professora, todo o grupo ficou,
Mas, mais uma vez, ninguém retrucou!

Ao chegar ao final da aula, João retornou.
Fez gesto pedindo desculpas, e ali nunca mais voltou!
Seu sonho em ser médico, ali mesmo ele matou,
E para a sua lida sofrida no campo, ele então se entregou!

O seu irmão Paulo, por mais alguns dias ali apareceu,
Mas sentindo a falta do seu irmão, ele muito sofreu!
Decidiu também desistir dos seus estudos,
Pois achou que estudar não era para surdos!

Esse é só mais um caso, de tantos outros que acontecem,
Histórias como essas, que muito nos entristecem!
Uma história de jovens irmãos, que não viram solução,
E que deixaram seus sonhos, por falta de inclusão!

A luta dos surdos tem sido ingloria
Mas houve conquistas impressas em leis
A educação bilíngue precisa acontecer de vez
Para que surdos possam mudar essa história.

REFERÊNCIAS:

APA (American Psychiatric Association). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital**. (Dicionário Caldas Aulete). Disponível em <https://www.aulete.com.br/preconceito> Acesso em 16 out. 2024.

BRASIL, Ministério da Mulher. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes**: abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/CartilhaMaioLaranja2021.pdf> Acesso em: 12 out. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Biblioteca Virtual em Saúde**: Fissura lábio-palatal e lábio leporino. Elaborada em janeiro de 2008. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/fissura-labio-palatal-e-labio-leporino/> Acesso em: 12 out. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade – TDAH**. Biblioteca Virtual em Saúde. Publicado em junho de 2014. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/transtorno-do-deficit-de-atencao-com-hiperatividade-tdah/> Acesso em: 24 mai. 2025

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm Acesso em 16 out 2024.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 7.716**, de 5 de janeiro de 1989. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm Acesso em 16 out 2024.

BRASIL. Senado Federal. **Racismo em Pauta**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/responsabilidade-social/equidade/pages/pdfs/RacismoemPautacards1080x1080pxmu.pdf>. Acesso em: 14 out. 2024.

CRUZ, Ana Raquel. (2019). **O impacto do bullying na autoestima de crianças e adolescentes**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 23, n. 2, p. 145-158.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Revista Adolescência & Saúde**. Volume 2; nº 2; junho 2005. Disponível em: https://extensao.cecierj.edu.br/material_didatico/sau2202/pdf/aula%201%20leitura_adolescencia_def_conc_criterios.pdf Acesso em: 12 jun. 2025.

EXCESSO de luz pode causar uma série de complicações nos olhos. Oftalmo Città – Clínica de Olhos. Publicado em: 18 de agosto de 2022. Disponível em: <https://oftalmocitta.com.br/excesso-de-luz-pode-causar-uma-serie-de-complicacoes-nos-olhos/> Acesso em: 13 out. 2024.

GOFFMAN, Erving. (1974). **A representação do eu na vida cotidiana**. São Paulo: Editora Perspectiva.

GOLDSTEIN, Sam. **Understanding Autism: Strategies for Effective Teaching**. New York: Routledge, 2002.

LAGES, Paulo S.M.; LIMA, Bruna M.M.; XIMENES, Antônio C. Síndrome de Ehlers-Danlos: atualização. **Revista Estudos - Revista de Ciências Ambientais e Saúde (EVS)**, Goiânia, Brasil, v. 33, n. 6, p. 853–861, 2007. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/26>. Acesso em: 24 out. 2024.

MANTOAN, Maria Tereza Egler. (2003). **Educação Inclusiva: desafios e possibilidades**. São Paulo: Moderna.

MARQUES, Melissa. **Hiperatividade: o que é, tipos e como identificar na criança e adulto**. Minha Vida. Disponível em: <https://www.minhavida.com.br/autor/107>. Acesso em: 24 out. 2024.

MENEZES, A. R. S. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?** Dissertação de Mestrado, UERJ, 2012.

MICROSOFT. Copilot. **Nuvem de palavras gerada a partir de dados fornecidos pelo usuário**. 2025. Disponível em: <https://copilot.microsoft.com>. Acesso em: 29 ago. 2025.

PARANÁ. Secretaria da Saúde. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA> Acesso em 13 out. 2024.

PINHEIRO, Serra Maria Antonia. **Transtorno desafiador de oposição: uma revisão de correlatos neurobiológicos e ambientais, comorbidades, tratamento e prognóstico**. Braz. J. Psychiatry, 26 (4), dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462004000400013>.

RIBEIRO, Maiara. **TOD: entenda o que é o transtorno opositor desafiador**. Portal Drauzio Varella. Publicado em 22 de maio de 2023. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/pediatria/tod-entenda-o-que-e-o-transtorno-opositor-desafiador/> Acesso em 12 out. 2024.

SCHMIDT, Ana Maria. **Educação inclusiva: desafios e possibilidades**. São Paulo: Editora Universitária, 2018.

SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**.
In: SCHMIDT, C (org) **Autismo, educação e transdisciplinaridade**.
Campinas, SP: Papirus, 2013.

SILVA, Fabiulla Costa da; SANTOS, Alana Libânia de Souza; FERREIRA, Ricardo Bruno Santos; PEIXOTO, Luma Costa Pereira. **Implicações biopsicossociais em vítimas de acidente de trânsito que cursaram com deficiência adquirida.** Enfermería Actual de Costa Rica, San José, n.40, 41951, junho de 2021. Disponível em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-45682021000100004&lng=en&nrm=iso Acesso em 12 out. 2024.

SULKES, Stephen Brian. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade (TDA, TDAH)**. Manual MSD. University of Rochester, School of Medicine and Dentistry. Publicação em fev. 2022. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtorno-de-deficit-de-aten%C3%A7%C3%A3o-hiperatividade-tda-tdah> Acesso em: 15 out. 2024.

ZILBOVICIUS, Mônica. **Autismo e Neuroimagem**. Braz. J. Psychiatry, 28 (suppl 1), maio 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500004>. Acesso em: 15 out. 2024.





Mitos

Quem sou...

Scheila TRINDADE

Sou o andar na contramão
Onde o amor não tem nome, nem é aceito
Onde o toque muitas vezes assusta os olhares alheios
E o carinho, o afeto viram crimes em sussurros

Sou o desejo de algo com medo
Amo, independente de quem seja, com cuidado
Escondo beijos em sombras
Sonho com janelas abertas, em casas onde tudo se fecha.

É difícil...
Crescer e conhecer e viver o amor sem ser livre
Ser um pássaro cantando na gaiola
Sorrir de lado, e olhar por cima dos ombros
Escrever cartas, versos, poemas e livros
Que nunca serão enviados, dedicados ou lançados

Não é fácil...
Ter uma memória com o melhor HD criado por você
E ali que as fotos, lembranças e momentos guardados
Sem que ninguém possa ver.

Ser livre sem viver o amor...
É andar por horas, em longos lugares
É conhecer os mais belos lugares de peito vazio
É ter o céu inteiro nas mãos, sem ter a quem mostrar as estrelas

Porque a liberdade sem amor,
É ter asa sem vento
E amar sem liberdade
É voar sem céu
É querer ser adulto quando criança para poder fazer o que quiser
E voltar a ser criança quando adulto, só para poder ser quem se é.

Meu desejo é...

Abraçar a todos e ser abraçada sem medo

Sem sentir dor, sem ser machucada

Apanhar uma flor e lembrar de alguém sem esconder

E dizer que ama sem medo de ser julgada

Mas, apesar de tudo...

Crescer também é muito bom

Amar mesmo que em silêncio

Mesmo que na contramão

Amar fora do padrão

Ainda é ser humano.

E ser humano...

É buscar, mostrar e viver o amor

Ser livre e sem medo

É ser adulta com vontade de criança

É ser criança e estar no meio dos adultos

De mente aberta, sem preconceitos

Amando a inclusão.

A vida de Joaquim na escola

Geovani CRISPIM Junior

Quando Joaquim ainda era criança, ele foi diagnosticado com autismo. E desde então ele começou a frequentar à APAE, mas continuou frequentando também a escola regular.

Na escola, durante todo o Ensino Fundamental, ele sofreu muito preconceito e discriminação. Ele conta que não gostava de ir para a escola porque lá seus colegas o tratavam mal, desprezavam-no e faziam bullying com ele. Os episódios de bullying fizeram com que Joaquim tivesse uma autoestima muito baixa. Ele se achava incapaz de aprender. “Eu sou burro!”, ele costumava dizer. Vir para escola era um sofrimento, pois Joaquim não tinha amigos. Em toda a escola, ele tinha apenas uma amiga. Uma pessoa que gostava dele de verdade

e ele gostava dela também. Joaquim determinou, assim, que a escola é um lugar ruim.

No Ensino Médio, ele precisou mudar de escola. Foi uma boa mudança, pois, na nova escola, ele encontrou um ambiente completamente diferente, acolhedor e seguro para todos. Ele não comentava os detalhes da exclusão que sofria no Ensino Fundamental; mas, certa vez, ele quase chorou durante uma atividade na sala de aula, pois ele percebeu que lá todos gostavam dele e que ele não precisava se esconder, pois não sofreria bullying novamente. Joaquim tinha muita dificuldade nas matérias de exatas, mas isso não o impediu de passar de ano e se formar com a turma.

A pandemia de Covid-19 não foi fácil para ninguém, mas ele passou por ela e, sempre que precisava de ajuda, podia contar com seus colegas para ajudá-lo e apoiá-lo on-line. Ele se sentiu tão acolhido e bem na turma que, durante a pandemia, até disse que estava com saudade de todos. Logo ele que, lá no começo do Ensino Médio sofria para ir para a escola.

Na colação de grau, quando o nome dele foi chamado, foi emocionante. A turma toda aplaudiu de pé sua vitória. Ele sempre dizia que ia reprovar, mas isso nunca aconteceu. Joaquim mudou muito nos três anos do Ensino Médio, ele evoluiu tanto no relacionamento quanto na aprendizagem. É possível que essa evolução tenha acontecido; porque, em nossa turma, ele podia ser do jeito dele, sem temer julgamentos ou piadinhas.

Hoje, Joaquim não está mais estudando, mas quem sabe num futuro próximo, ele possa retornar à vida acadêmica. Ele está trabalhando e descobriu que existem pessoas e lugares diferentes. E que, independentemente de tudo, ele tem o direito de ser aceito e respeitado sempre e de estar onde ele quiser estar.

Henrique

Amanda Carla Alves da Rocha MEDEIROS

Uma amiga da família foi a pessoa a quem recorri para me aprofundar em sua história, pois foi por meio de seus relatos que tive meu primeiro contato com uma criança com o Transtorno Espectro Autista.

Lúcia é casada com Edilson há alguns anos, e dessa linda união tiveram 3 filhos meninos. O mais novo se chama Henrique, e é sobre ele que quero falar. Fruto de uma gestação tranquila e sem nenhuma dificuldade ou problemas de saúde, Henrique foi um bebê forte e saudável.

Desde o primeiro ano de vida, o menino já chamava a atenção da família pois desenvolveu muito rápido a fala, por volta de um ano e oito meses já sabia reconhecer, identificar e falar as letras do alfabeto e a maioria das cores apresentadas a ele, neste mesmo período deu seus primeiros passos. O que chamava atenção de todos ao seu redor pois possuía muita habilidade em aprender tudo o que lhe era apresentado.

Aos 6 anos, iniciou o primeiro ano letivo, logo de início começaram as dificuldades, pois ele não interagia com as outras crianças, tinha dificuldade e pouca paciência com os colegas que não acompanhavam o mesmo ritmo que ele na aprendizagem escolar. Sua professora dizia, para Lúcia, que ele era muito “mimado” no ambiente familiar, por ser caçula. E isso era a causa de tal comportamento e da dificuldade de interação com outras crianças.

Henrique estudou nessa escola por um ano, no ano seguinte a família precisou mudar-se de bairro, e Henrique ingressou em uma nova escola. Nos primeiros meses, Lúcia foi chamada pela professora e coordenadora para uma reunião. Ela ficou um pouco apreensiva, mas, dessa vez, elas trouxeram informações positivas sobre como Henrique tinha facilidade em aprender os conteúdos propostos. E que, sim, ele tinha dificuldade na socialização com os colegas, na educação física, não sabia lidar com a perda em competição ou prática de esportes. Diante dessas informações a professora e a coordenadora sugeriram à mãe procurar ajuda consultando um especialista.

Assim foi feito e, aos 7 anos, Henrique teve o diagnóstico de Transtorno Espectro Autista nível 1 de suporte. Nesse momento, ocorreram alguns conflitos emocionais, principalmente com Lúcia, pois ela não conseguia aceitar a condição e o diagnóstico do filho, ela ainda tinha enraizados alguns preconceitos sobre o transtorno, o que fez com que Lúcia sofresse e se culpasse muito durante algum tempo. No entanto, passado o choque inicial e com ajuda de profissionais,

Lúcia decidiu se aprofundar nos conhecimentos sobre o TEA, e com isso o maior beneficiado foi Henrique, pois foi só a partir da aceitação da mãe, que ele passou a evoluir nas terapias que vinha fazendo, visto que por vezes o maior estímulo para ocasionar as mudanças partem da família.

O tempo foi passando, e Henrique foi se desenvolvendo cada vez mais e melhor. Às vezes, ainda sofre com crises de ansiedade, mas não são frequentes. Lúcia sempre diz que o conhecimento dos pais e auxílio dos professores são de suma importância e fazem toda a diferença no processo de enfrentar os danos causados pelo transtorno. Pois sabemos que o autista vive algumas emoções de forma muito intensa e levadas ao extremo.

Em certa ocasião, durante uma aula, ao ouvir a história do Brasil e receber a informação de que os portugueses haviam roubado os indígenas, Henrique ficou muito nervoso e profundamente abalado por tal covardia, sua desregulação foi tanta, que a escola precisou solicitar que Lúcia fosse até escola, para tentar acalmar o menino e contornar a situação.

Aos 13 anos, Henrique já melhorou muito o comportamento e a interação com as outras crianças, e Lúcia diz que não deixa de levar o filho nos especialistas para fazer acompanhamento, como também o leva sempre à sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), no contraturno do período em que estuda, para que ele possa fazer atividades, rever conteúdos e acompanhar sua evolução.

Henrique, apesar de algumas dificuldades, desenvolve cada vez mais suas habilidades e sempre se mostra muito interessado. Além disso, ele é estudioso e esforçado. Dessa forma, não é exagero dizer que todos que conhecem Henrique têm certeza de que o futuro que lhe aguarda é brilhante e de muito sucesso.

Rafael

Alexsandro RODRIGUES

Em 2010, eu e minha família fomos morar numa cidade mais ao norte do estado. Minha esposa começou a trabalhar numa unidade

da APAE e eu numa escola. Logo no primeiro dia de aula, quando fui levá-la para seu trabalho, vi muitos alunos, cada qual com suas particularidades e necessidades específicas. E, confesso que fiquei muito apreensivo, por conta de não conhecer muito sobre pessoas com deficiências.

Um dos alunos chamou minha atenção: o Rafael. Ele era um menino tetraplégico de 14 anos, que perdeu os movimentos do corpo do pescoço para baixo num acidente de automóvel com a família.

Rafael era único e muito especial. Eu fico emocionado sempre que lembro. Ele sempre estava sorrindo. A cabeça era a única parte do seu corpo que poderia usar para se expressar; e ele não tinha outro lado, era só sorriso. Passavam-se dias e dias, e Rafael estava sempre sorrindo.

A vida nos traz muitas coisas, e mesmo assim reclamamos muito de coisas que não precisávamos reclamar. Temos tudo na vida e às vezes reclamamos como se não tivéssemos nada. Existem pessoas que, como o Rafael, transformam o pouco em muito.

O tempo passou, e infelizmente Rafael teve complicações de saúde e faleceu aos 18 anos. Mas, em todos os momentos de sua vida, Rafael aproveitou o máximo que podia e viveu cada instante, sempre sorrindo.

Eu não conheço toda a história do Rafael, não sei de sua família, de sua dor, ou de seu sofrimento, mas sei que ele nunca reclamou de nada. Ele viveu sempre sorrindo e ensinou que a vida é uma só, temos que aproveitá-la a cada instante, pois amanhã é outro dia e não sabemos do nosso futuro.

Aquela menina

Paula Eduarda GULINI

Numa pequena cidade do interior, vivia uma menina, que era filha única e morava com seus pais. Eles tinham uma vida simples e humilde. Tudo parecia normal na vida daquela menina, afinal, ainda uma criança e para quem olhava era cheia de saúde, energia e disposição, e realmente, era assim que ela se mostrava, sempre ativa e forte, disposta a tudo. E ela amava ir para a escola.

Quando estava com 9 anos, a vida da menina mudou da noite para o dia. Ela estava na aula de Educação Física, fazendo os exercícios propostos pelo professor e, de repente, tudo escureceu. Depois de longas horas, aos poucos, ela foi despertando, acordando e se dando conta de onde estava. No início era tudo branco, um lugar gelado, com cheiro forte, que ela pensou que parecia um hospital. E era. Ela estava no hospital e sua mãe estava ao seu lado. Foi desesperador. Ela era uma criança sedada, se dando conta de que estava ali, num ambiente totalmente diferente daquele que costumava frequentar.

A menina havia sido diagnosticada com uma doença crônica e grave no coração, sem possibilidade de intervenção cirúrgica. Foi difícil para uma criança de 9 anos entender a situação. Sua vida passou a ser do hospital para casa, e de casa para o hospital. Foram 12 meses saindo da pequena cidade para ir a um hospital da capital. Era tudo muito intenso com longas internações, medicações invasivas, exames, aparelhos pelo corpo. Aquela menina forte e ativa, estava entregue, exausta e perdendo as forças para uma doença que veio silenciosa e quase fez seus sonhos e planos de criança acabarem ali.

Ah! E a escola? Ela sempre amou tanto ir para a escola!

A escola, depois de 3 meses de tratamento e um pouco mais recuperada, ela voltou a frequentar. Estava bem debilitada, com várias restrições e completamente vulnerável. E foi aí que aconteceu o que ninguém imaginava. Exclusão. Sim! Não bastando a exclusão, houve também a rejeição daquela que era sua inspiração: a professora regente da turma. Assim, aquela menina que antes amava estudar, amava ir para a escola, agora entrava em pânico ao ouvir seus pais dizendo que ela precisava ir para a escola. A menina chorava muito e se negava a sair de casa. Para evitar problemas maiores com a saúde da menina, a mãe foi à escola para ver o que estava acontecendo; ela queria entender por que a menina tanto medo em entrar na sala de aula? Mas a diretora fez vista grossa e disse que nada de errado estava acontecendo, e sugeriu que, talvez devido a sensibilidade da menina, poderia estar havendo algum equívoco.

Depois de alguns dias, cada vez mais a menina sentia-se humilhada e fechava-se: não falava, não brincava, não sorria. Certo dia, ao ser questionada sobre determinada resposta de uma atividade, a menina não falou nada, ela não quis responder. A professora ficou muito irritada com seu silêncio e gritou: “Lugar de gente doente é no hospital ou em casa, não na sala de aula.” E vendo que a menina não reagia, com um golpe, ela perfurou a cabeça da menina com uma caneta. Foi um desespero. E, diante dessa situação horrível, medidas severas foram tomadas com essa professora e ela foi convidada a se retirar daquela escola.

A menina ficou traumatizada, mas com muito amor e com o apoio de todos a sua volta, ela foi se restabelecendo aos poucos. E assim, os dias e os meses foram passando e aquele trauma foi se amenizando. Novas pesquisas e remédios surgiram e a menina começou a se recuperar da sua condição cardíaca. O problema que poderia, a qualquer momento, levá-la a óbito, foi sendo controlado com medicação e, aos poucos, a menina foi liberada para ter uma vida normal, sem tantos medos e restrições.

Dos 9 anos até os 12 anos, a menina precisou fazer acompanhamento de 15 em 15 dias no Hospital Infantil. Depois dos 12, ela foi liberada e pôde fazer seu tratamento e acompanhamento anual, com um cardiologista mais próximo de sua casa. Foi uma mudança muito boa, pois haveria menos estresse.

Hoje aquela menina tem 24 anos e continua com a condição cardíaca que precisa de cuidado e atenção, mas vive muito bem. E o que ela aprendeu com tudo isso? Que por mais difícil e desafiador que pareça ser, sempre há motivos maiores para não desistir e viver. Determinação e persistência foi o que moveu aquela menina, que aprendeu a viver intensamente, sem medo do que os outros vão dizer.

Poema sobre surdez

Gilmar dos SANTOS

Vou contar neste momento
Uma história bem repetitiva
Essa história tão sofrida

De pessoas que até perdem a vida
Só por não saber falar
Dizem até que são incapazes
Dizem até que são coitadinhos
Chamam eles de surdinhos
Pensando estar amenizando a agressão

Porém não sabem eles
Que esse tipo de tratamentinho
Em vez de minimizar a agressão
Causa ainda mais preconceito
Causa ainda mais desrespeito

Vamos dar um basta no preconceito
De que forma podemos melhorar?
Ensinando as crianças
Sobre inclusão na prática
Inserindo intérpretes nas escolas
E capacitando os professores

É direito dos surdos
A inclusão e o respeito
Eles clamam através de suas mãos
Precisamos escutar

Vamos agora todos nós
Tirar as vendas dos nossos olhos
E elevar nossas mentes
Porque de retrocesso não se vive
É preciso evoluir

E para amarrar isso tudo
Sem deixar brechas para o preconceito
Sem deixar brechas para a falta de informação
Basta falar com a voz do coração
Pois quem ama respeita e quer inclusão.

Luiz, o atípico

Grasielli Aparecida de ALMEIDA

Hoje é um dia “atípico”, uso essa palavra porque a acho estranha e ouço os adultos usando-a quando falam do Luiz, por ser um pouco diferente das outras crianças. Mas hoje é diferente de todos os outros, porque o Luiz quer ir para a escola.

Lembro-me de como era desgastante ir para a escola, sair de casa, que era um lugar onde me sentia seguro e onde minha mamãe cuidava tão bem do Luiz, para ir a um lugar onde eu não existia. Quando alguém se lembrava do Luiz, era porque eu havia entrado em pânico e esgotado todas as minhas possibilidades de socialização. Ou porque o som, o barulho alto que tem na escola me incomodava tanto a ponto de o Luiz ter que gritar para tentar parar o incômodo que estava na minha cabeça.

Muitas vezes, a única coisa que eu queria era me desligar e andar de um armário ao outro até a mamãe chegar para levar o Luiz para a casa, mas isso também incomodava os colegas, e eu precisava me conter. Não era fácil para o Luiz!

A hora do lanche não era diferente, ninguém via o Luiz, ninguém entendia que eu só queria saber o que seria servido, se estava quente ou frio, mas minha voz saía tão baixa que as funcionárias pensavam que eu estava de enrolação e estava atrapalhando a fila. Apressavam-me e pediam para o Luiz sair. O Luiz saía sem saber se estava quente ou fria e sem comer, porque, como a professora dizia: o Luiz era ruim para comer.

Mas hoje o Luiz gosta de ir para a escola, ainda demoro um pouco para entender algumas coisas e me socializar, só que agora não me sinto mais sozinho. Alguém viu o Luiz igual a mamãe vê, pergunta se está tudo bem, se o barulho está incomodando, se o Luiz quer participar da brincadeira. Pergunta sempre antes de fazer qualquer coisa. Isso deixa o Luiz tranquilo.

Perguntar e ter calma para me ouvir me traz segurança, já não me sinto tão nervoso, não preciso me esforçar para ser igual aos meus colegas de sala, porque eu não sou. Eu sou o Luiz, atípico, assim como todo mundo.

Os desafios de Walter na escola

Samara de ABRANJO

Quando eu estava no Ensino Fundamental, tive a oportunidade de estudar com um colega muito especial chamado Walter, que tinha síndrome de Down. Desde o início, ficou claro que Walter tinha uma dinâmica de estudos diferente dos demais alunos. Ele sempre estava acompanhado de uma professora auxiliar, que o acompanhava em atividades mais simples, como desenhar e pintar. Enquanto a turma seguia com o conteúdo regular, Walter realizava atividades de alfabetização. Não havia muita interação entre ele e os outros alunos, mas todos gostavam muito dele e o tratavam com bastante respeito e carinho.

No Ensino Médio, Walter continuou com a gente. E, embora todos nós avançássemos nos conteúdos, ele continuava a fazer as mesmas atividades de desenho e pintura de antes. Durante todo o tempo em que estudamos juntos, ele permaneceu realizando essas atividades mais simples, e a professora auxiliar sempre estava ao lado dele. Eu entendia que ele tivesse alguma limitação, mas estranhava que parecia não haver nenhum novo desafio para ele, parecia ser sempre as mesmas atividades. Talvez fosse por causa das dificuldades relacionadas ao nível de comprometimento da síndrome ou a algum outro distúrbio de aprendizagem. Pois a síndrome de Down, também conhecida como trissomia 21, é uma dificuldade intelectual causada pela presença de um cromossomo a mais no par 21. Mas, segundo Schwartzman (1999, apud SILVA e DESSEN, 2002), os limites de uma pessoa com Down não podem ser preestabelecidos, pois o desenvolvimento cognitivo acontece de acordo com o nível de déficit cognitivo de cada um, e pode variar imensamente. A maioria das pessoas com Down tem um desenvolvimento no limite entre um

déficit cognitivo leve e moderado, de modo que podem apresentar um desenvolvimento cognitivo se forem estimuladas.

Walter era uma pessoa incrivelmente carinhosa, sempre simpático e muito afetuoso. Ele tinha o costume de abraçar os colegas e professores e, muitas vezes, mandava beijos de longe, o que fazia a turma toda cair na risada. Ele também tinha aprendido a falar alguns palavrões, então sempre tinha alguém na turma que ficava provocando o Walter para ver se ele falava algum palavrão. E era assim que a turma interagia com ele em sala, numa época que não se tinha noção da diferença entre brincadeira de mau gosto e bullying. No entanto, quando Walter ficava zangado e falava um palavrão, a turma começava a rir e ele também caía na risada.

O nosso último ano letivo foi desafiador por causa da pandemia. As aulas foram online e não tínhamos mais contato direto com os outros alunos. Não sei como foi a adaptação de Walter a esse novo formato e como foi para ele viver esse período de pandemia. Não tive mais notícias dele, e não sei se ele conseguiu se formar como nós; mas acredito que sim, pois ele já havia passado por todas as séries anteriores junto com a turma.

Ao relemburar essa experiência, uma coisa me deixa um pouco triste. Walter não teve muitas oportunidades de participar ativamente das aulas ou de realizar atividades que desafiassem mais seu potencial. E percebo que não houve um processo de inclusão, pois ele estava apenas integrado a turma. Ele passava a maior parte do tempo no fundo da sala, desenhando e pintando com o apoio da professora auxiliar, e os professores não traziam atividades adaptadas que pudessem incluí-lo de maneira mais ativa nas nossas aulas.

Nunca soube se ele tinha outro distúrbio de aprendizagem além da síndrome de Down, mas, nos intervalos, quando interagíamos com ele, podia-se perceber que ele tinha potencial para mais. Era evidente que ele tinha capacidades e talentos que poderiam ter sido explorados de forma mais desafiadora, no entanto essas oportunidades raramente surgiram. Ainda assim, Walter sempre foi um exemplo de simpatia e afeto, deixando uma marca positiva em todos nós.

Doença celíaca

Beatriz LEAL

Desde criança, enfrentei uma batalha silenciosa contra meu próprio corpo: dor de cabeça constante, abdômen sempre dolorido, gengivas inchadas e a palidez da anemia. Meus pais, em sua preocupação, levavam-me de médico em médico, mas o diagnóstico era sempre o mesmo: "Dor de cabeça? Enxaqueca. Isso é muito comum!", diziam. "Dor abdominal? Uma virose passageira.", garantiam.

Cada sintoma era tratado de forma isolada, e nenhum médico se dedicava a investigar com exames. Assim, me acostumei com a dor, acreditando que talvez fosse normal e tivesse de viver com ela em silêncio, pois tudo parecia indicar que "não havia nada de errado".

Somente em novembro de 2019, depois de anos de tentativas e investigações, finalmente recebi o diagnóstico definitivo e correto: eu tinha a doença celíaca. Essa descoberta trouxe-me alívio e, ao mesmo tempo, desespero. Alívio, porque, finalmente, havia uma explicação para anos de sofrimento; e desespero, porque teria de abrir mão de muita coisa, praticamente de uma parte de mim. Afinal, como amante de pizzas, hambúrgueres e cachorrões, eu teria de encarar a necessidade de uma dieta totalmente nova e isso foi, sem dúvida, uma perda.

A doença celíaca é causada pela intolerância ao glúten, que é uma proteína presente em um grupo de cereais (trigo, aveia, cevada, centeio) e todos os produtos derivados, como massas, bebidas e doces. Essa doença é autoimune e provoca dificuldade de absorção de nutrientes, vitaminas, sais minerais e água. (Brasil, 2005). Por isso, Carvalho e Bertolini (2017) atestam que a adesão a uma dieta sem glúten deve ser rigorosa e por toda a vida, pois é fundamental para evitar complicações sérias.

Esse desafio, para mim, era muito mais do que apenas uma mudança de hábito – era uma transformação completa da minha relação com a comida. Além disso, o diagnóstico revelou algumas complicações que haviam se desenvolvido com o tempo (possivelmente pela demora de início de tratamento): osteoporose

precoce, tireoidite de Hashimoto, intolerância à lactose, gastrite e refluxo.

A doença celíaca não só havia me enfraquecido por dentro, como também tornou meu corpo hipersensível. Em algumas situações, basta uma exposição mínima ao glúten para desencadear uma reação. Lembro-me de um dia em que fui a uma visita ao interior, onde havia uma vasta plantação de trigo. A simples exposição ao ar da colheita causou-me uma série de sintomas terríveis: feridas no rosto, sangramento nasal e dores intensas. Eu não sabia que a contaminação cruzada em dietas sem glúten é uma preocupação constante, e para pessoas com alta sensibilidade, os riscos podem ser extremamente graves. “Mundialmente é considerada problema de saúde pública devido à sua prevalência, à frequente associação com morbidade variável e não específica e à probabilidade de aparecimento de complicações graves, principalmente osteoporose e doenças malignas do trato gastroentérico” (Carvalho; Bertolini, 2017. p.468).

Assim, situações como festas, com balões de látex e ambientes com comida contaminada, tornaram-se armadilhas invisíveis. Eu precisava manter distância ou lidar com os efeitos da contaminação cruzada.

Na faculdade, onde as acomodações para restrições alimentares são raras, enfrentar esse desafio se tornou um exercício constante de autocontrole e adaptação. Momentos de isolamento foram inevitáveis, pois amigos e colegas muitas vezes não sabiam como me incluir. Ir a eventos sociais, festas, ou simplesmente visitar a casa de alguém era muito complicado. Eu venci parte desse isolamento quando tomei a iniciativa de levar marmitas com a minha própria comida. Desse modo, eu criei minha pequena bolha de segurança.

Minha família também enfrentou uma curva de aprendizado. Meu pai, que sempre me trazia lanches e guloseimas, passou a sentir-se perdido ao tentar escolher algo que fosse seguro para mim. Minha mãe, depois de muita insistência, começou a entender o que é o glúten e os cuidados com a contaminação cruzada. Somente depois de anos depois, meus pais e eu encontramos uma pizzaria que oferecia opções sem glúten aptos para celíacos. Esse foi um momento de

pura emoção; pois, pela primeira vez, consegui sentar-me com eles para uma refeição, sem medo.

Como apontam Carvalho e Bertolini (2017, p.470) em seu estudo, “Situações como viajar, alimentar-se fora do lar e relacionar-se com amigos e familiares podem representar problemas para os celíacos e interferir, dessa forma, na sua vida social”. Essas pequenas vitórias, para nós, são momentos de inclusão que antes pareciam impossíveis.

Apesar de o diagnóstico ter sido devastador, ter a doença celíaca obrigou-me a adotar uma vida mais saudável e equilibrada, o que parecia impossível antes do diagnóstico. Aprendi que o glúten, no fim das contas, não faz bem para ninguém, e que a alimentação equilibrada e a atividade física, que sempre subestimei, que me trariam uma qualidade de vida sem igual. Minhas escolhas hoje são conscientes: priorizo alimentos “de verdade”, ricos em nutrientes e que estejam em harmonia com o que meu corpo necessita.

Muitas pessoas ainda veem minha recusa em comer o que oferecem como frescura ou até mesmo rejeição, elas ignoram que a realidade é outra. A minha comida é mais segura para mim, e o que realmente importa é estar junto, participando dos momentos importantes. A empatia para entender e respeitar essas necessidades é o que torna o convívio social possível e significativo para quem vive com a doença celíaca. Minha experiência mostrou-me que a inclusão está no acolhimento, e não no prato.

Sempre é dia de aprender

Luciana de Fatima Chaves Neves MACHADO

Um dia minha mãe foi chamada para uma reunião com a minha professora e a professora do AEE (Atendimento Educacional Especializado) para comunicar que eu estava com algumas dificuldades na minha aprendizagem e no relacionamento com meus colegas. Eu não estava conseguindo acompanhar as atividades quando ela explicava para a turma toda, ela sempre tinha que vir até mim para explicar o que fazer, e isso foi chamando a atenção dela, pois eu necessitava de uma atenção a mais. Então comecei a ter dificuldades com meus colegas também, pois eles não queriam

brincar comigo, porque eu não obedecia a regras, eu queria sempre ganhar em 1º lugar, e, quando isso não acontecia, eu ficava muito zangado, brigava e bagunçava tudo. E eles se afastavam de mim, e eu brincava sempre sozinho. Minha professora tentava fazer com que todos interagissem comigo, formando grupos nas brincadeiras e atividades.

Então, diante dessas situações, a professora orientou que me levassem em um Fonoaudiólogo, para investigar qual era o problema. Mas minha mãe não aceitou muito bem tudo isso, pois não aceitava que eu tivesse algum tipo de transtorno, não aceitava que falassem de mim assim. Ela só me abraçava, chorava e orava a Deus para que não fosse nada disso.

Depois de muita conversa, minha mãe marcou consulta com a Fonoaudióloga. Passei por várias sessões e houve melhora em minha fala, na concentração e em meu comportamento também. Em uma das consultas, a Fono pediu para que me levassem numa Psicóloga, porque algumas atividades mais complexas eu não conseguia executar. Então, fomos para a psicóloga. E já na primeira consulta, ela comunicou à minha mãe que eu tinha indícios de Autismo leve. E, no decorrer das consultas, depois de alguns testes, ela confirmou que eu tinha TEA nível 1 de suporte e me deu um laudo para que eu tivesse apoio na escola.

Desde então, todos têm uma atenção diferenciada comigo, sempre fazendo com que eu esteja interagindo em tudo, no âmbito escolar e social. Minha mãe ainda não entende muito sobre Autismo. Mas ela está se esforçando e estudando, assim, todos os dias são de grande aprendizagem para todos nós.

Afinal, existe esperança?

Thaiane Gabriele Pinheiro PINTO

Era apenas uma pequena garotinha,
Que com os outros não conseguia interagir
E um belo dia perdeu a esperança,
mas será que já chegou a existir?

Do que acontecia a sua volta, não sabia nada,
O isolamento e tudo aquilo a machucava.
Não houve ajuda, não houve bondade,
apenas teve que seguir sem oportunidade.

Mas um belo dia, houve uma esperança,
um espaço cheio de gente
que talvez soubesse lidar com o diferente.

Porém a esperança se foi de repente,
pois ninguém sabia entender a garotinha
que só sabia sorria gentilmente.

Ela esperava por uma mudança,
querendo ganhar um espaço
para alcançar a felicidade.
Será que existe esperança?

Decepcionada ela voltou para casa,
Sonhou com a comunicação,
Mas não houve informação,
Nem compreensão, nem aceitação.

Na escola, não sabia de nada,
mesmo assim insistiu naquele local.
Seguiu sua vida com esperança de ser compreendida,
mas ninguém sabia como lidar com ela afinal.

Tentaram várias formas com enorme zelo,
entretanto notaram que não havia jeito.
Ela buscou sua própria forma de se comunicar,
na esperança de a uma vida nova se adaptar.
Porém ela sabia que era a única naquele lugar
E, se tivesse uma língua para surdo falar

naquele espaço cheio de gente,
Ela poderia se comunicar,
E tudo seria tão diferente!

Mas afinal, existe esperança?

Olhe para Rodrigo: Uma reflexão sobre o "não dito" na família

Ana Cláudia PEREIRA

Há muitos anos, venho observando de perto o comportamento de Rodrigo, meu primo que, para mim, sempre pareceu diferente. Desde pequeno, ele demonstrava certos sinais que, com o tempo, fizeram todos na família suspeitarem que poderia ter autismo, ou transtorno do espectro autista (TEA).

O TEA é um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento do indivíduo, interferindo na capacidade de comunicação, linguagem, interação social e comportamento. (BRASIL, 2022). Entre os muitos comportamentos que chamavam atenção, estavam a falta de contato visual durante as conversas e o evidente desconforto ao ser tocado. Lembro-me claramente de como ele nunca gostou de abraços, nem mesmo em momentos de afeto que, para muitos, seriam naturais.

Quando criança, Rodrigo também desenvolveu um hiperfoco em dinossauros – ele sabia tudo sobre eles, nomes científicos, espécies, absolutamente tudo. Depois, esse foco se transferiu para o Bob Esponja: ele assistia aos episódios repetidamente, decorava falas, detalhes, tudo. Ao longo dos anos, esses interesses específicos e os outros sinais persistiram, mas sempre foram tratados como peculiaridades, algo que fazia parte da "personalidade" de Rodrigo. Nos últimos dois anos, o hiperfoco dele passou a ser tudo relacionado ao espaço: cometas, supernovas, o sol, satélites etc.

O que torna essa situação ainda mais intrigante é que a família da mãe de Rodrigo tem vários casos de autismo. Contudo, apesar dos sinais e do histórico familiar, os pais dele nunca buscaram um

diagnóstico. Pareciam resistir à ideia de que o filho pudesse ter algo "diferente" e, até hoje, preferem não abordar o assunto.

Conforme a Secretaria de Saúde do Paraná (2024) o diagnóstico de TEA é clínico, feito a partir das observações da criança e entrevistas com os pais, algo que Rodrigo nunca teve de fato. Rodrigo agora tem 21 anos, está cursando faculdade e até trabalha fora, mas segue sem diagnóstico.

Eu vejo essa situação com uma mistura de frustração e tristeza. Entendo o medo dos meus tios, pois admitir que o filho tem um transtorno, ainda que ele esteja vivendo sua vida aparentemente de forma independente, pode ser doloroso. Mas também acredito que o conhecimento, nesse caso, seria libertador, tanto para ele quanto para a família. Autismo não é um rótulo que define quem uma pessoa é, mas pode explicar tanto das dificuldades e desafios que Rodrigo enfrentou e ainda enfrenta.

Às vezes, pergunto-me como seria a vida dele se tivesse recebido o suporte adequado desde a infância. Como ele se sentiria se soubesse que não está sozinho, que o que ele sente tem nome e que há muitas outras pessoas como ele. Mas, por outro lado, também me pergunto se ele mesmo já não se questionou sobre isso. Será? Não sei.

O que sei é que, enquanto essa conversa continuar sendo evitada, Rodrigo seguirá caminhando sem algumas respostas que, acredito, poderiam trazer mais clareza sobre quem ele é e, talvez, uma aceitação mais plena de sua própria identidade.

A dor do próximo

Josinalda Irene da SILVA

Outro dia conheci um menino que me deixou bem intrigada,
Ele leu um poema pra turma contando um pouco de sua jornada.
Ele tinha vitiligo e sua pele era bem manchada,
Não sei se esse é o termo certo, confesso: sou pouco familiarizada.

Mas esse jovem rapaz de diferente aparência,
Nos deu uma grande lição e deu um show de eloquência.
Ele escreveu sobre sua história e nos fez pesar a consciência,

Por deixarmos que pessoas, como ele,
fossem tratados com indiferença.

Seguem abaixo as palavras que me geraram reflexão,
As palavras do rapaz que escreveu com o coração:

Meu nome é Felipe e eu tenho vitiligo,
Minha aparência é meio estranha e eu não tenho nenhum amigo.
Minhas notas até são boas, e sou bom em jogos coletivos,
Mas ninguém me chama para jogar,
nem pra gandula sou escolhido.

Quando ainda era criança, alguém espalhou por toda escola
Que eu era muito estranho, melhor seria se fosse embora.
Quem de mim se aproximava, já ficava temeroso,
Pois tinha quem acreditava que eu era "contagioso"

Pode parecer absurdo e exagerado esse desabafo,
Mas pra uma criança ser rejeitada assim,
que pesado se torna o fardo.
Agora eu questiono que diferença entre nós tem?
Se a matéria que compõe seus corpos,
não é a que me compõe também?

Há alguma diferença, senhores? Há alguma diferença? Eu repito.
Se do ar que em seus pulmões circula, é o mesmo ar que eu respiro.
Sou inválido por ser diferente? Por não nascer com seu padrão?
Por que me olham com nojo? Sou eu acaso uma aberração?

A classe estava chocada,
então ele disse algo que nunca vou esquecer:
A dor da exclusão que eu conheci,
espero que vocês não venham a conhecer.
Em silêncio ele sentou e alguns colegas choraram,
Esses o conheciam da escola e, por sua aparência, o ignoraram.

Felipe olhou pra mim e sussurrou um aviso:

"Cuide de quem está ao seu lado,
ninguém nunca sabe a dor do seu vizinho"
Abri um sorriso tímido e então pensei comigo:
"Pois conheço bem a sua dor. Eu também tenho vitiligo".

A inspiradora história de Gabriel

Cláudio Guilherme ALFARTH

Gabriel era o primogênito, era um bebê muito esperado e nasceu de uma gravidez tranquila, sem dores ou complicações. A mãe de Gabriel trabalhou até o último dia antes do parto. Apesar de uma leve diabetes gestacional, Gabriel nasceu saudável, mas não quis mamar no peito. A mãe era professora e entusiasta da amamentação, por isso sentiu-se culpada, pois o bebê perdeu peso. Os pais foram orientados por um pediatra a adotar a mamadeira para seguir com a alimentação.

Com o passar do tempo, alguns sinais de dificuldades sociais e motoras foram observados. Gabriel demorava mais tempo para alcançar marcos de desenvolvimento, que indicam as habilidades que as crianças atingem em uma determinada idade, até completar 5 anos. Essas habilidades são descritas em “marcos sociais/emocionais; marcos de linguagem/comunicação; marcos cognitivos e marcos de movimento/desenvolvimento físico” (Moraes, 2024, on-line). Gabriel demonstrava comportamentos atípicos, como enfileirar brinquedos em vez de brincar com eles, e não buscar colo da mãe.

O pai de Gabriel trabalhava como técnico de informática em uma clínica especializada em autismo, e quando comentou que o filho de dois anos não falava, mesmo com estímulos, os psicólogos da clínica sugeriram uma avaliação. Foi assim que Gabriel, aos 3 anos, teve confirmado o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível 2 de suporte. O TEA é descrito como um distúrbio que se caracteriza por alteração de funções do neurodesenvolvimento, que interferem no desenvolvimento de habilidades de comunicação, linguagem, interação social e comportamento (Brasil, 20204).

O médico recomendou intervenções e uma série de terapias para que Gabriel pudesse progredir, e talvez ter o seu quadro regredido para o nível 1 de suporte (ou autismo leve). Durante esse processo, a mãe de Gabriel recebeu a chance de também trabalhar na clínica. Ela era pedagoga e se especializou em psicopedagogia para ajudar no desenvolvimento de Gabriel e de outras crianças com TEA, buscando sempre o melhor suporte para ele, através de terapias e estímulos.

Embora Gabriel tivesse limitações na socialização e na coordenação motora, possuía um conhecimento incomum para sua idade. Um exemplo claro era sua percepção de cores, que já estava plenamente desenvolvida aos dois anos. Ao pedir para ele identificar as cores com bolas coloridas, por exemplo, ele as identificava corretamente. Outro conhecimento que ele já possuía era o de todas as letras do alfabeto.

Na educação infantil, em brincadeiras em grupo com outras crianças, Gabriel demonstrava muita dificuldade. Ele não entendia, por exemplo, a brincadeira de “dança da cadeira”, ele achava que sempre precisava se sentar na mesma cadeira todas as vezes que a música parava, e ficava extremamente transtornado quando outra criança ocupava a “sua” cadeira, a ponto de chorar e ter que parar de brincar.

Gabriel também foi levado a um neuropediatra, que, no começo, não receitou remédios. Mas o tempo passou, e Gabriel, com quatro anos, para espanto de todos, já conseguia falar e formular frases, porém, aos poucos, foi percebido que sua comunicação era ecológica, ou seja, ele apenas repetia o que era perguntado, em vez de responder de acordo, como uma criança típica faria. Com isso, percebeu-se que ele também tinha dificuldades para atingir uma comunicação de qualidade.

Para reforçar os estímulos, Gabriel recebeu apoio de um psicólogo e começou a participar de aulas de musicalização e a praticar natação. Tudo com o objetivo de estimular seus sentidos, especialmente audição e fala (na forma de canto), bem como trabalhar aspectos físicos e motores, obedecendo a comandos e compartilhando a piscina com outras crianças.

Gabriel sempre demonstrou uma personalidade forte, porém maleável, sendo uma criança muito educada e querida. Começou a demonstrar alguns dons, como o de canto. Ele demonstrava satisfação na organização de tudo o que realizava, nunca fazia as coisas pela metade e prezava pela perfeição, à medida do possível. Ele se sentia bem com isso. Afinal, como afirmam Elias e Assumpção Jr. (2006, p. 299), para além das dificuldades funcionais e de todas as expectativas que os outros possam ter, “a criança autista, em sua percepção de mundo, é feliz, independentemente de seus déficits funcionais.”

Com o passar dos anos, Gabriel foi se desenvolvendo, e hoje, aos doze anos, seu diagnóstico já regrediu do nível 2 para o nível 1 de suporte. Gabriel está desenvolvendo cada vez mais sua independência. Ele está acordando sozinho e indo a pé de casa até a igreja para a reunião do Clube de Desbravadores (departamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia destinado a crianças e adolescentes entre 10 e 15 anos de idade). Ele também está arrumando seu quarto e suas roupas, preparando seu próprio café da manhã (muitas vezes para toda a família também), deixando as tarefas da escola em dia e mostrando-se um filho esforçado e tranquilo.

Gabriel está entrando na adolescência e continua sendo estimulado pelo psicólogo a desenvolver sua parte social, buscando uma comunicação saudável com seus amigos sobre temas que interessem a todos, não apenas sobre temas que o interessam particularmente. De acordo com Camargo e Bosa (2012, p. 316),

“[...] proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras crianças da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas e o desenvolvimento da competência social, fornecendo modelos de interação e evitando o isolamento contínuo.”

A história de Gabriel mostra que o autismo é uma condição que não define a pessoa, pois cada um tem suas potencialidades, e com ele não é diferente. É preciso que as crianças com autismo sejam apoiadas, e sejam introduzidas às terapias e aos tratamentos, que

são essenciais para desenvolver habilidades, o mais cedo possível. É importante que todos sejam preparados para o futuro, para uma vida autônoma e com independência. Pois, apesar dos desafios que essa perspectiva possa apresentar, nunca se deve subestimar uma criança com autismo; afinal ela pode alcançar grandes feitos!

Alcançando a dignidade

Larissa WEBER

Menina não escuta
Não fala, uma injustiça da vida
Sempre sendo incompreendida
Sem falantes de LIBRAS

Ela podia não ouvir
As brincadeiras e piadinhas
Mas ela podia sentir
Os olhares e as risadinhas

Isolada e ofendida
Maltratada e magoada
Muita falta de respeito
E só desmerecimento

Chamada de incompetente
Porque vivia distraída
Mas as pessoas não a ajudavam
Ela não era incluída

Para ver seus erros
Aos montes, hão de apontar
Mas para seus acertos
Não há ninguém a parabenizar

Estava cansada
De ser maltratada
Tanto denunciava
E nunca se fazia nada

Ela pedia ajuda
E ninguém se dispunha
Então ela se resolveu
E deu a volta por cima.

Com dificuldade, começa a estudar
Para sair daquele lugar
Inteligente, estudiosa
Esforçada, habilidosa

Há um lugar melhor com sua língua.
Há uma saída com a educação bilíngue.
Formada, deixa as pessoas preconceituosas
Com autonomia pode viver de forma digna.

A história de João contada por Maria

David CORREIA Junior

Eu sou Maria, mãe do João, e quero compartilhar com vocês como foi o momento em que descobri que meu filho se encontrava no Espectro Autista (TEA) e como o apoio da minha família foi essencial para atravessar essa jornada.

João sempre foi uma criança diferente das outras. Enquanto os filhos das minhas amigas começavam a falar frases inteiras e se interessavam por brincar em grupo, o João preferia ficar sozinho, mexendo nos seus carrinhos. Lembro-me muito bem de um dia em que estávamos no parquinho, e todas as outras crianças estavam correndo e rindo, mas João não se juntou a elas. Ele se sentou ao lado dos brinquedos e passou a alinhar os carrinhos, em uma ordem perfeita, sempre concentrado e calado. Naquele momento, percebi que havia algo a mais, além de uma simples diferença de personalidade. Outro comportamento, que havia me deixado em alerta, era o fato de João evitar olhar nos olhos das pessoas. Isso acontecia comigo também. Sempre que eu tentava falar com ele, ele desviava o olhar ou se concentrava em outra coisa. Os sons altos

também o incomodavam, ele era muito sensível a ruídos. Uma vez, na casa dos meus pais, uma panela caiu no chão e ele entrou em pânico, chorando sem parar, além disso, qualquer mudança na nossa rotina — como mudar o trajeto para a escola ou trocar os talheres à mesa — deixava-o extremamente desconfortável. A partir da observação de cada um desses sinais foi crescendo dentro de mim um questionamento que eu não queria fazer, mas precisava investigar o que estava acontecendo com meu filho.

Procurei especialistas e, após muitos exames, consultas e conversas, recebi o diagnóstico: João estava dentro do espectro autista. Lembro-me perfeitamente do momento em que ouvi aquelas palavras. Foi como se o chão tivesse sumido, um turbilhão de emoções tomou conta de mim: medo, tristeza, insegurança. Como mãe, eu só queria que ele fosse feliz, que se sentisse acolhido no mundo; mas, naquele instante, eu temia que isso nunca acontecesse, pois tudo parecia tão incerto. Será que eu saberia cuidar dele do jeito que ele precisava? Como seria o futuro do João?

Naquele momento, eu não acreditava que João pudesse ter uma vida sem os meus cuidados. Fiquei assustada e com medo, pois o mundo que eu havia imaginado para João era muito diferente do que agora estava se desenhando. Era o meu luto e eu estava sozinha; mas, ao mesmo tempo, algo muito poderoso aconteceu: minha família se uniu de um jeito que eu nunca havia imaginado. Logo que contei sobre o diagnóstico, Pedro, meu marido, ficou em silêncio por um tempo, processando a informação. Mas, nos dias seguintes, ele reagiu: começou a pesquisar, leu artigos, conversou com médicos, quis entender o que era o TEA e como poderíamos ajudar o João. A partir daquele momento, Pedro esteve presente em todas as consultas e fez questão de me lembrar, a cada passo, que enfrentaríamos isso juntos.

Meus pais, sempre muito próximos do João, também foram um pilar de apoio incondicional. Minha mãe foi quem primeiro me abraçou quando contei. Ela olhou nos meus olhos e disse: “Não se preocupe, filha, vamos cuidar dele juntas.” Desde então, ela começou a passar mais tempo com o João; porém, de uma forma muito respeitosa,

ela não tentou forçar interações, como fazia antes. Ela apenas se sentava ao lado dele e ficava ali, observando-o enquanto alinhava os carrinhos, mostrando estava junto e o entendia e respeitava suas “manias”. Isso criou uma ligação ainda mais forte entre eles.

Meu pai sempre foi mais reservado, mas demonstrava seu apoio de uma maneira única. Ele passou a levar João para passeios tranquilos pelo parque, evitando lugares barulhentos e movimentados, respeitando o ritmo dele. Durante esses passeios, João parecia mais relaxado e tranquilo; e, nesses momentos, ele conseguia se conectar mais com o avô.

Com o apoio de todos, passamos a encarar o desafio de outra forma. Ao invés de tentar encaixar João nas expectativas que tínhamos para uma criança de três anos, nós começamos a adaptar o mundo dele para que ele se sentisse pertencente, seguro e feliz. Procuramos uma escola inclusiva, com profissionais capacitados para lidar com as particularidades de crianças no espectro autista, e isso fez toda a diferença.

A cada dia, João ia mostrando pequenos avanços, e cada um deles era uma vitória para nós. Com o tempo, fui entendendo que o diagnóstico de TEA não era o fim dos meus sonhos para o meu filho. Pelo contrário, era o início de uma nova jornada. Uma jornada na qual amor, compreensão e paciência eram essenciais; aprendi a valorizar cada conquista do João, por menor que fosse, e a respeitar seu tempo, seu espaço e sua maneira de ver o mundo. Minha família me ajudou a perceber que não estávamos sozinhos. Com o apoio deles, tudo se tornou mais leve e possível.

De acordo com a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner, relações respeitadas e acolhedoras entre as pessoas é muito importante para que se estabeleçam condições mínimas para a formação de relações interpessoais recíprocas, ou díades. Uma díade é formada por duas pessoas que estão atentas às atividades uma da outra, ou participam de atividades juntas. (Martins; Szymanski, 2004). Nesse caso, o apoio da família foi crucial para criar um ambiente acolhedor, capaz de oferecer as adaptações necessárias ao desenvolvimento de João, criando

díades. Além disso, com o suporte adequado, as pessoas com TEA podem ter acesso às mesmas oportunidades de desenvolvimento igual a qualquer outra criança.

Hoje, percebo que João tem potencial para crescer e se desenvolver. Ele tem as ferramentas certas e um ambiente acolhedor. Cada sorriso, cada olhar e cada interação são motivo para continuar acreditando que o amor é, realmente, o melhor caminho para incluir, apoiar e transformar. Aos poucos, João está construindo a autonomia, mostrando que poderá ser independente, poderá ser o que ele quiser ser e estar onde ele quiser estar.

DJ Marcos

Claudinei RODRIGUES

Em uma pequena cidade, havia um menino chamado Marcos, que era um garoto especialmente diferente. Marcos tinha uma Deficiência Intelectual leve. Ele sempre foi uma pessoa simples, gentil e com uma alegria contagiante. A simplicidade de Marcos era tão natural quanto sua inocência e sua ingenuidade. Ele também sabia ser gentil com todos, independentemente de diferenças de gênero, cor ou qualquer condição. Para ele, todos são iguais. Com esse jeito espontâneo e ingênuo, Marcos contagiava todos ao seu redor com sua alegria, com seu sorriso que nunca sai de seu rosto.

Marcos sempre gostou muito de ouvir músicas. Quando ele saía de casa, ia direto à casa de seus amigos ou parentes para escutar músicas. Seu maior sonho era ser DJ. Ele falava disso com entusiasmo e empolgação, como se já estivesse se preparando para realizar esse desejo. Costumava imitar locutores de rádio, apresentando as músicas como se estivesse em um programa ao vivo, e até já gravou pequenos áudios no celular, anunciando as faixas que mais gosta. Às vezes, pegava um fone antigo e um aparelho de som, e brincava de controlar o volume, trocando as músicas como se estivesse comandando uma festa.

Esses momentos mostravam o quanto a música tinha um papel importante na vida dele e o fazia se expressar, se sentir capaz, e acima de tudo, feliz.

Marcos é meu primo e nós sempre nos demos muito bem. Ele estuda e frequenta a APAE. Apesar das barreiras, que sua deficiência e a sociedade podem impor, ele é uma pessoa bem independente. Ele sai e, ao sair, sempre avisa a pessoa responsável por ele, e volta para casa no horário combinado. Ele gosta de ter essa liberdade.

Como qualquer criança, Marcos sonhou e em seu sonho ele era DJ e embalava a festa de pessoas que se divertiam com as criações que ele fazia, com sua música. Da mesma forma que acontece com muitos de nós, ele também não realizou o sonho, mas ele ainda adora música. Marcos é feliz e, apesar de não ser DJ, ele teve seu espaço e foi valorizado além das diferenças; afinal, todos podem encontrar seu lugar no mundo. Marcos encontrou o dele, ele é um sonhador!

Etarismo: O preconceito da idade

Sônia Yara de FREITAS

A inclusão social representa um movimento essencial para combater o preconceito e a discriminação, que são grandes desafios em nossa sociedade. Trata-se de um processo que busca eliminar comportamentos discriminatórios, promovendo a equidade e o respeito às diferenças, independentemente de fatores como idade, origem ou qualquer outra condição ou característica. Nesse contexto, a inclusão se apresenta como uma ferramenta fundamental para construir uma convivência mais justa e igualitária.

Em julho de 2019, eu e meu esposo, junto com meus filhos e minha nora, deixamos Manaus em busca de melhor qualidade de vida em outra região do país. Acreditávamos que no Sul a vida seria mais afortunada, que seria mais fácil conseguir oportunidades de emprego, mas isso não se concretizou para meu marido, que enfrentou barreiras significativas, especialmente relacionadas à origem geográfica e à idade, ele tinha mais de 45 anos na época.

Quando chegamos aqui, logo todos conseguiram emprego em alguma fábrica e meu marido estava muito animado, pois acreditava que logo seria a vez dele. Ele entregou inúmeros currículos e participou de diversas entrevistas, no entanto, quando viam sua idade e estado de origem, frequentemente, ele deixava de ser não considerado para

a vaga. Isso evidenciava um preconceito implícito com base nesses critérios, mostrando como fatores como regionalismo e etarismo podem ser limitadores no acesso ao mercado de trabalho.

Um de meus filhos fez um curso numa escola de formação profissional e logo conseguiu uma colocação melhor em outra empresa, ele estava progredindo. Meu marido alegrava-se com o sucesso do filho, mas, ao mesmo tempo, ficava cada vez mais angustiado, pois o tempo estava passando para ele. Na nova empresa, nosso filho viu uma oportunidade para o pai e conversou com o chefe dele. Foi assim, com a ajuda de nosso filho, que meu esposo finalmente conseguiu uma colocação no mercado do trabalho. Esse desfecho só foi possível após muita persistência e, sobretudo, pela intervenção direta de uma rede de apoio familiar, mostrando como a inclusão no mercado de trabalho pode, por vezes, depender mais de conexões interpessoais do que de um processo justo e igualitário.

Aqui no sul do Brasil, longe de nossas origens, nós enfrentamos o preconceito e a pandemia, mas a família ficou ainda mais unida. Somos gratos por todas as oportunidades que tivemos. Mas, lamentavelmente, essa situação vivenciada por meu marido demonstra que aqui não é o paraíso que o povo do Norte imagina. Há oportunidades, mas há preconceito e exclusão. E essa discriminação não atinge apenas as pessoas com deficiência ou transtornos, ela ocorre também motivada por outros fatores, como idade avançada, origem regional ou étnica, em contextos marcados por preconceitos estruturais. Essa realidade evidencia a necessidade de iniciativas efetivas de inclusão social e laboral, que promovam a igualdade de oportunidades. É fundamental que as empresas e instituições desenvolvam políticas que valorizem a diversidade e eliminem barreiras discriminatórias, reforçando o princípio de que nenhum indivíduo deve ser excluído.

O conto do garoto comum (mas nem tanto)

Allan Marcelo Batista TIAGO

Há muito tempo, numa pequena aldeia, nasceu um garoto, que parecia comum. Mas, mal sabiam os moradores daquele local

amigável e calmo o que estaria por vir. As terras dos "Mágicos" e "não Mágicos" eram separadas, e tinham povos muito diferentes em aparência, fala e jeito de pensar, não possuíam a consciência devida para conviverem.

A criança, aos seus 3 anos, foi escolhida por uma entidade desconhecida, de poder impalpável e inimaginável. Essa criatura, por sua vez, demandou grandes poderes para essa criança humana, dentre esses poderes o que mais tinha valor era a compreensão dos dois mundos, ou seja, ela podia compreender os seres de magia e os sem magia. E esse era um poder muito raro.

Com esta grande quantidade de poder e a idade tão tenra, a criança não sabia se estava no local certo, não sabia administrar seus pensamentos e nem agir de uma forma correta na sua aldeia. O tempo passou e, com ele, vieram as crises de raiva, os olhos que brilhavam e o descontrole de sua magia, que assustava todos que estavam a sua volta.

Aos seus 5 anos, então, a criança escolhida, com tanto poder e sem saber o que fazer, foi levada para fora da aldeia humana. Sendo, assim, exilada; pois não sabiam mais o que fazer para controlar a criança que havia se tornado um perigo. A mãe do garoto escolhido não podia deixar seu extraordinário filho ir embora sozinho, ela queria ajudá-lo, entendê-lo e tornar sua vida mais simples e fácil para que um dia pudesse ter uma vida normal.

Após alguns meses exilado, estando fora da aldeia, a mãe da criança resolveu pedir ajuda aos seres mágicos, pois via o grande potencial de seu filho e queria que o escolhido pudesse controlar todo aquele poder para voltar a sua comunidade.

Quando a mãe e a criança chegaram na floresta encantada viram os portões fechados. E os homens servos armados, que esperavam apenas um sinal para defender a aldeia mágica, quando viram que quem se aproximava eram apenas simples humanos, que consideravam seres asquerosos, ignoraram. Mas, de repente, surgiu uma luz que se transformou num ser de beleza indagável, que aparecia ser e era, o mestre Denzel Luminiz, intitulado o Deus dos deuses, o responsável por escolher aquela criança para ser seu protegido. Ele

chegou resplandecente e, diante do portão, disse: “Abram os portões e levem a criança até Galva, curandeira da floresta mágica!” Depois dessa fala, o grandioso Deus desaparece, e os portões são abertos e os guardiões da floresta levam a criança e a mãe até Galva.

A curandeira não se assustou com o que viu, apesar de todos os moradores da floresta terem achado aquilo extremamente inaceitável. Galva parecia saber tudo sobre a criança, seus interesses obsessivos, sua fala diferente, seu modo estranho de pensar, seu desinteresse por toque físico, seus comportamentos extraordinários, e seus poderes. Ela sabia exatamente como interagir e como lidar com o escolhido, a mãe ficou incrédula e achou a situação extraordinária. Apesar de ser estranho, ela sentia que estava no lugar certo.

Com o passar do tempo, a pequena família foi totalmente acolhida na floresta. Galva transmitia diversas lições à criança, e a mãe aprendia a lidar de uma forma melhor com seu filho, entendendo suas particularidades. E a criança aprendeu a lidar com suas dificuldades, mas sabia que aquilo era um trabalho para vida toda. Assim, o escolhido pelo Deus Luminiz foi denominado pela aldeia “Autos, o Sábio”.

Após três longos anos depois do exílio, Autos e sua mãe retornaram a sua aldeia de origem e tiveram grandes histórias para contar para o mestre da aldeia. Contaram tudo o que passaram durante a jornada de três anos, e que descobriram que o reino mágico não é um grande mal como imaginavam.

Em pouco tempo, já havia se reestabelecido na aldeia, mas Autos não achava aquilo o suficiente. Ele se sentia incompleto. Então, com a ajuda de sua mãe, Autos preparou uma grande festa para unir sua aldeia e o povo da floresta mágica. Quando chegaram à festa surpresa, os convidados do reino mágico não entenderam o que estava acontecendo. Então, Autos explicou como se sentia pelos seus dois povos estarem separados e como aquilo lhe causava mal. E que sua intenção com a grande festa era unir os dois povos para que os preconceitos fossem quebrados.

Com a explicação de Autos e sua fala extraordinária, os grandes mestres de ambas as aldeias se solidarizaram e deram uma chance

para aquela festa incrível que formou grandes amizades, conversas e até mesmo uma aliança entre as duas aldeias, que agora já não eram mais inimigas. E assim Autos cumpriu sua missão.

Essa história se espalhou por todo o mundo. A história de como Autos, o Sábio, conseguiu estabelecer a aliança que fortaleceu os dois mundos: o dos “Mágicos” e “não Mágicos”;

A luta de Isabelly

Vânia Fernanda do Nascimento SILVA

Isabelly nasceu aparentemente saudável, mas, nos primeiros meses de vida, seus pais começaram a notar algo incomum. Pequenos tombos que normalmente não causariam mais do que um arranhão em uma criança, levava-a a ter fraturas. O primeiro sinal claro foi quando, aos seis meses de idade, durante uma troca de fralda, um movimento suave resultou em uma fratura de fêmur. Desesperados, seus pais a levaram a diversos médicos, até que um especialista fez o diagnóstico: osteogênese imperfeita, uma condição genética rara, também conhecida como "doença dos ossos de vidro". Esse é um distúrbio hereditário, cuja característica principal é uma fragilidade excessiva dos ossos (Rauch et al,2004).

O impacto dessa descoberta foi avassalador. Seus pais, embora aliviados por finalmente entender o que estava acontecendo, ficaram devastados com o diagnóstico. A ideia de que sua filha viveria com ossos extremamente frágeis, sujeitos a fraturas frequentes, trouxe-lhes uma série de medos e incertezas. Eles se questionavam sobre o futuro da filha, sobre sua qualidade de vida, e como poderiam protegê-la em um mundo cheio de riscos. No entanto, à medida que se informavam mais sobre a doença, entenderam que, com os cuidados adequados, Isabelly poderia ter uma vida plena, embora com adaptações importantes.

Assim, desde muito jovem, Isabelly enfrentou fraturas e lesões frequentes, o que a obrigou a passar longos períodos em hospitais e em reabilitação. Seu dia a dia requeria uma série de cuidados especiais. A fragilidade física, no entanto, não a impediu de desenvolver uma

força interior impressionante. Cresceu aprendendo a adaptar suas atividades e a encontrar formas de viver de maneira plena, apesar das limitações impostas pela doença. Seus pais criaram uma rotina que equilibra proteção e autonomia. O ambiente em casa foi adaptado para minimizar riscos: móveis sem quinas, pisos macios e objetos posicionados estrategicamente para evitar acidentes. Além disso, ela passou a contar com o acompanhamento constante de uma equipe médica multidisciplinar, incluindo ortopedistas, fisioterapeutas e nutricionistas, que ajudaram a fortalecer seus músculos e a melhorar sua mobilidade, minimizando o risco de novas fraturas.

As atividades físicas eram cuidadosamente planejadas. A hidroterapia, por exemplo, tornou-se uma aliada importante, já que na água seu corpo sofre menos impacto, permitindo que ela se mova com mais liberdade e segurança. E a fisioterapia diária fortalecia seus músculos, contribuindo para proteger seus ossos frágeis. Porém as quedas e fraturas continuaram fazendo parte de sua realidade, e cada lesão demandava tempo de recuperação, o que exigia muita paciência e resiliência.

No ambiente escolar, a inclusão de Isabelly foi um desafio, tanto para seus pais quanto para a escola. Seus pais sempre se preocuparam com a possibilidade de ela se machucar durante brincadeiras com outras crianças, ou mesmo em atividades simples. Por isso, eles estavam sempre em contato com a escola para garantir que as adaptações necessárias fossem feitas. A sala de aula precisou ser adaptada com móveis adequados e ela passou a contar com o apoio de uma cuidadora, que a acompanhava nas atividades diárias.

A inclusão social também foi uma questão importante. Por ser diferente, Isabelly enfrentou momentos de isolamento, especialmente quando era mais jovem. Outras crianças não entendiam sua condição, e por vezes, tinham receio de interagir com ela por medo de machucá-la. Além disso, para que aconteça a inclusão social, é necessária a criação de espaços acessíveis a todos, com garantia do direito à participação plena em todas as esferas da sociedade (Santos et al, 2020)

Com o tempo, graças à abordagem aberta e acolhedora de seus pais e professores, ela encontrou amigos que a tratavam com o respeito e o cuidado que ela precisava, sem deixarem de inclui-la nas atividades do grupo. Assim, Isabelly foi percebendo sua fragilidade e se tornou uma defensora da inclusão, compartilhando sua história com outras pessoas e mostrando que, embora precise de cuidados especiais, ela é capaz de realizar seus sonhos e viver uma vida feliz. Pois, para ela, a inclusão vai além das adaptações físicas; trata-se de criar um ambiente onde as pessoas com deficiência sejam vistas, ouvidas e respeitadas por serem quem são.

Hoje, com o apoio de sua família, amigos e profissionais de saúde, ela segue seu caminho com coragem. Seus pais, embora ainda se preocupem com os desafios diários, se orgulham de ver a filha enfrentar as adversidades com um sorriso no rosto, superando as expectativas e mostrando ao mundo que a força de espírito pode ser muito mais poderosa do que qualquer limitação física.

Sheldon

Edenilson VARGAS

Raquel Maria Cardoso PEDROSO

Este relato é sobre um personagem extremamente inteligente, que tem autismo (TEA) e superdotação, além de possuir uma condição neurológica chamada Sinestesia. Ele foi o protagonista da série “The Big Bang Theory” (2007) e seu nome era Sheldon Lee Cooper. A personagem Sheldon, de acordo com o Observatório do Cinema, não foi baseada em uma história da vida real. Os criadores da série, Chuck Lorre e Bill Prady, declararam que foi em algumas de suas próprias experiências de vida que buscaram a inspiração para a série. (Observatório, 2024, online).

A infância de Sheldon foi cercada de atenção e brilhantismo. Aos 9 anos, calculou a melhor forma de pousar o módulo de lançamento de foguetes para a NASA. No entanto, mesmo sendo brilhante, sua infância e adolescência não foram fáceis. Ele não tinha paciência com as pessoas que demonstravam dificuldade de entender temas

que para ele eram muito simples, além disso, tinha problemas de interação pessoal e dificuldade em entender o sarcasmo.

As pessoas não gostavam muito de Sheldon porque ele não tinha filtro e fazia comentários realísticos que eram ofensivos. Assim, a linguagem peculiar, os rituais e comportamentos repetitivos dificultavam a interação social e provocavam xingamentos e brincadeiras inapropriadas (bullying) por parte de seus colegas que se transformavam em momentos traumatizantes que faziam com que Sheldon se isolasse ainda mais.

Apesar de tudo, Sheldon conseguiu superar as dificuldades com a ajuda de seus verdadeiros amigos. Ele fez um mestrado (aos 16 anos) e dois doutorados (em farmacologia e em física). E, por fim, Sheldon ganha um “prêmio Nobel pela teoria da super-assimetria”, mostrando assim o quão longe uma pessoa com essas condições pode chegar. Não há limites.

Apesar de ser uma obra de ficção, a série mostra as dificuldades passadas no relacionamento com os amigos, as superações e conquistas que uma criança/jovem neurodivergente com dupla excepcionalidade.

A dupla excepcionalidade é, segundo Castro (2023, online), uma categoria específica que acontece com a soma das condições de TEA e superdotação. O autismo (ou TEA) é um transtorno caracterizado por déficits de socialização, sensibilidades sensoriais (sinestesia) e rigidez cognitiva; enquanto a superdotação é a condição de quem tem um alto desempenho em uma ou mais áreas do conhecimento. A superdotação não é apenas uma “questão de inteligência ou QI alto, ela pode se manifestar em muitas áreas, inclusive do âmbito emocional.” (Castro, 2023, online).

A dupla excepcionalidade faz parte da diversidade humana, pois todos nós somos neurodiversos, afinal existem variações naturais na formação do cérebro de cada indivíduo. Mesmo assim, como explica Castro (2023, online), há o conceito de neurodiversidade humana que considera neurotípicos aqueles que têm um desenvolvimento dentro do considerado padrão, e neuroatípicos ou neurodivergentes aqueles cuja formação do cérebro foge ao padrão.

Na série, a personagem Sheldon representa muitos dos desafios enfrentados por esse público, que na maior parte das vezes acaba chamando mais atenção pelos sintomas do transtorno, que causa déficit em algumas áreas, do que pelas altas habilidades, que apresenta um potencial elevado, uma superdotação.

Percebe-se que houve uma preocupação dos criadores da série em compor os episódios com base em características reais de uma pessoa com essa condição de dupla excepcionalidade. E isso é importante para que os espectadores aprendam e discutam sobre isso. Só assim o tema poderá chegar à esfera política, de onde podem partir propostas de implantação de ações e programas que valorizes e atendam às necessidades educacionais especiais desse público tão pouco compreendido.

O toque que fala

Adriele dos Santos MOURA

Tenho uma tia chamada Maurina que é um verdadeiro raio de luz em meio à escuridão. Ela não enxerga com os olhos, não ouve com os ouvidos e não fala com palavras, mas se comunica com o coração. Minha tia é surda-cega. E é nessa linguagem silenciosa que aprendemos a entender sua alma. Desde sempre, ela escolheu caminhar por seus próprios passos, com uma força que encanta e emociona.

Ela viveu ao lado da minha bisavó, uma mulher sábia que a amparou sem jamais impor limites, permitindo que ela florescesse na liberdade da sua independência. Ela lava suas roupas, dobra cada peça com cuidado, arruma sua cama e toma seu banho sozinha. Para nós, podem parecer pequenos gestos que, para ela, são declarações diárias de autonomia e dignidade.

Lembro-me de que quando tentávamos ajudá-la, a surpresa vinha em forma de um brabo silêncio, e gesto que nos mandava embora. Era como se ela dissesse que aquele momento era seu, era sagrado, era uma dança entre a vontade e a liberdade que ela conquistou. Mas havia momentos em que recebíamos seus carinhos em forma de

abraço e um sorriso que se soltava no corpo inteiro quando dançava com a gente. Sua risada era pura, verdadeira, capaz de transformar o mais simples instante em festa.

Vejo como o amor da minha bisavó, que acreditou na força dela sem nunca medir barreiras, fez dela uma mulher para frente, que rompeu limites invisíveis e construiu sua própria história de independência.

Hoje, ela está longe, morando com seu irmão no Paraná. Eu sinto saudades desses dias de convivência. Cada lembrança é uma estrela que ilumina meu caminho. Minha tia me ensinou que os rótulos são sombras que não devem apagar o brilho de ninguém, que sua deficiência não é uma prisão, mas um convite para olhar com outros olhos, para ouvir com outros sentidos e para amar além das palavras. Ela é inspiração. É um poema vivo de coragem, respeito e liberdade.

E assim, ela me lembra: a verdadeira força mora no coração de quem não desiste, no sorriso que se abre mesmo nas dificuldades, e na alma que escolhe dançar, mesmo quando a música parece silenciosa.

A menina Francielle

Melissa Francielle de LIMAS

Vou contar uma história
Preste muita atenção
Há quem diga que esse poema
Não tem a ver com exclusão

Mas só quem já passou por isso
E quem já sentiu na pele
Vai entender a história
Da menina Francielle

A menina desde nova
Já sabia da sua trajetória
Que era repleta de amor
E ficou marcado na memória

Os pais de Francielle explicaram
Que não eram seus pais biológicos
No início, foi um choque
Que abalou seu psicológico

Na escola, ela não entendia
Por que era motivo de piada
Volta e meia, dos amiguinhos, ouvia:
“Olha lá, a adotada!”

Mas seu coração cheio de amor
Não a impedia de se orgulhar
Que desde o primeiro dia da sua vida
Seus pais a escolheram para amar

Filhos adotivos são como anjos
Que vem do céu trazendo alegria
E quando uma família escolhe adotar
Descobre um amor que não conhecia

Não é o tipo sanguíneo
Que define a sua família
É o amor com o qual você foi criado
Que te torna um ser de alegria

E para finalizar esse poema
Não sei se você percebeu
Mas a menina Francielle
Na verdade... sou eu.

O caso de Pedro e a falta de preparação profissional

Joici Natalia Rosa MOLINARI

Pedro foi diagnosticado com autismo nível 2 de suporte depois de iniciar na creche, aos três anos. Ele passava pelos desafios comuns que são associados ao transtorno, pois ele tinha dificuldades de

socialização, principalmente em ambientes com muitas crianças, e sua comunicação era limitada, necessitando de atenção especial. Além disso, Pedro apresentava comportamentos repetitivos, estereotípias e um transtorno de fala e linguagem. Isso dificultava ainda mais sua interação. Isso foi observado pela professora principal da turma, a professora Ana, que, atenta ao comportamento do menino, suspeitou e recomendou que a mãe de Pedro o levasse a um neuropediatra ou a um neurologista. Assim, após uma série de exames, veio a confirmação do diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista). A partir daquele momento, por orientação médica, Pedro iniciou o tratamento com medicamentos.

Aos cinco anos, Pedro desenvolveu o hiperfoco em insetos. O hiperfoco é característico dessa condição, mas para a idade dele, esse era um interesse que trazia riscos, já que ele não tinha noção do perigo, era impulsivo e não aceitava ser contrariado. Com essas dificuldades, um novo laudo médico foi necessário. Assim, os novos exames e avaliações demonstraram que Pedro apresentava como comorbidades a hiperatividade e o transtorno opositor desafiador. Esse laudo também recomendava novas terapias especializadas mais específicas, como fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional focada em integração sensorial, além de suporte psicopedagógico e uso do método ABA (Análise Aplicada do Comportamento) para treinamento.

Para as terapias terem melhor resultado, é necessário que o ambiente escolar, no qual espera-se que a criança deva ser protegida e incluída, seja um espaço tranquilo e de acolhimento. No entanto, para Pedro, a escola acabou se tornando um local de agressão e exclusão. E a professora, que deveria manter o equilíbrio e ser mediadora de conflitos, era a própria agressora. Um episódio grave de violência foi denunciado com registro em vídeo, que mostrava que Pedro e outras três crianças eram agredidas pela própria professora. No vídeo, a professora Ana aparece segurando uma criança no colo e, ao se aproximar de Pedro, puxa-a pelo colarinho e o joga no chão. A cena é chocante. A agressão continua com Ana largando a criança que estava em seu colo para agarrar outra pelo cabelo, jogando-a também no chão.

Essas atitudes, além de desumanas, violam diretamente os direitos das crianças, conforme previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A escola, após tomar conhecimento, não fez nada. O vídeo, que não havia sido divulgado na rede mundial de computadores, foi entregue ao conselho tutelar, que omitiu os acontecimentos das famílias das crianças envolvidas. Foi só depois de haver intervenção externa, que as mães foram informadas sobre o ocorrido, e, revoltadas, fizeram boletim de ocorrência contra a professora. Apesar de tudo isso, a escola permaneceu em silêncio e a monitora da sala alegou não ter testemunhado nada, mesmo estando presente no ambiente.

Com a investigação, outras agressões físicas registradas em vídeo foram encontradas, havendo também relatos de que a professora Ana, em outra ocasião, trancou a porta do banheiro prendendo uma criança dentro como castigo, e que também havia colocado uma bola de papel na boca de uma outra criança, para que parasse de falar. Um comportamento completamente inadequado e que demonstra a total falta de preparo da educadora para lidar com crianças com necessidades educacionais especiais. Tais ações desrespeitam os princípios éticos da profissão, violam o direito à dignidade e reforçam a exclusão de crianças que deveriam estar sendo incluídas e acolhidas no ambiente escolar.

O impacto das agressões sofridas por Pedro foi evidente em seu comportamento nos meses seguintes. Antes dos incidentes, ele já vinha apresentando agitação, que é considerada típica da sua condição, mas após as agressões, sua agitação aumentou consideravelmente. Ele passou a ter dificuldade para dormir e, constantemente, voltava da escola com arranhões na orelha. Pedro começou a expressar seu descontentamento, dizendo que não queria mais ir à escola, mencionando a professora de forma negativa. Isso levantou um sinal de alerta para sua mãe, que só entendeu completamente o que estava acontecendo quando o conselho tutelar a chamou e mostrou o vídeo.

Com a investigação, a professora Ana foi afastada de suas funções na educação infantil, mas esse afastamento foi breve, coincidindo com o final de sua gravidez. Ela permaneceu fora da escola por um

ano e, posteriormente, voltou a trabalhar. Como era efetiva, ela tinha estabilidade no cargo. Infelizmente, a professora ainda está atuando diretamente com alunos e há relatos de que ainda grita com elas, perpetuando um comportamento inadequado num ambiente escolar que tem a obrigação de acolher e educar.

Apesar dos danos emocionais e físicos que Pedro sofreu, com o passar do tempo, ele parece não demonstrar lembranças conscientes das agressões. No entanto, há sempre o risco de que esses traumas retornem, influenciando seu comportamento e desenvolvimento. Atualmente, Pedro está com quase seis anos e continua na mesma escola, mas com uma nova professora, que é muito mais acolhedora e atenta às suas necessidades. Essa professora, compreendendo o hiperfoco recente de Pedro em insetos, adota uma abordagem sensível e empática, trazendo pequenos insetos, como joaninhas, para que ele possa observar e interagir antes das aulas. Essa prática tem ajudado Pedro a se acalmar e se concentrar melhor nas atividades do dia, apresentando uma sensível evolução.

Além de Pedro, outros quatro alunos na turma estão em processo de avaliação para diagnósticos futuros, possivelmente de autismo ou outros transtornos. Isso ressalta ainda mais a necessidade de um ambiente escolar bem preparado, com profissionais capacitados e recursos adequados para atender às diferentes demandas das crianças.

A ausência de ações concretas por parte da escola contra as atitudes da professora Ana é um exemplo alarmante de como incidentes graves podem ser negligenciados em instituições educacionais. O caso de Pedro, apesar de denunciado, não resultou em mudanças estruturais na escola, que continua a operar sem oferecer maior segurança ou treinamento adequado para os professores. Não houve um boletim de ocorrência formal contra a instituição, apenas contra a professora, o que deixou as famílias sem uma resposta satisfatória em termos de justiça e prevenção.

Treinamentos em práticas pedagógicas inclusivas devem ser obrigatórios, e o suporte psicológico e pedagógico das crianças deve ser uma prioridade. A presença de profissionais especializados em

educação especial, como terapeutas ocupacionais e psicopedagogos, é essencial para proporcionar um ambiente seguro, acolhedor e inclusivo. Além disso, a comunicação clara entre a escola e os responsáveis é fundamental para garantir que situações críticas sejam tratadas com a devida transparência e rapidez.

Amor que supera barreiras

Victória Moter DIAS

Helena tem 80 anos e, mesmo com todos os desafios que enfrentou, é uma mulher cheia de amor e coragem. Aos 30 anos, Helena teve uma reviravolta inesperada em sua vida: seu filho Rafael havia nascido com problemas de audição, visão e fala. O parto tinha sido demorado e complicado, e, naquela época, nenhum médico ou enfermeira sabia muito bem como lidar com essas intercorrências. Helena já havia tido dois filhos, o Lucas e a Mariana, sem dificuldades; por isso esperava que o parto de Rafael também acontecesse sem problemas.

Naquele momento, no entanto, a vida de Helena não estava tranquila. Seu casamento não era nada fácil, pois o marido a tratava mal. E o clima em casa estava cada vez mais pesado, cheio de brigas. Mesmo assim, Helena resignava-se e sempre procurava fazer o melhor que podia pelos filhos. Com o passar dos anos, ficou claro que Rafael tinha dificuldades de ouvir e não enxergava bem. A comunicação com ele era um desafio constante.

As crianças do bairro costumavam rir e caçoar de Rafael, e Helena ficava com o coração partido ao ver seu filho triste, voltando da escola com lágrimas nos olhos. Não havia uma política social para combater o bullying que Rafael sofria, e sequer se falava disso. A sociedade, naquele tempo, reforçava o discurso de que eram brigas de crianças e que servia para fortalecer o espírito de um homem.

Uma lembrança dolorida, que Helena tem, é de um dia em que Rafael estava brincando na calçada, e algumas crianças começaram a gritar e zombar dele. Helena estava na varanda e viu Lucas, seu filho mais velho, correr para defender Rafael. Ele não hesitou em se

meter em uma briga com os garotos que estavam importunando o irmão. Para Helena, aquilo era um misto de orgulho e preocupação. Lucas sempre foi protetor e leal, especialmente com Rafael. Depois da briga, Helena ficou feliz que Lucas conseguiu afastar os valentões, mas ao mesmo tempo angustiada, sabendo que ele se expôs a riscos por causa da crueldade dos outros.

Depois de um tempo, Helena percebeu que precisava de ajuda. Foi quando ela conheceu a APAE. Levar o Rafael para ter atendimento na APAE foi uma decisão difícil, por causa de todo preconceito que ela sabia que teriam de enfrentar. Mas ela sabia que seria o melhor, e foi. Pois, na APAE, Rafael encontrou um lugar onde pôde aprender, fazer amigos e se desenvolver num ambiente acolhedor. Isso trouxe um alívio enorme para a Helena, que havia passado tanto tempo angustiada.

Com o tempo, as coisas começaram a melhorar. Rafael aprendeu a usar aparelhos auditivos e a lidar com sua visão. Ele se divertia na APAE, e a Helena finalmente viu o sorriso dele voltando. A vida ainda tinha seus altos e baixos, mas o progresso de Rafael foi um grande alívio para ela.

Hoje, Rafael tem 54 anos e vive sozinho. Ele aprendeu a se virar e até conseguiu um emprego num mercado do bairro em que todos já o conhecem e o adoram. E Helena sempre fala do quanto se orgulha dele. Apesar de todos os desafios que enfrentaram, ela acredita que o amor e a determinação podem superar qualquer coisa. A história de Helena e de Rafael é uma prova de que, mesmo quando o mundo parece complicado, ainda há espaço para a felicidade e a superação. É incrível ver como a Helena, mesmo enfrentando tantas dificuldades, nunca deixou de amar e apoiar seus filhos. Essa força dela é realmente admirável.

Meu priminho Gael

Juliana Cavalheiro LEITE

Gael é filho de Gabriel e da Rafaela. Ele sempre foi um bebê esperto e agitado, porém, em relação as outras crianças, Gael

demorou a falar as primeiras palavras. Quando começou a engatinhar, ele se sentava sobre as pernas dobradas para trás e ficava pulando, gritando, mexendo com as mão e braços. Era muito agitado.

Depois de algum tempo a mamãe dele procurou o pediatra e o Gael passou por alguns exames e consultas. No fim foi diagnosticado com autismo de nível 1 de suporte, que na época era chamado de nível leve. O médico orientou que se fizesse o tratamento, pois cuidando, ele poderia chegar na fase adulta da vida, sem que fosse visível que ele é autista.

Para mim, Gael é uma criança muito especial. Hoje ele tem 4 anos, e frequenta a escolinha. Gael faz terapia com fonoaudióloga, pois ele ainda não fala muito ainda. Ele gosta de brinquedos, principalmente de carros e bonecas, gosta de cores específicas. E ele ama doces. Eu já presenciei uma cena muito fofa de como ele fica feliz ao ver um bolo de chocolate. Seu doce preferido é o chocolate.

Meus primos têm um cuidado e um amor bem protetor com ele, mas dão espaço para que ele faça as coisas no tempo dele. Tem dias que ele fica mais emotivo, mais carinhoso, e gosta de abraços e de atenção, porém tem vezes que ele fica agressivo e não quer que o toquem ou fiquem perto. Quando toda família está reunida, Gael gosta de pegar o brinquedo das outras crianças. Isso sempre gera alguns conflitos, pois as crianças não entendem a condição de Gael, e alguns pais acham-no inconveniente.

Gabriel e Rafaela tiveram outro bebê, quando o Gael tinha uns dois aninhos. Na época, quando ela estava grávida, o Gael ficou um tempo bem mais calmo e bem carinhoso, vinha até pedir colo quando estava perto, que era o tipo de coisa que eu não costumava acontecer.

Ao observar o comportamento do sobrinho-neto, minha mãe conta que percebe que alguns dos comportamentos atípicos apresentados por Gael, também aconteciam com Gabriel, quando era criança. Gabriel não foi uma criança fácil de se lidar. Os pais de Gabriel tiveram muita dificuldade com ele, e essa semelhança no comportamento, leva-nos a supor que talvez ele também tivesse algum grau de TEA. Porém, naquela época, não se tinha informação sobre isso. Nem os pais, nem as pessoas próximas entendiam o que

se passava, e Gabriel conseguiu, de alguma forma, contornar suas dificuldades e seguir a vida.

Agora, fazendo o curso de Pedagogia, estou podendo entender um pouco mais esse assunto e percebo, como muitas vezes erramos ao falar sobre alguém, reclamar de seu comportamento sem entender o que se passa. Isso pode ser preconceito e pode ser muito prejudicial.

Laura, uma menina fora do padrão

Thais Cristina DADA

Aos nove ou dez anos, ao se preparar para o ritual religioso da primeira eucaristia, Laura participava da catequese, que são aulas de instrução religiosa que preparam as crianças e jovens da Igreja Católica, que acontecia aos sábados, e, no início, ela acreditava que tinha muitas amigas lá. Laura sempre foi uma criança de poucos amigos na escola, mas na catequese era diferente. Pois ela sentia que tinha muita afinidade com as meninas e achava que gostavam dela.

Laura sempre foi uma menina que gostava muito de escrever e fazer textos. E isso incomodava um pouco as meninas de sua idade, que tinham outros interesses. E ela participava bastante da catequese, por conta de sempre ir muito a igreja, pois seus pais sempre foram muito religiosos. Então, em determinados assuntos que eram tratados na catequese, ela demonstrava ter mais conhecimento do que aqueles que frequentavam pouco a igreja.

Aos poucos, Laura foi observando que tinha alguns colegas, em especial as meninas, que não gostavam de vê-la participar, escrever ou, até mesmo, ajudar a catequista. Ela começou a perceber que as meninas estavam achando que ela era exibida e só fazia aquilo para aparecer. Isso a magoava, mas ela nunca deu muita bola e continuava com a catequese normalmente.

Durante toda a vida, Laura sempre foi a criança mais gordinha dos grupos dos quais fazia parte. E deveria estar tudo bem ser assim. Mas ela sofria muito por causa disso, pois sempre era motivo de piada, sempre a última a ser escolhida para trabalhos escolares, a última

para os jogos, a “gordinha”, a “baleia”, entre outros adjetivos nada agradáveis que lhe atribuíam. Enfim, era sempre a última. E isso foi marcando, foi ferindo e foi transformando sua alegria. Por mais que ela tentasse não dar muito bola, no fundo sempre existia uma ferida que, de vez em quando, sangrava.

A ficha caiu para Laura, quando em determinado dia da catequese, percebeu que as meninas que ela acreditou serem suas amigas um dia, não conversavam com ela e não lhe davam mais atenção. Sequer a cumprimentavam. Laura ficou quieta, pois percebeu que era invisível.

Quando acabou a catequese, as meninas esperaram Laura descer da sala, fizeram uma rodinha, começaram a cochichar e a chamaram. Laura chegou a pensar que elas quisessem conversar com ela, talvez desfazer algum mal-entendido. Mas elas olharam para Laura e lhe falaram essas exatas palavras:

– Laura, nós não gostamos de você, porque você é gorda!

Depois, viraram as costas e foram embora e Laura ficou ali sozinha. Ela estava triste e ao mesmo tempo não entendia por que nenhuma delas, que se diziam suas “amigas”, gostava dela.

Laura foi para casa chorando e nunca falou sobre esse assunto para ninguém, nem mesmo para seus pais. Porém, foi algo que ficou marcado para o resto da sua vida. Com o tempo, Laura sofreu com essa rejeição, teve problemas de baixa autoestima e, para sobreviver, se conformou acreditando que era feia e fora do padrão. Então, ela focou nos estudos e naquilo que ela gostava de fazer: ler, escrever e aprender.

É um mito acreditar que as crianças não têm maldade. A crueldade na infância, segundo Chuecco (2012), é um desvio psicológico que, ao ser observado, deve ser encaminhado para terapia. Quando a criança é agressiva e cruel com animais ou outras crianças, não significa que ela vai se tornar um psicopata, mas com certeza será um adulto problemático; pois a criança que tem esse comportamento, pode ter “extrema facilidade para mentir e grande capacidade de manipulação.” (Chuecco, 2012).

Sabendo disso, é possível que nem todas as meninas concordassem com o que foi feito com Laura, mas foram manipuladas e não tiveram força para ir contra e para defendê-la. O importante é que Laura se reinventou, descobriu que a diversidade de corpos é naturalmente muito bonita, que não existe um padrão. O que importa é a saúde. E ela é saudável e feliz!

Minha prima e o passe livre

Silvana Maciel MONTEIRO

Minha prima, que se chama Luana, tem 25 anos e tem deficiência intelectual. Desde criança, quando ela foi diagnosticada, ela recebe o BPC, que é o Benefício de Prestação Continuada, e possui a carteirinha de pessoa com deficiência que dá direito a vários outros benefícios, um deles é a gratuidade nas passagens de transporte coletivo em viagens urbanas e interestaduais, de acordo com a Lei 8.899 de 1994 (Brasil, 1994). Nessa carteirinha, que é chamada de Passe Livre, há a indicação da deficiência intelectual (DI) e possui uma foto 3x4 com o nome completo para identificação. O Passe Livre também dá direito a um acompanhante na passagem gratuita.

Entretanto é muito grande a discriminação e o preconceito que ela sofre ao pegar o ônibus, pois na hora de passar com o Passe Livre para a liberação da catraca, ela é sempre retida e questionada, geralmente de formas pejorativas, porque não aparenta uma característica física marcante que possa evidenciar que ela é uma pessoa com deficiência. Assim, os cobradores das empresas de ônibus sempre pedem para ver a carteirinha do Passe Livre, perguntam se não é de outra pessoa, sendo que tem nome e foto dela no documento. A situação é constrangedora. Sempre ficam falando de forma irônica, usando vários termos para comparar a sua deficiência, duvidando dela. Ela tem o Passe Livre porque precisa e porque é um direito dela. Ela não está pedindo nada além de ser respeitada em seu direito.

Eu fico muito triste de perceber que minha prima ainda vai passar por várias situações de preconceito de forma camuflada. As pessoas se sentem no direito de dizer absurdos, porque não acreditam que

ela tenha deficiência, ou pensam que porque ela tem deficiência intelectual ela não entende nada e não sente, mas ela sofre, pois ela entende e sente que não está sendo aceita, que estão zombando dela. É importante ressaltar que a Lei 13.146/201, que institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência, afirma que “toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.” (Brasil, 2015).

É preciso que a sociedade se conscientize de que as pessoas com deficiência devem ter seus direitos respeitados, sem que seja questionado ou duvidado de sua condição. Elas são pessoas como qualquer outra, com sonhos e inteligência, que merecem ser respeitadas e querem poder estar onde quiserem.

A pedra

Marlene Ferreira dos SANTOS

Há alguns anos, meu filho entrou em casa com um presente que havia recebido do avô: uma pedra colorida. Essa pedra era simples, mas, para ele, tinha muito valor.

Um dia, fui lecionar em uma escolinha, e falei da pedra para alguns alunos. Nem lembro mais por qual motivo. No entanto, dentre os meninos, um se interessou em vê-la e me perguntou:

– Teacher, você trouxe a pedra?

– Não, querido. Mas vou trazê-la na próxima semana. – Eu prometi, pensando que o assunto seria esquecido.

Na semana seguinte, entretanto, ele se lembrou:

– Professora, trouxe a pedra?

Na correria do dia a dia, entre uma escola e outra, eu me perdia em meus pensamentos e acabava por esquecer a pedra. O que me intrigava, porém, não era o fato de ele acreditar que a pedra era bonita, mas a lembrança que ele tinha dela, sem nunca a ter visto. Ele nunca a esquecia. Ver a pedra, para ele, era algo importante.

E vinha outra semana, e mais outra... E eu sempre cheia de provas, planos de aula, atividades acabava esquecendo-me completamente da pedra.

E toda semana, no caminho para aquela escola, eu pensava:

– Ah!! Esqueci de novo!!!

E, quando eu chegava na escola e ele me via, perguntava:

– Professora, trouxe a pedra?

Como professora de inglês, dando aula apenas uma vez por semana naquela escola, e tendo tantas outras escolas onde lecionava e tantos outros alunos, era muito difícil para mim, lembrar de trazer a pedra. Mas no último dia de aula, eu a levei. A pedra era cinza e tinha um brilho metálico. Quando meu aluno a viu, ficou muito impressionado. Ele havia esperado muito por aquele momento e disse que a pedra era mais bonita do que ele havia imaginado.

No final da aula, ele perguntou para mim se poderia ficar com ela. Eu respondi que não poderia lhe dar a pedra, porque ela era de meu filho. Expliquei que tinha sido um presente do avô. E isso era muito especial.

O ano letivo terminou e, no ano seguinte, eu não voltei para lá. Nunca mais encontrei esse aluno, mas essa história sempre me emociona muito, pois aquele menino tornou-se muito especial para mim. Ele guardava as coisas na memória com muito carinho e era persistente.

O menino muito especial e seu melhor amigo

Ana Maria HASCKEL

Ele era um menino muito especial, todos diziam. Cercado de amor, cuidados e muito carinho por toda família. Sua avó sempre repetia que ele era a coisa mais preciosa que ela poderia ter, um presente de Deus!! E era assim que ele se sentia, como um presente para sua avó, que antes de sua chegada, estava sempre triste, sozinha e desanimada. Ele passava longos períodos com ela. Seu avô até sentia um pouco de ciúmes da atenção que o menino recebia. Mas

nunca falou nada, talvez para não magoar o menino, ou quem sabe, para não passar vergonha, por ter um sentimento tão egoísta.

E assim, o menino foi crescendo. Neto de uma grande família, tinha vários outros primos, alguns mais velhos, outros mais novos. Era tradição os almoços de domingo na casa dos avós, e lá todos os primos se reuniam para brincar. Mas o menino não conseguia se enturmar, parecia que ele não se encaixava naquelas brincadeiras. Seus primos gostavam de coisas que ele não curtia muito e, se ele sugerisse outras atividades, eles logo zombavam dele e ignoravam sua sugestão.

Passado mais algum tempo, era hora de o menino frequentar a escola. Outra batalha! Lá ele também não conseguia se encaixar. Todos falavam tão alto, corriam e gritavam pelo pátio e, muitas vezes até na sala. Todo aquele barulho o irritava e ele gostava mais quando a sala estava vazia, quando todos estavam na Educação Física ou no recreio. Aí sim, ele tinha sossego e podia brincar com aquilo que ele mais gostava: sua coleção de pedras preciosas. Mas o menino tinha um amigo, com quem ele dividia tudo, até o deixava brincar com sua coleção de pedras preciosas.

Ah! Não havia contado para vocês que o menino tinha uma coleção tão especial quanto ele? Sim, ele tinha! E era linda! Com pedras de vários tamanhos, formatos e cores. Uma mais especial do que a outra. Elas tinham vindo dos mais diferentes lugares. Algumas ele comprou, outras achou pela rua ou na praia. E outras ele ganhara de presente. Sempre que ele viajava para algum lugar, ia logo procurando por mais pedras, para aumentar sua coleção.

Certo dia, o menino viajou com seus avós para outra cidade, bem longe. Lá eles foram visitar um mercado de coisas antigas. Logo que chegou, o menino não se animou muito, afinal, o que ele poderia encontrar ali, num lugar como aquele, cheio de coisas velhas? Mas a desmotivação desapareceu tão logo ele avistou uma banca de pedras raras. Sim, pedras preciosas e raras! Seus avós, vendo sua felicidade, sorriram e acenaram para que ele fosse até lá, conferir o que eles ofertavam.

O menino não conseguia acreditar. Eram tantas e tão diferentes umas das outras. Ele estava em êxtase! Nem conseguia respirar direito, seu coração batia acelerado e ele queria logo levar todas consigo. Mas havia um problema. Aquelas pedras eram raras e assim, deveriam ser caras também. Ele não conhecia muito bem o valor monetário daquelas notas que carregava em sua carteira e, todo afoito, foi logo entregando todas ao vendedor, indagando sobre quantas pedras ele poderia comprar com aquele dinheiro.

O vendedor riu da inocência do menino e explicou que cada pedra tinha um valor e que esse valor dependia do tamanho e do tipo de material do qual a pedra era constituída. Mas o menino não conseguia prestar atenção ao que o vendedor falava. Ele estava hipnotizado pelo brilho e pela beleza daquelas pedras. Vendo que o menino não conseguia se acalmar, o vendedor foi mostrando algumas pedras e pedindo a ele que identificasse aquelas que mais havia gostado.

Compra feita, dinheiro para lá e pedras para cá. Agora o menino especial tinha mais pedras preciosas para incluir em sua coleção. Mas havia outro problema. Agora ele precisaria de um local adequado para guardar toda a sua coleção. Esse era um desafio para seus avós, afinal, todo o dinheiro que ele tinha na carteira mal deu para comprar suas pedras preciosas. E assim, todo determinado, foi logo explicando a situação para seus avós, que ouviam atentamente os argumentos do menino.

Ao final de toda aquela argumentação, seu avô sorriu e disse que, se o problema era aquele, não havia mais problema. E, apontando para o outro corredor da feira, identificou uma banca repleta de baús, um maior e mais bonito que o outro. O menino especial foi correndo até lá. Ele queria saber se eles tinham um baú tão especial quanto sua coleção de pedras preciosas. A vendedora, muito atenciosa, foi mostrando a ele, um a um, todos os baús que ela tinha para venda. Mas eram muitos e todos lindos! Como ele faria para escolher apenas um?

Sua avó, vendo a aflição do menino, o ajudou na escolha, argumentando sobre as funções e benefícios de cada um deles. Mas não foi tarefa fácil, afinal ela o conhecia muito bem e sabia de todos

os argumentos e da mente perspicaz que o menino especial possuía. Baú escolhido e pago, era tempo de voltar para casa, pois ele não via a hora de arrumar todas as suas pedras preciosas naquele lindo baú. O menino recusou até um delicioso sorvete. Ele não conseguia pensar em mais nada. Só queria ir pra casa e poder guardar sua coleção.

E assim, voltaram para sua cidade. O menino ficou falando a viagem toda. Não parou um só minuto. Agradeceu o passeio e as compras, compartilhou seus planos para uma próxima viagem à procura de pedras preciosas, disse que queria mostrar tudo para seu melhor amigo, quando fosse para a escola, na segunda-feira. Naquele momento, sua avó ficou triste e um pouco preocupada, mas não deixou que o menino percebesse. Quer dizer, achava que ele não havia percebido. Mas, assim como ela, ele também a conhecia muito bem.

Chegaram na casa do menino e ele foi logo saindo do carro. Quase ia esquecendo de se despedir dos avós, tão animado estava para mostrar tudo a seus pais. Despedidas feitas, entrou correndo porta adentro e espalhou todas as pedras que havia adquirido, no tapete da sala. Queria mostrar todas, uma a uma, para seus pais e seu irmão mais velho. Esse, com carinho e atenção, sempre ouvia tudo o que o menino lhe contava. Eles eram muito grudados. Seu irmão vivenciou toda a batalha que foi a gestação da mãe, os perrengues na hora do parto e tudo o que enfrentaram com as infinitas internações e tratamentos do caçula.

No outro dia, o menino acordou cedo, tomou seu café como de costume e foi logo se preparar para a aula. Sua mãe disse a ele que se acalmasse, afinal era só início da manhã e ele estudava a tarde. Mas ele nem deu ouvidos a ela, queria arrumar tudo e claro, colocar suas novas pedras na bolsa também. E assim o fez. Uma a uma, ele foi acondicionando todas elas. Pena que o baú não coube na bolsa. Mas não tinha problema, outro dia seu melhor amigo poderia ir em sua casa e então ele mostraria seu baú especial.

Hora do almoço. O menino engoliu a comida e foi direto para o banheiro, escovar os dentes e se arrumar para a escola. Não via a hora de chegar lá e contar das aventuras do final de semana. Na

escola, procurou por seu amigo, mas não o encontrou. O sinal bateu e todos entraram na sala. No lugar do amigo, outra menina estava sentada. Ele se apressou e foi logo pedindo que ela saísse de lá, pois era o lugar do seu melhor amigo.

A professora, percebendo a confusão, interveio. Quis saber o que acontecia e o menino disse que aquela menina chata estava sentada no lugar do seu amigo. Ela então, explicou a ele que seu amigo havia se mudado para outra escola e que não estudaria mais ali. O menino não podia acreditar. Como seu amigo não lhe contou nada? Como nem sequer se despediu?

Ela explicou que, como o menino ficou fora algum tempo, por conta dos tratamentos que fazia, seu amigo acabou não tendo oportunidade para se despedir. Mas o menino não ouviu mais nada, depois daquela notícia. Ele estava arrasado! Seu único e melhor amigo havia ido embora. Com quem ele ficaria? Como seriam suas tardes naquela escola? Ninguém gostava dele, ninguém entendia sua forma de pensar, seu jeito de brincar e de se expressar. Todos riam dele, menos seu melhor amigo.

E assim, numa crise muito forte, o menino voltou para o hospital e por lá permaneceu, por um longo período. A professora foi visitá-lo, alguns coleguinhas da sala também. Mas ele não se importava, mal olhava para eles. Os dias iam passando e o menino não melhorava. Ao contrário, parecia cada dia mais doente, fraco e sem vontade para viver. A família já não sabia mais o que fazer. Levaram seu baú com as pedras preciosas e colocaram ao lado de sua cama, mas nem elas conseguiram animar aquele menino.

Num momento de desespero, como última alternativa, a avó do menino resolveu procurar a família do seu melhor amigo e explicar a situação. Quem sabe vendo seu amigo, o menino tivesse alguma melhora. E assim o fez. Chegando lá, foi bem recebida. Entretanto, a mãe do melhor amigo disse que seu neto era o motivo de ter tirado seu filho daquela escola, pois não conseguia ver com bons olhos aquela amizade. Ela relatou ainda, que temia pela integridade do seu filho, pois o menino ficava violento quando alguma outra criança se aproximava de seu filho.

A avó do menino ouvia tudo aquilo calada, sem conseguir dizer uma só palavra. Ao final, apenas lágrimas escorriam pelo seu rosto. A mãe do melhor amigo, vendo aquela cena, desculpou-se pelas duras palavras que havia proferido e, num ato de compaixão e arrependimento, disse que levaria seu filho para ver o menino. E assim o fez, numa tarde ensolarada de quarta-feira.

Chegando ao hospital, dirigiu-se à ala das crianças. Lá, viu muitas crianças, mas não via o menino. Será que ele havia recebido alta? Não, nada disso! Ele havia piorado e estava na UTI. Um misto de culpa e desespero apoderou-se daquela mãe. Aflita, ela procurou pelos enfermeiros e explicou a situação. Eles, por sua vez, não podiam autorizar nada e assim, foram conversar com o médico responsável. Após muito argumentar, e com a chegada dos familiares do menino, o médico liberou a visita do melhor amigo.

Quando entrou na UTI, o melhor amigo estava nervoso e um pouco assustado. Afinal, ele nunca havia estado em um hospital antes. E vendo o menino ali, naquela situação, foi desesperador. Ele se aproximou e segurou a mão do menino, que descansava. Falou algumas palavras com ele, mas não obteve retorno. Ele já ia saindo da sala, quando o menino o chamou e perguntou se ele gostaria de ver suas pedras preciosas que agora ficavam guardadas num lindo baú.

E assim, o melhor amigo foi visitar o menino todos os dias, até sua melhora definitiva. De volta em casa, logo ele estava liberado para voltar a escola, notícia que não o animou muito. Entretanto, ao chegar lá, seu melhor amigo já o aguardava no portão, para lhe contar todas as novidades. Ele mal podia acreditar! Seu melhor amigo havia voltado para sua escola, para ficar perto dele novamente.

O tempo passou, os dois cresceram e hoje, continuam amigos. O menino se matriculou na faculdade de música e o seu melhor amigo é professor de geologia. Ele ainda coleciona pedras preciosas, mas agora também coleciona outras coisas: partituras, instrumentos musicais e até alguns fãs, por onde se apresenta. E seu melhor amigo? Sempre que tem oportunidade, traz uma pedra preciosa para complementar a coleção do menino especial.

O silêncio que grita

Nilcicléia Chagas FURQUIM

Desde muito cedo, os dias de Nil eram preenchidos por um sentimento que ela não conseguia explicar. Ainda menina, já se via mergulhada em um turbilhão de emoções que pareciam não ter origem. Às vezes, o coração disparava do nada. Ficava com uma sensação de medo. As mãos suavam. As palavras travavam na garganta. E ninguém ao redor compreendia o que estava acontecendo com ela.

Alguns diziam que isso era coisa de sua cabeça. Frescura. Outros a acusavam de ser dramática demais. Mas ninguém ouvia o grito silencioso que ela carregava no peito todos os dias.

Nil cresceu com essa dor invisível. Era como caminhar com uma pedra no sapato que ninguém via — mas que feria, sangrava e a fazia tropeçar a cada passo. Aos poucos, esse sentimento começou a se manifestar também na pele. Quando a ansiedade apertava, manchas vermelhas brotavam em seu corpo. A coceira era insuportável. As urticárias iam e vinham sem aviso. E mais uma vez, ninguém compreendia. Atribuíam a possíveis problemas no sangue, na alimentação ou nos hormônios.

Na adolescência, a confusão só aumentou. Ela se cobrava por não conseguir ser “normal”. Via os olhares de repreensão e, às vezes, de compaixão, e se sentia inferior. Nil passava horas lutando contra os pensamentos que vinham como ondas, afogando sua paz. Ela chorava sozinha. Sentia culpa. Sentia medo. E, em silêncio, começou a se machucar. Os dedos eram os alvos mais fáceis. A dor física superava a dor do silêncio, a dor da alma. Os dedos doíam, sangravam e ela sentia, por um breve instante, que estava no controle de tudo. Mas era só ilusão.

Aos 20 anos, Nil tomou uma decisão difícil: procurou ajuda. Ela já estava casada. E seu marido era um porto seguro para ela. Ele era paciente, amoroso e estava sempre presente. Mas nem mesmo ele conseguia entender por completo o que ela sentia. Ele a via sofrer, mas não sabia o que fazer para ajudar, nem a razão daquele

sofrimento. Isso acontecia porque ansiedade, não se explica, não tem motivo concreto. Apenas se sente.

Nil definia seus sentimentos em versos:

*É um fogo que queima por dentro
enquanto o corpo treme por fora.*

*É uma vontade insuportável de fugir e,
ao mesmo tempo, de dormir e nunca mais acordar.*

*É estar em festa com o rosto sorrindo
e o coração implorando por silêncio.*

*É ver seu corpo reagindo de forma descontrolada,
como se sua mente gritasse por socorro através da pele.*

Com o apoio do marido e ajuda profissional, Nil começou a tomar os medicamentos. Foi um passo doloroso, pois, ao procurar ajuda profissional, parecia que Nil estava admitindo uma fraqueza, mas, na verdade, era um ato de coragem. Pela primeira vez, ela pode entender que nada daquilo era sua culpa; e que transtornos emocionais são reais e são problemas que precisam de cuidado, não de julgamento.

Com o tempo e os tratamentos, Nil aprendeu que era importante se ouvir mais. Era preciso compreender e respeitar seus limites, para reconhecer os gatilhos. Assim, ela fez terapia, buscou conhecimento e se reconstruiu. Entendeu que ter uma rotina bem-organizada era uma das chaves para o controle.

Hoje, Nil está bem. Ela segue uma rotina quase cronometrada: horários para acordar, comer, trabalhar, cuidar-se, porque isso traz segurança, estrutura e equilíbrio. E cada item riscado em sua agenda diária é uma vitória contra o caos interno. Nil está mais forte e mais consciente de seus limites. Mas ela sabe que a ansiedade não desaparece. Ela se esconde, espera, observa. E basta uma brecha, uma mudança, uma palavra, um pensamento para tudo voltar com força e a desestabilizar.

Viver com ansiedade é conviver com um inimigo invisível, que se manifesta até na pele. É acordar todos os dias pronta para uma guerra interna, mesmo quando tudo parece calmo por fora. É

conviver com o medo de que tudo desmorone, ainda que tudo esteja no lugar.

Nil segue forte, mesmo nos dias em que se sente fraca; e persistente, mesmo quando tudo parece pesado. Porque ela entendeu que a luta é diária, mas que cada pequeno passo também é uma vitória. Assim ela vive. Ela sente. Ela convive com a ansiedade. Mas ela não se rende mais. E isso faz toda a diferença.

Recomeço

Raquel Maria Cardoso PEDROSO

Quando Márcio ouviu o carro de som anunciando que havia um curso de ensino superior em tecnologia com bolsa do governo, ele percebeu que seria sua chance de estudar e ter uma graduação. Havia outros cursos de graduação sendo anunciados, mas foi o curso de tecnologia que lhe chamou a atenção. Afinal, esse mundo de computadores, programação, e tudo mais que envolvia tecnologia, encantava-o.

Márcio logo tratou de separar toda a documentação, fez a inscrição e foi selecionado. Quando as aulas iniciaram, Márcio estava muito ansioso e um pouco temeroso. Ele tinha medo de não conseguir acompanhar a turma, de ter muita dificuldade; mas, logo no primeiro dia, percebeu que sua turma era muito diversa.

Havia alunos de idades muito diferentes, desde jovens que saíram do Ensino Médio até aposentados que estavam se desafiando. Havia também pessoas com interesses e culturas diferentes. Com alguns alunos, Márcio percebeu que seria muito complicado de se relacionar, mas com outros era bem mais tranquilo. Aos poucos, à medida que todos da turma foram se conhecendo, os grupos de amizade foram sendo formados por afinidades. E, assim, Márcio acabou encontrando a sua turma, e se sentiu incluído naquele grupo tão diverso.

A cada semestre, Márcio percebia que, por uma ou outra razão, alguns colegas desistiam do curso. Ele mesmo, no início pensou em desistir algumas vezes, principalmente porque, quando iniciou o curso ele pensou que iria aprender tecnologia, depois tomou ciência de que o curso era uma licenciatura, ou seja, era um curso para

formar professores de tecnologia. Márcio nunca tinha pensado em ser professor, ele tinha interesse apenas na tecnologia. No entanto, ao passo que o curso avançava, os professores sempre falavam da escola e traziam relatos, e Márcio começou a gostar da ideia.

Quando estava quase na metade do curso, Márcio começou a ter complicações de saúde e precisou se ausentar por causa de uma pneumonia muito intensa. E, como ele havia perdido muitas aulas, tomou a difícil decisão de desistir do curso. O tratamento da pneumonia foi bastante desgastante e, quando Márcio começou a se reestabelecer da doença, ele teve uma recaída e continuou muito doente, começando a ter problemas de locomoção, muita febre, dificuldades de visão e de memória. Márcio chegou até a ficar em coma. No início os médicos não sabiam do que se tratava, e só depois de muitos exames, eles chegaram ao diagnóstico de meningite.

A meningite é uma inflamação que ocorre nas meninges, que são as membranas que envolvem o cérebro e a medula espinhal. Essa doença pode ser causada por vírus, bactérias, fungos e parasitas. As meningites virais e bacterianas são as mais preocupantes para a saúde pública por causa da facilidade de transmissão e o potencial de se transformar em surto. Segundo o Ministério da Saúde, a meningite pode ser considerada uma doença endêmica. No Brasil, a ocorrência da doença é esperada ao longo de todo o ano, com surtos e epidemias ocasionais. No período de outono-inverno, é mais comum a ocorrência da meningite bacteriana. Enquanto as virais apresentam maior incidência no período da primavera-verão. Outro dado interessante é que as pessoas do sexo masculino são as mais acometidas pela doença, que é mais comum na infância (Brasil, 2025).

É possível que o fato de a doença ser mais comum em crianças e ter raridade na ocorrência em adultos tenha motivado os médicos, que atendiam Márcio no hospital, a fazerem um prognóstico muito pessimista, de modo que eles estavam certos de que não havia o que fazer. E assim, os médicos tomaram a decisão de mandar o Márcio para casa, mesmo em estado grave, para morrer. Essa atitude, inegavelmente, demonstra o desconhecimento e o despreparo dos médicos com relação ao acometimento dessa doença em adultos.

A família não se conformou e pagou a consulta com um médico particular que, depois de examinar Márcio em casa, escreveu uma carta detalhando os problemas de Márcio, dizendo que ele precisava fazer uma cirurgia de urgência. A família, levou Márcio ao hospital e entregou tudo para o médico que os atendeu. Eles ficaram quase o dia todo aguardando para, no final, serem informados de que como a solicitação era de um médico particular, o hospital não poderia fazer o atendimento. Márcio precisava aguardar e passar por um médico do SUS (Sistema Único de Saúde), e isso iria demorar.

A ida ao hospital foi infrutífera. Márcio não fez a cirurgia e voltou para casa sem a carta do médico. A família ficou bastante desorientada. E a luz no fim do túnel apareceu, quando uma amiga da família falou de um médico na capital que já tinha atendido um caso semelhante ao de Márcio com sucesso. A família resolveu fazer essa última tentativa e, então, entrou em contato com o médico. Assim, Márcio foi levado para a capital. O médico os atendeu, explicou o que estava acontecendo com Márcio e fez a cirurgia que lhe salvou a vida.

Como sequela da meningite, Márcio havia desenvolvido um quadro de hidrocefalia, que é caracterizada pelo acúmulo do líquido cefalorraquidiano (LCR) em cavidades cerebrais (ventrículos). Esse acúmulo pode ser causado por algum desequilíbrio na produção ou alguma obstrução que impeça a circulação e drenagem (Bruna, 2016). Assim, esse líquido, que estava retido, fazia pressão em vários pontos do cérebro, afetando diversas funções. Por isso Márcio não conseguia se movimentar, não reconhecia ninguém, nem conseguia se alimentar direito. Na cirurgia, o médico implantou um cateter que direciona o líquido para o abdômen e, lá, ele é consumido pelo organismo. Dessa forma, a pressão sobre o cérebro desapareceu, e Márcio melhorou visivelmente. Com poucas sessões de fisioterapia, ele já era capaz de caminhar pela casa, de ter autonomia para ir ao banheiro, falar com todos e até reconhecer as pessoas.

Depois de toda essa luta, Márcio ainda tem muito por fazer. Ele precisa exercitar os músculos e a memória com jogos e leitura.

O apoio da família está ajudando Márcio a redescobrir a vida. E ele está tão focado que não vê a hora de poder retomar os estudos,

e finalmente concluir a graduação. Afinal, não há vida sem luta, nem luta sem emoção.

Meus 15 anos e sei lá quantos mais

Elquiane Lucas de ALMEIDA

Se a vida é curta, por que que a minha é longa?
Longa nem sempre foi curta, a verdade é que ela
Sempre encurtou o meu curto tempo de vida
Vivo cada manhã como se não houvesse a próxima

Próxima é sempre algo que vem depois de alguma coisa.
Dentre essas coisas nasci, cresci, sobrevivi, mas ainda não morri.
Morrer, morrer para quê? Tenho prazer em viver

A deficiência visual me impediu de ver
Mas não me impede de viver e ser
Tenho um papel importante ao louvar o Senhor,
Canto e, quando canto, sinto seu agir e seu amor
Trago de formação uma degeneração

Que compromete minhas articulações e contraem a musculatura
Os médicos disseram: ela tem poucas expectativas reais
Deve viver apenas 15 anos e nada mais.

Meu Deus! Preciso reagir, antes que chegue até meu coração
Ah, meu coração! Ele chega a trocar as batidas de tanta emoção
Chamo-me Mariana, sou um milagre e posso provar, com 28 anos
e levo minha curta longa vida por aqui sem enganos.

Se a vida é curta, por que que a minha é longa?

Nina

Ana Paula Santos SIQUEIRA

Nina estava com cinco anos, quando morava com seus pais e seus irmãos, mas era na casa da tia, ao lado, que encontrava o

arroz na sua medida, não tão cozido. Chegava quieta, sua tia já sabia o que queria, ia comer o arroz embaixo da mesa, pois ali não era vista.

Nina estava com sete anos, quando estudava em uma escola próxima de sua casa, gostava de estudar, mas não queria ir para a escola por causa do recreio, ela se machucava e não gostava de sair da sala e conversar com os amigos.

Nina estava com nove anos, quando já sabia como tinha que se comportar para não chamar a atenção, não tinha onde se esconder. Ela não gostava de ouvir, quando os outros falavam: “o gato comeu sua língua?”; “Você parece um bicho do mato”; “Você tem medo de gente?”

Nina estava com onze anos, quando escrevia sobre o seu dia, para conversar com seu diário, com quem conseguia interagir e não se sentia julgada. Podia falar qualquer coisa, às vezes coisas banais, mas eram coisas importantes para ela.

Nina estava com treze anos, quando achava que tinha amigas que riam com ela, mas às vezes sentia que riam dela. Não entendia as piadas, demorava para reagir e via as colegas cochicharem depois. Guardava tudo e chorava sozinha, não sabia explicar o porquê.

Nina estava com quinze anos, quando quis mudar de escola, pois talvez lá fosse diferente. Mas os corredores continuaram barulhentos, os grupos continuaram fechados e ela, do lado de fora. Fazia muito esforço para sorrir, mesmo sem vontade.

Nina estava com dezessete anos, quando começou a trabalhar em uma loja de roupas, estava empregada. Aprendeu tudo rapidamente, mas não sabia puxar conversa com os clientes. O gerente dizia que ela era educada, mas fria. Ela não entendia...

Nina estava com dezenove, quando tentava sorrir mais e fingir empolgação. Observava os colegas e copiava seus jeitos, seus tons de voz, seus interesses. Voltava para casa exausta, sem saber por que tinha tanto cansaço.

Nina estava com vinte e um anos, quando os amigos do trabalho insistiram para ela sair mais. Ela ia, mas voltava com dor de cabeça e o corpo tenso. Preferia o silêncio do seu quarto, onde podia ser ela mesma.

Nina estava com vinte e três anos, quando começou a ter crises de ansiedade e insônia. O psiquiatra disse que era depressão leve, receitou medicamentos e recomendou atividades em grupo. Nina foi, mas se sentia ainda mais sozinha.

Nina estava com vinte e cinco anos, quando teve uma crise no trabalho, chorou no banheiro depois de uma reunião simples. O chefe disse que ela era sensível demais e precisava “amadurecer”. Ela começou a duvidar de si.

Nina estava com vinte e sete anos, quando resolveu fazer terapia, mas não conseguia explicar o que sentia. Dizia que parecia viver em um mundo onde as regras não estavam escritas. A psicóloga achou que fosse insegurança.

Nina estava com vinte e nove anos, quando começou a desconfiar que havia algo diferente em si mesma. Leu sobre ansiedade social, introversão, até depressão atípica. Nada encaixava completamente, mas tudo lhe doía um pouco.

Nina estava com trinta e um anos, quando tentou um novo emprego. O salário era bom, o ambiente parecia tranquilo. Mas bastaram as reuniões, as brincadeiras no grupo do WhatsApp e os almoços coletivos para o desconforto voltar.

Nina estava com trinta e três anos, quando conheceu uma colega que falava abertamente sobre seu diagnóstico de autismo. Começou a pesquisar em segredo, reconhecendo traços, padrões, vivências parecidas. Leu compulsivamente.

Nina estava com trinta e cinco anos, quando fez uma avaliação neuropsicológica, mas a profissional não considerou TEA. Disse que era só uma personalidade introspectiva. Nina voltou a duvidar de si. Mas a dúvida não a abandonou.

Nina estava com trinta e sete anos, quando teve uma crise intensa, pensou em desistir do emprego. Não conseguia mais sustentar a máscara. Parou tudo e procurou uma nova avaliação, agora com uma equipe especializada.

Nina estava com trinta e nove anos, quando foi ouvida com atenção. Os profissionais lhe devolveram sua história com palavras que faziam sentido. Falaram sobre masking, sobre sobrecarga sensorial, sobre comunicação atípica.

Nina estava cansada e quando recebeu o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista*, chorou de alívio. Pela primeira vez, sua trajetória teve um nome, e o nome não era defeito, era identidade.

Nina estava tranquila e não mudou após o diagnóstico, ela apenas passou a se ver com os próprios olhos. E isso fez toda a diferença.

* O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento. Em mulheres, especialmente, o diagnóstico costuma ser mais difícil e frequentemente chega tardiamente, devido à camuflagem social (ou masking) — um esforço constante para esconder sinais do autismo, mimetizando comportamentos neurotípicos (APA, 2023). A ausência de diagnóstico pode levar a uma vida de sofrimento silencioso, crises de ansiedade, depressão, baixa autoestima e isolamento. O diagnóstico tardio, embora não apague o sofrimento vivido, pode ser libertador. Permite que a pessoa compreenda a si mesma com mais compaixão, acesse recursos de apoio adequados e reescreva sua história a partir do reconhecimento e da aceitação.

REFERÊNCIAS:

APA, American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-5-TR. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BIG Bang Theory, The. **Direção de Chuck Lorre**. Criação de Chuck Lorre, Bill Prady Estados Unidos: CBS, 2007. Sitcom, 12 temporadas. Sitcom. Disponível no Brasil em plataformas streaming como HBO Max e Prime Video.

BRASIL, Casa Civil. **Lei 13,146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 26 jan 2025.

BRASIL, Casa Civil. **Lei 8.899, de 29 de junho de 1994**. Concede passe livre às pessoas portadoras de deficiência no sistema de transporte coletivo interestadual. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8899.htm Acesso em: 26 jan 2025.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Doença Celíaca**. Biblioteca Virtual em Saúde. Postado em julho de 2005, com revisão em maio de 2020. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/doenca-celiaca/> Acesso em 30 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Meningite**. Saúde de A a Z. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/m/meningite> Acesso em: 05 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **TEA**: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. Visibilidade ao autismo. Publicado em 2 de abril de

2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 23 out. 2024.

BRUNA, Maria Helena Varella. **Hidrocefalia**. Publicado em 4 de abril de 2016. Webpage Drauzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/hidrocefalia/> Acesso em: 05 jul. 2025.

CAMARGO, Sígla P. H.; BOSA, Cleonice A. **Competência social, inclusão escolar e autismo**: um estudo de caso comparativo. Psicologia: Teoria e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 315-324, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/cJXjLQ4GKVsjN6J57VTyvBq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2024.

CARVALHO, Carla Nogueira de; BERTOLINI, Silvia Regina Pereira. Adesão à dieta sem glúten e contaminação cruzada em dietas de celíacos. **Revista de Nutrição**, v. 30, n. 5, p. 555-566, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/CWKQ7fDBKfF7g88gRvy4jMG>. Acesso em: 30 out. 2024.

CASTRO, Yasmin. **Conheça a condição que une superdotação a transtornos como o autismo e desafia a educação e saúde**. Publicado em 10 de agosto de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/08/10/conheca-a-condicao-que-une-superdotacao-com-transtornos-como-o-autismo-e-desafia-a-educacao-e-saude.ghtml> Acesso em 13 de out. 2024.

CHUECCO, Fátima. **Crianças perversas**: um mal que precisa ser cortado pela raiz. JusBrasil, 2012. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/criancas-perversas-um-mal-que-precisa-ser-cortado-pela-raiz/180463017> Acesso em: 14 out. 2024.

ELIAS, Alexsandra V.; ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. Qualidade de vida e autismo. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, São Paulo, v. 64, n. 2-A, p. 295-299, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/DF3FQnLTb7NSXTnbLctt8qC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 30 out. 2024.

MARCON, Laura. **Afinal, o que é ser DJ? Editorial – A música conecta**. Publicado em 11 de maio de 2020. Disponível em: <https://alataj.com.br/editorial/o-que-e-ser-dj#>. Acesso em: 12 jun. 2025.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. **A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias**. Estudos e pesquisas em psicologia, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2004. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006 Acessos em: 27 jan. 2025.

MICROSOFT. Copilot. **Nuvem de palavras gerada a partir de dados fornecidos pelo usuário**. 2025. Disponível em: <https://copilot.microsoft.com>. Acesso em: 29 ago. 2025.

MORAES, Lígia. **SBP lança cartilha com marcos do desenvolvimento infantil: entenda**. Publicado em 26 de fevereiro de 2024. Portal Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/sbp-lanca-cartilha-com-marcos-do-desenvolvimento-infantil-entenda> Acesso em: 01 dez. 2024.

OBSERVATÓRIO do Cinema. **The Big Bang Theory: Sheldon é inspirado em cientista da vida real?** Publicado em 31 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/filmes-e-series/2024/8/31/the-big-bang-theory-sheldon-e-inspirado-em-cientista-da-vida-real> Acesso em 12 out. 2024.

PARANÁ. Secretaria da Saúde. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA>. Acesso em: 23 out. 2024.

SOBRE OS AUTORES

Os textos sobre cada um dos autores que compõem este item foram elaborados a partir de informações coletadas com os próprios autores por meio de formulário online, no qual responderam a questões sobre sua origem (naturalidade), sobre os motivos que levaram a escolher o curso e sobre qual a visão que tem a respeito da Educação Especial.

Assim, as informações, que são de responsabilidade dos autores, revelam muito de cada pessoa, de seus projetos de vida e de como entendem a Educação Inclusiva, que é tema desta coletânea de artigos.

Vale a pena conhecê-los!

ADRIANA CABRAL E SILVA nasceu em Brusque. Ela escolheu o curso de Educação Especial por causa da oportunidade de ter novos conhecimentos e ampliar seu campo de atuação. Adriana percebe que a Educação Especial é um curso muito necessário nos dias de hoje, pois é preciso construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

E-mail 1: adriana.cabral@unifebe.edu.br

E-mail 2: adricabralasilva@gmail.com

ADRIANA PAULA PEREIRA DA SILVA é natural de Belém (PA) e veio para Brusque com a família em busca de um novo recomeço, seguindo a sugestão de alguns primos que já moravam aqui. No início, não sabiam como seria viver aqui e, por isso, estavam todos apreensivos, com medo do desconhecido. Mas, com o tempo, tudo se encaixou. Hoje, Adriana e a família podem dizer com o coração tranquilo que Brusque se tornou seu lar. Pois a cidade acolheu-os de braços abertos e ofereceu oportunidades valiosas, especialmente para seus filhos. Aqui, tiveram acesso a uma educação de qualidade, segurança e um ambiente propício para crescerem felizes e realizados. Para Adriana, Brusque é mais do que um lugar no mapa: é um símbolo de esperança e renovação. Ela escolheu cursar licenciatura em Educação Especial, porque acredita profundamente no poder transformador da educação

inclusiva. Adriana deseja contribuir para uma sociedade mais justa, na qual todas as crianças e jovens, independentemente de suas habilidades e especificidades, tenham acesso a uma educação de qualidade. Além disso, a crescente demanda por profissionais qualificados nessa área reforça a importância de sua escolha. Adriana pretende atuar na área depois de formada; e percebe que o curso de Educação Especial tem sido uma porta aberta ao conhecimento. Para ela, participar da publicação de um livro foi uma experiência transformadora e profundamente gratificante. Desde o momento da discussão em equipe, quando as ideias surgiram em conjunto, cada etapa foi marcada por aprendizados até a produção individual do relato, tudo foi muito maravilhoso. A Educação Inclusiva representa, para Adriana, um compromisso ético e social com a construção de uma escola que acolhe, respeita e valoriza a diversidade humana em todas as suas formas.

E-mail 1: adriana.silva@unifebe.edu.br

E-mail 2: dry07paula@gmail.com

ADRIELE DOS SANTOS MOURA nasceu em Brusque. Ela pretende trabalhar com desenvolvimento do comportamento infantil, por isso ela pensa em buscar outras formações, seja em graduação ou em pós-graduação, para poder atuar como terapeuta educacional. Ter a oportunidade de participar da publicação de um livro foi um tanto assustador, para Adriele, por ser algo novo, ser a primeira experiência; porém muito gratificante ver o processo se concretizando. Adriele reflete que a educação inclusiva é um modelo que garante o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os estudantes, valorizando sempre as diferenças como especificidades e não apenas limitações.

E-mail 1: adriele.moura@unifebe.edu.br

Instagram: [@dryka_dnz](https://www.instagram.com/dryka_dnz)

ALEX JUNIOR POSSIDONIO é da cidade de Assis, no estado de São Paulo. Ele veio para Brusque com seus pais, quando era pequeno, em busca de oportunidade de emprego, pois em sua cidade era bem difícil aparecerem vagas para trabalhar. Ele escolheu o curso de Tecnologia

Educacional porque foi uma chance que apareceu, e ele já está atuando na área. Ele pretende começar outro curso de graduação, em Engenharia Mecatrônica, ou fazer uma Pós-graduação em nível de Especialização ou Mestrado na área de Tecnologia Educacional. Participar de um livro de relatos foi uma experiência empolgante, algo que ele nunca imaginou viver, pois essa possibilidade de ser um dos autores da publicação de um livro é, sem dúvida, muito gratificante. Para Alex, ver seu trabalho fazendo parte dessa obra, cujo tema é inclusão, traz uma enorme satisfação e um sentimento de realização. Ele vê a Educação Inclusiva como um caminho para garantir que todos tenham direito à aprendizagem, respeitando as diferenças. Ao criar seu relato para o livro, ele entendeu ainda mais que a inclusão é sobre acolher, valorizar e oferecer oportunidades para que todos convivam e aprendam juntos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1609853227859676>
Instagram: alex_possidonio

E-mail 1: alex.possidonio7@gmail.com

E-mail 2: alex.possidonio@unifebe.edu.br

ALEXSANDRO RODRIGUES nasceu em Balneário Camboriú, no litoral de Santa Catarina, e morou durante muito tempo em Itajaí. Ele sempre admirou a cidade de Brusque, e quando se casou, ele veio construir sua família aqui. Alexsandro escolheu o curso de Tecnologia Educacional, porque é apaixonado por tecnologia, e não podia perder a oportunidade da bolsa. Além disso, Alexsandro está sempre buscando novidades que possam melhorar a qualidade de vida de sua família e de todos. A possibilidade de participar da publicação de um livro de relatos foi algo incrível, pois compartilhar algo que vivenciou e ainda saber que, no futuro, outras pessoas também conhecerão o seu relato, o que você viveu, com certeza, é muito gratificante. Em relação à educação inclusiva nas escolas, Alexsandro avalia que tem avançado significativamente nos últimos anos, promovendo o respeito à diversidade e o direito de todos à aprendizagem. No entanto, ainda há ajustes importantes a serem realizados para garantir uma inclusão plena e efetiva. Muitos espaços escolares ainda não seguem as normativas de acessibilidade, com corredores e estruturas físicas que

dificultam a locomoção de estudantes com deficiência. Além disso, a adaptação de suportes pedagógicos e materiais específicos ainda não está plenamente implementada em todas as instituições, o que compromete o atendimento adequado às diferentes necessidades. A formação continuada dos professores também precisa ser fortalecida, capacitando-os para lidar com a diversidade em sala de aula de forma eficaz e sensível. Outro ponto fundamental é a ampliação do suporte psicopedagógico e psicológico, que são essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos. Apesar desses desafios, é possível afirmar que a educação inclusiva está em progresso, caminhando gradualmente rumo a um modelo mais justo, acessível e acolhedor.

E-mail 1: alexbrusque@hotmail.com;

E-mail 2: alexsandro.rodrigues@unifebe.edu.br

ALLAN MARCELO BATISTA TIAGO é nascido em Itajaí, no litoral de Santa Catarina. Ele veio para Brusque com a família em busca de melhores condições de trabalho e moradia. Allan iniciou o curso de Tecnologia Educacional, por ter interesse no tema. No momento, ele estuda Redes de Computadores, em outra instituição, e já está trabalhando na área. Para Allan, participar da publicação do livro Relatos deixou-o muito contente, pois é uma oportunidade de expor a outras pessoas um relato de vida (ainda que ficcional) e, dessa forma, poder participar e conhecer outras trajetórias. A Educação Inclusiva, para ele, é de suma importância para a melhoria da qualidade de vida das pessoas de forma geral, pois promove respeito e ótimas oportunidades de aprendizado.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5528532812926590>

E-mail: allangit748@gmail.com

AMANDA CARLA ALVES DA ROCHA MEDEIROS nasceu em Londrina, no Paraná. Ela e sua família vieram para Brusque em 2007, por incentivo de uma amiga da família que apresentou a cidade. Seus pais estavam numa situação difícil e tinham como objetivo conseguir melhores oportunidades de emprego, e proporcionar uma vida melhor

para os filhos. Em relação ao curso de Pedagogia, Amanda considera que, na realidade, ela não escolheu, mas foi escolhida pelo curso. Pois ela tinha o sonho de um dia fazer uma graduação, sem ter nada definido. Ela sabia somente que seria algo que envolvesse pessoas. Por não ter condições financeiras, ela não conseguiu ingressar na academia logo após a conclusão do Ensino Médio. Porém, algum tempo depois, teve a chance ao ser contemplada com uma bolsa integral, e não perdeu a oportunidade. Amanda está muito feliz por isso, ela se encontrou na Pedagogia. Depois de formada, Amanda pretende atuar na área da Educação e continuar se especializando, talvez uma pós-graduação em Psicopedagogia. Sobre a experiência de participar da publicação de um livro, ela achou muito bom poder compartilhar relatos tão importantes que fazem refletir sobre a Educação Inclusiva. Para Amanda, todos nós podemos ajudar no desenvolvimento de alguém e essas histórias mostram isso. Ela entende que Educação Inclusiva vai muito além do que somente ter os alunos com algum tipo de necessidades educacionais especiais em sala, é preciso ofertar a eles a possibilidade de aprendizado de forma adaptada, utilizando recursos e ferramentas estratégicas de acordo com as aptidões de cada um e as suas especificidades. Ela acredita que a escola precisa acolher da melhor forma possível esses alunos, estimulando e apoiando o corpo docente a buscar cada vez mais desenvolvimento profissional para que isso aconteça.

Instagram: @amandacarlarochamedeiros

E-mail 1: amanda.medeiros@unifebe.edu.br

E-mail 2: amanda.carla230619@gmail.com

ANA CLÁUDIA PEREIRA é natural de Brusque e escolheu o curso de graduação em Letras-Inglês, porque sempre gostou do idioma bretão, tendo constatado no curso uma oportunidade de estudar e se aprofundar mais no idioma. Além disso, ela sempre quis ser professora e viu nesse curso a oportunidade de realizar esse desejo. Ana Cláudia já é autora de um capítulo do livro de pesquisa linguística, que ela avalia como uma ótima experiência, pois permitiu que entendesse um pouco mais sobre as variações linguísticas dentro do nosso próprio

idioma. Agora, Ana participa deste livro de relatos, que além de ser uma ótima oportunidade, essa participação foi muito significativa. Para ela, é uma honra participar dessa publicação, cujo tema é a inclusão. Ana Cláudia acredita que a Educação Inclusiva é aquela que acolhe as diferenças e garante que todos os estudantes tenham oportunidades reais de aprender e se desenvolver. A escola inclusiva não exclui, ela se adapta e valoriza cada indivíduo como ele é.

Instagram: @pereiraacp

E-mail: ana.claudia@unifebe.edu.br

ANA LUIZA MICHEL nasceu em Brusque. Ela aproveitou a oportunidade para fazer o curso de Letras-Inglês e planeja continuar atuando na educação como professora de inglês, mas sem intenção de fazer outros cursos. Ana Luiza reflete que participar do projeto de pesquisa linguística e finalizar com a publicação de um livro já havia sido maravilhoso, foi uma surpresa agradável ter a possibilidade desta segunda publicação.

Instagram: @_anamichel

ANA LUIZA SANTOS DE ALMEIDA MAGALHÃES nasceu em Lambari, no estado do Minas Gerais e, em 2014, veio para Brusque com a família em busca de novas oportunidades. Ela começou a trabalhar como monitora em 2020 e se apaixonou pela educação, por isso não deixou passar a oportunidade de fazer Pedagogia na Unifebe. Para Ana Luiza, a publicação do livro está sendo uma experiência muito legal.

Instagram: @anamagal_

E-mail: ana.magalhaes@unifebe.edu.br

ANA MARIA HASCKEL nasceu em Rio do Sul, em Santa Catarina, e veio para Brusque, faz 20 anos. Ela já atua como professora em cursos técnicos e de graduação, além de cursos de qualificação da área têxtil. E já havia feito um curso de licenciatura em Pedagogia, há mais de 20 anos, mas nunca tinha atuado com os pequenos, apenas com a EJA. Naquele tempo, não havia BNCC e nem as leis sobre inclusão que tem hoje, por exemplo. Ana Maria ingressou

no programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional, com foco de estudo em Educação do Campo e assim, ela voltou para a faculdade, para fazer uma reciclagem. Entretanto, ainda não sabe se se adapta aos pequenos, pois ela gosta mesmo de lecionar para jovens e adultos; e, nos últimos 20 anos, tem trabalhado com essa faixa etária. Sobre fazer outro curso, como professora, ela nunca parou de estudar. Assim, com certeza continuará seus estudos, talvez no Doutorado, além de outras capacitações. Sobre o livro, Ana Maria acredita que é muito bom podermos ver nossos esforços se materializarem, e termos a certeza de que, assim como tantos outros escritores, tivemos nossos escritos publicados. Para ela, é uma honra poder socializar o que pensa, o que sente. Fazer relatos sobre o mundo e sobre as conexões humanas, algumas nem tão boas, mas que merecem ser compartilhadas pode ser transformador. Ana acredita na inclusão, no respeito a todos, sem distinção. Afinal, somos todos únicos e essa história de colocar as pessoas em caixas, em padrões, está totalmente fora de cogitação. Infelizmente ela ainda vê muita discriminação e preconceito. Assim, a inclusão precisa ser tema de debate, pois somente com muita discussão pode-se quebrar tais paradigmas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7265722723385083>

E-mail: anahasckel@unifebe.edu.br

ANA PAULA MUZEL LEMOS nasceu em Itapeva, no estado de São Paulo, e veio para Santa Catarina com sua mãe e seus irmãos para visitar alguns parentes que já estavam morando em Brusque. A mãe gostou da cidade, havia mais oportunidade de trabalho e crescimento. Então, depois de alguns meses a família veio morar aqui também. Ana Paula confessa que nunca pensou em ser professora, mas a oportunidade surgiu e ela seguiu o fluxo. Mas tudo aconteceu como deveria ser, ela gosta muito de trabalhar na educação. E pretende fazer doutorado em Neurociência, mas ela também é apaixonada por Psicologia, e acredita que o curso de Psicologia ajudaria em sua atuação profissional. Esta é a primeira vez que Ana Paula participa da publicação de um livro como uma das autoras; por isso, está sendo

uma experiência única e muito especial! Ela percebe que as escolas, em geral, não estão totalmente preparadas para receber as crianças atípicas, pois faltam profissionais capacitados, faltam recursos e falta estrutura. Entretanto, conhecimento/embasamento e experiência podem e fazem toda a diferença na educação inclusiva.

Instagram: @anaamuzel

E-mail 1: ana.lemos@unifebe.edu.br;

E-mail 2: anapaula.muzellemos91@gmail.com

ANA PAULA SANTOS SIQUEIRA nasceu em Belo Horizonte (MG) e veio para Brusque, buscando qualidade de vida em uma cidade tranquila e segura. Ana é psicóloga e Mestre em Psicanálise. Atuou na APAE de Brusque por sete anos, acompanhando crianças com diagnóstico de transtorno do espectro autista e deficiência intelectual, oferecendo atendimento clínico e orientações aos familiares. Além disso, trabalhou com jovens e adultos com os mesmos diagnósticos, auxiliando na inclusão no mundo do trabalho e em atividades laborais informais. Atualmente, ela é docente na UNIFEBE, lecionando nos cursos de Educação Especial, Psicologia, Pedagogia e Direito. Também exerce a função de Coordenadora de Estágio do Curso de Educação Especial e integra o Comitê de Acessibilidade e Inclusão, bem como a Comissão Multidisciplinar Interna de Inclusão da Pessoa com Deficiência da UNIFEBE. Ana percebe a Educação Especial como um campo que permeia todas as áreas do conhecimento, pois tem como objetivo reconhecer todos os seres humanos como iguais em direito e dignidade; ao mesmo tempo em que valoriza e respeita as diferenças na maneira como cada indivíduo experimenta o mundo. Por isso, trata-se um saber essencial para todas as áreas do conhecimento e fundamental para a sociedade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9898373458737447>

E-mail: ana.siqueira@unifebe.edu.br

ANNA LUIZA FRAINER é natural de Blumenau, Santa Catarina. Sua mudança para Brusque foi motivada por questões de emprego e da família. Ela escolheu o curso de Pedagogia porque sempre

teve afinidade com o universo infantil e gosta de trabalhar com crianças. Ela pretende atuar na área da educação e contribuir para o desenvolvimento e a formação das crianças. Anna também tem interesse em seguir se especializando, por isso planeja fazer uma pós-graduação voltada para a área educacional. Participar do livro Relatos, para Anna, foi uma experiência nova e muito especial. Ela adorou participar e contribuir com algo que acredita. Especialmente por saber que seu relato pode inspirar outras pessoas e fortalecer a importância da Educação Inclusiva. Anna entende a Educação Inclusiva como um compromisso ético e pedagógico com o direito de todas as crianças e adolescentes de aprenderem juntos, na mesma escola, com respeito a suas diferenças, ritmos, capacidades e formas de se expressar. A escola inclusiva não é apenas um espaço, no qual estudantes com deficiência estão fisicamente presentes, mas um ambiente onde a diversidade é valorizada como riqueza, e não como obstáculo.

Instagram: @anninhafrainer

E-mail 1: anna-frainer@hotmail.com

E-mail 2: anna.frainer@unifebe.edu.br

BEATRIZ LEAL nasceu em Brusque, mas sempre viveu na cidade de Guabiruba. Ela optou por fazer o curso de Letras-Inglês na Unifebe por ser uma oportunidade de aperfeiçoamento da língua inglesa, porém não planeja atuar como professora; seu desejo é trabalhar na área de finanças e economia. Beatriz, que é amante da leitura, havia classificado como desafiador e muito gratificante a experiência de participar de uma pesquisa linguística e publicar um livro. E agora com a oportunidade de uma segunda publicação, é muita satisfação. Tudo isso sem dúvidas ajuda em seu crescimento pessoal e profissional.

Instagram: @leall.beatrizz

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/beatrizleal47999279329/>

BRENDA DE ASSUNÇÃO nasceu em São João Batista (SC) e continua morando na mesma cidade. Ela vem a Brusque apenas para cursar a licenciatura em Educação Especial. Brenda já é pedagoga e escolheu cursar uma segunda graduação, porque no

trabalho que desenvolvia na educação regular, como professora da Educação Infantil, ela percebia que alguns alunos vinham com muitas dificuldades; assim, ela sentiu a necessidade de se especializar. Concomitante à graduação, Brenda também está fazendo uma pós-graduação em Educação Especial: Transtorno do Espectro Autista. E ela pretende continuar estudando e quer fazer outras especializações na área, como por exemplo, em neuropsicopedagogia clínica. Brenda vê a Educação Especial como um espaço de desenvolvimento, no qual cada indivíduo é reconhecido por suas capacidades e incentivado a superar suas dificuldades.

Instagram-1: @brendaassuncao_

Instagram-2: @pedagogabrendassuncao

E-mail: brendadeassuncao@unifebe.edu.br

BRUNA DE AVILA PIETRO nasceu em Brusque e afirma que o curso de graduação em Letras - Inglês da Unifebe surgiu como uma oportunidade que não podia ser perdida. Ela ainda não trabalha, mas planeja trabalhar na educação como professora de inglês assim que se formar. Bruna considera tanto a participação numa pesquisa linguística com a publicação do livro, quanto esta nova oportunidade de participar de um livro de relatos, são experiências extremamente empolgantes e satisfatórias.

Instagram: @brucavila

CAISSIA SOUZA BOAVENTURA nasceu na cidade de Bonito, no estado da Bahia, e migrou para Brusque aos 18 anos, em busca de melhores oportunidades para o futuro. Em Brusque, ela teve seu primeiro emprego formal e ingressou num curso de nível superior. Caissia sempre teve vontade de trabalhar na educação, por isso aproveitou a oportunidade de fazer o curso de Letras-inglês. Além disso, ela sabia que o curso lhe agregaria muito conhecimento e possibilidades de atuar como professora de inglês. Caissia já havia reconhecido que a publicação do livro de pesquisa linguística tinha sido algo desafiador; ressaltando o apoio dos professores. E agora,

tão pouco tempo depois, já tem nova oportunidade de participar de um livro de relatos. Isso é muito gratificante.

Instagram: @lboaventura.06

CAMILA PIANEZZER nasceu em Brusque e sempre gostou do idioma inglês. Ela fez curso de inglês há alguns anos e já atua na educação e almeja continuar sendo professora de inglês. O curso de Letras-Inglês é sua segunda graduação, pois Camila é formada em Pedagogia e pós-graduada em Educação. Ela planeja fazer um mestrado em educação no futuro. Camila havia considerado que participar da pesquisa linguística tinha sido muito interessante, pois teve a oportunidade de aprofundar o conhecimento na área da linguística. Sem contar a importância da publicação para seu currículo. E agora, está tendo uma nova oportunidade de publicação, desta vez, num livro de relatos. Isso é muito bom.

Instagram: @capianezzzer

CLAUDINEI RODRIGUES nasceu na cidade de Campo Alegre, em Santa Catarina. Ele veio para Brusque, em 2008, por causa de uma proposta de emprego. Ele escolheu fazer o curso de Tecnologia Educacional, porque se identifica como professor e tem facilidade para trabalhar com tecnologias. Ele pretende atuar na área, mas quer fazer uma especialização em Matemática também. Para Claudinei, ser um dos autores de um livro que conta histórias de vida de tantas pessoas é realmente um privilégio e uma imensa alegria, pois é algo que com certeza irá inspirar muitas pessoas a darem sempre o seu melhor, independente das dificuldades que se interponham em seu caminho, como o preconceito e a discriminação. Ele acredita que a educação ainda está no caminho para se tornar uma educação efetivamente inclusiva; já houve muito progresso, mas ainda há muito por lutar. Claudinei espera que ele possa não somente ser um dos autores deste livro, mas também ser um dos protagonistas na luta pela inclusão dentro da escola.

Instagram: @rodriguesclaudinei2221

E-mail 1: claudinei.rodrigues@unifebe.edu.br

E-mail 2: rodriguesclaudinei2221@gmail.com

CLÁUDIO GUILHERME ALFARTH nasceu em Brusque, mas mora em Guabiruba. A escolha do curso de Letras-Inglês na Unifebe foi motivada pela Bolsa Uniedu, mas principalmente por ele sempre se interessar por inglês e literatura. Ao finalizar o curso, ele planeja fazer outro curso, mas ainda não sabe qual irá fazer. Cláudio havia considerado uma experiência totalmente nova e muito positiva sua participação no livro de pesquisa linguística, tanto para seu desenvolvimento acadêmico quanto pessoal. E agora foi surpreendido com uma segunda publicação num livro de relatos. Isso é muito bom.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5335553792994883>

Facebook: Claudio Guilherme Alfarth

Instagram: @claudio_g_alfarth

CLAUDIONOR DOS SANTOS GARCIA nasceu na cidade de São Gonçalo dos Campos, no estado da Bahia. Ele veio para Brusque a convite de um tio que trabalhava numa metalúrgica, e havia conseguido uma vaga de emprego para ele também. Claudionor escolheu o curso de Pedagogia porque sempre gostou do ambiente escolar e pretende atuar na área. Embora no momento, tenha precisado dar uma pausa nesse seu sonho. Para Claudionor, participar da publicação de um livro com um relato real sobre inclusão, acontecido há muitos anos em um ambiente escolar está sendo muito gratificante e importante. Afinal, a Educação Inclusiva é muito importante e indispensável para construir uma sociedade justa e igualitária na formação de cidadãos de bem.

E-mail 1: claudionor.garcia@unifene.edu.br;

E-mail 2: claudionorgarcia2@gmail.com

CLOVIS DALMOLIN é natural de Brusque (SC) e decidiu fazer o curso de Educação Especial porque surgiu a oportunidade, mas ele pretende fazer Administração Pública como segunda graduação. Para Clovis, a Educação Especial é uma área que precisa de profissionais capacitados para atender o público-alvo dessa

modalidade de educação. Todos os profissionais que atuam na educação precisam de aprimoramento.

Instagram: @Clovis Dalmolin

E-mail: clovisdalmolin77@gmail.com

DAVID CORREIA JUNIOR nasceu em Brusque e foi por indicação de uma professora do Ensino Médio que ingressou no curso de Letras-Inglês da Unifebe. Ele trabalha no comércio, mas pretende atuar na educação, como professor de inglês, e complementar sua formação com uma pós-graduação. David já participou da publicação de uma pesquisa linguística e está muito satisfeito pela oportunidade de uma segunda publicação, dessa vez de relatos. Ele vê a educação inclusiva como o desenvolvimento de práticas pedagógicas para atender as necessidades educacionais dos alunos. Assim, a escola inclusiva é o ambiente que valoriza e respeita a diversidade de todos os alunos, independente de suas habilidades e especificidades, garantindo a participação plena e equitativa de todos os alunos.

Instagram: @juniorcorreia.dcj33

E-mail: david.junior@unifebe.edu.br

DIOLANDA VARGAS DA SILVA nasceu em Palmeira das Missões, no Rio Grande do Sul. Ela veio para Brusque acompanhando o esposo que veio para cá a trabalho. Ela se identifica com a docência, por isso escolheu fazer o curso de Tecnologia Educacional, mas ela também quer se especializar em Educação Especial com ênfase no Transtorno do Espectro Autista. Sobre a oportunidade de participar como autora num livro coletivo, ela afirma que está sendo uma experiência incrível. Ela agradece às professoras o apoio e incentivo para que isso se torne realidade. Diolanda entende a educação inclusiva como parte da educação, e a inclusão de forma geral precisa cada vez mais do nosso apoio como educadores para promover a conscientização de todos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1216954268192303>

E-mail 1: diovarsil@gmail.com;

E-mail 2: diolanda.silva@unifebe.edu.br

EDENILSON VARGAS nasceu e reside em São João Batista, Santa Catarina. Ele escolheu o curso de Pedagogia para moldar as mentes jovens. E depois de formado, ele pretende atuar na área. A oportunidade de participar de um livro de relatos foi inesperada, mas ele está feliz pela oportunidade de estar em um projeto tão bonito.

E-mail 1: edenilson.vargas@unifebe.edu.br;

E-mail 2: edenilson98123@outlook.com

EDNA GIL FLORES nasceu em Paramirim, na Bahia, e veio para Brusque, há 10 anos, para conhecer a cidade, porque tinha amigos que moravam aqui. Ela acabou gostando do lugar e está aqui até o momento. Quanto ao curso de Pedagogia, Edna confessa que não o escolheu, mas apareceu a oportunidade de ganhar a bolsa e ela começou o curso sem saber se continuaria; mas acabou gostando. E hoje, ela já atua na área, há uns 3 anos. Apesar de gostar, Edna ainda não tem certeza de que vai continuar na área. A música é algo que a atrai bastante, ela já é musicista, há alguns anos, e gosta muito. Ela sente que se identifica mais com a música. Sobre o livro de relatos, ela ficou muito feliz, pois nunca havia participado de um projeto assim. E sobre a Educação Inclusiva e a escola inclusiva, Edna acredita que visam garantir que todos os alunos, independentemente de suas necessidades ou habilidades, tenham acesso a uma educação de qualidade e sejam valorizados. Afinal, a escola tem como objetivo promover o desenvolvimento social, melhorar o desempenho acadêmico e reduzir a exclusão, preparando, assim, os alunos para a vida em uma sociedade diversa e inclusiva.

Instagram: [edna.flores87](https://www.instagram.com/edna.flores87)

E-mail 1: ednadasilvagil@gmail.com;

E-mail 2: edna.flores@unifebe.edu.br

ÉLEN RIBEIRO GUSTAVO nasceu em Porto Alegre (RS) e veio para Brusque quando se casou, em 2016. Elen conta que quando surgiu a oportunidade de fazer uma graduação, ela, de imediato, escolheu a Educação Especial. Ela pretende continuar os estudos, fazendo uma pós-graduação em Neurociência e talvez uma segunda graduação

em Serviço Social. Hoje, Elen afirma que tem um novo olhar sobre a Educação Especial, pois o curso proporcionou a experiência de viver em alguns ambientes que ela nunca imaginou estar.

E-mail: elen.gustavo@unifebe.edu.br;

Instagram pessoal: @ellen.cherry

Instagram do projeto acadêmico: @inclusivamentee

ELISANE MARTINS NUNES nasceu em Brusque. Sua escolha pelo curso de Letras-Inglês da Unifebe foi motivada pela intenção de adquirir conhecimentos e ampliar as oportunidades profissionais. A chance de participar do livro de pesquisa linguística, para Elisiane, já havia sido uma experiência única. E agora recebeu com muita satisfação essa nova oportunidade de publicação, desta vem num livro de relatos. Isso é diversidade.

Instagram: @elisane.13.09

ELIZANDRA ROCHA DIAS nasceu em Itajaí e veio para Brusque com os pais, que vieram a trabalho, quando tinha apenas dois anos. Ela sempre gostou de inglês e viu, no curso de Letras-Inglês da Unifebe, uma oportunidade de ter uma graduação na área da educação, por já estar trabalhando em escolas desde 2016, onde atua como recepcionista, auxiliar discente e hoje, como auxiliar na secretaria escolar. Elizandra gosta da língua inglesa e pretende atuar na área depois de formada. Quanto a participar da publicação um livro de relatos, Elizandra diz ser experiência incrível. Ela já participou como autora de um livro de pesquisa linguística, mas um livro de relatos é mais pessoal, são histórias inclusivas. E sobre a Educação Inclusiva, Elizandra define como algo relevante e que precisa ser cada vez mais discutido, para o conhecimento sobre esse assunto ser expandido.

Instagram: @lizarochadias

E-mail 1: elizandra.dias@unifebe.edu.br

E-mail 2: Liza_roc@hotmail.com

ELQUIANE LUCAS DE ALMEIDA nasceu em Belém do Pará e, quando veio para Brusque pela primeira vez, veio somente para o aniversário de sua sobrinha e passou dez dias. Então, ela percebeu

uma grande diferença na tranquilidade nas ruas de Brusque e logo decidiu e disse: “Quero isso pra mim.” E assim ela se programou e em sete meses, ela comprou a passagem e veio em definitivo com sua família. Seu irmão, que já morava há sete anos na cidade, a acolheu, mas depois de três meses, ela já alugou um local para morar com sua família. Eles vieram em busca de qualidade de vida e encontraram. Elquiane tinha o sonho de ter uma graduação, pois é comum e tradição no Estado do Pará terminar o Ensino Médio e logo fazer o vestibular e iniciar a graduação. Como ela não conseguiu por questões financeiras, aproveitou a oportunidade da bolsa para fazer o curso de Tecnologia Educacional e realizar esse desejo que não é só seu, mas também de seus pais. Isso é, sem dúvida, uma questão de realização profissional e, com certeza, Elquiane pretende ingressar na área. Quanto a saber que um relato que ela mesma redigiu, baseado na história real de uma garota daqui de Brusque, será publicado no livro, é uma honra imensurável. Vale ressaltar que no dia da leitura desse relato, Elquiane fez uma surpresa para a turma apresentando a garota pessoalmente para eles, comprovando que era uma história real. Foi bem impactante. A Educação Inclusiva é uma maneira de integrar todos de forma coletiva e fazer na prática a frase: “Colocar-se no lugar do outro.”

Instagram: @Kyane

E-mail: lucas_elquiane@unifebe.edu.br

ELZA MARA PEREIRA GOULARTE LAGES Ela veio para Brusque com seus pais, após suas tias terem se estabelecido na cidade. Sabendo que aqui havia mais oportunidades de trabalho, os pais de Elza decidiram seguir o mesmo caminho e começar uma nova vida em família. A escolha pelo curso foi motivada por sua paixão pela educação, que já vinha sendo cultivada havia muitos anos. O amor por seu trabalho e a inspiração de dois professores excepcionais do Ensino Fundamental, os professores Marcos e Airton, que foram fundamentais para essa decisão. Eles não apenas a ensinaram conteúdos, mas também despertaram nela a vontade de contribuir positivamente para a educação. E agora, participar da publicação de

um livro tem sido um momento único e um privilégio, pois contribuir com um relato sobre Educação Inclusiva e inclusão de forma geral é uma experiência enriquecedora. Elza acredita que cada aluno é especial e único, e que é preciso aprender mais sobre eles para poder lhes oferecer o melhor. A educação inclusiva é um caminho que demanda dedicação e estudo contínuo, mas que vale a pena para garantir que todos tenham acesso a uma educação de qualidade.

E-mail 1: goularteelza47@gmail.com

E-mail 2: elza.goularte@unifebe.edu.br

EVERTON DO NASCIMENTO SOUZA nasceu em Aracaju, no estado de Sergipe. Ele veio para Brusque porque fez o concurso da prefeitura de Brusque. Everton escolheu o curso de Tecnologia Educacional porque se tratar de tecnologia. Ele pretende atuar na área, mas quer fazer algum outro curso para somar os conhecimentos antes de entrar na Educação. Sobre participar da publicação de um livro de relatos sobre vivências inclusivas, Everton entende que é muito gratificante, pois pode levar as experiências ao conhecimento de outras pessoas. Isso reforça o ideal de que todos somos iguais, independente de suas diferenças.

E-mail: azuosne@gmail.com

E-mail: everton.nascimento@unifebe.edu.br

EVILASIO LUIZ MONTIBELLER nasceu em Nova Trento, cidade vizinha a Brusque, aqui em Santa Catarina. Ele veio para Brusque com a família quando tinha apenas um ano. Ele sempre teve interesse em tecnologia, por isso escolheu o curso de Tecnologia Educacional. Sobre a oportunidade de participar da publicação de um livro de relatos sobre vivências inclusivas, Evilasio ficou muito feliz. Afinal, ele teve alguns problemas de saúde que o afastaram do curso, mas agora está se recuperando, essa oportunidade do livro foi importante para reconectá-lo com a turma e com o ambiente universitário.

E-mail 1: evilasio.montebeller@unifebe.edu.br

E-mail 2: evilasio_m@hotmail.com

FABIANA MARTINS nasceu em Chapecó (SC) e mudou-se para Brusque no início da adolescência, pois já tinha familiares residentes na cidade, e todos eles haviam escolhido Brusque como um local agradável para morar. Ela escolheu o curso de Pedagogia por incentivo de seus primos, que são professores. E ela já está atuando na área como professora contratada numa escola da rede estadual. Para Fabiana, participar deste livro de relatos é uma experiência extremamente valiosa e será um registro importante na sua formação. A educação inclusiva, para ela, é um modelo que valoriza a participação de todos, garantindo acesso e oportunidades iguais, além de atender às necessidades individuais dos estudantes, entendendo a diversidade de forma eficaz e respeitosa.

E-mail 1: fabianam@unifebe.edu.br

E-mail 2: ffbimmartins@gmail.com

Instagram: [fabimartins_80](https://www.instagram.com/fabimartins_80)

FLÁVIA REGINA GOMES nasceu em Campo Mourão, em Santa Catarina. Ela veio para Brusque porque esta é uma cidade boa para morar e tem muitas oportunidades de emprego. Flávia escolheu fazer o curso de Pedagogia, porque sempre teve interesse em trabalhar na educação. Em 2012, ela iniciou um curso de Pedagogia a distância, mas não se adaptou à modalidade. Então, em 2022, quando a UNIFEBE divulgou o curso de Pedagogia Anos Iniciais, ela decidiu voltar à faculdade e realizar seu sonho. O objetivo dela agora é concluir o curso e atuar na área. Sobre participar da publicação de um livro, Flávia afirma que foi enriquecedor, principalmente por se tratar do tema inclusão. A Educação Inclusiva é fundamental para garantir que todos os alunos, independentemente de suas necessidades ou habilidades, tenham acesso a uma educação de qualidade, por isso a escola inclusiva deve ser um lugar acolhedor. Flávia acredita que a inclusão não apenas beneficia os alunos com necessidades educacionais especiais, mas também enriquece a comunidade escolar como um todo, promovendo a empatia, a compreensão e o respeito pela diversidade.

E-mail: flavia.regina@unifebe.edu.br

FLAVIO GONÇALVES LOPES nasceu em Belém, no estado do Pará. Ele veio para Brusque em busca de uma vida melhor e mais oportunidades, como a que surgiu ao conseguir a bolsa de estudos para fazer um curso de nível superior. Ao aproveitar essa chance, Flavio escolheu cursar a Licenciatura em Tecnologia Educacional e pretende atuar na área depois de formado. Participar do livro relatos foi um convite muito bom.

E-mail: flavio.lopes@unifebe.edu.br

FRANCIELE MOURA DE SOUZA nasceu em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná. Ela veio para Brusque com a família em busca de melhores condições de trabalho. Franciele escolheu Pedagogia, porque sempre teve o desejo de ensinar; por isso, indubitavelmente, ela pretende atuar na área. Quanto à oportunidade de participação num livro de relatos inclusivos, Franciele classifica como uma experiência sensacional. Para ela, a Educação Inclusiva reconhece que todos os alunos, independentemente de suas diferenças, têm o direito fundamental de aprender juntos; assim a escola, como espaço inclusivo, deve ser um lugar de acolhimento e produção de conhecimento.

Instagram: [@franmourasz](https://www.instagram.com/franmourasz)

E-mail 1: franciele.souza@unifebe.edu.br

E-mail 2: francielemoura1404@gmail.com

GENECI DOS SANTOS nasceu em Mondaí, no estado de Santa Catarina. Ela se mudou para Brusque com a família. Geneci escolheu o curso de Tecnologia Educacional porque tinha bolsa e tem interesse em tecnologia. Ela pretende atuar na Educação e continuar se aperfeiçoando na área com alguma pós-graduação em nível de especialização, ou quem sabe um mestrado. Participar da produção de um livro de relatos tem sido uma ótima experiência para Geneci. É uma oportunidade única.

E-mail 1: geneci.santos@unifebe.edu.br;

E-mail 2: geneci0207@gmail.com

GEOVANI CRISPIM JUNIOR nasceu em Brusque (SC) e continua a viver na cidade. Ele escolheu o curso de licenciatura em Educação Especial por achar que é uma área interessante e estar dentro da educação, pois sua pretensão é fazer uma segunda graduação de licenciatura em Matemática. E seguir estudando para aprimorar seus conhecimentos com uma pós-graduação em nível de especialização ou mestrado. Geovani vê a Educação Especial como um meio para um mundo melhor e mais igualitário. Ele acredita que, se a Educação molda a sociedade, a Educação Especial é quem destrói esse molde individualmente, mostrando que dentro de um padrão estabelecido, nenhuma pessoa deve ser limitada. Todos são livres para ser o que quiserem.

E-mail: geovani.junior@unifebe.edu.br

GIANINA EDELWEISS GIANINI nasceu em Curitiba, no Paraná, e em 2006 acompanhou seus pais quando se mudaram para Guabiruba, onde reside. A mudança ocorreu principalmente por causa do trabalho da mãe e porque deixariam de pagar aluguel. Embora sua paixão seja a Psicologia, Gianina sempre gostou da área da educação e a oportunidade de fazer o curso de Letras-Inglês na Unifebe veio na hora certa. Ela pretende atuar em sala de aula, mas quer também continuar o curso de Psicologia, que havia iniciado antes. Segundo Gianina, apesar de já ter participado da publicação de um livro sobre uma pesquisa linguística, participar deste livro de relatos é emocionante e gratificante. A Educação Inclusiva, para ela, é um componente essencial para a evolução de uma educação consciente e adequada a todos. Além disso, é o início da aplicação de teorias já há muito tempo abordadas e sonhadas. Assim, Gianina entende que a Educação Inclusiva está em desenvolvimento e constante crescimento.

Instagram: [@nina.gianini](https://www.instagram.com/nina.gianini)

E-mail 1: gianina.gianini@unifebe.edu.br

E-mail 2: gianina.contato@gmail.com

GILMAR DOS SANTOS é natural de Chapecó, no oeste de Santa Catarina. Ele veio para Brusque por indicação de familiares que já residiam aqui. Gilmar escolheu o curso, porque é uma área em que ele quer atuar. Afinal, ele entende a Educação Especial como algo de grande importância para a inclusão de pessoas com deficiência na escola e para o aprendizado de todos.

Instagram: @gilmarsantos.sg

E-mail: gilmar.dossantos@unifebe.edu.br

GRASIELLI APARECIDA DE ALMEIDA nasceu em Três Pontas, Minas Gerais. Ela veio para Brusque com a família, em 2019, por causa do trabalho do seu esposo. Em 2022, começou a trabalhar numa escola, onde teve contato com a educação especial. Isso abriu seus olhos para essa área que ganhou seu coração. Então, ela trancou o curso de Letras-Inglês que fazia na época e iniciou o de Educação Especial, que se tornou a área em que ela atua e pretende se especializar para continuar se encontrando e transformando cenários. Grasielli acredita que por meio da educação especial, a inclusão se torna realidade e permite que cada aluno, com suas singularidades, floresça. A Educação Especial ensinou-a a ver o potencial antes da dificuldade, a celebrar processos antes de resultados e a acreditar que a escola pode ser, de fato, um espaço de transformação.

Instagram: @grasiialmeida

E-mail: grasielli.almeida@unifebe.edu.br

HELEM BÁRBARA VIEIRA DE MATOS SIQUEIRA nasceu em Brasília de Minas (MG) e se mudou para Brusque por incentivo de uma amiga que já morava aqui. Ela veio em busca de novas oportunidades e crescimento profissional. Helem sempre sonhou ser professora e tem trilhado esse caminho, buscando aprendizado e experiências que possam aproximá-la cada vez mais desse objetivo. Embora seu desejo inicial fosse cursar Pedagogia, Helem conseguiu a bolsa de estudos para o curso de Educação Especial. No início, ela ficou insegura, mas, com o tempo, foi se identificando cada vez mais com o curso e compreendendo a importância da atuação do

educador especial e da inclusão na educação. Helem pretende ainda fazer Pedagogia e continuar a vida acadêmica em cursos de pós-graduações de especialização e/ou, quem sabe, de mestrado. Seu objetivo é buscar sempre mais aprendizados, principalmente na área da educação infantil, para contribuir de forma significativa com a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Hoje, ela entende a Educação Especial como um caminho essencial para garantir que todas as pessoas tenham acesso a uma aprendizagem de qualidade, respeitando suas individualidades e necessidades. Pois acredita que a inclusão vai além da adaptação do ensino; trata-se de criar oportunidades reais para que cada aluno desenvolva seu potencial e se sinta parte do ambiente escolar. Uma educação verdadeiramente inclusiva beneficia não apenas os alunos com deficiência, mas toda a sociedade, promovendo empatia, respeito e equidade.

Instagram: @helem_siqueir

E-mail: helem.siqueira@unifebe.edu.br

JACINTA MARIA KOHLER TEIXEIRA nasceu em Brusque. Na verdade, ela nasceu em Guabiruba, mas, na época, não havia cartório na cidade, por isso seu registro de nascimento foi feito em Brusque. Atualmente, ela continua morando em Guabiruba. No momento, Jacinta está cursando a Licenciatura em Tecnologia Educacional, mas ela também quer trabalhar ajudando pessoas com deficiência, porque ela tem interesse em contribuir para uma educação mais inclusiva e acessível para todos. Ela escolheu o curso de Licenciatura em Tecnologia Educacional, porque acredita no potencial da tecnologia como ferramenta para transformar a educação. Quanto à oportunidade de ser uma das autoras de um livro coletivo, Jacinta avalia que está sendo ótimo, pois é um aprendizado muito significativo. Ela vê a educação inclusiva como um direito fundamental de todo ser humano. E esse direito deve ser levado a sério, pois as pessoas com deficiência enfrentam muitas dificuldades e precisam do apoio de toda a sociedade na luta pelo reconhecimento de seus direitos de forma efetiva. Assim, a escola inclusiva deve ser um espaço acolhedor,

onde todos tenham as mesmas oportunidades de aprender, conviver e se desenvolver com dignidade e respeito.

E-mail 1: Jacintakolher@gmail.com

E-mail 2: jacinta.teixeira@unifebe.edu.br

JAMILE VALVERDE MARCOS nasceu em Guarulhos, no estado de São Paulo, e veio para Brusque com a mãe e a irmã mais velha. A mãe achava que, onde moravam, era muito perigoso; então, uma tia falou de Brusque e a mãe decidiu vir. Jamile escolheu o curso de Tecnologia Educacional para ser uma professora diferente, uma professora inovadora. Ela pretende atuar na área e fazer mais cursos para que possa ampliar seu conhecimento. Quanto à oportunidade de publicar um livro, Jamile define como inesquecível. Ela não sabia que um trabalho da faculdade iria fazer parte de um livro incrível. Ela entende que a Educação Inclusiva é necessária, e quando as escolas e os alunos que não têm necessidades educacionais especiais entenderem e aprenderem a incluir todos, tornando um ambiente de equidade, a sociedade será melhor.

Instagram: jamile_valverdee

E-mail 1: jamile.vm@gmail.com

E-mail 2: jamile.valverde@unifebe.edu.br

JAQUELINE DIONISIO DALMOLIN nasceu em São João Batista e mudou-se para Brusque com a família em 1991. Para ela, lecionar sempre foi um sonho e, quando criança, auxiliava seus primos com as tarefas escolares, como se fosse uma “professorinha”. Assim, Jaqueline viu no curso de Letras-Inglês da Unifebe uma oportunidade de unir o sonho com o ensino do inglês e se satisfazer pessoalmente. Hoje, ela está trabalhando na educação, apesar de ainda não atuar como professora de inglês, o que é um desejo, mas planeja fazê-lo, seja em escolas de idiomas ou instituições de ensino regular. Jaqueline não quer deixar passar qualquer oportunidade de aprendizado no futuro, especialmente pós-graduação relacionada à área da educação. Para ela, “participar da pesquisa linguística foi desafiador, porque requereu a colaboração dos participantes na coleta de dados

e a análise realizada pelos contribuiu para a compreensão do tema.” Jaqueline também acredita que a publicação deste livro será uma contribuição para a comunidade acadêmica e o público para refletir sobre as questões linguísticas.

Instagram: @jaqueddalmolin

JOÃO VICTOR SOUZA MARTINS nasceu em São José, na Grande Florianópolis, e reside em Tijucas. Desde criança, quis ser professor e gosta muito da área das linguagens, principalmente da língua inglesa. Já atua na educação desde 2021, nas redes pública e privada. João destaca que “participar de uma pesquisa linguística foi desafiador, mas prazeroso; pois, apesar dos obstáculos encontrados no caminho, chegamos até aqui com êxito”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3474461337529107>

JOICI NATALIA ROSA MOLINARI nasceu em Brusque, mas sempre morou em Botuverá. Desde pequena, tinha como um de seus sonhos ser professora, hoje já está atuando em sala de aula como professora de inglês. Joici gosta muito de ler e de escrever, e já participou de um livro sobre pesquisa linguística, que teve os contratempos, mas no final deu tudo certo. Este livro de relatos é sua segunda publicação e representa um marco importante em sua trajetória, pois ele reúne experiências reais que refletem os desafios e aprendizados no campo da educação inclusiva. A educação inclusiva é, sem dúvida, um grande desafio, mas também uma oportunidade valiosa para o crescimento humano e profissional de futuros professores. Quando o respeito e o amor guiam as práticas pedagógicas, o ambiente escolar se transforma. Este livro é uma forma de dar voz a essas vivências e mostrar como cada história pode ensinar e inspirar.

Instagram: @joici.nr

JOSÉ HENRIQUE DO NASCIMENTO NETO nasceu na cidade de Escada, em Pernambuco, e veio para Brusque para mudar de profissão e ter mais oportunidades. Ser pedagogo era seu sonho de infância, por isso ele pretende atuar na educação depois de formado. Para José, participar da publicação de um livro como autor é algo

surreal. Ele ama o ambiente acadêmico e entende que discutir sobre a Educação Inclusiva ainda é necessário, mas observa que se olharmos a história da inclusão, como todo, podemos constatar o quanto a sociedade já evoluiu.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0291450809453840>

E-mail 1: jose.netto2024@outlook.com.br

E-mail 2: jose.neto@unifebe.edu.br

JOSELE DAS DORES CAVALCANTE DA SILVA nasceu em Belém do Pará e veio para Brusque motivada pelas oportunidades de trabalho e de uma vida melhor. Depois do curso de Tecnologia Educacional, Josele pretende investir numa nova área, ela quer fazer Pedagogia. Para Josele, foi muito interessante fazer parte deste projeto, ela não imaginava que um dia poderia participar como autora de um livro. Em relação à educação inclusiva, Josele percebe como algo necessário e fundamental para a educação e a vida em sociedade.

E-mail: josele.cavalcante@unifebe.edu.br

JOSINALDA IRENE DA SILVA nasceu em Poção de Pedras (MA) e veio para Brusque para que pudesse dar uma boa educação para os seus filhos, pois onde moravam as condições de educação não eram favoráveis. Ela escolheu fazer Educação Especial, porque acredita que está diretamente ligada à sua área de atuação, que é a saúde. Pois, ao compreender melhor as necessidades das pessoas com deficiência, ela poderá oferecer um cuidado mais qualificado e personalizado, além de promover um atendimento mais humanizado e eficiente, garantindo o bem-estar dessas pessoas e contribuindo para sua inclusão e autonomia. Josinalda tem cursos técnicos em Enfermagem e Radiologia, em Análises Clínicas e em Assistência Pedagógica. Além de especialização em Cuidados da Pessoa com Deficiência. Ela vê a Educação Especial como uma área do conhecimento fundamental para garantir que todas as pessoas, independentemente de suas limitações, tenham acesso a um ensino de qualidade e a um ambiente realmente inclusivo. Josi acredita que a Educação Especial vai além do simples ensino acadêmico;

ela envolve a promoção da autonomia, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade. Ela tem o poder de transformar realidades, oferecendo aos alunos com deficiência as ferramentas necessárias para se desenvolverem plenamente, tanto no aspecto educacional quanto social. Para Josinalda, esta é uma questão de justiça e empatia, pois todos têm o direito de aprender e de participar ativamente da sociedade.

Instagram: @irenejosinalda

E-mail: josinalda.silva@unifebe.edu.br

JULIANA CAVALHEIRO LEITE nasceu em Nova Tebas, no estado do Paraná, e veio para Brusque, aos 9 anos, com seus pais. Ela queria fazer faculdade, mas não tinha muito clara a área que escolheria. Então, surgiu a oportunidade da bolsa para o curso de Pedagogia, ela aproveitou e acabou se apaixonando por cada detalhe da área da educação. Hoje, ela já está atuando na área como monitora (auxiliar de sala), e simplesmente se encontrou. Depois de formada, ela pretende trabalhar como professora regente de uma turma. E, no futuro, se Deus quiser, ela quer ampliar os estudos fazendo uma pós-graduação em nível de especialização ou de mestrado. Ela já participou de outro livro e agora esse é algo gratificante, pois pôde compartilhar com o outro suas ideias, seja em forma de um relato, ou outro gênero de texto. Para Juliana, a Educação Inclusiva é busca garantir o direito de todas as pessoas à educação, independentemente de suas diferenças físicas, intelectuais, sociais, culturais ou étnicas. E a escola inclusiva deve adaptar seu currículo, elaborando métodos de ensino, na avaliação e até mesmo na estrutura física, de modo que todos possam acessar o conhecimento e desenvolver seu potencial. Todo educador deve ter o compromisso ético e social de combater preconceitos, discriminações e exclusões.

Instagram: @_morennaaah

TikTok: @morennaaah

E-mail 1: juliana.leite@unifebe.edu.br

E-mail 2: cavalieri.juleite@gmail.com

KARLA REIS OLIVEIRA nasceu em São Paulo (SP) e veio para Brusque em busca de oportunidades como muitos têm feito. Ela escolheu o curso de Educação Especial, porque foi uma oportunidade que surgiu de fazer uma graduação com bolsa de estudo na área da Educação. Karla acredita que a Educação Especial é fundamental para concretizar o sonho de uma sociedade inclusiva.

E-mail: karla.oliveira@unifebe.edu.br

KEREN TAYNARA ANTUNES nasceu em Lages, no oeste de Santa Catarina. Ela veio para Brusque com os pais, que vieram a trabalho. Ela escolheu o curso de Tecnologia Digital por ser uma boa oportunidade de ter uma formação. Keren pretende fazer uma especialização e focar na pesquisa de crimes online. Para Keren, participar da publicação de um livro de relatos sobre vivências inclusivas foi uma surpresa. A Educação Inclusiva, para ela, é algo muito necessário.

E-mail: kerentay@unifebe.edu.br

E-mail: keren1936@hotmail.com

KETHILYN DE FREITAS GONÇALVES SILVA nasceu em Itajaí, no litoral de Santa Catarina, e veio para Brusque, em 2012, com seus pais. O motivo da mudança foi o trabalho de seu pai. O curso de Tecnologia Educacional não foi uma escolha feita por desejo, Kethilyn se inscreveu no curso porque acreditou que seria uma oportunidade de fazer uma graduação por causa da bolsa de estudos. Mas o curso a conquistou e hoje ela pretende atuar na área e se especializar ainda mais. Quanto à oportunidade de publicar um texto no livro de relatos, é incrível. Ela nunca havia participado e está ansiosa. A Educação Inclusiva, para Kethilyn, não é importante para que as pessoas sejam iguais, mas para que sejam respeitadas e valorizadas as suas diferenças, independentemente de qualquer condição.

Instagram: Kethilyn Gonçalves

E-mail: kethilyn.silva@unifebe.edu.br

LARISSA WEBER nasceu em Balneário Camboriú (SC) e mora em Nova Trento desde pequena. Ela vem para Brusque somente para estudar. Larissa sempre teve uma paixão pela área da Educação

Especial. Ela pretende atuar na área, mas também quer fazer uma segunda graduação, talvez Pedagogia ou História. Ela também tem intenção de continuar a vida acadêmica fazendo mestrado, embora ainda não tenha decidido a linha de pesquisa que pretende seguir. Larissa considera que a Educação Especial é uma jornada muito gratificante.

E-mail: larissa.weber@unifebe.edu.br

LETÍCIA DRESSEL nasceu em Brusque. E, quando iniciou o curso de Letras-Inglês na Unifebe, já atuava como professora de inglês numa escola de idiomas, onde continua lecionando. Para Letícia, participar de um projeto e publicar um livro de pesquisa linguística já havia sido algo muito interessante, algo que ela nunca esperaria ter. E agora, surpreendentemente, está participando de um livro de relatos e terá sua segunda publicação. É muito bom!

Instagram: @itslethd

LILIMARLEM BISPO FERREIRA nasceu em Ilhéus, na Bahia. Ela veio para Brusque por causa de uma prima que a convidou e porque havia falta de emprego em sua cidade. Lilimarlem iniciou o curso de Tecnologia Educacional por causa da bolsa do governo, mas está gostando do curso e tem a intenção de trabalhar na educação, principalmente com alunos da educação especial. Para ela, a oportunidade de participar do livro Relatos foi uma grande surpresa. Lili tem observado que ainda há falta de preparo de alguns profissionais na área da educação inclusiva. A escola inclusiva ainda é um sonho pelo qual todos nós precisamos lutar.

E-mail: lilimarlem@unifebe.edu.br

LORI TÂNIA DE OLIVEIRA MATTER SOARES nasceu em Guaíra (PR) e veio para Brusque quando se casou, em 2000. Ela escolheu a Educação Especial por ser uma área da educação com a qual se identifica. E, como já estava cursando Psicopedagogia, achou o curso interessante para complementar. Lori Tânia pretende continuar estudando. Ela quer fazer uma especialização em Neuropsicopedagogia. Como psicopedagoga, Lori Tânia já está

atuando na área da educação, especialmente com crianças com transtornos. Ela destaca que a Educação Especial é uma área que exige que se tenha bons profissionais especializados para que realmente possam atuar de forma plena e com competência. E a Educação Inclusiva é um assunto de muitas nuances e diferentes pontos de vista que ela está analisando ainda.

E-mail 1: lori.soares@unifebe.edu.br

E-mail 2: matterlori30@gmail.com

Instagram: @matterpsico

LUCIANA CAMILA TAVARES BARROS nasceu em Sorocaba, no estado de São Paulo. O pai de Luciana veio para Brusque para trabalhar na informatização das indústrias Schlosser, no final dos anos 80, e a família veio junto. Luciana escolheu o curso de Pedagogia, porque ela quer fazer a diferença na vida das pessoas. E acredita que a educação é esse caminho. Para Luciana, a oportunidade de participar da publicação de um livro é gratificante, principalmente pela temática, que traz histórias incríveis sobre inclusão. Ela percebe que a Educação inclusiva no Brasil está caminhando, é algo relativamente novo, que precisa ainda de mais apoio, políticas públicas, capacitação dos profissionais envolvidos e empenho da sociedade. Mas, vê que não pode parar, pois há muito a ser feito ainda.

Instagram: @lucianacamilatavaresbarros

E-mail-1: tlucianacamila@gmail.com

E-mail-2: luciana.barros@unifebe.edu.br

LUCIANA DE FATIMA CHAVES NEVES MACHADO é natural de Belém, capital do estado do Pará. A mãe e o padrasto de Luciana vieram para Brusque em busca de oportunidade de emprego, e logo em seguida ela veio também. Ela escolheu cursar Tecnologia Educacional porque ama tudo de tecnologias. Ela já está trabalhando na área e se sente realizada. Em relação à oportunidade de publicação de um texto num livro de relatos, Luciana classifica como magnífico, pois para ela é a realização de um sonho. Sobre a Educação Inclusiva, ela destaca que é uma questão de garantir que todos os alunos tenham

acesso igual ao ensino, adaptando métodos e ambientes às suas necessidades; valorizando a diversidade, promovendo um espaço onde todos aprendem juntos e se apoiam mutuamente, enriquecendo a experiência educacional e preparando os alunos para conviver em uma sociedade plural.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4838493991007616>

E-mail 1: lucianan3022@gmail.com

E-mail 2: lucianam@unifebe.edu.br

MAIARA VINOTTI nasceu e sempre morou em Brusque. Ela escolheu o curso de Pedagogia, porque ela acredita que a educação pode mudar a vida das pessoas. E ela quer fazer parte disso. Sobre a participação na publicação de um livro de relatos, Maiara define como gratificante. E ela acredita que a Educação Inclusiva é a garantia de que todos aprendam juntos, com respeito às diferenças e com oportunidades iguais para desenvolverem seu potencial, independentemente de qualquer condição.

E-mail 1: maiara.vinotti@unifebe.edu.br

MARCELA DAIANE DE ÁVILA PORTELA é nascida na cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná. Ela veio para Brusque com sua família, quando tinha apenas um ano de idade, em busca de uma qualidade de vida melhor. Marcela escolheu o curso de Pedagogia Anos Iniciais, porque queria mais conhecimento sobre essa profissão. Afinal ela pretende ser professora e atuar na área da Educação. Sobre a oportunidade de publicar um texto num livro, Marcela classifica como algo maravilhoso. E complementa que espera que este seja o primeiro de muitos. Ela está empolgada por ser autora em um livro que fala sobre inclusão, pois Marcela vê a educação inclusiva como um meio de inserir e auxiliar pessoas com alguma deficiência, ou dificuldade, na sociedade.

E-mail 1: marcelaportela990@gmail.com

E-mail 2: marcela.portela@unifebe.edu.br

MARIA EDUARDA BATISTA TIAGO nasceu em Balneário Camboriú (SC). Sua família veio para Brusque quando ela ainda era pequena. Maria gostou da mudança, pois tinha o desejo de estudar no IFC – Brusque, que é uma instituição federal que valoriza a aprendizagem científica, onde ela cursou o ensino médio. Maria escolheu a Educação Especial, porque se identifica e crê que a transformação social acontece pela educação. Ela acredita que a escola é um ambiente que deve acolher e apoiar todos os discentes, por meio de práticas afetivas, garantindo que o ensino seja inclusivo e acessível às necessidades de todos. Maria percebe que muitos estudantes enfrentam desafios devido à falta de compreensão sobre seus comportamentos e formas de aprendizagem diferentes do padrão, o que pode dificultar o desenvolvimento cognitivo e interacional destes alunos. Diante disso, buscou aprofundar seus conhecimentos para compreender melhor a diversidade e contribuir para uma educação mais equitativa, que valorize as potencialidades e habilidades de cada educando. Além da licenciatura em Educação Especial, Maria também faz a graduação de bacharelado em Psicopedagogia. Ambas as áreas se complementam, e, quando finalizar estes estudos, ela pretende fazer pós-graduação em nível de especialização em Neurociência, e continuar com mestrado e doutorado com foco na área de Educação Inclusiva. Maria vê a Educação Especial como uma área essencial para atingir a equidade, tanto em contextos educacionais quanto em sociais. Para ela, o acolhimento é o primeiro passo para a inclusão. Quando se acolhe uma pessoa, seja típica ou neurodivergente, olha-se para ela, além de suas particularidades, evitando julgamentos e pensando em soluções para apoiá-la em seu crescimento.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8305157372781599>

E-mail: maria.tiago@unifebe.edu.br

Instagram: [@aprendizdoeducar](https://www.instagram.com/aprendizdoeducar)

MARISE MATOS DE ALMEIDA é natural de Belém do Pará e veio com a família (marido e filho) por convite de uma amiga em julho de 2019. Eles chegaram em Florianópolis, mas não conseguiram emprego na capital catarinense. Então, eles migraram para Brusque,

onde o marido tinha uma prima distante que os acolheu e ajudou no início. Assim, eles estão aqui há quase 6 anos. Saíram de sua terra natal em busca de oportunidades de emprego e mudança de modo de vida, além de mais segurança, saúde e sucesso; coisas que não tinham e nem teriam acesso na sua cidade. Estão felizes, mas sentem a saudade da família (pai, mãe, irmãos, sobrinhos etc.) todos os dias. O sonho de infância de Marise sempre foi ser professora, mas em sua cidade ou estudava ou trabalhava. Pagar uma faculdade?! Sem cogitação. Assim, estudar para passar em uma universidade estadual ou federal?! Nunca, pois tinha de trabalhar. Era bem difícil a situação. Ela pensa que temos um destino e foi aqui que Deus a colocou para realizar o seu sonho e finalmente trabalhar com o que ela gosta de fazer, que é ensinar, compartilhar conhecimento. Para Marise, estudar é o melhor caminho que há para uma pessoa se transformar, para ela ter a oportunidade de mudar ou traçar o seu destino. E o curso de Pedagogia é o caminho para Marise realizar isso. Quanto a participar como autora em um livro coletivo (Nossa!), foi uma surpresa. Este é o primeiro, e a ansiedade e a emoção são imensuráveis. O livro de relatos conta histórias inclusivas e, para ela, a educação inclusiva é um ato de empatia e respeito por pessoas atípicas. A escola é o espaço onde todas as crianças, independentemente de qualquer situação, etnias ou condição têm o direito de aprender, crescer e ter seu verdadeiro valor, do jeitinho que é. Assim, a escola inclusiva é um local de acolhimento, ver as crianças florescerem emociona, porque pode-se comemorar a vida, a igualdade e ter esperança em um mundo mais justo e com mais empatia.

Instagram: @mariisemattos

E-mail 1: marise.almeida@unifebe.edubr

MARLENE FERREIRA DOS SANTOS nasceu em Blumenau e veio para Brusque por motivo de trabalho. Ela escolheu cursar Tecnologia Educacional, porque o filho havia feito a graduação em Jogos Virtuais e isso lhe despertou o interesse para a tecnologia digital. Além disso, ela já estava cursando Letras Português-Inglês. A oportunidade de participar do livro Relatos, deixou Marlene muito feliz, pois é uma

oportunidade muito especial. Em relação à escola inclusiva, Marlene acredita que deveria haver oportunidade igualitária para todos, independentemente de sua condição. Isso é inclusão.

E-mail: marleenphoenix@outlook.com

MARLON DIETRICH é natural de Guabiruba, cidade vizinha a Brusque, e toda a sua família é da região, desde os antepassados que migraram da Alemanha. Ele escolheu o curso de Educação Especial para complementar sua formação na Psicologia. Marlon é psicólogo e atua na escola; ele acredita que a Educação Especial é fundamental para garantir aos estudantes com deficiências ou necessidades específicas o acesso a um aprendizado adaptado às suas condições num ambiente inclusivo. Para Marlon, a Educação Especial promove a igualdade de oportunidades, o respeito a diversidade, a autonomia e o desenvolvimento integral das pessoas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9533043512899751>

Instagram: @psicologomarlondietrich

E-mail: marlon.dietrich@unifebe.edu.br

MARTA CRISTINA BORCHARTT DA SILVA nasceu em Montenegro, no Rio Grande do Sul, e veio para Brusque, em outubro de 1998, com o cônjuge e duas filhas, para ampliar os horizontes. Ela escolheu fazer o curso de Tecnologia Educacional para expandir seu perfil intelectual e cultural, desenvolver novos hábitos e ampliar sua visão do mundo. Além disso, o curso tem lhe proporcionado a oportunidade de conhecer pessoas com diferentes experiências, o que enriquece ainda mais o aprendizado. Ela pretende atuar na área, pois acredita que pode contribuir de forma significativa com o que está aprendendo. Neste momento, ela está se abrindo a novas possibilidades e aguardando as oportunidades que virão, talvez possa até complementar sua formação com outro curso no futuro. Participar deste livro de relatos está sendo uma experiência bastante gratificante, pois da mesma forma pelo tipo de linguagem que é mais poética, isso lhe agrega outros conhecimentos. Ela acredita que a educação inclusiva acontece quando a escola feita para todos é acolhedora, sem deixar ninguém de fora. É quando crianças com e sem deficiência aprendem juntas,

cada uma com seu jeito e seu tempo. A escola inclusiva entende cada pessoa como um ser diferente e isso é normal. Então ela dá o suporte certo para que todos possam aprender, participar e se sentir parte da turma. Mas é importante evitar de se mascarar os problemas, pois, de uma forma ou outra, vai ter um momento em que esses problemas vão respingar na sociedade.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4546529865291026>.

Instagram: @martaborchartt

E-mail 1: martinabqe@gmail.com

E-mail 2: martina@unifebe.edu.br

MARTINA KUEHL nasceu em Brusque, onde reside desde o nascimento. Sempre gostou muito de inglês, por isso aproveitou a oportunidade de ingressar no curso de graduação da UNIFEBE. Hoje, Martina já está atuando na área e se realiza sendo professora de inglês. Ela já fez uma pesquisa e assinou um capítulo do livro de pesquisa linguística, que, para ela, foi uma experiência única e muito interessante. O livro de relatos será sua segunda participação e está sendo muito bom também.

Instagram: @martina_kuehl

MELISSA FRANCIELLE DE LIMAS nasceu em Brusque (SC) e confessa que nunca havia passado por sua cabeça fazer um curso na área da educação. Mas, depois de ter dois filhos, surgiu a oportunidade de cursar Educação Especial e ela decidiu iniciar o curso. Foi ao longo dos semestres, pesquisando e discutindo sobre a área, que Melissa começou a se interessar por esse mundo inclusivo. Porém, a certeza de que havia feito a escolha certa surgiu quando fez o estágio na APAE. Ela se apaixonou e, indubitavelmente, pretende atuar na área, mas também quer fazer uma segunda graduação em pedagogia ou uma pós-graduação em alguma área da educação especial, para complementar seus conhecimentos. Melissa vê a Educação Especial como uma área de infinitas possibilidades para a construção de uma sociedade inclusiva, para o respeito à diversidade e para todos entenderem um pouco mais sobre a realidade das pessoas com deficiência e transtornos. Ela acredita que cursar

Educação Especial fê-la entrar em um mundo, no qual o respeito e a empatia prevalecem, e onde os futuros educadores especiais terão a possibilidade de incentivar, motivar, e fazer diferença na vida das famílias que precisam de apoio e acolhimento.

E-mail: melissalimas@unifebe.edu.br

Instagram do projeto acadêmico: @inclusivamentee

Instagram pessoal: @meelissaliimas

MIKAELA LUANA DE CAMPOS nasceu em Brusque. Ela está fazendo o curso de Pedagogia e pretendo atuar na área da educação. Quanto a participar da publicação de um livro de relatos, foi algo que nunca tinha imaginado que lhe pudesse acontecer. E sobre a Educação Inclusiva, Mikaela acredita que é muito importante, pois a inclusão permite que todos se sintam parte de algo.

Instagram: @mikaeladecampos

E-mail: mikaela@unifebe.edu.br

NILCICLÉIA CHAGAS FURQUIM nasceu em Camboriú, no estado de Santa Catarina, e veio para Brusque com três anos, depois de a mãe adquirir uma casa na cidade. Assim, a família construiu a vida nesta cidade. Ela escolheu o curso de Tecnologia Educacional porque ela sempre teve muito interesse e ao mesmo tempo dificuldade com as tecnologias, por isso era algo que sempre lhe chamou muita atenção e que ela tinha muita vontade de aprender. Além disso, trabalhando como auxiliar de sala, ela se identifica com a área da educação e a tecnologia transpassa todo o conhecimento. Assim, ela acredita que será uma boa professora. Sobre a participação na publicação de um livro, Nilcicléia considera muito importante, pois, em seu relato, ela pôde falar sobre suas vivências e como lidou com a situação. Ela acredita que quando conhecemos a experiência de outros, podemos refletir sobre nossas escolhas e tomar atitudes mais acertadas. Quanto à Educação Inclusiva, Nilcicléia acredita ser algo muito importante para todos os setores da sociedade, não só na área da educação. Ao falar em relação às crianças, ela destaca que, na escola, é preciso falar também sobre o transtorno de ansiedade, de

que trata seu texto. Hoje é mais fácil o diagnóstico e o acesso ao tratamento; por isso, é importante falar sobre como lidar, como tratar o que fazer. Fala-se sobre educação inclusiva, mas a criança com transtorno de ansiedade não entende o que acontece com ela, não sabe como lidar, ou o que fazer. Ela se exclui e/ou é excluída da turma. A inclusão é para todos, e a criança ou o adolescente que sofre com ansiedade pode transparecer que está tudo bem, mas por dentro ele está sofrendo. E, nesse caso, o conhecimento pode ajudar e promover a inclusão.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7085-9203>,

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7451164319891168>.

Instagram: @chagas.nill

E-mail 1: nilcicleiac@gmail.com

E-mail 2: nilcicléia.furquim@unifebe.edu.br

ORIVELDO SOUZA é natural de Videira, do estado de Santa Catarina. Ele veio para Brusque por causa do trabalho de seu pai, e vive aqui desde os 5 anos de idade. Oriveldo escolheu o curso de Tecnologia Educacional, porque sempre teve interesse na área da tecnologia. Sobre a participação na publicação de um livro de relatos sobre experiências inclusivas, Oriveldo diz que é uma experiência gratificante e inimaginável antes de entrar na faculdade. Ele entende a abordagem da Educação Inclusiva como um avanço essencial na sociedade, pois promove equidade, respeito à diversidade e desenvolvimento integral dos estudantes. Mas o caminho é árduo e ainda existe muita luta até sua aplicação na prática.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2663373468124234>

E-mail: oriveldo.souza@unifebe.edu.br

PATRÍCIA APARECIDA DE LIMA nasceu na cidade de Lages, no oeste de Santa Catarina. Ela veio para Brusque para trabalhar como vacinadora durante a pandemia da Covid 19, pela vigilância epidemiológica. Fazer uma graduação e poder lidar com a educação de um público diferenciado, como as crianças, sempre foi um sonho. Por isso, Patrícia aproveitou a oportunidade da bolsa de estudos para

cursar Pedagogia. A publicação do livro é outra oportunidade que não pode deixar passar, pois é uma experiência ímpar, ainda sendo sobre educação inclusiva.

E-mail 1: patriciaaparecidalima76@gmail.com

E-mail 2: patricia.delima@unifebe.edu.br

PAULA EDUARDA GULINI nasceu em Nova Trento, cidade próxima a Brusque, que é a cidade que escolheu para viver por causa das oportunidades que surgiram tanto na vida pessoal quanto profissional. Paula diz que Brusque a conquistou aos poucos, e hoje é aqui que se sente em casa. Ela escolheu o curso de Educação Especial, porque sempre foi apaixonada pela educação e acredita no poder transformador do conhecimento. Desde cedo, teve o desejo de contribuir para a formação das pessoas, especialmente das crianças, e de ajudar a construir uma sociedade mais consciente, justa e humana, por isso sua primeira graduação é Pedagogia. Participar da publicação deste livro foi uma experiência emocionante e inesquecível. Ver seu relato, com tantos sentimentos e vivências ganharem forma nas páginas e chegarem às mãos de outras pessoas é engrandecedor. Escrever e publicar fizeram-na perceber ainda mais a força da palavra e o quanto se pode tocar outras vidas por meio dela. Para Paula, sem dúvida, foi um marco importante em sua trajetória pessoal e profissional. A Educação Inclusiva, para ela, vai muito além da presença física de todos os alunos em uma mesma sala de aula, é o compromisso com o direito de cada indivíduo de aprender, desenvolver-se e ser respeitado em sua singularidade. A escola inclusiva é aquela que acolhe, escuta, adapta e se transforma. Paula acredita que incluir é um ato diário de empatia, formação contínua e diálogo constante entre educadores, famílias e estudantes. Ainda há muitos desafios, mas também muitos avanços, e ela segue acreditando que é possível construir uma educação verdadeiramente inclusiva, com equidade e humanidade.

Instagram: @paulaeduarda.gulini

E-mail 1: paulaegulini@gmail.com

E-mail 2: paula.gulini@unifebe.edu.br

PRISCILA DE SOUZA nasceu em Brusque. Ela escolheu fazer a graduação em Tecnologia Educacional apenas para adquirir conhecimento, pois é um tema com o qual se identifica, mas não pretende atuar na educação. Para Priscila, participar da produção de um livro de relatos tem sido muito gratificante. Priscila reconhece a Educação Inclusiva como algo essencial para a nova sociedade, pois está havendo grandes mudanças que precisam ser observadas e respeitadas. E a inclusão é uma questão de respeito.

E-mail 1: priscila.souza1549@unifebe.edu.br

E-mail 2: souzapriats@gmail.com

RAQUEL MARIA CARDOSO PEDROSO nasceu em Imaruí–SC, mudou-se para Brusque aos cinco anos com a família, acompanhando o pai, que era servidor público municipal. Ela sempre gostou de ouvir e criar histórias, por isso sua primeira graduação foi Letras (Português-Inglês). No entanto, por sentir necessidade de aprofundar os conhecimentos, mais tarde também se graduou em Pedagogia e Letras-Libras pela UFSC. Durante a atuação de professora, foi em busca de mais conhecimento, fazendo vários cursos de pós-graduação e o mestrado em Linguística pela UFSC, na área de Linguística Aplicada, na linha de pesquisa de Língua Brasileira de Sinais. Hoje, Raquel é professora aposentada de Língua Portuguesa pela Prefeitura Municipal de Brusque. Atua no ensino superior como professora e coordenadora do curso de Licenciatura em Educação Especial. É membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) do município de Brusque–SC e do grupo de pesquisa (GP) em Inclusão e Acessibilidade na Unifebe. Para ela, pesquisar e debater sobre a Educação Especial é o caminho para que se perceba a urgência de políticas públicas nas escolas que realmente promovam a inclusão dos estudantes com deficiência e transtornos. Fazer pesquisa produz conhecimento, e o conhecimento quebra preconceitos, reelabora conceitos e promove ações. E isso torna o ser humano mais tolerante e o mundo mais inclusivo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0684532478174007>

REGIANE DE SYLLOS HUTIEL nasceu em Campinas, no estado de São Paulo, e veio para Brusque com a mãe e os irmãos, porque sua avó morava aqui. A mudança foi motivada pela oportunidade de iniciar seus estudos e de ter uma vida melhor para a família. Inicialmente, Regiane escolheu o curso de Educação Especial, porque ganhou a bolsa de estudos, pois ela não teria condições de pagar uma faculdade, mas ao longo da formação ela se apaixonou pela área da educação. Hoje ela está encantada e pretende trabalhar e continuar os estudos, pensa em fazer pós-graduação em alguma área relacionada à Educação Especial, como neurodesenvolvimento ou psicomotricidade, para aprofundar seus conhecimentos e ampliar sua atuação no campo da inclusão. Regiane entende que participar da publicação deste livro é uma forma de valorização do trabalho desenvolvido na academia. Ela afirma que foi maravilhoso poder contribuir com outras pessoas, tocar vidas com palavras e compartilhar vivências reais. Ela sente que, por meio dessa produção, está deixando um legado, levando informações e reflexões que podem transformar olhares e práticas dentro e fora da escola. Regiane vê a Educação Inclusiva como um avanço essencial para garantir o direito à aprendizagem a todas as crianças, especialmente aquelas com deficiência, que por muito tempo foram negligenciadas por falta de informação e preparo dos sistemas educacionais. A escola inclusiva tem o poder de transformar histórias, promover respeito às diferenças e abrir caminhos para a construção de uma sociedade mais justa. A Educação Especial, nesse contexto, é fundamental para garantir suporte e acolhimento, contribuindo para que todos tenham oportunidades reais de desenvolvimento. Ela vê como algo que veio para melhorar e tocar a vida de muitas crianças que antigamente por falta de conhecimento eram negligenciadas mudando assim vidas e histórias.

E-mail: josmarbatista968@gmail.com

E-mail 2: regianesylos7564@gmail.com.br

E-mail 3: regiane.hutiel@unifebe.edu.br

ROBERTA HOEPERS MASCARENHAS nasceu na cidade de Presidente Getúlio–SC e veio com a família para Brusque a pedido da empresa com a qual trabalhavam. Gostaram da cidade e resolveram ficar. Ela escolheu fazer o curso de Letras - Inglês porque sempre gostou de literatura e se identificava com os conteúdos propostos na matriz curricular. Além disso, tem facilidade no idioma. Hoje, Roberta está trabalhando na secretaria de uma escola e planeja se especializar em gestão escolar. Em relação à aventura de participar de uma pesquisa linguística e publicar um livro, Roberta relata que foi “muito interessante, desde o momento inicial da pesquisa até ver o livro tomando forma [...], muito engrandecedor ver como funciona o processo de criação.”

Instagram: @robertahoepers

SAMARA DE ABRANJO nasceu em Brusque. E, quando abriram as vagas para Letras - Inglês na Unifebe, ela estava em dúvida entre três cursos; no entanto, como o curso tinha bolsa de estudo, ela o escolheu. Ela planeja atuar na educação e ser professora de inglês. Quanto a participar da publicação de um livro, esta é sua segunda oportunidade e Samara avalia como interessante.

Instagram: @samaradeabranjo

SANDRA MOURA CHUENG nasceu em Foz do Iguaçu, no Paraná. Ela se mudou para a cidade de Brusque em julho de 2019, junto com sua mãe e dois irmãos mais novos. A mudança foi devido a separação dos seus pais. E escolheu o curso de Pedagogia porque sempre teve interesse pela área da educação e acredita na importância do professor na formação de cidadãos críticos e conscientes. Ela pretende atuar na área, especialmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas também pensa em cursar licenciatura em História futuramente, pois é uma disciplina pela qual ela tem muito apreço e que complementa bem a formação pedagógica. Esta será sua primeira participação na publicação de um livro. E este livro trata do tema da Educação Inclusiva que Sandra entende como um direito de todos os alunos, independentemente de suas diferenças

ou limitações. A escola inclusiva deve ser um espaço que acolhe, respeita e valoriza a diversidade, oferecendo condições para que cada estudante possa aprender e se desenvolver de acordo com suas necessidades.

Instagram: @sandra_chueng9

E-mail 1: sandrachmoura2004@gmail.com

E-mail 2: sandra.chueng@unifebe.edu.br

SCHEILA CRISTINA RIBEIRO nasceu em Guarapuava, no estado do Paraná, e veio para Brusque em busca de trabalho e oportunidades. Assim, fazer o curso de Letras - Inglês foi uma oportunidade com a qual ela aprendeu muito. Apesar de hoje estar trabalhando no comércio, Scheila pretende cursar uma Pós-graduação em Educação Especial e, futuramente, trabalhar na área da educação. Scheila já teve a oportunidade de participar de uma pesquisa linguística e publicar um livro que foi muito importante. Esta é sua segunda publicação. Para Scheila, “publicar um livro é algo muito emocionante, saber que as pessoas vão ler esse livro, conhecer um pouco sobre a área da linguística, ver as diversidades que existem em nosso país, isso tudo é muito legal e emocionante, eu particularmente me sinto uma pessoa muito importante com essa publicação.”

Instagram: @scheilacr

SCHEILA TRINDADE nasceu em Videira, no oeste de Santa Catarina. Ela veio para Brusque aos 10 anos, acompanhando seus pais que vieram a trabalho. Ela escolheu Educação Especial porque queria ter mais conhecimentos sobre a educação de pessoas com deficiência. Scheila pretende atuar na área depois de formada, mas também quer se especializar em Neurociência. Para Scheila, foi maravilhoso relatar alguns passos no processo da história da sua infância ao participar deste livro. Hoje, Scheila pode dizer que vê a educação inclusiva como olhos do cego, ouvidos do surdo, como o horizonte a frente dando possibilidades a quem não tinha voz para ser livre, para mostrar suas habilidades e conquistas, para quebrar os limites que foram impostos na linha imaginária da vida. É extraordinário viver e

vivenciar a capacidade daquele que se pensou incapaz, do impossível ser possível em realizações de sonhos que foram roubados por muitos e muitos anos.

Instagram 1: @saladeliteraturabisaolgafische

Instagram 2: @scheila774

E-mail 1: scheila.trindade@unifebe.edu.br

E-mail 2: xeilokatrindade1@gmail.com

SILVANA MACIEL MONTEIRO nasceu em Belém, no estado do Pará. Ela veio para Brusque para conhecer sua sobrinha que havia acabado de nascer e gostou muito da cidade e, por isso, decidiu se mudar para cá. Ela escolheu fazer o curso de Pedagogia – Anos Iniciais porque sempre gostou de ensinar e ajudar aqueles que têm mais dificuldades na aprendizagem, mas não tinha tido oportunidade antes. Participar da publicação de um livro foi uma experiência valiosa, estava muito ansiosa para que a publicação ficasse pronta. Sem dúvidas, foi a realização de um sonho, que a motivou ainda mais a acreditar no poder da educação e no valor de compartilhar conhecimentos. A Educação Inclusiva, para Silvana, é aquela que respeita e valoriza as diferenças, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas limitações ou necessidades, tenham acesso à aprendizagem de forma justa.

E-mail 1: silvanam@unifebe.edu.br

SÔNIA YARA ALMEIDA DE FREITAS nasceu em Maués, estado do Amazonas. Ela e sua família vieram para Brusque em busca de uma melhor qualidade de vida. Também decidiram se mudar por causa da violência crescente em Manaus, o que os preocupava bastante. Encontraram em Brusque um lugar mais tranquilo e seguro para viver. Ela escolheu o curso de Pedagogia, porque sempre gostou da área da educação e de trabalhar com crianças. Não pretende fazer outro curso, pois tem certeza da sua escolha e do desejo de atuar como professora, contribuindo para a formação e o desenvolvimento dos alunos. Participar da publicação de um livro, foi uma experiência muito especial. Na disciplina de Educação Especial e Inclusiva, foi

proposto que se escrevesse um relato sobre inclusão. Sônia escreveu o seu texto com dedicação e, para sua alegria, agora fará parte do livro. Ela ficou muito feliz e orgulhosa com essa oportunidade. Sônia vê a Educação Inclusiva como um direito de todos e um passo fundamental para construir uma sociedade mais justa e igualitária. A escola inclusiva deve ser um espaço onde cada aluno, com ou sem deficiência, se sinta acolhido, respeitado e valorizado. Acredita que incluir não é apenas colocar todos no mesmo ambiente, mas garantir que cada um tenha as oportunidades e os recursos necessários para aprender e se desenvolver. Participar do livro a fez refletir ainda mais sobre a importância de olharmos para as diferenças com empatia e compromisso.

E-mail 1: yarafreitas67@gmail.com

E-mail 2: yarafreitas67@unifebe.edu.br

SUZILAINE RAMOS MORAIS nasceu em Cantagalo, no estado do Paraná. Ela veio para Brusque com a mãe e seus quatro irmãos, que eram menores de idade, por indicação de uma conhecida que morava aqui, em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho. Suzilaine terminou o Ensino Médio em Brusque e sempre gostou muito de crianças. Porém, por saber das dificuldades que os professores enfrentam, ela sempre evitava de pensar na área da educação como uma possível carreira. E foi num momento de incertezas quanto à sua vida profissional, que ela fez uma oração sincera, comprometendo-se de que, independentemente da área para a qual Deus a direcionasse, ela faria o seu melhor. Então, surgiu a oportunidade de ingressar no curso de Pedagogia, com bolsa integral. Suzilaine confessa que não acreditava que conseguiria, pois haveria muitas inscrições e a concorrência era alta. Mas, para sua surpresa, ela foi selecionada, e hoje está finalizando o curso. Além de tudo isso, está tendo a felicidade de participar da publicação deste livro, algo que jamais poderia imaginar. A Pedagogia a encontrou no momento certo. Ela quer atuar na educação, e pretende fazer cursos de pós-graduação em neuropsicopedagogia e psicopedagogia. Na verdade, ela não quer parar de buscar conhecimento para ser sempre uma

professora melhor. Participar deste livro, compartilhando experiências e reflexões sobre a Educação Inclusiva, tem sido uma experiência muito enriquecedora. As histórias compartilhadas aqui mostram que a educação tem o poder transformador quando feita com dedicação e amor. Para ela, a Educação Inclusiva é muito mais do que apenas colocar alunos com necessidades educacionais especiais na mesma sala de aula. É garantir que cada estudante tenha a oportunidade de aprender de forma adaptada, respeitando suas diferenças e potencialidades. A escola inclusiva precisa ser um espaço acolhedor, onde todos se sintam valorizados e apoiados, e onde os professores estejam preparados para usar recursos e estratégias que atendam às necessidades de cada aluno.

Instagram: https://www.instagram.com/suzi_rmoraes98

E-mail 1: suzilaine.moraes@unifebe.edu.br

E-mail 2: suzilaine.ramosmoraes1907@gmail.com

THAIANE GABRIELE PINHEIRO PINTO nasceu em São Luís (MA) e veio sozinha para Brusque em busca de novas oportunidades, recomeços e crescimento profissional e intelectual. Ela ainda está trilhando seu caminho de aprendizado e se redescobrando a cada dia. Thaiane afirma que a área da Educação Especial sempre chamou sua atenção; pois, mesmo estando ciente de todos os desafios, é recompensador guiar o aluno atípico no caminho do aprendizado. Ela pretende atuar como professora do atendimento educacional especializado (AEE) na rede regular de ensino, mas não quer parar de estudar. Ela tem a intenção de fazer pós-graduações que possam aprimorar seu conhecimento no trabalho para auxiliar os estudantes que atender. Thaiane acredita que a Educação Especial é capaz de mudar vidas, pois aprendemos com as diferenças e, com um olhar sensível e muita dedicação, é possível perceber que as particularidades de cada aluno podem movê-los no exercício da cidadania em direção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Instagram: [@t.hai](#)

E-mail: thaiane@unifebe.edu.br

THAIS CRISTINA DADA nasceu em Brusque e conta que começou o curso de Pedagogia “caindo de paraquedas”. Com o anúncio da bolsa de estudos, ela viu uma oportunidade de tentar algo novo e diferente e foi na cara e na coragem. Começou por começar, mas nunca se imaginou fazendo Pedagogia. No entanto, ela confessa que está adorando. Ela tem certeza de que vai seguir atuando na área da educação, com anos iniciais ou adultos. Quanto à publicação do livro, é algo novo para ela. Ela nunca se imaginou autora de texto em livro, é algo bem diferente. Mas está feliz! Sobre a Educação Inclusiva, Thais compreende como o direito de todos os alunos aprenderem juntos, valorizando a diversidade e promovendo a participação de todos no ambiente escolar. E a escola inclusiva busca garantir o acesso, a permanência e o desenvolvimento dos estudantes, adaptando suas práticas para atender às diferentes necessidades, com equidade e respeito às individualidades.

Instagram: @thaiscristinada

E-mail: thais.cristina@unifebe.edu.br

VÂNIA FERNANDA DO NASCIMENTO SILVA nasceu na cidade de Diamantina, no estado de Minas Gerais. Veio para Brusque com o irmão em busca de melhores condições de vida e de oportunidades, como a que surgiu para fazer o curso de Letras-Inglês na Unifebe. Nesse curso, Fernanda viu a possibilidade de ampliar seu conhecimento e as oportunidades no mercado de trabalho. Atualmente, ela não atua na área da educação, mas tem a intenção de ingressar nesse meio no futuro, trabalhando como professora particular. Fernanda também quer fazer a segunda graduação em Psicologia. Ela já participou da publicação de um livro de pesquisa linguística, que foi um trabalho bem complexo. Agora é sua segunda participação e, neste que é um livro de relatos, está sendo muito bom. A Educação Inclusiva, para ela, é algo fundamental, pois independentemente das limitações que uma pessoa possa apresentar, ela tem que ser incluída ao ambiente e ter a oportunidade de se desenvolver e de extrair seu melhor.

Instagram: @fernandasilva.170

E-mail: fernanda.lara@unifebe.edu.br

VERA LUCIA SILVA MIGUEL nasceu em Lages, no oeste de Santa Catarina, e veio para Brusque quando tinha 9 anos com sua família que veio por causa da facilidade de empregos. Ela ingressou no curso de Letras-Inglês porque foi uma oportunidade ofertada com bolsa integral, e ela percebeu que poderia ter uma graduação já que sozinha financeiramente não conseguiria. Participar da publicação de um livro de relatos é um orgulho para Vera. E ela acredita que a Educação Inclusiva é muito importante.

E-mail 1: vera_timao@hotmail.com

E-mail 2: vera.miguel@unifebe.edu.br

VICTÓRIA MOTER DIAS nasceu em São Paulo, capital. Ela veio para Brusque com a família, pois a mãe de Vitória era de Brusque e achava que aqui era mais tranquilo para viver. Ela sempre quis ser professora e, desde criança, brincava de “aulinha”. O inglês sempre foi uma de suas paixões. Ela gostava (e ainda gosta) muito de bandas e cantores de língua inglesa, e sempre quis poder entender séries e filmes sem precisar de tradução. Por isso, a oportunidade de fazer o curso de Letras - Inglês na Unifebe foi muito bem recebida e aproveitada. Agora, Victória pretende atuar na educação, ser professora de inglês, e não quer fazer outro curso. Ela avalia que participar de uma pesquisa linguística e publicar um livro foi uma etapa muito importante para seu crescimento profissional, pois a partir desta pesquisa ela pôde entender mais sobre a linguística, suas aplicações e importância no estudo de línguas. E agora está tendo a oportunidade de uma nova publicação, desta vez, num livro de relatos. Está sendo uma experiência muito interessante.

Instagram: @victoriamoter

Este é o quarto volume da série Relatos: atos, fatos e mitos e traz Muitas Outras Vivências Inclusivas, consolidando o resultado de um projeto realizado na disciplina de Educação Especial e Inclusiva, em 2022. Esta edição reúne mais de 90 autores de quatro cursos distintos: Pedagogia, Tecnologia Educacional, Educação Especial e Letras Inglês. Os textos resultam de relatos pessoais, experiências observadas, situações inspiradas na prática docente e narrativas fictícias, abordando inclusão, exclusão, preconceito, acolhimento, lutas, conquistas e desafios. Organizada em três capítulos – Atos, Fatos e Mitos –, a obra traz temas e gêneros textuais diversos. Os relatos dos autores promovem reflexão, pesquisa e conscientização, reforçando o respeito e o compromisso de cada um com a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

